

# policromias

Volume 6 • Número 2 • Maio/Agosto 2021 • ISSN 2448-2935

volume  
**06**  
número  
**02**

Revista de estudos do discurso, imagem e som





# policromias

Revista de estudos do discurso, imagem e som





## COMISSÃO EDITORIAL

ANA PAULA QUADROS GOMES - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
BEATRIZ PROTTI CHRISTINO - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
EDMUNDO MARCELO MENDES PEREIRA - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
EVANDRO DE SOUSA BONFIM - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
JAQUELINE DOS SANTOS PEIXOTO - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
LEONOR WERNECK DOS SANTOS - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
LUIZ BARROS MONTEZ - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
MARCIA MARIA DAMASO VIEIRA - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
MARIA LÚCIA LEITÃO DE ALMEIDA - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
MARÍLIA LOPES DA COSTA FACÓ SOARES - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
MÁRIO FEIJÓ BORGES MONTEIRO - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
PAULO CORTES GAGO - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
RAQUEL PAIVA ARAUJO SOARES - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
TANIA CONCEIÇÃO CLEMENTE DE SOUZA - Universidade Federal do Rio de Janeiro





## CONSELHO EDITORIAL

ANA FERNÁNDEZ GARAY - Universidad de Buenos Aires  
ANAPAU LADEMORAESTEIXEIRA-Comunicação Social do Exército Brasileiro(OM:CEP-RJ)  
ANDRÉS ROMERO-FIGUEROA - Universidad Católica Andrés Bello  
ÂNGELACORRÊA FERREIRA BAALBAKI-Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
ARISTIDES ESCOBAR - Universidad Católica de Asunción - Py  
BEATRIZ FERNANDES CALDAS - Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
BETHANIA SAMPAIO CORRÊA MARIANI - Universidade Federal Fluminense  
CARLOS ALBERTO VOGT - Universidade Estadual de Campinas  
CLAUDINE HAROCHE - CNRS - École des Hautes Études en Sciences Sociales  
DOMINIQUE MAINGUENEAU - Université Paris - Sorbonne - Paris IV  
EDUARDO ROBERTO JUNQUEIRA GUIMARÃES - Universidade Estadual de Campinas  
ENI PUCCINELLI ORLANDI - Universidade do Vale do Sapucaí  
EVANDRA GRIGOLETTO - Universidade Federal de Pernambuco  
FREDA INDURSKY - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
JACQUES GUILHAUMOU - CNRS - UMR - MMSH, ENS de Lyon  
JEAN-JACQUES CHARLES COURTINE - University of Auckland  
JOSÉ HORTA NUNES - Universidade Estadual de Campinas  
KLEBER SANTOS DE MENDONÇA - Universidade Federal Fluminense  
LÍDIA SILVA DE FREITAS - Universidade Federal Fluminense  
MARIA ONICE PAYER - Universidade do Vale do Sapucaí  
MIRIAM CABRAL COSER - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
MONICA GRACIELA ZOPPI FONTANA - Universidade Estadual de Campinas  
NÁDIA RÉGIA MAFFI NECKEL - Universidade do Sul de Santa Catarina  
PATRICK CHARAUDEAU - CNRS - Université Paris - Sorbonne - Paris XIII  
PEDRO DE SOUZA - Universidade Federal de Santa Catarina  
ROBERVAL TEIXEIRA E SILVA - University of Macau  
ROSANE DA CONCEIÇÃO PEREIRA - Universidade Salgado de Oliveira - Fundação de Apoio à Escola Técnica  
SILMARA CRISTINA DELA DA SILVA - Universidade Federal Fluminense  
SILVÂNIA SIEBERT - Universidade do Sul de Santa Catarina  
SONIA SUELI BERTI SANTOS - Universidade Cruzeiro do Sul  
SYLVAIN AUROUX - CNRS - Université Sorbonne Nouvelle - Paris III  
TELMA DOMINGUES DA SILVA - Universidade do Vale do Sapucaí  
VANISE GOMES DE MEDEIROS - Universidade Federal Fluminense  
WEDENCLEY ALVES SANTANA - Universidade Federal de Juiz de Fora



### **Editor Responsável**

- Tania Conceição Clemente de Souza, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Editores Assistentes**

- Maycon Silva Aguiar, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Rodrigo Pereira da Silva Rosa, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Organizadores da Edição**

- Tania Conceição Clemente de Souza, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Maycon Silva Aguiar, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Rodrigo Pereira da Silva Rosa, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Organizadores da sessão "Dossiê"**

- Evandro de Sousa Bonfim, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Leandro Durazzo, Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- Maycon Silva Aguiar, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Design e Diagramação**

- Cesar Buscacio

### **Revisão**

- Tania Conceição Clemente de Souza, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Maycon Silva Aguiar, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Rodrigo Pereira da Silva Rosa, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Redação e Assinaturas**

Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som (LABEDIS)  
Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, RJ, Brasil (CEP: 20940-040)  
revistapolicromias@mn.ufrj.br | mayconsilvaaguiar@mn.ufrj.br

### **Divulgação**

- Rosane da Conceição Pereira, Universidade Salgado Filho | Fundação de Apoio à Escola Técnica

#### **Ficha Catalográfica**

Policromias – v. 6, n. 2 (Maio/2021)-.- Rio de Janeiro:

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som, 2019.

Quadrimestral.

ISSN: 2448-2935

Editora responsável: Tania Conceição Clemente de Souza

Editora adjunto: Maycon Silva Aguiar

1. Linguística. 2. Análise do discurso. I. Título. II.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som.

CDD 401.41



## SUMÁRIO

EDITORIAL .....	8
EDITORIAL .....	9
ÉDITORIAL .....	10

### APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO: AS CONVULSÕES POLÍTICAS BRASILEIRAS E A PESQUISA DE IMAGENS, DE DISCURSOS E DE SONS .....	13
Maycon Silva AGUIAR Rodrigo Pereira da Silva ROSA	

### ARTIGOS

<i>O GUIA MÉDICO DO DR. LUIZ PEREIRA BARRETO: UM ESTUDO HISTÓRICO-SOCIOLINGUÍSTICO DA PRÁTICA DISCURSIVA</i> .....	33
Helcius Batista PEREIRA Maria Alice Rosa RIBEIRO	
CORPO DA CIDADE E DO DEFICIENTE / DA DEFICIÊNCIA: SENTIDOS DITADOS PELA FALTA .....	73
Patrícia Aparecida da SILVA Olimpia MALUF-SOUZA	
VIDAS SUSPENSAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: OLHARES E DISCURSOS PLURAIS DA CRÓNICA .....	98
José Cândido de Oliveira MARTINS	
O LUGAR DA PEDAGOGIA DISCURSIVA NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO: APRENDER A ENSINAR AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO .....	127
Pedro Henrique Varoni de CARVALHO	
REVERBERAÇÕES EUCLIDIANAS NA CONTÍSTICA PAN-AMAZÔNICA SOBRE OS FENÔMENOS DAS ÁGUAS .....	152
Irisvaldo Laurindo de SOUZA Tânia Maria Pereira SARMENTO-PANTOJA	





O AVESSE DO COACH: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE POSTAGENS DA PÁGINA DICAS ANTI-COACH NO FACEBOOK .....	184
Vinícius Costa Araújo LIRA Francisco Vieira da SILVA	
O PROCESSO (2018) ENVOLTO EM IMAGENS E DISCURSOS DE VIOLÊNCIA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS NARRATIVAS E MEMÓRIAS A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO DE MARIA AUGUSTA RAMOS .....	219
Meire Oliveira SILVA	
VOZ, CORPO SIMBÓLICO, EFEITO DO REAL DA LÍNGUA .....	243
Teodulino Mangueira ROSENDO	
O PITCH, A MULTIMODALIDADE, A LINGUÍSTICA APLICADA E A ABORDAGEM CRÍTICA DOS LETRAMENTOS .....	264
Ana Lucia Monteiro Maciel GOLIN	
POLITIZAÇÃO DA ARTE CARNAVALESCA: RECEPTIBILIDADE TÁTIL E AFECTOS NO DISCURSO DAS ESCOLAS DE SAMBA .....	301
Itamar Wagner Schiavo SIMÕES	
E SE O BOLSONARO FALASSE DE VOCÊ? UMA REVISÃO MIDIÁTICA E LITERÁRIA SOBRE A CAPACIDADE DESTRUTIVA DO FIREHOSING E DO FLAMING NO DISCURSO POLÍTICO .....	336
João Thiago Almeida STILBEN	
TEATRO DIGITAL: ANÁLISE DE UMA NOVA EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE IMAGEM PELAS CONTRIBUIÇÕES DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL E NA INTERPRETAÇÃO DO ATOR/ATRIZ .....	368
Neise Teixeira NEVES	

## DOSSIÊ

DOSSIÊ "POLÍTICAS LINGUÍSTICAS ENTRE POVOS INDÍGENAS DO NORDESTE BRASILEIRO, DE MINAS GERAIS E DO ESPÍRITO SANTO" .....	399
---	-----

### **Organizadores**

Evandro de Sousa BONFIM

Leandro DURAZZO

Maycon Silva AGUIAR







O "LEVANTE LINGUÍSTICO INDÍGENA" NO NORDESTE, ESPÍRITO SANTO E  
MINAS GERAIS: ASPECTOS TEÓRICOS, POLÍTICOS E ETNOGRÁFICOS ..... 400

Evandro de Sousa BONFIM

Leandro DURAZZO

Maycon Silva AGUIAR

A GARANTIA DO *SEGUIMENTO* INDÍGENA:  
*CIÊNCIA* RITUAL, REDE PROKÁ E REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA NO  
SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO ..... 423

Leandro DURAZZO

VOOS NA SABEDORIA: O ENSINO DO PATXÔHÃ NA  
ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KIJETXAWÊ ZABELÊ ..... 463

Cristiane Maria de OLIVEIRA

Francisco Vanderlei Ferreira da COSTA

REFLETINDO SOBRE AS CONCEPÇÕES DE REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA E  
DE LÍNGUA MORTA A PARTIR DO CONTEXTO KIRIRI ..... 487

Vanessa MORAES

OS KIRIRI DO ACRÉ E O *RESGATE DA LÍNGUA INDÍGENA* ..... 516

Fernanda Borges HENRIQUE

Roseni RAMOS

TRANSFORMAÇÕES XUCURU-KARIRI: O *RUĂYNYN'RÊUÊ* E OUTRAS FORMAS  
GRÁFICO-VERBAIS NO ALTO RIO PARDO (MINAS GERAIS, BRASIL) ..... 547

João Roberto BORT JR.

## ENTREVISTA

NAS PALAVRAS DOS POVOS, UM MULTILINGUISMO ..... 608

### **Entrevistas conduzidas**

#### **pelos organizadores do dossiê**

Evandro de Sousa BONFIM

Leandro DURAZZO

Maycon Silva AGUIAR






## EDITORIAL

A Revista Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, vinculada ao Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som (LABEDIS) e ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – publica estudos nacionais e internacionais referentes à contemporaneidade da teoria do discurso, em áreas do conhecimento em que a linguagem se faz presente, tais como Linguística, Letras e Artes, Ciências Sociais, Ciências Humanas, entre outras.

Policromias tem como Missão e objetivo principal ser um espaço de análise e reflexão sobre estudos críticos, teóricos e práticos, de âmbito simbólico, social e histórico sobre a linguagem verbal e não verbal, em sua relação com aspectos políticos, culturais, sociais, tecnológicos e de ensino. Sua meta é publicar, dentre outros, textos sobre fotos e vídeos, que assinalem qualitativamente questões locais e de cunho internacional sob o escopo proposto.

Busca-se, assim, servir a estudiosos e pesquisadores, no sentido de divulgar pesquisas originais, relevantes e inovadoras para o conhecimento humano, constituindo tanto um espaço de reflexão quanto uma política de memória.

Prof. Dr. Tania Conceição Clemente de Souza - Editor-chefe  
Museu Nacional | Universidade Federal do Rio de Janeiro  
LABEDIS - Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som  
Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som  
<http://www.labedis.mn.ufrj.br/>  
labedis@mn.ufrj.br






## EDITORIAL

The journal *Policromias* - Journal of Speech, Image and Sound Studies, linked to Laboratory of Speech, Image and Sound Studies (LABEDIS) and National Museum of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) - publishes national and international papers about the contemporary use of discourse theory, in areas of knowledge in which language is present, such as Linguistics, Letters and Arts, Social Sciences, Human Sciences, among others.

*Policromias* has as its mission and main objective to be a space for analysis and reflection on critical, theoretical and practical studies, with a symbolic, social and historical scope on verbal and non-verbal language, in relation to political, cultural, social, technological and education. Its goal is to publish, among others, texts about photos and videos, which qualitatively highlight local and international issues under the proposed scope.

It seeks to serve scholars and researchers in the sense of disseminating original, relevant and innovative research for human knowledge, constituting both a space for reflection and a policy of memory.

Prof. Dr. Tania Conceição Clemente de Souza - Editor-chefe  
Museu Nacional | Universidade Federal do Rio de Janeiro  
LABEDIS - Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som  
*Policromias* - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som  
<http://www.labedis.mn.ufrj.br/>  
[labedis@mn.ufrj.br](mailto:labedis@mn.ufrj.br)





## ÉDITORIAL

« Policromias » – Journal d'études du Discours, l'Image et le Son, lié au Laboratoire de Recherche du Discours, l'Image et le Son (LABEDIS) et au Musée National de l'Université Fédérale du Rio de Janeiro (UFRJ) – publiées des études nationales et internationales sur la théorie contemporaine du Discours, dans les domaines de la connaissance que la langue est présente, comme la linguistique, la littérature et des arts, sciences sociales, sciences humaines, entre autres.

« Policromias » a la mission et l'objectif principal d'être un espace d'analyse et de réflexions sur des études critiques, théoriques et pratiques, dans le contexte symbolique, sociale et historique sur le verbal et non verbal, dans sa relation avec des aspects politiques, culturelles, sociales, technologiques et de l'enseignement. Votre but est faire publier, entre autres, les textes sur les photos et vidéos, qui soulignent qualitativement les questions relevant de la réalité locale et internationale du champ d'application proposé.

Ainsi, l'idée centrale est servir les chercheurs, avec l'intention de diffuser les recherches originales, novatrices et pertinentes à la connaissance humaine, ce qui constitue à la fois un espace de réflexion et une politique de mémoire.

Prof. Dr. Tania Conceição Clemente de Souza - Editor-chefe

Museu Nacional | Universidade Federal do Rio de Janeiro

LABEDIS - Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som

Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som

<http://www.labedis.mn.ufrj.br/>

[labedis@mn.ufrj.br](mailto:labedis@mn.ufrj.br)



Revista Policromias  
Volume 06 | Número 2

# APRESENTAÇÃO



APRESENTAÇÃO: AS CONVULSÕES POLÍTICAS  
BRASILEIRAS E A PESQUISA DE IMAGENS, DE  
DISCURSOS E DE SONS

PRESENTATION: BRAZILIAN POLITICAL  
SEIZURES AND THE RESEARCH OF IMAGES,  
SPEECHES AND SOUNDS

Maycon Silva AGUIAR<sup>1</sup>

Rodrigo Pereira da Silva ROSA<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Professor da Especialização em Gramática Gerativa e Estudos de Cognição do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Editor assistente da *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*. E-mail: <mayconsilvaaguiar@mn.ufrj.br>.

<sup>2</sup> Mestre e doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Editor assistente da *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*. E-mail: <rodrigopereiradasilvarosa@mn.ufrj.br>.



Com este número, celebramos mais um ano de vida da Policromias. Em relação aos contextos político e social existentes no aniversário anterior, quando comemoramos cinco anos de existência, muito mudou:

- Atingimos, em 19 de junho de 2021, a marca de 500 mil brasileiros mortos em nome da politicagem e do descaso do governo federal (AGÊNCIA BRASIL, 2021; (PODER 360, 2021) – em comparação, ao longo de dez anos, entre 2003 e 2013, a Guerra do Iraque fulminou 174 mil pessoas, entre soldados americanos e cidadãos iraquianos (AGÊNCIA BRASIL, 2013);
- sobrevivemos a meses de isolamento social, apesar de isso não ter freado os índices de contaminação por coronavírus e de não nos ter transformado em seres mais humanos;
- testemunhamos a decisão do Supremo Tribunal Federal de declarar a suspeição do ex-juiz Sérgio Fernando Moro nos julgamentos que envolveram o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (CONJUR, 2021; VALOR, 2021);e
- aprendemos que, caso o chefe máximo do Poder Executivo seja um homem branco heterossexual e cristão que se alinhe com os interesses dos partidos de direita e dos partidos de centro, a lei 1.079, de abril de 1950 (BRASIL, 1950), que institui a natureza do crime de responsabilidade e o seu processo de julgamento, não deve ser cumprida, a despeito dos 136 diferentes pedidos de impeachment dirigidos ao presidente da Câmara dos Deputados – entre pedidos originais (82), aditamentos (7) e pedidos duplicados 47 (APUBLICA, 2021, on-line) – e a despeito do designado “superpedido” de impeachment protocolado em 30 de junho, que reuniu 46 signatários





de ideologias políticas distintas e em que foram apontados, como tendo sido cometidos pelo presidente Bolsonaro, 23 dos crimes de responsabilidade previstos em lei (BBC, 2021; G1, 2021).

Por essas e por outras razões, 2021 não tem sido um ano fácil; e, muito menos, tem sido um ano justo. Justiça, afinalde contas, é um conceito de que temos tido poucas notícias desde há alguns anos. Igualmente, ética e moral abandonaram o léxico do português do Brasil, cansadas de tantos achaques de seres humanos contra seres humanos, como se disputássemos uma competição pela vida de fazer inveja a *Mad Max* (interpretado por Mel Gibson) e a *Titia Entity* (governadora interpretada pela atriz e cantora Tina Turner) (MILLER, 1985)<sup>3</sup>.

De acordo com Aristóteles (METEREOLÓGICOS, [2017]), “a arte imita a natureza”. Por sua vez, para Oscar Wilde, “a vida imita a arte mais do que a arte imita a vida”. Quem diria que nós, brasileiros da terceira década do século XXI, contrariaríamos máximas famosas de um dos maiores pensadores da História e de um dos escritores expoentes do século XIX? Contrariamos, sim, tais máximas e comprovamos um dos conceitos mais famosos de Hanna Arendt: a banalidade do mal (ARENDR, 1999).

Nesse sentido, considerando a deterioração, em vários níveis, a que o país foi submetido, reafirmamos, mais do que nunca, o nosso compromisso, enquanto publicação acadêmica democrática: “pretendemos que este seja um espaço multidisciplinar de análise e de discussão dos fenômenos do discurso,

---

<sup>3</sup> Max e Entity são personagens do longa-metragem pós-apocalíptico *Mad Max beyond Thunderdome* (MILLER, 1985), que, no Brasil, estreou com o título de *Mad Max: além da Cúpula do Trovão*. No filme, em uma arena conhecida como *Thunderdome*, os humanos que resistiram a um holocausto nuclear se enfrentam em duelos cruéis, sendo declarado vencedor aquele que cair por último.



da imagem e do som, pautado nas observações de nossos colaboradores e colado à realidade de nosso país” (AGUIAR; SOUZA; PEREIRA, 2020, p. 14).

Cumprindo o objetivo de apresentar a composição deste número, inauguramos uma nova seção de textos inéditos, “Dossiê”. A partir deste número, abriremos chamadas quadrimestrais para essa seção, chamadas que serão organizadas e tematizadas ou por organizadores convidados ou por organizadores cujas propostas forem aprovadas. Nesse último caso, as propostas deverão ser sugeridas aos editores, que as discutirão e as avaliarão com base na sua pertinência ao escopo da revista e à (pouca) semelhança com dossiês anteriores. O dossiê deste número, designado “Políticas linguísticas entre povos indígenas do Nordeste brasileiro, de Minas Gerais e do Espírito Santo”, será destacado adiante, após os textos da seção “Artigo” terem sido resenhados.

Este número é aberto por “O guia médico do dr. Luiz Pereira Barreto: um estudo histórico-sociolinguístico da prática discursiva”, assinado por Helcius Batista Pereira, docente da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, e por Maria Alice Rosa Ribeiro, docente aposentada da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. No texto, os autores analisam *Guia Médico*, obra publicada, em 1879, por dr. Luiz Pereira Barreto e direcionada a fazendeiros. Para embasar as suas observações, Pereira e Ribeiro assumem o referencial teórico (transdisciplinar) desenvolvido em Fairclough (2003) e em outras obras, o qual é conhecido, no país, como *Análise Crítica do Discurso*. Por esse intermédio, concluem que

[o Guia Médico] é parte de um evento histórico, social, produzido por um agente – um médico clínico, formado na Universidade de Medicina de Gand (Bélgica), divulgador da filosofia positivista, da ciência e da experimentação como fontes da verdade, e, também, fazendeiro.



Por meio do discurso o autor age para construir, ecoar e reforçar as ideias apoiadas na ciência e na medicina de sua época: o fazendeiro, protetor da família e da propriedade de escravizados, a reforma da educação feminina, a responsabilidade e culpabilidade individual (das mães) pela mortalidade infantil. (PEREIRA; RIBEIRO, 2021)

O texto seguinte, “Corpo da cidade e do deficiente/da deficiência: sentidos ditados pela falta”, de Patrícia Aparecida da Silvae de Olimpia Maluf-Souza – respectivamente, doutoranda e professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado do Mato Grosso –, investiga o Plano Diretor da cidade de Cáceres-MT, verificando como as normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) são incorporadas ao documento; e como (e se) questões relativas ao corpo e à corporeidade de deficientes físicos atravessam as preocupações dos proponentes com as normas técnicas e com a estrutura da cidade. A análise é conduzida com base no referencial teórico da Análise de Discurso francesa e, foca, especialmente, do tripé que sustenta essa teoria – linguística, psicanálise e marxismo –, o que os saberes psicanalíticos revelam, sobre essa lei, que se esconde à vista do leitor e que se exibem nas entrelinhas.

“Vidas suspensas em tempos de pandemia: olhares e discursos plurais da crônica”, desenvolvido por José Cândido de Oliveira Martins, professor associado da Universidade Católica Portuguesa, em Braga, repassa, brevemente, o contexto mundial desencadeado pela pandemia de coronavírus e aborda como o gênero “crônica”, que se afigura, na pesquisa, na forma de um livro de Isabel Cristina Mateus, tem retratado a crise sanitária. Na concepção de Martins, tanto em Portugal quanto no Brasil, no campo literário e no campo cultural, a “crônica” se consolidou, nos últimos anos, como um gênero multiforme. Nesse sentido, albergadas nesse gênero, existem várias



dimensões, com estratégias discursivas, com objetivos e com manifestações de humor e de ironia distintos, algumas das quais são acionadas na análise das “crônicas” de Isabel Cristina Mateus.

O quarto artigo deste número, intitulado “O lugar da pedagogia discursiva no combate à desinformação: aprender a ensinar as condições de produção”, de Pedro Henrique Varoni de Carvalho, docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, pressupõe que as redes de desinformação têm prejudicado as relações pessoais e as políticas públicas institucionais, sendo inextrincáveis de seus elementos linguístico-discursivos; e, com base nisso, investiga como o conceito “condições de produção”, que pertence ao conjunto de ferramentas teóricas da Análise de Discurso francesa, é capaz de desvelar os efeitos dessas redes de desinformação. Segundo Carvalho, justificando sua abordagem e seus objetivos,

[a] redução da capacidade de interpretação metafórica dos enunciados e seus contextos históricos, bem como das diferentes filiações dos sujeitos em posicionamento político- ideológico, tem contribuído para a fratura social no Brasil contemporâneo. A questão que se coloca é a necessidade de uma pedagogia discursiva como ferramenta de educação midiática para formação de leitores/produtores de conteúdo críticos na sociedade midiaticizada.

“Reverberações euclidianas na contísticapam-amazônica sobre os fenômenos das águas” é o título do texto seguinte. Escrito por Irisvaldo Laurindo de Souza, mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, e por Tânia Maria Pereira Sarmento-Pantoja, docente da Universidade Federal do Pará, o texto visa a discutir “a influência do modelo de escrita e interpretação da Amazônia estabelecido por Euclides da Cunha, no início do século XX,

na contísticapam-amazônica sobre os fenômenos das águas”. Os autores selecionam, como corpus, no total, seis contos dos autores Alberto Rangel, Arthur Engrácio João Meirelles Filho – brasileiros – e Francisco Izquierdo Ríos – peruano; e tecem três importantes conclusões: (1) o modelo literário de Euclides da Cunha está relacionado a como os fenômenos das águas são absorvidos e tratados nos textos verificados; (2) o extrativismo, na condição de tema, representa outra maneira pela qual o modelo euclidiano aparece nas narrativas consideradas; e (3) Euclides da Cunha inaugurou um paradigma literário próprio que está presente na produção dos autores consultados, em que o sujeito amazônico, como protagonista das histórias da região, não recebe esse reconhecimento explicitamente.

De alguns anos para cá, a prática de *coaching*– que se configura como uma espécie de oferta de serviços de psicólogo ou psicanalista, sem o devido licenciamento para exercer tal função – tem aumentado, exponencialmente, em nosso país. Interessados no funcionamento dessa prática, Vinícius Costa Araújo Lira, graduando em Letras (Português- Inglês) pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, e Francisco Vieira da Silva, doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, remeteram-nos o texto chamado “O avesso do *coach*: uma análise discursiva de postagens da página ‘Dicas Anti-coach’ no Facebook”, em que investigam como os posicionamentos contrários ao *coaching* se constituem; como a produção de “verdades” se desdobra e a sua relação com a prática de *coaching*; e, com base nos pressupostos teóricos de Michel Foucault, como se dão as relações de saber-poder em que os discursos dos *coachs*, nome atribuído a quem realiza essa prática, estão baseados.



“O processo’ (2018) envolto em imagens e discursos de violência: uma proposta de análise das narrativas e memórias a partir do documentário de Maria Augusta Ramos” se segue à contribuição que aborda o discurso de *coachs*. Meire Oliveira Silva, autora do artigo e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, estuda como o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, impactou a sociedade e repercutiu nos diversos tipos de discursos que circulam em nossa sociedade. Para isso, são analisadas imagens e discursos presentes em “O processo”, documentário nacional que remonta os acontecimentos subjacentes ao processo de deposição. Entre os discursos selecionados, estão alguns que apagam a identidade feminina e as memórias da ex-presidenta Dilma Rousseff, demonstrando como e quanto a replicação de juízos preconceituosos podem interferir na estabilidade política do país.

“A voz exerce grande significação na prática clínica da psicanálise, ocupando um lugar de expressivo relevo na constituição do sujeito – esse, por sua vez, é clivado pela condição do inconsciente, constituindo-se não senhor do seu dizer”: assim se inicia o resumo de “Voz, corpo simbólico, efeito do real da língua”, que não esconde a sua afiliação à Análise de Discurso francesa. No decorrer do texto, Teodulino Mangueira Rosendo, doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina, foca a relação entre a voz concebida e empregada no exercício psicanalítico e a voz social, que surge nas relações de poder e se traveste de linguagem. O caminho adotado pelo autor é ditado por Pêcheux (1997): a voz faria parte do real da língua, comportando-se como um corpo simbólico e como um espaço de equívoco e de incompletude.

Constituído como um relato de prática, “O *pitch*, a multimodalidade, a Linguística Aplicada e a abordagem crítica dos Letramentos”, de Ana

Lucia Monteiro Maciel Golin, professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas, contempla como o conceito de *pitch*, que diz respeito a um “modelo” de apresentação comum no universo dos negócios, tornou-se foco do interesse da Linguística Aplicada e passou a ser considerado parte de práticas pedagógicas. Para atingir esse objetivo, são analisados vídeos da ElevatorPitch, série de três episódios publicada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no YouTube; e adota, como metodologia de análise, a ferramenta multimodal (PAUWELS, 2012). Como resultado, além de serem apontados os motivos que justificam a realização de *pitch* no universo dos negócios – principalmente, em ambientes que supõem inovação –, é feito “um diagnóstico do arcabouço teórico-prático do ensino e da aprendizagem do *pitch* no currículo de formação acadêmica, em uma disciplina de Empreendedorismo, baseando-se na perspectiva dos Multiletramentos (KALANTZIS, COPE; PINHEIRO, 2020) e na abordagem crítica dos Letramentos”.

“Política da arte carnavalesca: receptibilidade tátil e afectos no discurso das escolas de samba”, texto de Tamar Wagner Schiavo Simões – artista cênico e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina, analisa o contexto dos desfiles das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro e observa como se constrói o seu protagonismo no debate de questões prementes da cena política brasileira. Com base em marcas presentes nos desfiles de anos mais recentes, desempenhados como verdadeiros protestos, o autor avança relações das manifestações carnavalescas com os âmbitos cultural, econômico, político e social brasileiros, os quais são entrevistados nas escolhas estéticas das agremiações. Assim, de tal forma de dispor os elementos elencados pelas escolas de sambas,



o conceito de receptibilidade tátil e a teoria dos afectos são tomados como referências importantes da mensuração do impacto que as escolas de samba têm sobre o processo de conscientização política e identitária dos cidadãos.

Alinhado ao contexto que descrevemos no início deste texto “E se o Bolsonaro falasse de você? Uma revisão midiática e literária sobre a capacidade destrutiva do *firehosing* do *flamingo* discurso político”, de João Thiago Almeida Stilben, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Poder Legislativo da Câmara dos Deputados, esmiuça como o presidente Bolsonaro, em seus discursos, apropria-se das práticas conhecidas como *firehosing* e *off falsehood*, que envolve desacreditar veículos de comunicação e manipular a opinião pública, e como *flaming*, que pressupõe uma agressão imotivada e sistêmica, como estratégias retóricas. Essas estratégias, que, segundo o autor nos relata, foram identificadas na conduta do ex-presidente Donald Trump e na de presidentes russos, transformam-se, nas mãos de Jair Messias Bolsonaro, em métodos de angariar apoio político e de desacreditar opositores, valendo-se da velocidade com que, atualmente, as informações se propagam. A seguir, estão os parágrafos iniciais do texto, como convite à reflexão, à tomada de consciência e à empatia.

Imagine que o presidente da República resolve declarar que algum cidadão é parte de uma seita que sacrifica crianças para beber seu sangue e manter-se jovem para sempre. Sem provas, sem investigar sua ficha criminal, sem sequer falar com pessoas que lhe tem convívio, passe a atacá-lo durante entrevistas de TV, em pronunciamentos nas cadeias estatais de rádio, em publicações nas redes sociais.

Isso parece um absurdo, sendo, de uma certa forma, algo risível, em especial se a vítima da difamação possui reputação ilibada, facilmente comprovando o contrário, podendo inclusive processar o chefe máximo do Executivo por calúnia, injúria e difamação: crimes previstos em código penal. Sem contar que o ônus da prova é de quem acusa, o que complicaria a situação do presidente.



Isso proveria uma consciência tranquila ao ofendido, mas de fato manteria a sua imagem intacta? Será que mesmo a impossibilidade de condenação penal impediria uma condenação pública que interrompesse inúmeras relações sociais, afetivas e laborais? (STILBEN, 2021)

O texto que fecha, com brilhantismo, a seção “Artigos” deste número é “Teatro digital: análise de uma nova experiência de criação de imagem pelas contribuições da gramática do design visual e na interpretação do ator/atriz”, de NeiseTeixeira Neves, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro de Educação Federal de Estudos Tecnológicos de Minas Gerais. Ao longo de sua investigação, baseando-se na metafunção interpessoal/interacional da Gramática do Design Visual (KRESS; VANLEUWEEN, 1996), a autora se concentra em imagens em movimento do espetáculo “Antigamente é quando?”, da Cia Pierrot Lunar, importando-se com definir a modalidade digital de teatro, que se espalhou durante a pandemia de coronavírus, e as possibilidades, nesse contexto, associadas ao agente teatral.

Como anunciamos, este número inaugura a sessão “Dossiê”, cujos detalhes foram apresentados anteriormente. Sob o título de “Políticas linguísticas entre povos indígenas do Nordeste brasileiro, de Minas Gerais e do Espírito Santo”, este “Dossiê” foi organizado por Evandro de Sousa Bonfim, do professor do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; por Leandro Durazzo, professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; e por Maycon Silva Aguiar, do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foram recebidas, entre março e agosto de 2021,



interessantes e importantes contribuições de pesquisadores brasileiros, as quais destacam, especialmente,

processos de revitalização linguística de comunidades originárias [...]; a diáspora dos povos originários do Nordeste e do Centro-Oeste, motivada por perseguição política (do Estado) e social (do homem branco) durante e após a invasão e a colonização do território brasileiro; o contexto etnolinguístico das comunidades originárias; discussão de termos, de conceitos êmicos e de conceitos científicos homônimos; e uma promoção de conceitos resultantes das experiências de trabalho com as línguas originárias. (BONFIM; DURAZZO; AGUIAR, 2021)

“A garantia do *seguimento* indígena: *ciência* ritual, rede proká e revitalização linguística no submédio São Francisco”, de Leandro Durazzo, faz uma advertência séria ao leitor: embora algumas línguas nativas do Nordeste brasileiro não apresentem falantes, enquanto outras estejam seriamente ameaçadas, os povos originários as consideram vivas. Portanto, mesmo que, do pontos de vista das teoristas linguística, as línguas nativas contem com falantes, estão vivas dos pontos de vista nativo e antropológico, o que é tomado como argumento para criação de movimentos de revitalização<sup>4</sup>. Com base em sua experiência etnológica com o povo Tuxá de Rodelas, no norte baiano, o autor explora como se

---

<sup>4</sup> O dossiê procura chamar a atenção para o fato que, embora as teorias linguísticas e o Estado considerem que a maior parte das línguas nativas do Nordeste brasileiro não apresentem falantes, os povos originários têm critérios próprios acerca (1) da vitalidade de cada língua, (2) de quem pode ser considerado falante e (3) de qual é a extensão de domínio linguístico. Logo, do ponto de vista das comunidades linguísticas originárias, que deve ser a base para a discussão das políticas linguísticas e de suas questões, apesar de não terem o estatuto de língua oficial, como é o caso do português, as línguas nativas estão vivas, o que é tomado como argumento para a criação de movimentos de revitalização. "Com base em sua experiência etnológica com o povo Tuxá de Rodelas, no norte baiano, o autor explora como se" se tornará um novo parágrafo.

desenvolvem projetos de revitalização linguística em seus contextos escolares, estabelecendo redes ainda incipientes de troca e cooperação interétnica, mas que apontam para o fortalecimento, por meio da língua, de grupos política e historicamente aproximados, potencialmente reconfigurando o cenário etnológico da região.

Nesse sentido, o artigo demonstra que a existência de uma dinâmica sociolinguística entre os Tuxá de Rodelas está relacionada, intrinsecamente, aos seus rituais. Quando essa dinâmica sociolinguística é abordada no contexto de um grupo de trabalho cujo objetivo é revitalizar a língua Dzubukuá, são evidenciados os saberes linguísticos e os saberes rituais, com base nos quais novas e desconhecidas dimensões da cultura indígena podem ser descritas pelo etnólogo.

O segundo texto da seção “Dossiê, “Voos na sabedoria: o ensino do Patxohã na Escola Estadual Indígenas Kijetxawê Zabelê”, assinado por Cristiane Maria de Oliveira, docente e pesquisadora Pataxó, e por Francisco Vanderlei Ferreira da Costa, docente e pesquisador da Licenciatura Intercultural Indígena do Instituto Federal da Bahia, foca prática pedagógicas empreendidas em meio à comunidade Pataxó. Agentes indígenas e não indígenas, segundo os autores, desenvolvem métodos de revitalização/retomada do Patxohã, língua ancestral do povo Pataxó, métodos esses que são apontados como inovadores para os padrões ocidentais. Sendo assim, no decorrer do artigo, é descrita a política linguística desenvolvida pelos Pataxó, cuja meta é desprender a língua Patxohã da rotina escolar e (re)transformá-la na língua da comunidade; e são analisados exemplos de como estabelecer uma postura epistêmica autônoma, como maneira de que as propostas pedagógicas se tornem posturas étnicas.



O artigo de Vanessa Moraes, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, “Refletindo sobre as concepções de revitalização linguística e língua morta a partir do Contexto Kiriri”, denuncia que a colonização do território brasileiro se pautou no glotocídio, no extermínio e no epistemicídio dos povos originários. Portanto, não nos surpreende que diversos povos indígenas nordestinos tenham sido privados dos saberes linguísticos de seus ancestrais. Nos últimos anos, como a autora destaca, com a finalidade de superar as mazelas legadas aos povos originários pelo processo de colonização, diversos povos originários do Nordeste têm se organizado em torno de projetos de revitalização e de retomada de línguas. Contrariamente à sua iniciativa, as línguas nativas são consideradas mortas ou extintas nos âmbitos acadêmico, político e social, ignorando as concepções dos indígenas sobre o que seria “vitalidade” e os saberes linguísticos que foram preservados.

“Os Kiriri do Acré e o *resgate da língua indígena*”, escrito por Fernanda Borges Henrique, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, e por Roseni Ramos, professora da Escola Estadual Indígena Ibiramã Kiriri do Acré formada pelo Magistério Indígena da Universidade do Estado da Bahia, ao se dedicarem ao povo Kiriri do município de Caldas, em Minas Gerais, relacionam sua luta por terras ao resgate de sua língua nativa. De acordo com as autoras, a chegada dos Kiriri a essa região aconteceu em março de 2017 e visava a “entrar na terra, construir casas de barro para as famílias, edificar uma cabana no centro da aldeia e um poró em meio à mata, para que pudessem realizar a *ciência* e, assim, entrar em contato com *encantados de forma correta*”. Outro objetivo dos indígenas, para

preservar sua cultura e seus saberes, era a fundação de uma escola, para que, dentre cujos conteúdos curriculares, fosse ensinado aos Kiriri (de todas as idades) o orgulho de ser indígena. Para Henrique e Ramos, a construção da escola foi importante para que a semente de revitalização da língua da comunidade vingasse, fixando-se, portanto, no bojo das esferas escolar e social, entre conhecimentos formais e saberes étnicos.

O último artigo do “Dossiê” e deste número foi escrito por João Roberto Bort Júnior, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, e se chama “Transformações Xucuru-Kariri: *oruãynyn’rêuê* e outras formas gráfico-verbais no Alto Rio Pardo (Minas Gerais, Brasil)”. Segundo o autor, embora falem e escrevam em português, os Xucuru-Karirido Alto Rio Pardo, município de Caldas (Minas Gerais, Brasil), compõem seu léxico com termos da língua Yaathe e da família linguística Kariri (tronco Macro-Jê)”. Por outro lado, o *ruãynyn’rêuê* é utilizado, também, como forma de comunicação, língua que, na concepção da comunidade, é tida como nativa. Conforme o texto se desenvolve, Bort Júnior descreve a língua *ruãynyn’rêuê* e a interpreta, tomando o português, as artes gráfico-verbais, os saberes rituais e as relações políticas dos Xucuru-Kariri como base; e afirma que segredos étnicos são encobertos por transformações alfabéticas, garantindo o sigilo das tradições ritualísticas e de outros elementos culturais.

Finalizando este número, na sequência dos artigos da seção “Dossiê”, há o documento “Nas palavras dos povos, um multilinguismo”, que reúne reflexão de oito indígenas atuantes em diferentes movimentos de resistência das culturas originárias do Nordeste do Brasil. Dentre as perguntas feitas aos entrevistados, encontram-se questionamentos sobre línguas faladas por sua comunidade; sobre



demarcação de terras indígenas; sobre os rituais e sobre outros elementos étnicos; sobre a implementação de políticas linguísticas; sobre a língua ancestral da comunidade; e sobre o papel da escola indígena e dos professores nos processos de revitalização e de fortalecimento das línguas nativas.

Desejamos que este número cumpra a sua missão de divulgar os conhecimentos produzidos no âmbito das universidades brasileiras, sobretudo as que contam com financiamento público, para um número relevante de cidadãos, sejam iniciados no meio acadêmico, sejam não iniciados no meio acadêmico. Dessa forma, poderemos voltar a sonhar com um futuro em que a educação brasileira, em todos os seus níveis, voltará à superfície dos interesses dos governantes, cumprindo o dever de libertar a população (FREIRE, 1967).

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Eichmman em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Rio de Janeiro. Cia. das Letras, 1999.

ARISTÓTELES. **Meteorológicos**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2017.

BBC NEWS BRASIL. Super pedido de impeachment de Bolsonaro: quais os 23 crimes de responsabilidade listados no documento. **BBC News Brasil**, São Paulo, 1º jul. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57681960>. Acesso em: 31 ago. 2021.

BERGAMO, M. STF estende suspeição de Moro para todos os processos em que ex-juiz atuou contra Lula. **Valor Econômico**, São Paulo, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/06/24/>



stf-estende-suspeicao-de-moro-para-todos-os-processos-em-que-ex-juiz-atuou-contra-lula.ghtml. Acesso em: 31 ago. 2021.

BRASIL. **Lei n. 1.079, de 10 de abril de 1950.** Define os crimes de responsabilidade e regula o respectivo processo de julgamento. Brasília, DF: Presidência da República, 1950. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l1079.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l1079.htm). Acesso em: 31 ago. 2021.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research.** London; New York: Routledge, 2003.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

G1. 'Superpedido' de impeachment de Bolsonaro: leia o documento. **G1**, São Paulo, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/30/superpedido-de-impeachment-leia.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2021.

GOES, S. Gilmar estende suspeição de Moro a mais dois casos envolvendo Lula. **Conjur**, [S. l.], 24 jun. 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-jun-24/gilmar-estende-suspeicao-moro-outros-casos-lula>. Acesso em: 31 ago. 2021.

KALANTZIS, M.; COPE, B; PINHEIRO P. **Letramentos.** Campinas, SP: Unicamp, 2020.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images – the grammar of visual design.** London; New York: Routledge, 1996.

*MAD Max: beyond Thunderdome.* Direção de George Miller. Sydney: Kennedy Miller Productions, 1985.

OS IMPEACHMENTS de Bolsonaro. **Apublica**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://apublica.org/impeachment-bolsonaro/>. Acesso em; 11 ago. 2021.



O PROCESSO. Direção: Maria Augusta Ramos. Brasil, 2018.

PAUWELS, L. A multimodal framework for analyzing websites as cultural expressions. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 17, n. 3, p. 247–265, 1 abr. 2012. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2012.01572.x>.

PÊCHEUX, M.O **discurso**: estrutura ou acontecimento. 2. ed. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PEDRUZZI, P. Guerra do Iraque contabiliza 174 mil mortes em dez anos. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 13 mar. 2013. Disponível em: [memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-17/guerra-do-iraque-contabiliza-174-mil-mortes-em-dez-anos](http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-17/guerra-do-iraque-contabiliza-174-mil-mortes-em-dez-anos). Acesso em: 31 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Brasil registra mais de 500 mil mortos por covid-19. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 19 jun. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/saude/noticia/2021-06/brasil-registra-mais-de-500-mil-mortos-por-covid-19>. Acesso em: 31. ago. 2021.

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO. Prefeitura Municipal de Cáceres-MT, 2010.

PODER 360. Brasil chega a 500 mil mortes pela covid-19. **Poder 360**, [S. l.], 19 jun. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasil-chega-a-500-mil-mortes-pela-covid-19/>. Acesso em: 31. ago. 2021.

WILDE, O. **A decadência da mentira e outros ensaios**. Disponível em: [https://www.pucpcaldas.br/uploads/59/oscar\\_wilde.pdf](https://www.pucpcaldas.br/uploads/59/oscar_wilde.pdf). Acesso em: 21 ago. 2021.



Revista Policromias  
Volume 06 | Número 2

# ARTIGOS





*O GUIA MÉDICO DO DR. LUIZ PEREIRA BARRETO:*  
UM ESTUDO HISTÓRICO-SOCIOLINGUÍSTICO DA  
PRÁTICA DISCURSIVA

*THE MEDICAL GUIDE OF DR. LUIZ PEREIRA BARRETO:*  
A HISTORICAL-SOCIO-LINGUISTIC STUDY OF  
DISCURSIVE PRACTICE.

Helcius Batista PEREIRA<sup>1</sup>

Maria Alice Rosa RIBEIRO<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Docente da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: <hbpereira@uem.br>.

<sup>2</sup> Docente aposentada da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pesquisadora Colaboradora no Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: <mariaalicerosaribeiro@gmail.com>.





## RESUMO

O trabalho se propõe a uma análise crítica e sócio-histórica do *Guia Médico* do Dr. Luiz Pereira Barreto destinado ao uso de fazendeiros, publicado em 1879 no *Almanach Litterario de São Paulo*, editado por José Maria Lisboa. Para tanto, partimos, de uma perspectiva teórico-metodológica transdisciplinar ao lançar mão da Análise do Discurso Crítica (ADC), em sua configuração mais recente, descrita em Fairclough (2003) - o que em si já é uma opção transdisciplinar, na medida em que a ADC alinha teorias sociais como Realismo Crítico, a proposta foucaultiana, com análises linguístico-textual-discursiva apoiadas na gramática funcionalista. *O Guia Médico* é parte de um evento histórico, social, produzido por um agente – um médico clínico, formado na Universidade de Medicina de Gand (Bélgica), divulgador da filosofia positivista, da ciência e da experimentação como fontes da verdade, e, também, fazendeiro. Por meio do discurso o autor age para construir, ecoar e reforçar as ideias apoiadas na ciência e na medicina de sua época: o fazendeiro, protetor da família e da propriedade de escravizados, a reforma da educação feminina, a responsabilidade e culpabilidade individual (das mães) pela mortalidade infantil.

## PALAVRAS-CHAVE

Gênero guia médico, Doenças e Artes de Curar, Luiz Pereira Barreto, São Paulo, Século XIX.

## ABSTRACT

This paper proposes a critical and socio-historical analysis of Dr. Luiz Pereira Barreto's Medical Guide for the use of farmers, published in 1879, in the



Almanach Litterario de São Paulo, edited by José Maria Lisboa. To do so, we take a transdisciplinary theoretical and methodological perspective by using Critical Discourse Analysis (CDA), in its most recent configuration, as described in Fairclough (2003) - which in itself is a transdisciplinary option, as it aligns social theories such as Critical Realism, the Foucaultian proposal, with linguistic-textual-discursive analyses based on functionalist grammar. The Medical Guide is part of a historical, social event, in particular, produced by an agent - a clinical doctor, graduated at the Medical University of Ghent (Belgium), disseminator of positivist philosophy, science and experimentation, as sources of truth, and, also, a farmer. Through discourse he acts to construct, echo, and reinforce the ideas supported by the science and medicine of his time: the farmer, protector of the family and of the property of enslaved people, the reform of female education, the responsibility and individual culpability (of mothers) for infant mortality.

## KEYWORDS

Genre medical guide, Diseases e Arts of healing, Luiz Pereira Barreto, São Paulo, Nineteenth century.

## INTRODUÇÃO

A linguagem é uma parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada com os outros elementos da vida social, de modo que a análise e a pesquisa sociais sempre devem levar em conta a linguagem (FAIRCLOUGH, 2003, p. 2, tradução nossa)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> No original: “[...] *language is an irreducible part of social life, dialectically interconnected with other elements of social life, so that social analysis and research always has to take account of language*”.



É com esse pressuposto em mente que se reuniram um pesquisador da história da língua portuguesa e uma pesquisadora da história econômica e social do Brasil no século XIX para enfrentar a aventura de analisar um guia médico escrito por Luiz Pereira Barreto, em 1878, e publicado no *Almanach Litterario de S. Paulo* para o ano de 1879. Nessa aventura, vários desafios se colocaram para os autores: explicitar o aporte teórico capaz de propiciar a realização plena do caráter transdisciplinar proposto no trabalho; analisar o suporte da publicação, o almanaque, no contexto da difusão de informações e de conhecimentos na segunda metade do século XIX; analisar a natureza do guia, forma de interação com o outro; analisar a inserção social, cultural e econômica do autor, agente da interação com o outro e, finalmente, prospectar a linguagem com que o autor, o sujeito da ação, se comunica ao transmitir o conhecimento das doenças e das curas do seu tempo.

O artigo está dividido em três tópicos: nosso aporte teórico e o caráter transdisciplinar; o guia médico e seu autor; lições sobre as doenças e curas: escravizados, crianças e mulheres. Cada um dos tópicos contempla um desafio encontrado pelos autores, cabendo maior destaque a análise do conteúdo histórico e linguístico do guia.

## **1. APORTE TEÓRICO E A TRANSDISCIPLINARIDADE**

No presente trabalho, assumimos a perspectiva da Análise do Discurso Crítica (ADC) na sua configuração mais recente, em especial em Fairclough (2003), que incorpora as mudanças realizadas em Chouliaraki e Fairclough (1999) no desenho teórico de Fairclough [1992]/(2001). Desta forma, baseamos nosso trabalho no pressuposto, já anunciado na epígrafe, “a linguagem é um



parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada com os outros elementos da vida social, de modo que a análise e a pesquisa social sempre devem levar em conta a linguagem” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 2, tradução nossa).

Segundo Fairclough, se os textos são parte de eventos sociais, eles produzem efeitos e mudanças sociais. Assim, os textos mudam nossos conhecimentos, nossas crenças, etc. (FAIRCLOUGH, 2003, p.8). Mais ainda, eles carregam, sustentam e inculcam ideologias que, em uma perspectiva crítica, representam uma visão do mundo que colabora para a manutenção ou para a mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração (FAIRCLOUGH, 2003, p. 9).

Por outro lado, os textos, impregnados pelos acontecimentos sociais do seu tempo, são resultantes de dois “poderes causais”<sup>4</sup>: 1) a estrutura social e suas práticas sociais e 2) a atuação de agentes sociais, ou seja, de pessoas envolvidas nos eventos sociais. As relações de causalidade não são mecânicas, nem regulares, sendo marcadas por complexidade (FAIRCLOUGH, 2003, p. 22).

Nesse ponto, a ADC foge dos riscos de privilegiar a estrutura social como fator explicativo único dos discursos e, ao mesmo tempo, evita a interpretação das que colocam no indivíduo a chave para as transformações discursivas. Para Fairclough, os agentes sociais (ou ator ideológico) nem são livres, nem têm uma atuação totalmente limitada por restrições sociais. Os “poderes causais” não tornam resultado das estruturas e das práticas sociais. Sofrem sim restrições estruturais como as impostas pela gramática da língua utilizada ou as imposições do gênero discursivo escolhido. Mesmo assim, dispõem de grande liberdade no processo de textualização (FAIRCLOUGH, 2003, p. 22).

---

<sup>4</sup> No original o autor usa a expressão “*Casual powers*”.



Importante dizer que a limitação relevante que a língua apresenta ao agente social na produção textual não diz respeito a qualquer restrição imposta pelo seu caráter estrutural (por exemplo, a regra gramatical que limita a posição de um artigo no interior de um sintagma nominal). Ao conceber os textos como parte de eventos sociais, deve-se considerar que o que é essencial são as imposições da “ordem do discurso”, definida como “uma rede de práticas sociais em seus aspectos da linguagem<sup>5</sup>” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 24, tradução nossa). E, nesse sentido, importam perceber as restrições impostas pelos três elementos da “ordem do discurso”: os gêneros, os discursos e os estilos. São esses elementos que orientam a seleção de certas possibilidades definidas pela língua, excluindo outras também possíveis. Portanto, eles controlam, em última instância, a variabilidade linguística em uma área específica da vida social.

Os gêneros, os discursos e os estilos são, nessa perspectiva, modos relativamente estáveis de, respectivamente, agir, representar e se identificar. São eles que mantêm a relação entre o texto e os elementos sociais.

Uma das formas de pensar como esses elementos atuam é perceber que a ação de agir (relativa aos gêneros - por exemplo, um guia médico, como o que analisamos neste trabalho) implica em interação com o outro, mas também significa agir sobre o outro e, portanto, exercer um determinado poder; a ação de representar (relativa aos discursos) leva a evidenciar um dado conhecimento que implica em controlar o que deve ser entendido como tal; a ação de identificar (relativa aos estilos) tem a ver com a relação consigo mesmo, com sua ética e sua moral<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> “[...] *a network of social practices in its language aspect.*”

<sup>6</sup> Para este argumento, Fairclough parte da teoria foucaultiana.





Outra possibilidade é sustentar que os elementos da “ordem do discurso” são dialeticamente relacionados, os três dizem respeito às pessoas em um dado evento - suas relações com o conhecimento, sua relação com os outros (relações de poder) e, por fim, sua relação consigo mesmo. Por fim, pode-se pensar que determinadas representações (ou seja, os discursos) podem ser sustentadas em determinadas formas de agir e de se relacionar (ou seja, um gênero) e inculcar formas particulares de identificação (o estilo) (FAIRCLOUGH, 2003, p. 29).

A partir desse instrumental de análise discursiva crítica, tão aberto ao diálogo transdisciplinar, lançamos mão da análise histórica dos personagens, dos sentidos das publicações e das ideias sobre doenças e curas que circulavam na segunda metade do século XIX.

## 2. O GUIA MÉDICO E SEU AUTOR

Ao final do *Almanach Litterario de S. Paulo para o ano de 1879*, encontramos o *Guia Médico ou Resumo de Indicações Practicas para servir aos Srs Fazendeiros na falta de profissionaes*, escrito pelo médico, Luiz Pereira Barreto.

Para melhor compreender o *Guia Médico*, objeto deste artigo, faz-se necessário situar o leitor acerca do suporte por meio do qual o texto circulou. Os almanaques, muito populares no século XIX, eram constituídos por textos de diferentes gêneros discursivos e apresentavam um grande leque temático. Parte de seus textos tinha validade curta (as tabelas de preços de passagens, por exemplo), mas outros (os contos, as histórias, as biografias, as receitas, os poemas, etc.) mantinham o interesse do público leitor até a próxima edição. Eram, muitas vezes, o único livro de que dispunha a família



para a leitura de lazer, entretenimento e aprendizagem, em uma sociedade na qual poucos tinham acesso à leitura - dados do censo demográfico do império de 1872 apontam que apenas 17% dos paulistas com mais de 5 anos eram alfabetizados, sendo que o universo letrado era formado somente por 14% das mulheres e 27% dos homens (LUNA; KLEIN, 2018, p. 398, 435-437).

No caso do *Almanach Litterario de S. Paulo*, sua publicação se deu por obra de José Maria Lisboa (1838-1918)<sup>7</sup>, um tipógrafo português que migrou para São Paulo em 1856. No Brasil, ele atuou inicialmente no *Correio Paulistano* e, em sua carreira, trabalhou em diversos jornais, incluindo a *Gazeta de Campinas* e *A Província de S. Paulo* - esse último com outros republicanos paulistas do período. Em 1884, Lisboa lançou o seu próprio jornal, o *Diário Popular*, abertamente republicano e abolicionista e que teria uma vida longa, sendo vendido somente em 1988 por seu neto.

Na apresentação do *Almanach Litterario de S. Paulo para o ano de 1879*, em texto intitulado “Ao leitor”, Lisboa mostra sua expectativa de que o *Guia Médico* de Pereira Barreto fosse recebido com grande acolhimento pelos seus leitores em função do “[...] real mérito que tem em si e pelos serviços que irá prestar a todos” (LISBOA, 1878, sem página). E, de fato, a inclusão de um guia com indicações de cuidados de saúde no almanaque revela a importância deste tipo de publicação na difusão de conhecimentos práticos de moléstias passíveis de serem cuidadas nas fazendas paulistas. O guia destinava-se às famílias proprietárias de fazendas que, distantes dos

---

<sup>7</sup> *Almanach Litterario de S. Paulo* veio a público em 1876, tendo sido sucedido por mais sete volumes anuais, sempre organizados por Lisboa, até o de 1885, falhando apenas para 1882 e para 1883. As notas biográficas sobre José Maria Lisboa foram baseadas no seu depoimento escrito dado a Lafayete de Toledo, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo (1898, p. 305- 3).



centros urbanos, não contavam com a ajuda de médicos para os primeiros cuidados ou para o tratamento de moléstias menos graves.

O autor do guia, o médico Luiz Pereira Barreto (1840-1923), era natural de Resende, filho de um abastado fazendeiro de café do vale do Paraíba fluminense. Formou-se em Medicina em Gand em 1863. Na Europa, Pereira Barreto entrou em contato com a doutrina positivista de Augusto Comte e aderiu às ideias de progresso e da importância do conhecimento baseado na ciência e na experimentação. De volta ao Brasil, passou a clinicar nas cidades do vale do rio Paraíba fluminense e paulista até se estabelecer em Jacareí. Tornou-se, a partir de 1874, um dos primeiros divulgadores do positivismo, uma filosofia republicana e contrária ao regime de trabalho escravo.

No campo das ciências, ao positivismo de Augusto Comte, Pereira Barreto adicionou as ideias de Pasteur e Lister, tornando-se um dissidente dentro do Apostolado Positivista do Rio de Janeiro. Entre 1874 e 1876, Barreto publicou *Três filosofias: Filosofia Teológica e Filosofia Metafísica*, respectivamente. Com essas publicações, Barreto iniciou seu esforço pioneiro para compreender o Brasil sob o ponto de vista da teoria de Comte da lei dos três estágios: teológico, metafísico e positivo. Sua principal trincheira foi o jornal *A Província de São Paulo*. Segundo Alonso: “O positivismo significou para ele [Barreto] uma filosofia da ação, através da qual construiu um diagnóstico crítico do atraso brasileiro e propôs um projeto civilizatório que visava conduzir o país ao estado positivo” (ALONSO, 1995, p 5).

No programa de reforma da sociedade, Barreto destacava a educação, baseada no conhecimento científico, e o desenvolvimento agrícola, sustentado na ciência e na técnica, como os pilares para o desenvolvimento da indústria



e do progresso do país. Ele identificava nos fazendeiros do novo Oeste Paulista a força econômica inovadora.

Luiz Pereira Barreto e seus irmãos foram os fundadores da cafeicultura nas terras do “novo Oeste Paulista”, na região de Ribeirão Preto. Em janeiro de 1876, os irmãos organizaram a histórica “Caravana Pereira Barreto”, composta pela família e alguns fazendeiros do vale fluminense e paulista. A caravana dirigiu-se à província de São Paulo em busca de terras mais férteis para a lavoura cafeeira, pois as terras do vale apresentavam a cada safra menor produtividade, esgotavam-se. Os Pereira Barreto, sete irmãos e duas irmãs, compraram terras e abriram fazendas na região hoje compreendida entre Ribeirão Preto, São Simão, Sertãozinho e Cravinhos. Aos irmãos deveu-se a introdução do plantio de café da variedade Bourbon em Ribeirão Preto (LOPES, 2005).

Assim, Pereira Barreto, quando escreveu o guia, tinha conhecimento das dificuldades enfrentadas pelos fazendeiros e experiência na vida no interior das fazendas. A seleção de verbetes que ele elencou para constar do guia refletia o conhecimento médico, da ciência da sua época, e a experiência do fazendeiro e do desbravador das terras roxas do sertão paulista<sup>8</sup>.

Sob o ponto de vista da análise do discurso crítica, um “guia” é antes de tudo um gênero no qual um agente, que se reveste de determinada autoridade em um dado conhecimento, transmite, orienta e instrui um determinado interlocutor. Parte de seus conhecimentos e crenças por meio dos quais representa a realidade social ou natural conforme sua própria experiência. A reflexão sobre o vocábulo que dá nome ao gênero conta muito de como este

---

<sup>8</sup> Os autores agradecem a professora Luciana Suarez Galvão pela indicação dos artigos escritos pelo médico Luiz Pereira Barreto no jornal *A Província de São Paulo* nos quais descreve as qualidades das terras roxas paulistas para a produção cafeeira



atua nas diversas instâncias da vida social em que aparece. Como deverbal, o vocábulo, de acordo como o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, tem origem no verbo “guiar”, que, por seu turno, teria entrado na Língua Portuguesa no século XIII. Apresenta hoje uma definição que remete a “acompanhar mostrando o caminho ou servindo como cicerone, orientar (-se), conduzir(-se) [...], dar proteção, amparar, socorrer [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1001). Por conseguinte, um guia médico, é um gênero que tem por finalidade mostrar caminhos e oferecer proteção à saúde.

Já na capa do guia médico, há claros indícios do evento social e histórico do qual o texto toma parte. No título consta o autor (agente), o alvo, a finalidade e o meio pelo qual se difunde: *Guia Médico ou Resumo das indicações práticas para servir aos Srs. Fazendeiros na falta de profissionais pelo D. Luiz Pereira Barreto aos leitores do Almanach*. Assim, um renomado médico, com formação em universidade europeia e com experiência na clínica, guia os fazendeiros paulistas, os quais atuam na expansão agrícola no interior da Província de S. Paulo, áreas de pouca ou nenhuma presença de profissionais médicos. O fato de ele próprio ter experiência prática como fazendeiro, proprietário de terras e de escravizados na nova fronteira agrícola do café confere uma dupla autoridade ao autor. Seus discursos estão revestidos, portanto, pela autoridade pessoal do seu autor que domina os saberes da Medicina e da prática na gestão agrícola. Os discursos que encontramos no texto do guia, os quais pretendemos desvelar no curso deste artigo, revestem-se, portanto, de uma capacidade de se impor como verdades contra as quais, em princípio, não deve haver contestações, dada a autoridade de quem o enuncia.



O guia foi adicionado no final do *Almanach Litterario de São Paulo*, como um anexo, seguindo inclusive uma paginação distinta para que o leitor pudesse destacá-lo do conjunto do almanaque e, assim, aguardá-lo à parte para futuras consultas. A escolha do almanaque como suporte ou meio de circulação não é fortuita, uma vez que a publicação de José Maria Lisboa tinha como principal público alvo a elite da cidade, boa parte constituída por famílias de fazendeiros.

A observação mais geral do *Guia Médico* permite que se percebam as relações de intertextualidade que o gênero escolhido por Pereira Barreto guardava com os dicionários e, em especial, com os dicionários de Medicina popular que também circulavam em sua época, como o *Dicionário de Medicina Popular e das sciencias accessorias para uso das famílias*, publicado pelo do médico Pedro Luiz Napoleão Chernoviz<sup>9</sup>. Ambos são organizados por verbetes, dispostos em ordem alfabética, sobre os quais os autores discorrem com o propósito didático de transmitir e orientar conhecimentos e procedimentos do campo da medicina para um leitor leigo. A se considerar a obra de Chernoviz, percebe-se, entretanto que os dicionários medicinais apresentam-se como um texto mais completo, discorrendo não somente sobre as doenças e enfermidades, mas também dos instrumentos utilizados no trato com os pacientes, além de substâncias químicas e plantas medicinais. Já a obra de Pereira Barreto parece ter uma finalidade mais específica, exigindo um texto mais conciso e restrito a verbetes que versam sobre as moléstias, enfermidades, doenças e acidentes causadores de ferimentos ou

---

<sup>9</sup> Tivemos acesso à 6ª edição publicada em 1890. Segundo Guimarães (2005), a primeira edição dessa obra data de 1842 e vendeu 3.000 exemplares; seguiram-se edições em 1851, 1862, 1868, 1878 e 1890.

de mal estar para o uso dos fazendeiros em sua propriedade. No total, em 43 páginas, o *Guia Médico* lista e discorre em 103 verbetes.

Introduzindo e fechando o guia, duas seções se destacam. Logo após a capa, há uma seção com uma lista de 28 substâncias/remédios os “mais usuais que o fazendeiro deve ter em casa”, acrescida, ao pé da página, de observação do autor sobre as diferentes dosagens para adultos e crianças e sobre o sistema de medidas adotado. Adverte, nessa parte, que as medidas correspondem ao novo sistema - o métrico francês -, talvez a razão da observação fosse a maior resistência ao uso do novo sistema de medidas e pesos no meio rural<sup>10</sup>.

Ao final, há uma última seção com um anúncio publicitário de *O maior laboratório homoepático da América do Sul*, que apresenta o estabelecimento, seus produtos e preços, com destaque para *phenolina Penna* (um medicamento para dor de dentes) e para obras sobre a homeopatia que estavam à venda no local<sup>11</sup>. A presença do anúncio sugere que os discursos da medicina que o *Guia Médico* pretende vincular não estavam isentos de interesses de negócios privados, que certamente, de algum modo, patrocinaram (em parte ou na sua totalidade) os custos de criação e produção da obra oferecida no *Almanach* para o ano de 1879.

---

<sup>10</sup> A Lei N. 1.157 de 26 de junho de 1862 substituiu em todo o Império o sistema de pesos e medidas pelo sistema métrico francês na parte de medidas lineares, de superfície, capacidade e peso. A passagem de um sistema para o outro foi gradual, prevendo 10 anos para que cessasse integralmente o uso dos antigos pesos e medidas. É provável que a transição tenha demorado mais do que o previsto na lei, por isso, talvez, a observação do dr. Pereira Barreto.

<sup>11</sup> O dicionário de Chernoviz também contém anúncios semelhantes ao que encontramos no *Guia Médico* de Pereira Barreto.



O conteúdo dos verbetes em geral é sintético – explica o que é, seguido da formulação do remédio com as respectivas doses e o modo de preparar e de usar. Para tanto, lança mão, por exemplo, de sentenças apresentacionais como vemos a seguir, com o verbo ser<sup>12</sup>: “Abcesso – É o que se chama vulgarmente tumor. [...] É ordinariamente o resultado da inflamação de um ganglio lymphatico” (BARRETO, 1878, p. 4).

Há também uso de sentenças com o imperativo, com força de ordem ou instrução, como podemos ver abaixo com o uso de “dever-se-ha recorrer”: “Emfim, para todo abcesso, [...] dever-se-ha recorrer ao medico, possível sendo, que extrahirá o puz, sem rasgar o tumor: é o que se consegue por meio de uma simples agulha do aspirador Dieulafoy” (BARRETO, 1878, p. 7)

O uso de modalizadores para expressar “necessidade” também é recorrente, como podemos ver no trecho abaixo, retirado do verbete “pneumonia”, onde vemos o uso de “é preciso”, de “necessário” e da forma “administra-se”: “É preciso zelar-se sobre a perfeita liberdade de ventre; e necessário sendo, administra-se, de manhã cedo, 4 colheres grandes de citrato de magnesia efervescente (BARRETO, 1878, p.38).

Há alguns verbetes cuja descrição é mais extensa, indicando as regiões do corpo afetadas, os sintomas - sensações, dores difusas, latejantes, lancinantes, dolorosas; percepção táctil, apalpação; aparência, cor, volume; cheiros; evolução no tempo; intervenção cirúrgica, segundo o estágio evolutivo; ação imediata ou a espera de melhor momento para agir; tratamento e fórmulas dos remédios. Talvez, o critério seguido pelo autor fosse a maior gravidade da morbidade, a maior incidência ou o conhecimento mais confuso entre a população.

---

<sup>12</sup> Foi mantida a grafia dos verbetes como descritos no guia.





Verbetes com explicações mais detalhadas foram encontradas, por exemplo, em “abcesso” ou “tumor”, pois envolviam uma explicação minuciosa da intervenção cirúrgica doméstica com o uso de instrumentos, como pena de pato, estilete ou bisturi para sua remoção, seguida da cauterização da ferida e os cuidados pós-extirpação. Em oposição, um verbete mais sintético, “anemia”, se resumiu a dizer: “Falta de sangue. Ferro, quina, boa carne, bom leite, ar puro; vinho do dr. Cabanes” (BARRETO, 1878, p.8).

O verbete para “Febres” foi o mais detalhado por contemplar justamente o tema ao qual Pereira Barreto mais se dedicará e polemizará, nos anos finais do século XIX e início do XX, “febres paulistas” e febre amarela. Uma comparação entre as febres na Europa e no Brasil inicia o verbete.

Na Europa e em todas as regiões existem muitas febres distintas. No Brasil não temos senão uma febre, é a febre palustre, a febre do veneno dos pântanos, que ora se chama – Febre intermitente - ora Maleitas - ora - Sezões - ora - Febre typhoide - ora - Febre perniciosa - ora - Febre larvada - ora - Febre biliosa grave dos países quentes ((BARRETO, 1878, p.23).

A todas essas designações, Pereira Barreto atribui uma única causa, os “miasmas”, ou como ele melhor conceitua: “o envenenamento do sangue pela absorção de plantas microscópicas, geradas nos pantanos” (p.23).

A “febre palustre” por se mascarar em distintas formas ou “feições” leva correntemente a “graves erros de diagnosticos”. Um desses erros, o autor confere ao “Typho ou à Febre typhoide”<sup>13</sup>, da qual não se ocupará, pois ela não existe no país.

<sup>13</sup> Para o debate sobre a natureza das febres na Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo em 1895, consultar Teixeira (2007, p. 135-162). A conclusão do debate foi a aceitação de que a febre tifoide era uma moléstia diferenciada da febre palustre.



[...] moléstia muito commum na Europa mas impossível entre nós, porque no nosso país faltam-lhe absolutamente as condições de origem e da propagação. O que se chama entre nós «Typho» ou «Febre typhoide», não é mais do que a nossa febre palustre «com caracter pernicioso ou larvado, e que só se cura com altas doses de sulfato de quinina». E não hesitamos em asseverar que os doentes, que aqui morrem de «typho » ou «febre typhoide», morrem simplesmente por falta de sulfato de quinino (BARRETO, 1878, p. 23).

No diagnóstico do “beri-beri”<sup>14</sup>, segundo o Pereira Barreto, os médicos devem saber que, embora a designação seja admissível, a moléstia é de origem palustre:... “«beri-beri» é uma das innumeradas formas da impaludação, e que o seu tratamento deve ter sempre por base o maravilhoso principio da casca, da quina” (BARRETO, 1878, p.23).

Mesmo nas moléstias agudas e febris, como nas pneumonias dos meses do verão por trás está a “febre palustre”. “Os doentes, que morrem de pneumonia, morrem realmente de febre pernicioso”<sup>15</sup> (BARRETO, 1878, p.24).

Tais erros decorrem de diagnóstico, segundo o autor do guia, a “febre palustre” manifesta-se sob os diversos graus de intensidade, desde a forma mais benigna, um simples “arrepio de corpo”; “a mais leve dôr de cabeça”, até atingir a “mais violenta explosão de um ataque pernicioso”. “Nenhuma moléstia existe no mundo mais traiçoeira” – sentencia o autor. Para mostrar o caráter traiçoeiro da “febre palustre”, Pereira Barreto menciona uma febre

---

<sup>14</sup> Mais tarde, em 1884-1900, a causa do beribéri foi atribuída à carência de vitamina B<sub>1</sub> (*tiamina*), que provoca uma polineurite, caracterizada por distúrbios sensitivos e motores (paralisia esp. dos membros inferiores), circulatórios (formação de edemas, problemas cardíacos) e secretores. Portanto, nada a ver com “miasmas” e com a febre dos pântanos, a malária. Para a descoberta da etiologia desta moléstia consultar: Lopes, 1998 e <https://agencia.fiocruz.br/estudo-aponta-perfil-epidemiol>. Acesso em 07 fev 2021.

<sup>15</sup> Pereira Barreto não adotou no guia a expressão malária para a maleita ou febre palustre ou febre pernicioso.



designada “larvada” – “Uma febre sem febre! É a esta forma que se dá o nome de febre larvada, que quer dizer mascarada”. Para um diagnóstico mais seguro é preciso estar atento aos sinais que refletem indícios da gravidade. Entre os indícios da gravidade da moléstia enumera alguns:

[...] o aspecto de apathia, de indiferença, de irresolução, de grande abatimento moral e físico, que se nota no rosto do doente: é a sua nenhuma vontade de deixar o leito, no qual conserva-se indefinidamente deitado de costas; é, emfim, um tremor mais ou menos pronunciado, que se observa nas mãos, nos braços e na língua, que é ordinariamente secca, e coberta de uma camada de muco espesso, mais ou menos escuro ou côr de foligem, do mesmo modo que as gengivas, os dentes e os lábios. E’ de urgência acudir a um doente nestas condições com doses de 4 ou 6 grammos de sulphato de quinina por dia; isto é: nas 24 horas (BARRETO, 1878, p.23).

Da febre amarela, uma moléstia especial, Pereira Barreto argumentou que não a trataria, pois ela era afeita apenas à região do litoral “...não ultrapassando jamais a serra do mar ...”(p.23). Era uma moléstia importada, não era originária do Brasil. De fato, o médico tinha razão, até 1889 a febre amarela reinou no litoral paulista e do Rio Janeiro. Somente no verão de 1889, ou seja, dez anos após a publicação do guia, a febre amarela eclodiu como uma grande epidemia em Campinas. A serra do mar, barreira natural, não impediu a subida da epidemia para o planalto<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Para os surtos de febre amarela em Campinas ver: Santos Filho; Novaes, 1996 e Ribeiro, 2020.



### **3. LIÇÕES SOBRE AS DOENÇAS E CURAS: ESCRAVIZADOS, CRIANÇAS E MULHERES**

Neste tópico, vamos analisar alguns verbetes selecionados por serem relacionados a temas que dominaram o debate na sociedade brasileira na segunda metade do século XIX. A questão do trabalho – o regime de trabalho escravo era uma das polêmicas que imperou nos debates, principalmente depois da abolição do tráfico africano (1850). O tema converteu-se em central porque o mercado de trabalho dependia fundamentalmente da mão de obra escravizada. Além de a oferta africana ser extinta, reduzindo a disponibilidade de mão de obra, a população escravizada apresentava taxas de reprodução vegetativa negativa, ou seja, a população escravizada morria mais do que nascia. Logo, a preocupação em preservar a vida do escravizado tinha dupla função: manter um ativo patrimonial - os escravizados representavam em média de 54% a 30% da riqueza bruta dos proprietários - e garantir a mão de obra para a lavoura, em especial, para a cafeeira destinada ao mercado internacional e responsável pela geração de divisas para o país. Importante ressaltar que Barreto não defendia a abolição imediata da escravidão. Considerava que essa deveria ser gradual e “harmônica” para evitar uma convulsão social e dar tempo aos fazendeiros, em especial, aos do Oeste Paulista para se adaptarem à nova situação no mercado de trabalho. (ALONSO, 1995, p. 8).

A mortalidade infantil, a morte antes de completar um ano de vida, figurava em primeiro lugar nas estatísticas demográficas de nascimentos e de mortes. Para o ano de 1872, a mortalidade infantil foi estimada em 267 por mil nascidos vivos para o Brasil. Essa taxa é superior à verificada nos países europeus (Inglaterra e País de Gales, França, Bélgica, Itália, Espanha), em média, 196 por mil nascidos vivos, e nos Estados Unidos, 197, para os

anos de 1860. (LUNA; KLEIN, 2018, p. 406, 407). Em São Paulo, mais da metade dos totais de mortes era de crianças até cinco anos. As doenças do sistema gastrointestinal e respiratório eram as principais causas de óbitos. Por fim, o foco da análise voltou-se para mulheres, por serem mães, por serem as principais cuidadoras dos enfermos em suas casas e por sofrerem de enfermidades específicas decorrentes da gestação e do parto.

### **O DISCURSO DO SENHOR PROTETOR DA FAMÍLIA E DOS ESCRAVIZADOS: DOS MALES QUE ACOMETIAM OS ESCRAVIZADOS**

Dirigido aos fazendeiros, o guia ressalta a importância da febre palustre e a necessidade de ter na botica doméstica sulfato de quinina em quantidade. O alerta é enérgico, uma vez que a doença é, segundo o médico, a que mais acomete os escravizados, logo, reduz o patrimônio do senhor e a mão de obra para a lavoura, sem a qual o sistema de produção não se viabilizaria. É o que podemos ver a seguir

Todas as fazendas devem estar providas de sulfato de quinina. É a febre palustre a que mais mata os escravos. Em todas as moléstias acompanhadas de febre, e enquanto se manda chamar o médico, todo fazendeiro prudente deve administrar ao doente pelo menos 60 centigramas (12 grãos) de sulfato de quinina. Havendo febre a quinina aproveita sempre, e estando o doente couraçado com uma boa dose desse benfazejo sal, há tempo para pensar e esperar o médico (BARRETO, 1878, p.25).

No excerto acima, Pereira Barreto, no início do parágrafo, lança mão de duas sentenças sintaticamente independentes, mas que textualmente apresentam uma relação de causa e consequência. Ou seja, uma vez que a febre palustre é



a que mais mata escravos, toda fazenda deve ter a sua disposição a quinina. Em seguida, atribui-se ao fazendeiro a obrigação de chamar o médico, por meio de três procedimentos linguísticos: 1) o uso do adjetivo “prudente” que no interior do sintagma nominal toma por escopo o substantivo “fazendeiro”, atribuindo a qualidade de ter prudência, 2) o uso do pronome indefinido “todo” que predica “fazendeiro prudente” indicando inteireza ou totalidade (NEVES, 2000, p. 537) e 3) no uso do modalizador deôntico que atribui ao sujeito da oração a obrigação de cuidar do doente administrando a medicação recomendada. Com esses três usos, Barreto inviabiliza discursivamente qualquer possibilidade de um fazendeiro não assumir tal obrigação. Se quer ser prudente, deve agir conforme sua recomendação. E agindo assim, o médico constrói um discurso que atribui ao fazendeiro o papel ativo de protetor na luta contra a doença que mais mata os escravizados.

Ciente das dificuldades de ministrar o amargo remédio, Pereira Barreto apresentava aos fazendeiros algumas inovações no produto introduzidas por laboratórios farmacêuticos: “Hoje possuímos um excelente meio de administrar o sulfato, sem que o doente perceba o seu gosto amargo; são pérolas de quinina do Dr. Clertan” (BARRETO, 1878,p.25).

Como medida mais eficaz, recomendava que todos os fazendeiros aprendessem a aplicar a injeção de sulfato de quinina subcutânea com a “seringa Pravaz”.

Pereira Barreto não apenas confirma e reveste o fazendeiro como senhor em sua fazenda, mas atribui a este um papel social maior, que extravasa o território da propriedade rural. Vejamos no trecho abaixo:

Emfim, conjuramos os srs. fazendeiros para que pezem bem a vida de sua família e a de seus escravos, e aceitem como um dever de honra

e de humanidade a sagrada tarefa de plantar em larga escala, em suas fazendas, a Quina calisaya do Perú. Graças aos inteligentes esforços do nosso compatriota, dr. Felipe Lopes Netto , o nosso governo se acha hoje em estado de fornecer sementes dessa abençoada planta a quem quiser (BARRETO, 1878, p. 25).

Como podemos ver no trecho acima, o autor iniciou com uma sentença complexa que tem em sua matriz o verbo “conjurar”. Esta sentença tem a força ilocucionária de um apelo (para que o fazendeiro plantasse quina em larga escala). Estes deveriam aceitar a missão como “um dever [de honra] e [de humanidade]”. A escolha de “dever” remete novamente a uma obrigação, e esse elemento é modificado pelos sintagmas preposicionados que carregam os substantivos “honra” e “humanidade”. Essa modificação implica em atribuir aos fazendeiros uma missão mais nobre do que cuidar apenas de suas propriedades, atuando como agentes importantes em uma ação de saúde pública patrocinada pelo governo, a quem cabia fornecer as sementes para o plantio.

Melhor ainda se essa missão protetora da saúde pública se conjuntasse ao argumento da lucratividade, do ganho propiciado pela iniciativa do capital, como podemos a seguir:

Uma plantação de quina não é só um legado de saúde, uma segura arma contra a morte, que se deixa aos filhos e aos netos: é também uma fonte certa de renda. O preço do sulfato de quinina cresce cada vez mais... Por cumulo da fatalidade não se conhece outro remédio que possa substituir o sulfato de quinina (BARRETO, 1878, p. 25).

Como medidas higiênicas, o médico recomendava que as casas de morada fossem construídas em lugares altos e longe dos brejos e pântanos. Não permitir lama e poças de água estagnadas próximas, assim como “chiqueiro de porco”, “montes de palhas”, ou lixo que pudesse fermentar e apodrecer.



Evitar sair antes de o sol nascer para paragens, onde reinam as “sezões”, os “miasmas”, as margens de rios ou os lugares pantanosos ou “maleiteiros”. Estar sempre bem alimentado e carregar junto a si uma ou duas pérolas de sulfato do Dr. Clertan. “Esta moléstia não se apanha com o sol fóra: «só se apanha á noite ou de manhã cedo, e com o estômago vazio»”. (p.26)

Além do verbete de febres, os escravizados foram citados explicitamente em “moléstias de olhos”, denominada “hemeralopia ou cegueira à noite”. Cegueira, logo, que “o sol entra”, no início da noite. Pereira Barreto constava que a cegueira noturna era frequente no Brasil, “...entre os escravos de roça ou pessoas que trabalham todo o dia ao sol”. (BARRETO, 1878, p.34). Asseverava ainda que:

O symptôma mais evidente é a cegueira sobrevindo diariamente, logo depois que o sol entra. **No tratamento é prescrito:** dar de comer ao doente, e em larga escala, fígado de boi, de porco ou de carneiro... **realizar** fumigações nos olhos com vapores quentes do cosimento do mesmo fígado, todas as noites, antes de dormir. Suplementar com uma pílula de Citrato de ferro e quinina três vezes ao dia [intervenções dos autores em negrito] (BARRETO, 1878, p.34).

Não há mais referências explícitas aos escravizados, ou melhor, aos males que os acometiam. Entretanto, é possível fazer uma relação entre os verbetes de doenças de pele, males de locomoção, ferimento com instrumentos cortantes, faca ou foice, doenças respiratórias descritas no guia e as doenças ou deficiências nomeadas no assentamento de escravos dos inventários *post mortem*<sup>17</sup>. Alguns males que acometiam os escravizados

---

<sup>17</sup> Sobre as doenças indicadas à margem nos assentamentos dos escravos nos inventários *post mortem* ver: Ribeiro, 2015 e 2018.





que apareciam nos assentamentos inventariados também foram listados no guia: “feridas nas pernas” - úlceras provenientes de “bobas” ou “sífilis” (p.27); úlcera denominada de “Formigueiro” (p.28); gangrena; furúnculo, “vulgarmente” chamado por “«leicença, cabeça de prego, maldita, etc.»”; “Pústula maligna” (p. 39). Outra doença de pele citada nos inventários era a “tinha”<sup>18</sup>. No guia, ela aparece como “dartros ou empingens”<sup>19</sup>: “O povo dá ordinariamente um ou outro destes nomes a um grande número de afecções cutâneas diferentes” (p.16). Dos males da locomoção, o guia menciona o “reumatismo articular agudo” (p. 40) e “ruptura, hérnia estrangulada” que traz muita dificuldade ao andar (p.40). No inventário de Francisco Egydio Souza Aranha<sup>20</sup> (1861), o que chama atenção é o registro de dez escravos como “rendidos”, mal que se relaciona à presença de “hérnia abdominal” muito comum em homens que exercem ocupações “penosas” e que exigem grandes esforços<sup>21</sup>.

<sup>18</sup> Segundo o dicionário Chernoviz (1890) TINHA. “Moléstia da pelle da cabeça, susceptível de se transmittir pelo contagio, produzida e entretida pela presença de vegetaes parasites, espécie de cogumelos, “chamados Tricophyton tonsurans e Microsporon furfur, que se transmittem de um individuo a outro por meio de sementes extremamente pequenas chamadas sporos ou sporulos”. (Chernoviz, 1890, p.1088).

<sup>19</sup> “Impinge é o termo popular para descrever as infecções superficiais da pele causadas por fungos dermatófitos, que se alimentam da queratina da pele”. “São as micoses superficiais, também chamadas de tinha ou *tinea*”. Disponível em : <https://www.sbd.org.br/dermatologia/pele/doencas-e-problemas/tinea-> Acesso em 21 jan.2021.

<sup>20</sup> Francisco Egydio de Souza Aranha foi o introdutor da cultura de café de caráter comercial em Campinas pelos idos de 1820-1830.

<sup>21</sup> Chernoviz (1890) afirma: “A quebradura abdominal é uma moléstia muito commum. (...) A influencia das profissões é incontestável. (...). As profissões que obrigam a estar em pé expõem mais do que as occupaões sedentárias” (p. 835-836).



Embora a “opilação”<sup>22</sup> não fosse uma doença que acometesse somente os escravizados, a ausência de higiene nas senzalas, de latrinas e de calçados favoreciam a “moléstia causada freqüentemente pela presença, no intestino, de certos vermes, taes como o anchilostoma e o dystoma hepaticum” (BARRETO, 1878, p.35)<sup>23</sup>.

Obviamente alguns verbetes referiam-se implicitamente aos trabalhos executados por escravizados na lavoura. Por exemplo, os acidentes com raios ou os acidentes com “mordedura de cobras” e “mordedura de cão dannado”<sup>24</sup> ocorriam mais freqüentemente entre os escravizados que estavam mais exposto a tais acontecimentos nas plantações, nas matas e nos roçados. Para todos esses males, cabia ao fazendeiro, zelar por sua propriedade, a propriedade de escravizados, realizando procedimentos e administrando doses de medicamentos prescritos.

## **O DISCURSO DA “CULPABILIDADE DAS MÃES”: DOS MALES QUE ACOMETIAM AS CRIANÇAS**

Embora o guia fosse dirigido aos fazendeiros, quem cuidava invariavelmente das crianças e, até mesmo, das escravarias eram as mulheres, as matriarcas, as sinhazinhas, as esposas e filhas mais velhas com o auxílio de mucamas

---

<sup>22</sup> Segundo Maria Regina Cotrim Guimarães, Chernoviz incorporou na quinta edição do *Dicionário de Medicina Popular* de 1878 o verbete “Opilação”, sendo um dos primeiros manuais a incluir a “hipoemia intertropical ou cansaço”, conhecida, hoje, por ancilostomose. Ver Guimarães, 2005, p. 511.

<sup>23</sup> No guia aparecem outras infecções provocadas por parasita: Solitária (p.42) e Vermes intestinais (p.43). Constam apenas referências ao tratamento.

<sup>24</sup> Não existiam os Institutos Butantan (1900) e nem o Instituto Pasteur (1903) produtores de soros contra veneno de cobra e raiva canina.

ou de escravizadas domésticas. Algumas fazendas dispunham de enfermaria onde se encontrava a botica e os instrumentos mais usados para pequenas intervenções cirúrgicas. Quando os casos se agravavam o médico era chamado ou os escravizados eram encaminhados à Santa Casa de Misericórdia <sup>25</sup>.

Durante o século XIX, a morte de crianças antes de completar um ano, mortalidade infantil, e até os cinco anos fazia parte do cotidiano das famílias abastadas e mais ainda das pobres. Normalmente os casais tinham muitos filhos porque muitos morriam ou, como se dizia, “não vingavam”. Infelizmente, não dispomos de informações estatísticas sanitárias para as décadas de 1870 e 1880. A organização da estatística demógrafo–sanitária ocorreu com a institucionalização do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo em 1892 (MOTA, 2005). Assim, o acompanhamento da morbidade e das causas de óbitos no estado de São Paulo começou a ser registrado anualmente somente a partir de 1894. Para o período entre 1896 e 1904, destacava-se a mortalidade infantil. Na cidade de São Paulo, a taxa de mortalidade infantil chegava a 226,6 óbitos de menores de 12 meses por mil nascidos vivos<sup>26</sup>. Para os municípios do interior e para as regiões cafeeiras, a taxa era elevada, no entanto inferior à da capital, o que denotava melhores condições climáticas e de vida, melhor qualidade da água, da alimentação e da moradia. Para os municípios de Campinas e Ribeirão Preto, as taxas médias de mortalidade infantil para o período de 1896 a 1904 foram de

---

<sup>25</sup> A Santa Casa de Misericórdia de Campinas, fundada em 1876, recebia escravos adoentados encaminhados por fazendeiros da região (Albino, 2020).

<sup>26</sup> Bassanezi nos relata que a taxa média da mortalidade infantil no município da capital era igual a 226,6‰, e superou a média verificada na Europa, em meados do século XVIII, que era de 200‰ (Bassanezi, 2018, p.144)



193,7‰ e 185,4‰, respectivamente (BASSANEZI, 2018, p. 144). As principais causas da mortalidade infantil e de crianças de 0 a 5 anos de idade eram as moléstias do aparelho digestivo (enterite e enterocolite) e respiratório (pneumonia, broncopneumonia, bronquite). Essas moléstias constavam de inúmeros verbetes selecionados por Pereira Barreto para compor o guia.

No guia, Pereira Barreto deu bastante destaque para o verbete sobre as “convulsões das crianças”. Diversas causas foram apontadas para sua ocorrência. A primeira causa era a “indigestão”, e imediatamente era recomendado o uso de um “vomitório de poaya”. Outras causas suspeitas eram a “dentição e a falta de evacuações intestinas, como frequentemente acontece nas crianças de tenra idade”. Neste caso o tratamento devia ser distinto: “promptamente administrar um pequeno clyster de uma colherinha de sal refinado, 10 a 15 gottas de vinagre em 2 ou 3 colheres de sopa d’agua fria” (BARRETO, 1878,p.14).

Por fim, Pereira Barreto elencou uma quarta causa - a insolação. Se as convulsões aparecessem após a criança ter brincado por “algum tempo ao sol sem chapéu”. Recomendava então:

um grande banho morno, de modo que o corpo inteiro fique dentro d’agua, e, enquanto está no banho, applica-se-lhe sobre a cabeça pannos molhados em agua fria com vinagre. Depois do banho dá-se-lhe de hora em hora 5 ou 6 gottas de tintura de meimendro em uma colher de água fria, ou uma colherinha de xarope de bromureto de 3 em 3 horas (BARRETO, 1878, p.14).

Antes de finalizar com as causas suspeitas e os tratamentos específicos, o médico chama a atenção de quem cuida da criança. Embora mencione a “ama”, a advertência dirigia-se diretamente às mães.



Todos estes cuidados devem ser administrados com calma e sangue frio. Os socorros precipitados, a desordem e a confusão, que reinam nessas ocasiões, são extremamente prejudiciaes à criança. Não se deve applicar remédio algum, sem primeiro indagar, com toda a calma de espírito, se a criança comeu ou não alguma cousa indigesta, se ha ou não dentes sahindo, se tem ou não evacuado, se a ama esteve ou não com ella ao sol, se tem ou não algum a inflammação, alguma ingoa, algum a ferida, etc., etc .

Com este simples modo de proceder, fiquem as mães bem persuadidas de que em 99 vezes sobre 100 os seus filhos não correm perigo algum (BARRETO, 1878, p.14).

No excerto acima, o médico lança mão do verbo modalizador deôntico “devem”, que marca a prescrição de agir “com calma e sangue frio”. Para expressar o estado de coisas que entende ser comum e precisa ser combatido, Barreto lança mão de uma sentença que contém as expressões nominais “socorros precipitados”, “desordem” e “confusão”, atribuídos a aquelas que reinam neste momento, ou seja, às mães. A sentença seguinte é novamente marcada pelo deôntico “dever” com polaridade negativa, proibindo a administração de qualquer medicamento sem se perguntar sobre sua real causa. O trecho se encerra explicitando de forma mais clara as responsáveis por todo este estado. Assim, textualmente, o médico passa a se dirigir diretamente às mães, que deveriam ficar persuadidas de que com a prescrição sugerida seus filhos não correriam “perigo algum”.

No trecho anterior, Pereira Barreto atribui às mães, e ao seu modo de agir, toda a responsabilidade em agravar a situação causada pelo evento da convulsão, agindo de modo intempestivo, impedindo o diagnóstico racional e causando mal para saúde das crianças.

Afora as convulsões, o guia indicava outras moléstias próprias da infância que atacavam o sistema respiratório e o digestivo etc.: “bronquite



aguda; coqueluche; inflamação da garganta (angina), pneumonia, febres das crianças de tenra idade indigestão, diarreias, sarampo; escarlatina”. Advertia: Não existe o verdadeiro croup no Brazil, só temos o falso croup, moléstia relativamente benigna o tratamento igual da angina inflamação da garganta e da bronquite” (BARRETO, 1878, p. 15).

A “indigestão” apresentava-se associada a diversas moléstias: asma, bronquite, coqueluche. Comumente a indisposição da criança era noturna, horas após o jantar: “Isto se dá sobretudo nas crianças que tiveram coqueluche; e, cada vez que a criança está com indigestão, parece que lhe voltou essa pertinaz moléstia... é preciso estar-se prevenido, para se administrar seguidamente um vomitorio de poaia à noite” (BARRETO, 1878, p.32).

No verbete “Vômitos das creanças de peito”, a relação mãe e filhos, a mãe como cuidadora da prole e responsável pelo bem estar da família, foram novamente destacadas pelo médico. No conteúdo do verbete vem à tona a preocupação do médico com a mortalidade infantil e de crianças antes de completarem cinco anos. Um verdadeiro problema de saúde pública, como já mencionamos, no guia foi transformado em problema individualizado, cuja carga de responsabilidade repousava mais uma vez sobre a mãe, sobre a mulher cuidadora da família<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Não é uma característica particular do guia médico do Pereira Barreto atribuir responsabilidade às mães. Encontramos a mesma culpabilização em outras publicações, como nas teses de doutorado da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e em relatórios oficiais. Em 1892, o grave problema da mortalidade infantil na capital levou o secretário dos Negócios do Interior, o médico Cesário Motta, a instituir uma comissão para realizar estudos sobre as causas da mortalidade infantil. No relatório final, a comissão composta por médicos destacou a responsabilidade das mães que abandonavam as crianças para trabalhar, deixando de amamentar muito cedo. (Ribeiro, 1993, p. 117-118)



Se os “vômitos” forem repetidos, se houver febre acompanhada ou não por diarreia, o remédio estava formulado pelo médico (p.43). Entretanto, ele ressaltava acrescentando o seguinte parágrafo:

Mas o primeiro cuidado deve consistir em não dar o peito a creança, senão depois de cessada a irritação de estômago. Consegue-se isto dando-lhe de quinze em quinze minutos uma colherinha de cosimento de cevada; ao depois um a colherinha a e leite de meia em meia hora; em seguida duas, três e assim por diante. As mães devem-se convencer que a creança, neste estado, procura a todo o momento mamar, **não por fome, mas sim, por sede**. Não é, portanto, de leite que precisa, mas tão somente d’água. Esta moléstia em si não tem a menor gravidade. O que é difícil vencer é a desobediência das mães aos conselhos do medico. É por causa desta desobediência que morrem annualmente centenares de creanças. É aqui que se mostra em toda a sua grandeza social a vantagem, para as futuras mães de família, de uma esmerada educação. Nenhum espetáculo é mais doloroso para o médico do que ver sucumbir uma innocente creança por insufficiência mental de sua mãe! [negritos do autor do guia] (BARRETO, 1878, p.43).

No excerto anterior, mais uma vez, Pereira Barreto lança mão de sentenças com força ilocucionária de recomendação de comportamento para as mães. Para tanto lança mão mais uma vez de um verbo modalizador deôntico – em “As mães devem-se convencer”, expressando necessidade. Segue ainda usando uma sentença na qual o predicador “menor gravidade” toma por escopo “esta moléstia”. Feito isso, associa o “desobediência da mãe aos conselhos do médico” a “o que é difícil vencer”, por meio de sentença complexa estruturada na relação de igualdade criada a partir do verbo de ligação “ser”. Na próxima sentença, o texto apresenta uma relação de causalidade entre esta desobediência e a consequência expressa em “morrem annualmente centenares de creanças”. A estratégia de culpabilização das



mães aprofunda-se, com o uso de uma sentença complexa, cuja matriz é nucleada pelo “ver”, o que permite a recuperação da expressão “o médico” com a função semântica<sup>28</sup> de experienciador, enquanto o “sucumbir de uma criança” receberia a função semântica de “causador da experiência”. Ou seja, o autor lança mão de uma estrutura sentencial que dá ao referente da expressão “o médico” – do qual Pereira Barreto faz parte - o papel testemunhal dos erros cometidos pelas mães e de sua trágica consequência (a morte das crianças). Por fim, no sintagma preposicional que encerra o trecho, o autor sela a culpabilização das mães pela mortalidade infantil e associa ao nome “mãe” os sentidos presentes no sintagma nominal “insuficiência mental”. Textualmente as mães foram não somente responsabilizadas, como também desqualificadas no trato de seus filhos na situação relatada pelo médico.

## **O DISCURSO DA EDUCAÇÃO FEMININA: DOS MALES QUE ACOMETIAM AS MULHERES**

Um registro importante trazido à luz pelo primeiro e único recenseamento da população realizado no império, de 1872 - a sociedade paulista mostrava-se atrasada em relação ao resto do império quanto à educação feminina. A província de São Paulo possuía a menor média de meninas frequentadoras de escolas formais ou de lições em suas próprias casas ou em casas particulares, abaixo da média do império. Para a província de São Paulo, do total de estudantes 36% eram mulheres, enquanto para o império eram 38%. A província com maior média era a do Rio Grande do Sul, com 44% dos estudantes meninas (LUNA; KLEIN, 2018, p. 437). Isso reforça a ideia de que, além de o

---

<sup>28</sup> Assumimos aqui, para descrição de sentenças com papel temático de experienciador, a descrição de Perini (2010).





analfabetismo feminino ser predominante, como já apontamos, as mulheres também apresentavam menor participação no ensino das primeiras letras. Essa situação educacional das mulheres nos permite entender a preocupação do médico com a educação feminina expressa nos verbetes sobre moléstias das crianças e das próprias mulheres.

Para determinadas moléstias atribuídas com exclusividade às mulheres, Pereira Barreto recomendava a priorização de certa orientação educacional voltada para as ciências exatas, de forma a evitar leituras de romances. Implicitamente, o médico condenava leituras que provocassem devaneios e despertassem a sexualidade das meninas. Pereira Barreto veicula uma nova orientação à educação feminina.

Os verbetes dos males que acometiam mulheres visavam orientar sobre as moléstias associadas às atividades de reprodução e de amamentação. No primeiro verbete aparece a “Amenorreia - falta de regras”. A recomendação médica especificava, se a falta resultar de uma “suspensão - quatro a oito sanguesugas na vulva, sinapismos nas coxas, escalda-pés, banhos de assento quentes, com sal ou mostarda” (p.7). Se a falta de regras apresentar origem no “empobrecimento do sangue (Chlorose) usar de qualquer preparação de ferro, dos quinados, e de uma alimentação substancial” (p.7-8).

Outras moléstias decorrentes da gravidez, da amamentação ou de aborto: “Elampsia” (p.21); “Hemorragias”, (p.29); “Leucorrhea ou floures brancas” (p.33); “Rachaduras do seio” (p. 39).

O que mais chama a atenção são os verbetes em que Pereira Barreto qualifica a “Hysteria” e a “Hystero-epilepsia” como moléstias tipicamente femininas e o tratamento preconizado.



Hysteria - Moléstia longa e de difícil cura. Caracterizada por ataques de convulsões e por uma multidão de symptomas orgânicos moraes e intellectuaes, aberrações dos sentidos, etc, etc. (BARRETO, 1878, p.30).

Além de substâncias medicamentosas derivadas do ferro, a orientação para o controle dos ataques de convulsão era: “hydrotherapia; muito exercício muscular”.

Como meio de prevenir a ocorrência a moléstia de fundo “intelectual e moral”, Pereira Barreto recomendava a reorientação na educação das “meninas e das moças”.

Meios preventivos:—Muito cuidado na educação das meninas e das moças; dar-lhes occupaões serias; habitua-las ao trabalho útil de qualquer gênero; reforma profunda na sua instrucção; forte dose de mathematicas e de sciencias naturaes; musica, desenho, gymnastica nos collegios, passeios longos a pé e a cavallo; prohibição absoluta de leitura de romances; contrariar por todos os meios a tendência para o luxo e para a fascinação das bagatellas; evitar todas as occasiões de se desenvolver a vaidade, não conduzi-las a bailes antes de 16 annos feitos. Em summa, evitar por todas as fôrmas a ociosidade, fonte perenne de todos os delírios, de todas as extravagações de imaginação (BARRETO, 1878, p.30).

No excerto acima, encontramos já de início uma minissentença nominal nos termos de Castilho (2010, p. 317)<sup>29</sup> com força de uma recomendação acentuada por “muito cuidado”. Nesta percebe-se claramente os dois participantes do discurso – o “eu”, Dr. Luiz Pereira Barreto, dirigindo-se ao seu interlocutor “um fazendeiro” para desenvolver o tópico da normatização da educação das “meninas e moças”, expressão nominal formada pela coordenação de dois

---

<sup>29</sup> Castilho (2010) assume que as minissentenças são sintagmas que não são selecionados por um verbo em forma pessoal, que aparecem na fala com a mesma característica prosódica das sentenças, que predicam entidades pressupostas, e, por fim, que são utilizadas quando se quer dar maior velocidade ao texto.



substantivos, que obviamente se refere aos indivíduos do gênero feminino que compunham o núcleo familiar do fazendeiro, não se aplicando às “meninas e moças” escravizadas. A partir daí, o autor enumera sentenças imperativas e outras minissentenças, detalhando sua prescrição. Assim, lança mão do adjetivo “sérias” que predica “ocupações”, o que nos sugere a existência de seu oposto, “ocupações não sérias” que, em sua concepção, devia estar associado ao feminino. Também opta pelo uso de “útil” como predicador de “trabalho”, ecoando a existência de seu contrário, o “trabalho inútil”. Ao núcleo do sintagma nominal “trabalho”, o autor associa ainda o modificador “de qualquer gênero” e, com isso, amplia as atividades possíveis de serem realizadas por mulheres, para além das não tipicamente associadas ao gênero feminino, o que nos mostra uma proposta inovadora.

O médico segue o seu texto recomendando uma “reforma profunda” na “instrução” das moças, e, portanto, na sua formação intelectual e educacional. Nesse ponto, Pereira Barreto propõe inovações para a educação das mulheres da elite, como por exemplo, sugerindo o ensino de matemática e de ciências naturais e atividades de ginástica, estas últimas realizadas em um espaço a que poucas meninas desse grupo social tinham acesso, ou seja, os colégios.

De fato, a proposta de Pereira Barreto para a educação das mulheres, justificada como profilaxia mais eficaz contra a histeria, contrastava com a realidade das elites brasileiras na segunda metade do século XIX. Naquele período, como nos descreve Louro, em *Mulheres na sala de aula* (2018), as famílias mais abastadas restringiam os objetos de estudos que poderiam ser oferecidos às meninas e os espaços nos quais poderiam circular:



Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, e das noções básicas de matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescidas de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. Sua circulação pelos espaços públicos só deveriam se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja que, com suas missas, novenas e procissões, representavam uma das poucas formas de lazer para essas jovens (LOURO, 2018, p. 146).

Por outro lado, Pereira Barreto propõe limites claros para aplicação na formação feminina. Do ponto de vista textual, isso ocorre com o uso do substantivo “proibição”, cujo sentido remete a uma ordem ou a uma negação da permissão, associado ao uso do verbo “evitar”, apontado por Neves (2000, p. 36) como um verbo implicativo negativo, determinando que o estado de coisas da oração completiva decididamente não possa ocorrer.

Por fim, o médico lança mão do uso de sentença negativa nucleada pelo verbo “conduzir”, impondo às “meninas e moças”, retomadas pelo clítico “las”, uma nova restrição. Com esses procedimentos textuais veta-se às mulheres o acesso aos romances, ao luxo, às “bagatellas”, às coisas fúteis e inúteis, à vaidade, e limita-se o acesso aos bailes - e com ele, o acesso a um dos mais relevantes espaços sociais de convivência da elite no contexto sócio-histórico em questão.

Quando a histeria associava-se à epilepsia, os ataques se tornavam mais intensos e espasmódicos e adquiriam a forma tetânica com a contração

muscular involuntária e súbita, seguida de dores terríveis na região contraída. Ao mesmo tempo, segundo a descrição do guia, surgiam delírios e uma perda passageira da consciência. Para reconhecer a moléstia durante o “ataque” bastava calcar a mão na “região dos ovários”... “O ataque cessa imediatamente” (BARRETO, 1878, p.30). A referência à forma de diagnosticar por meio de um simples toque da mão sobre os ovários pressupõe que a moléstia era exclusiva das mulheres.

A recomendação mais rigorosa do médico dizia respeito ao lugar de tratamento. Determinava ser longe da família. Para cumprir tal determinação tão drástica como traumática propunha “o sequestro” da doente e a internação em instituição médica especializada ou em casa de parente distante sem intimidade com a histérico-epilética.

É preciso que todos saibam que nenhuma doente desta moléstia se cura no seio de sua família. É preciso implacavelmente sequestra-la desse ambiente moral, em que os disvellos, os affagos e os carinhos, em excesso, actuam sobre o *systhema nervoso* da doente como um pérfido veneno, e conduzi-la para o seio de uma família estranha, que não dê acesso aos paes nem aos parentes ou amigas - e que conheça perfeitamente as regras de se impôr à obediência. Ahi será submettida ao tratamento de dous a tres choques d’água fria por dia. E, à menor quebra de disciplina, à mais leve manifestação de capricho ou mau humor, à mais ligeira sombra de desobediência, é preciso puni-la com um choque de água fria. Sem este rigor a doente está irremediavelmente perdida; acaba louca em um hospício (BARRETO, 1878, p.30-31).

Nesse excerto, alguns pontos nos chamam a atenção. Textualmente, o autor lança mão de sentenças complexas, constituídas por sentença matriz (“É preciso”) que atua como modalizador deôntico, de modo que estado de coisas descrito pela substantiva é apresentado como obrigatório (CASTILHO, 2010, p. 363). Esse procedimento é acentuado pelo uso do



advérbio predicador “implacavelmente”, que retira qualquer possibilidade de não cumprimento desse dever. Com isso, Pereira Barreto expressa uma concepção terapêutica baseada na imposição do rigor disciplinar, da obediência, da punição (com choques de água fria). O mal a ser combatido aparece nas expressões nominais “quebra de disciplina”, “capricho”, “mau humor” e “desobediência”. O uso de “irremediavelmente” impõe ao interlocutor de Pereira Barreto, o pai fazendeiro, a obrigação de cumprir o que foi prescrito sob pena de não haver mais remédio e, por extensão, a cura, o que teria por consequência derradeira a “loucura”.

Antes de terminarmos esta seção, cumpre-se discutir uma questão importante: a associação que Pereira Barreto faz das doenças de saúde mental – a “Hysteria” e a “Hystero-epilepsia” – ao gênero feminino. A busca do verbete na obra de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1890) nos mostra que esta associação absoluta não era consenso 11 anos depois da publicação do guia no *Almanach Litterario* de 1879. O trecho a seguir mostra que homens não estavam isentos de tê-la: “A hysteria é uma affecção hereditária, seja directamente, seja por transformação. Ella acomette muito mais as mulheres do que os homens, se bem que estes não estejam isemptos de tel-a, assim como as crianças de 7 a 8 annos de idade” (CHERNOVIZ, 1890, p. 187).

No *Guia Médico*, Pereira Barreto lança mão de diversos recursos que reforçam e fortalecem o poder que os fazendeiros, homens da elite rural brasileira, mantinham sobre o controle de suas filhas e esposa. Se as recomendações por um lado levam a um posicionamento mais progressista em relação à formação e aos papéis sociais que as mulheres deveriam exercer, por outro, impõem um limite rigoroso sobre sua atuação, mantendo o feminino ainda sob o controle da figura dominante masculina.

À guisa de conclusão, ao longo dos verbetes do guia, Barreto identificou os problemas de saúde e ofereceu seus conhecimentos para superá-los. Tais problemas representavam elementos que obstaculizavam a vinda do progresso e do avanço da civilização. Assim, o médico, militante do positivismo, da ciência contra o obscurantismo, apontou os caminhos para a superação do atraso. No cuidado da família e dos escravizados contra as febres palustres que grassam nas fazendas - as plantações das sementes “abençoadas” de *Quina calisaya* para extrair o poderoso medicamento - sulfato de quinina. E para a os cuidados com as crianças e contra os males ditos “femininos”, Barreto propunha a reforma da educação das meninas e das moças - com a inclusão de conteúdos matemáticos e científicos. Os temas mais caros a Barreto - diversificação agrícola e educação científica e técnica – estavam presentes no seu guia médico destinado aos fazendeiros.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, L. P. Guia Médico ou Resumo de indicações practicas para servir aos srs. Fazendeiros na falta de profissionaes. São Paulo, Typ. da Província, 1878. In: LISBOA, J. M., **Almanach Litterario de São Paulo para o anno de 1879**. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/748>. Acesso em 1 de fev 2021.

CHERNOVIZ, P. L. N. **Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias accessorias para uso das famílias**. Pariz, A. Roger & F Chernoviz, vol. I e II, 1890. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6947>. Acesso em 30 jan.2021.

TOLEDO, L. Imprensa Paulista — Memória Histórica. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo, Typographia “El Diário



Español, v. 3,p.303-351,1898. Disponível em: <https://archive.org/stream/revistadoinstitu03instuoft#page/442/mode/2up/search/imprensa+paulista>. Acesso em 30 jan 2021.

## REFERÊNCIAS

Albino, M. A. **Revelando a doença e a morte: morbidade e mortalidade em Campinas, 1875-1900**. 2020. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

ALONSO, A. O Positivismo de Luís Pereira Barreto e o Pensamento Brasileiro no Final do Século XIX. **Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. IEA. São Paulo, p.1-13, 1995. Disponível em: [www.iea.usp.br/artigos](http://www.iea.usp.br/artigos). Acesso em 12 fev. 2021.

BASSANEZI, M. S. A mortalidade em tempos de ventura e desventura: o Brás na virada do século XIX para o século XX. **Resgate - Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 26, n. 1 [35], p. 137-152, jan./jun. 2018. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/issue/view/1474>. Acesso em 20 fev. 2021.

CASTILHO, A T. **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOULIARAKI, L. e FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. London/NewYork: Routledge, 2003.



FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

GUIMARÃES, M. R. C. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

houaisS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOPES F<sup>o</sup>, J. D. **A história social de uma doença o Beribéri no Caraca**. 1998. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-06042020-214625/pt-br.php>. Acesso em 12 fev 2021.

LOPES, L. S. **Sob os olhos de São Sebastião**. A cafeicultura e as mutações da riqueza em Ribeirão Preto, 1849-1900. 2005. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (Org.) e PINSKY, Carla Bessanezi (Coord.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, pp. 443 – 481.

LUNA, F. V. KLEIN, H. S. **História Econômica e Social do Estado de São Paulo 1850-1950**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2019.

MOTA, A. **Tropeços da medicina bandeirante**. *Medicina paulista entre 1892-1920*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.



PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

RIBEIRO, M. A. R. Açúcar, café, escravos e dinheiro a prêmio: Campinas, 1871-1861. **Resgate – revista interdisciplinar de cultura**. Campinas, v. 23, n. 29, p.15-40, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645788>. Acesso em 20 fev. 2021.

RIBEIRO, M. A. R. Conferência de Abertura: Uma história de longa duração: doenças e curas na sociedade escravista. **1º Simpósio Nacional de História das Doenças e das Artes de Curar**. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 28 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1914318985278963>. Acesso em 09 fev 2021.

RIBEIRO, M. A. R. **História sem fim...inventário da saúde pública**. São Paulo. 1880-1930. São Paulo: Editorada Unesp, 1993.

RIBEIRO, M. A. R. Histórias que as epidemias nos contam. In: Almico, Rita de Cássia da Silva; Goodwin Jr, James William; Saraiva, Luiz Fernando. **Na saúde e na doença: história, crises e epidemias: reflexões da história econômica na época da covid-19**. Organização. 1. ed., São Paulo: Hucitec, 2020. p. 161-170.

Santos Filho, L. de C.; Novaes, J. N. **A febre amarela em Campinas, 1889-1900**. Campinas, Centro de Memória-Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

Teixeira, L. A. **Na arena de Esculápio. A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895-1913)**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.





CORPO DA CIDADE E DO DEFICIENTE /  
DA DEFICIÊNCIA: SENTIDOS DITADOS PELA FALTA

THE BODY OF THE CITY AND THE BODY  
OF THE DISABLED /  
DEFICIENCY: MEANINGS DIVIDED BY LACK

Patrícia Aparecida da SILVA<sup>1</sup>

Olimpia MALUF-SOUZA<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda do PPGL/UNEMAT/Cáceres-MT. E-mail: <patriciarogeriofilho@gmail.com>.

<sup>2</sup> Professora Doutora do PPGL/UNEMAT/Cáceres-MT. E-mail: <limpiamaluf@gmail.com>.





## RESUMO

Para pensarmos na corporeidade da cidade e, conseqüentemente, na do deficiente/da deficiência trazemos o Plano Diretor da cidade de Cáceres-MT e o que essa lei dita, a partir do que dispõe as normas técnicas (ABNT), para essa parte da população. Contudo, o fazemos pelo viés da Psicanálise, pois, conforme a epígrafe de Orlandi, o corpo/a corporeidade, defendido pela autora carrega, um traço fortemente político, marcado pelo ideológico, no qual o inconsciente é a via de manifestação da ideologia. Esses documentos, que representam a Lei e a Cultura, dispõem sobre aquilo que (não) pode e que (não) deve ser colocado como política pública de inclusão da deficiência/do deficiente, assim, são materialidades que estão investidas de sentido que não se circunscrevem apenas às demandas das administrações municipal, estadual ou federal, mas que falam por uma voz sem nome, por uma voz que impõe sem ditar, por uma voz que, segundo Lacan (1998), esconde aquilo que falta no lugar, por uma voz que, ao dizer de um dado modo, faz funcionar o seu reverso, uma voz que, investida pelo real, está sempre e de qualquer modo em seu lugar, visto que leva “colado na sola”, aquilo de que não se pode exilar.

## PALAVRAS-CHAVES

corpo; cidade; deficiente; Plano Diretor de Desenvolvimento (PDD)

## ABSTRACT

To think about the corporeity of the city and, consequently, that of the disabled/disability we bring the Master Plan of the city of Cáceres-MT



and what this law dictates, based on what the technical standards (ABNT) provide for this part of the population. However, we do so through the bias of Psychoanalysis, because, according to Orlandi's epigraph, the body/corporeity, defended by the author carries, a strongly political trait, marked by ideological, in which the unconscious is the way of manifestation of ideology. These documents, which represent law and culture, provide for what (cannot) and that (should not) be placed as a public policy for the inclusion of disability/disability, thus, they are materialities that are invested in meaning that are not limited only to the demands of municipal administrations, state or federal, but who speak by an unnamed voice, by a voice that imposes without dictating, by a voice that, according to Lacan (1998), hides what is missing in the place, by a voice that, in a given way, makes its reverse work, a voice that, invested by the real, is always and anyway in its place, since it takes "glued to the sole", what one cannot exhale. : To think about the corporeity of the city and, consequently, that of the disabled/disability we bring the Master Plan of the city of Cáceres-MT and what this law dictates, based on what the technical standards (ABNT) provide for this part of the population. However, we do so through the bias of Psychoanalysis, because, according to Orlandi's epigraph, the body/corporeity, defended by the author carries, a strongly political trait, marked by ideological, in which the unconscious is the way of manifestation of ideology. These documents, which represent law and culture, provide for what (cannot) and that (should not) be placed as a public policy for the inclusion of disability/disability, thus, they are materialities that are invested in meaning that are not limited only to the demands of municipal administrations, state or federal, but who speak by an unnamed voice, by a voice that imposes without dictating, by a voice



that, according to Lacan (1998), hides what is missing in the place, by a voice that, in a given way, makes its reverse work, a voice that, invested by the real, is always and anyway in its place, since it takes “glued to the sole”, what one cannot exhale.

## KEYWORDS

body; city; poor; Development Master Plan (PDD).

## DO FUNCIONAMENTO DA CIDADE COMO LETRA DO/NO INCONSCIENTE

*Não há corpo que não esteja investido de sentidos, e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais para a forma com que ele se individu(aliz)a, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos, enquanto forma sujeito histórica (em nosso caso, capitalista).*

*(Eni Orlandi, 2012, p. 93)*

A impossibilidade de dizer e a contradição que não se soluciona marcam um funcionamento que é da ordem do inconsciente, que – apresentando-se como “[...] uma luz que pisca intermitentemente e que dá a ver imagens



difusas que se mostram e que se escondem no lusco-fusco do amanhecer”<sup>3</sup> ou que se materializa aos modos da escrita de Joyce, que segmentando frases, quebrando palavras, coloca em funcionamento cenas que se materializam por um conjunto de letras que se formulam na/pela recidiva de um sintoma – não é apenas a metáfora do significante, visto que pode ser decifrado na análise, pois, embora escape permanentemente, por sua ordem de real, articula, a um só tempo, a *letra* como instância e o *gozo*, o que faz com que seja, por vezes, inefável, indecifrável pelos seus modos de se falar pela voz do Outro.

A letra instala o dizer do inconsciente, estruturado que é como uma linguagem, tal como o gozo, que, instalado pelo enodamento de conceitos freudo-lacanianos<sup>4</sup>, colocando-se como um imperativo categórico determinado pelo significante mestre, que representa para o sujeito do inconsciente a invocação de um poder de um mais de gozar, que produz, nesse saber ser de si, uma nova modalidade de gozo, que se requer insistentemente pelo fato de aliar-se ao saber, à informação, e, mais atualmente, à informatização.

---

<sup>3</sup> De acordo com Maluf-Souza (2016, In Anais do VII SEAD), “[...] em 1966, na cidade portuária de Baltimore Lacan enunciou que “[...] o inconsciente é Baltimore ao amanhecer””. O anúncio do autor ficou conhecido como *O discurso de Baltimore*, no qual ele formula “Quando preparava esta pequena fala para vocês, era cedo pela manhã. Podia ver Baltimore pela janela, e era um momento muito interessante porque ainda não era dia e um sinal luminoso me indicava a cada minuto a mudança do tempo; [...] tudo que podia ver, [...] era o resultado de pensamentos, [...] nos quais a função desempenhada pelos sujeitos não era completamente óbvia. Em qualquer caso, o dito *Dasein*, como definição do sujeito, se encontrava lá preferencialmente nesse espectador intermitente ou em desvanecimento. A melhor imagem para resumir o inconsciente é Baltimore, ao amanhecer”. Disponível em <http://anaisdosead.com.br/7SEAD/SIMPOSIO07/OlimpiaMaluf-Souza.pdf>. Acesso em 15 mai. 2020.

<sup>4</sup> Lacan, no gesto de recolocar Freud ao seu lugar, retoma o que denominou como sendo os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão) e redefini-os pelo enodamento do real. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792006000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792006000100002). Acesso em 05 jun. 2020.



Dessa maneira, o discurso do inconsciente materializa a divisão do sujeito, marcado, por um lado, pelo significante mestre (representante do sujeito do inconsciente), e, por outro, por significantes (do saber) que vêm produzir a suplência da falta de gozo, o mais de gozar, segundo Lacan (1998). Então, o que produz gozo é o significante que rege, comanda e produz convergência sobre todos os outros significantes. Em outras palavras, “[...] o real da psicanálise é o ser de gozo, como o aparelho da linguagem é o estofa da estrutura pulsional para abertura ou fechamento do inconsciente na transferência, por efeito do desencontro na falha da repetição” (ARAÚJO, 2006, p. 09).

Como nosso recorte se faz sobre o Plano Diretor (PD) da cidade de Cáceres-MT, por ocasião da nossa pesquisa de Mestrado, a compreensão do funcionamento do inconsciente é imprescindível para o entendimento da relação do sujeito com a Lei (o Plano Diretor), que, ao constituir-se como interdição ditada pelo Outro, instala-se por um saber que barra o sujeito, especialmente o deficiente, a ultrapassar um limite do gozo, que o insta à repetição, marcada por uma busca ilusória de um retorno a um estado inicial, a um estado de inércia, que marca o mais além do princípio do prazer.

A Lei coloca-se, então, como um princípio de realidade ou de desprazer, visto que limita o empuxo ao prazer, constituindo o sujeito pela permanente busca pelo preenchimento de uma falta imaginária que lhe restitua o gozo que foi perdido, no momento exato em que ele deu entrada no simbólico.

Um documento legal, que dispõe sobre a ocupação urbana, funciona, no dizer de Foucault (1987, p. 123), pela busca incessante de disciplinarização/docilização dos corpos. Assim, no processo de espacialização dos sujeitos, “[...] importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos [...] poder a cada instante vigiar o comportamento



de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos”. Isso porque a função da voz jurídica, materializada na textualidade do documento, põe em visibilidade a imagem de um espaço citadino marcado pelo exercício da seleção, da segmentação espacial, cujos moldes rígidos de espacialização dos sujeitos, e conseqüentemente dos sentidos, determinam quem/o quê pode circular na cidade.

Nessa direção, os documentos que passaremos a analisar têm o funcionamento de um sintoma que, como tal, carrega algo que não se analisa, algo que se inscreve incessantemente, mas que não se dá a ver completamente, algo que é da ordem do real, a grande invenção psicanalítica, na qual a Análise de Discurso vai buscar parte de seus fundamentos.

A cidade de Cáceres, ao estabelecer seu Plano Diretor, institui um modo de espacialização dos sujeitos, mas apaga o sujeito deficiente, visto não pensar políticas voltadas para ele, que é historicamente marcado pela ordem de um invisível, assim, além da cidade não ser estruturada para o motorista e o transeunte, tampouco é para o deficiente/a deficiência. Dessa forma, o que é do funcionamento do urbano com sua ordem de pertencimento instala-se como uma metáfora, cujos sentidos materializam-se como lugar de (não) acessibilidade para o deficiente, como uma formulação “[...] posta em ato [pelo] [...] texto inconsciente” (LAURENT, 2007, 106).

Nesses modos de funcionamento, o autor afirma, então, que, para compreender a cidade é necessário fazer um retorno ao inconsciente e ao *objeto a*<sup>5</sup>, elementos essenciais de operacionalização da realidade pelo

---

<sup>5</sup> No Seminário *A angústia*, livro 18, Lacan ([1971] 2009) designa como *objeto a* aquele que é externo a toda definição possível de objetividade, assim, o constrói fazendo uma certa referência, e, ao mesmo tempo, uma diferenciação do objeto do conhecimento, como um correlato da razão.



sujeito, pois é a ordem da realidade psíquica que faz instituir, de acordo com Maluf-Souza (2015, *In Anais do SEAD*), “[...] o funcionamento simbólico das cidades, as noções de território, que se instalam como um espaço que é ocupado pelo sujeito, através de objetos imaginários substitutivos, que se instituem pelo real e pelo simbólico do inconsciente”.

É, pois, desse funcionamento que Laurent (2007, p. 93) se vale para explicar o que possibilita que Lacan (1966), no *Discurso de Baltimore*, atrele “[...] o inconsciente a um lugar [...] estruturado como uma cidade e indissociável de uma indicação temporal”. Dessa maneira, o enunciado de Lacan (1966) “[...] o inconsciente é Baltimore ao amanhecer”, funciona não com a ideia de tempo sucessivo, mas, na de tempos superpostos simultaneamente e articulados pela estrutura da linguagem. Assim, o autor dá visibilidade ao quanto a cidade é um dispositivo estrutural que se coloca como um lugar possível de leitura do texto do inconsciente, tanto como uma repetição, que se extrai como pensamento, em potência ou em ato, pois “[...] o sujeito do inconsciente está em todos os lugares e não se prende a nenhum deles. Está na própria pulsação do significante, tecendo o tecido da repetição. [...] O sujeito é um ‘objeto perdido’ no próprio movimento de êxtase, mas é também completado por esta perda (LAURENT, op. cit, p. 107).

Para essas dimensões do sujeito, Lacan (1998) destaca duas oposições: 1) a partir do significante, ora tomado como *semblante*, ora como vazio escavado pela escrita; 2) e a partir da *letra*, que, segundo Laurent (2007, p. 109), “[...] opõe duas dimensões, dois regimes, dois registros do dizer: o significante e o escrito, que pode preservar um laço com aquele ou perdê-lo. Eles se sustentam juntos por meio do discurso”.



Na relação do sujeito deficiente com a cidade de Cáceres, essas duas dimensões colocam-se fortemente pelos modos como a cidade (não) o inscreve, tanto como um significante tomado como semblante, pelo texto de promessas vãs da Lei<sup>6</sup>, quanto pelo vazio da escrita que se materializa em calçadas que o aparta, em vagas que não o assegura, em acessibilidades que o exclui.

São as leis, com seus interditos, que instituem os espaços comuns e que determinam a localização e a circulação na cidade (dos carros, das pessoas, dos imóveis), contudo, mesmo com toda visibilidade alcançada pelo deficiente/pela deficiência, a cidade não conseguiu instituir o seu espaço, principalmente, pelo PDD que tem essa função, mas que está sobredeterminado por outras forças, que deformam o jurídico e o juridismo da cidade.

Em outras palavras, nos próprios modos de constituição do sujeito-deficiente, constituição por uma falta que, geralmente, se materializa no seu corpo, o que há são perdas, que constituem o próprio deficiente no mundo. Se, ao sermos inseridos na ordem do simbólico, perdemos o estado natural, a necessidade como tal, o sujeito-deficiente perde, de um modo mais definitivo, o que é da ordem do pertencimento. Então, mesmo que a cidade lhe institua lugares, mesmo que lhe adeque todos os espaços, o sujeito-deficiente/a deficiência é sempre dada por um significante colocado como semblante, por uma escrita esvaziada. Portanto, mesmo que haja acesso, o que a cidade faz funcionar, por uma voz inaudível e reversa, é a diferença, o estranhamento, o não lugar, o desvínculo com o que é da ordem do urbano,

---

<sup>6</sup> Referimo-nos ao PDD com suas promessas e garantias de acessibilidade, pois Cáceres é uma cidade antiga, que cresceu desordenadamente, e que, para assegurar a pertença aos moradores, especialmente aos deficientes, assegurada pelas Leis que idealizaram os PDDs para as cidades, é necessário, especialmente, na sua parte antiga, ser demolida e recomeçada.



pois o caráter legal, legítimo e legível do deficiente /da deficiência no espaço da cidade é o da sua apartação do corpo social urbano.

De acordo, então, com essa compreensão, trazemos o documento oficial que regula a acessibilidade do deficiente na cidade, visando a analisar como o discurso amarra o significante, que é da ordem do inconsciente, com o escrito desse significante, na forma da Lei.

## 1 O PDD: SENTIDOS INTERDITADOS PELA ORDEM DO OUTRO

O Plano Diretor de Desenvolvimento é um documento que visa à administração política, financeira e territorial da cidade, sendo elaborado a partir de uma série de leis<sup>7</sup>. Em Cáceres, o PDD foi elaborado em 1995 e atualizado em 2010 e, como em qualquer outra cidade, prevê as responsabilidades constitucionais dos seus moradores:

Cabe ao Município de Cáceres o cumprimento das disposições constitucionais [...] do Plano Diretor [...] visando instrumentalizar seu planejamento, na busca do desenvolvimento sustentável e de cumprir a função social da propriedade.

O objetivo do Plano Diretor é instrumentalizar o processo de desenvolvimento, permitindo uma compreensão geral dos fatores Políticos, Econômicos, Financeiros e Territoriais, necessário para o desenvolvimento do Município de Cáceres (PDD, 2010, p.).

---

<sup>7</sup> O *plano diretor de desenvolvimento* é um instrumento da política urbana instituído pela Constituição Federal (CF), de 1988, que o define como “[...] instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana”, e regulamentado pela Lei Federal n.º10.257/01, conhecida como Estatuto da Cidade, pelo Código Florestal (Lei n.º4.771/65) e pela Lei de Parcelamento do Solo Urbano (Lei n.º 6.766/79). Disponível em: [https://www.infoescola.com/administracao/\\_plano-diretor/](https://www.infoescola.com/administracao/_plano-diretor/). Acesso em 01 mar. 2018.



No município, como vemos, a observância inicial do PDD é satisfatória, uma vez que assegura as condições de administração da cidade, visando à consecução de um planejamento que garanta o processo de desenvolvimento e de convívio. Por se tratar de acesso e de interesse ao bem comum, o documento carrega a necessidade de uma construção democrática, um aspecto também assegurado no documento, visto prever nele a participação da população:

O Plano Diretor é um documento de referência para a ação do Governo e que, sendo devidamente legitimado, suas determinações poderão funcionar como instrumento de controle social sobre a ação do Poder Público no território do Município. Para tanto é **fundamental a participação da população na discussão, construção, aprovação e acompanhamento de todas as ações inerentes a Gestão Municipal**, a partir da aprovação do Plano (PDD, 2010, p. 09).

O documento afirma-se como norteador de qualquer ação do gestor municipal, enunciando a importância da participação e da anuência da população em qualquer ato do administrador. Contudo, apesar desse anúncio, o PDD formula-se de modo a produzir efeitos dessa participação como uma ação futura, um projeto, um devir da cidade, pois não se afirma que o documento é resultado da vontade coletiva dos moradores ou de seus representantes, mas apenas reconhece que a participação da população é fundamental<sup>8</sup>.

Desse modo, o documento prescreve as necessidades do município, afirmando-as como estando em suspensão, em fase de projeto:

---

<sup>8</sup> O presente artigo é parte da nossa dissertação de Mestrado em que trabalhamos com recortes de documentos oficiais (entre eles o PDD), recortes de matérias de jornais de circulação nas mídias digitais e com entrevistas com moradores. Nessas entrevistas, constatamos que a população de Cáceres-MT nunca participou e sequer conhece a existência do PDD.



Além das deficiências de pavimentação das vias públicas e calçadas, **existem serviços básicos urbanos que necessitam de melhorias**, algumas já **em fase de projetos** (PDD, 2010, p. 59).

No decorrer do Plano, que além de colocar-se como um vir a ser dos direitos dos moradores da cidade, não se menciona a questão da acessibilidade do deficiente, visto que se ocupa, em grande parte, de questões relativas ao convívio comum: saneamento, resíduos, pesca, zoonoses, área verde, construções em áreas de risco, rede de esgoto etc. Desse modo, o PDD produz um amplo silenciamento sobre a questão do deficiente/da deficiência, apagando as necessidades e as condições de acesso, de espaço e de territorialidade desses moradores.

O silenciamento a que nos referimos é, segundo Orlandi (2007, p. 11), tornado visível pela Análise de Discurso, uma vez que “[...] expõe o olhar leitor à opacidade (materialidade) do texto, objetivando a compreensão do que o sujeito diz em relação a outros dizeres, ao que ele não diz”. Dito de outro modo, o papel da analista de discurso é compreender e dar a conhecer o não dito, o silenciado, fazendo funcionar a relação necessária de uma atualidade com uma exterioridade, que remonta a sentidos instalados pela história.

Nessa direção, o que é silenciado e o que é mostrado no dizer sobre a deficiência passa antes pela compreensão de que,

[...] se um sentido é necessário, ele é possível. [...] O silêncio é a garantia desta necessidade, pois o não-dito, o silêncio significa. Os sentidos silenciados migram para outros objetos simbólicos atestando sua necessidade. Como esta migração é produzida pela necessidade histórica, para compreender um discurso, devemos perguntar sistematicamente o que ele cala (ORLANDI, 2001, p.130).



No PDD, o silenciamento inscreve-se em uma instância de funcionamento do político, pois, na historicidade de constituição e de planejamento da cidade, é pelo não dito, pelo não pensado, pelo não planejado, pelo apagado ou pelo dito como uma promessa, que o deficiente/a deficiência se (des)institui.

Ao falarmos sobre o processo histórico-ideológico da construção e organização da cidade de Cáceres-MT, compreendemos que os sentidos instalados se fazem por um atravessamento e por um controle estatal, cujas posições-sujeitos, ancoradas pelo discurso jurídico, asseguram aos sujeitos-de-direito uma dada ordem de pertencimento ao urbano. Ora, se levarmos em consideração o fato de que o sujeito-de-direito é aquele que pensa ser livre, dono de sua vontade, na ilusão de ter o controle da sua autonomia, mas que verdadeiramente é individualizado, assujeitado, consumido pelas relações de poder do mundo capitalista, como pensar, então, o sujeito deficiente, nessas condições de produção?

Vejamos que, no documento (PDD), a única forma de acesso assegurada é a relativa à entrada na cidade:

**Cáceres encontra-se bem servido de facilidades de acesso.** Possui **aeroporto** com pista de 1.876 metros pavimentada e mais 300 metros de área de fuga nas cabeceiras, **não existem linhas áreas regulares**; a cidade é cortada por **rodovias federais** (BR – 174/070), e **rodovia estadual** (MT – 343) que liga Cáceres a Porto Estrela e Barra do Bugre. A BR 070, rodovia pavimentada, faz ligação com a fronteira boliviana e acesso à área andina; possui **estrutura portuária fluvial**, que permite navegação durante todo o ano (Hidrovia Paraguai-Paraná).

Existem **esforços políticos** para acelerar a **pavimentação da rodovia estadual** que articula Cáceres à Porto Estrela e Barra do Bugres (MT-343), **o que permitiria** articular a região produtora de Barra do Bugres-Tangará da Serra-Campo Novo do Parecis e incrementar o uso da hidrovia.



Ao afirmar que “Cáceres encontra-se bem servida de facilidades de acesso”, o PDD formula as condições e os meios de entrada do visitante à cidade, assim, fala do aeroporto, das rodovias e do porto fluvial. O efeito que esse dizer produz é o de que a cidade está servida de todos os acessos possíveis (terrestre, aéreo, fluvial), no entanto, mesmo assumindo que apenas a rodovia federal (BR 070) é pavimentada, as rodovias estaduais são precárias, sem pontes e os porto fluvial serve apenas à navegação da marinha, enquanto o aeroporto não funciona.

O PDD parece funcionar, então, pelo princípio das formações imaginárias, que, segundo Orlandi (2009, p. 42), leva em consideração

[...] a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. [...] [pois] Os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas.

O imaginário produzido pelo documento é o de uma cidade cujo acesso é facilitado tanto pelo rio quanto pelo aeroporto e pelas rodovias, mas que, de fato, tem acesso feito, majoritariamente, pela rodovia BR 070, que liga a cidade à capital, Cuiabá, que dista 220 quilômetros de Cáceres.

O documento, na página 85, reconhece as dificuldades de mobilidade na cidade, pelos pedestres, bem como, reconhece a necessidade de melhorias da mobilidade urbana para pedestres, ciclistas e motoristas, sem, contudo, referir-se ao aos deficientes:

**A carência de pavimentação de suas vias e especialmente de calçadas** para a mobilidade de pedestres. [...]



**A planificação e operacionalização de um programa de mobilidade urbana, que enfrente efetivamente a problemática de deslocamento do cidadão, numa cidade onde ocorrem conflitos de uso entre pedestres, ciclistas e motoristas.**

Assim, argumentando sobre as necessidades de intervenção no acesso à cidade, o documento faz uso de verbos como pavimentar, planificar, operacionalizar, planejar, construir, ampliar, reformar, implantar, adaptar etc. tratando-se, pois, de verbos que indicam a necessidade de fazer tudo, uma vez que nada está pronto.

Nas considerações finais do documento aparece o item “Mobilidade Geral e Urbana”, que cita os objetivos a serem desenvolvidos com relação ao tema, colocando a questão da acessibilidade como uma pretensão a ser alcançada pelo município. Observemos, contudo, que a questão da acessibilidade só aparece na atualização de 2010 e, até o presente momento nada de efetivo foi realizado pelo município. É, então, desse modo que a questão da deficiência é mencionada, quando se planeja a rede física escolar:

**Planejar** sistematicamente a rede física escolar, **garantindo** o respaldo técnico, inclusive aos alunos e professores portadores de deficiência física, quanto à construção, ampliação e reforma da mesma.

Sendo assim, na materialidade linguística, vemos funcionar efeitos que apontam para uma idealização da acessibilidade na rede escolar, ou seja, a premissa de que a lei tem a intenção de um dia fazer, mas que, de fato, pode nunca chegar a acontecer, dado que há frequentemente a alegação de que as verbas não são suficientes ou são desviadas para outros fins, ditos como emergenciais. Em se tratando de um espaço escolar, o devir/o vir a



ser funciona por um tamponamento das exigências mercadológicas e do lugar reservado nelas ao deficiente: o da ineficiência, da dependência, da incompetência, da improdutividade, portanto, do não pertencimento, do não investimento, do rechaço, da apartação, da exclusão.

São efeitos dos ditames do mercado, assegurados, na forma da Lei, aos deficientes, sob o simulacro do pertencimento. Assim, a Lei que assegura é a mesma que não se cumpre, é a mesma que diz das necessidades, mas não as supri, é a mesma que institui profissionais com seus instrumentos de aferição das capacidades para individualizar sujeitos, é a mesma que se vale de diagnósticos precipitados para melhor excluir, falando sempre de dentro das políticas afirmativas e dos seus movimentos “inclusivos”. São funcionamentos que marcam os modos de constituição da deficiência/do deficiente e que o discurso que o capitalismo fez instalar, através do falso humanismo burguês, coloca em circulação uma exclusão maior e mais cruel, visto funcionar sob a máscara da inclusão.

Rejeitamos, contudo, que tais sentidos decorram da intenção dos representantes da escola, ao formular sobre os sujeitos deficientes/a deficiência, mas, afirmamos que os sentidos se produzem como efeitos dos processos de interpelação ideológica, que determinam os modos como sujeitos e sentidos são afetados pela relação da língua com a história. Assim, esse funcionamento decorre do fato de que o sentido não é propriedade do sujeito, pois são constituídos por um processo simbólico, que inscreve o sujeito, ao formular, na história.

Para Orlandi, (2009, p. 36), para que um dizer faça sentido é preciso que existam outros discursos já-ditos, imaginados ou possíveis, de modo que todo discurso seja considerado dentro de um processo discursivo amplo, pois os

[...] sujeitos “esquecem” o que já foi dito – e este não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras.

Esse esquecimento do discurso, considerado como parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos, foi formulado por Pêcheux (1988) como sendo as duas formas de esquecimento do sujeito (o um e o dois), que, por uma ilusão que lhe é necessária, os constitui. Assim, os *esquecimentos um e dois* são da ordem da ideologia (o um) e da ordem da enunciação (o dois), respectivamente:

[...] O esquecimento número dois [...] produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não com outras, que só pode ser assim. Ela estabelece uma relação ‘natural’ entre palavra e coisa. [...] [...] o esquecimento número um [...] é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia (ORLANDI, 2009, p. 35).

Por esses esquecimentos, segundo a autora, temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes, pois “[...] eles são determinados pela maneira como nos escrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não por nossa vontade” (op. cit, p. 35).

Por esses esquecimentos, o sujeito tem a ilusão de que a Lei está ao seu serviço e que lhe assegura direitos, contudo, como vimos mostrando, esse funcionamento, que, por sua recorrência, se coloca como um sintoma na Lei, produz apenas o simulacro da proteção, pois todos nós temos os direitos



assegurados, mas as leis não se cumprem e tendem a não se cumprirem, apesar de seus textos tratarem, carregarem, divulgarem os nossos direitos.

Há, então, no funcionamento das leis brasileiras, o que Lacan (1998) afirma como sendo da ordem de certo padecimento do sujeito, pois, se o deficiente para ter corpo, para ser corpo, para pertencer precisa das leis, elas, por seu lado, inculcam apenas uma mentalidade, funcionam apenas na aparência, são semblantes que, quando vacilam, levam o sujeito a uma outra ordem de padecimento: o do campo do Outro, que mantém o deficiente em suspensão, vivendo entre o enigma e a certeza, entre o mistério e a revelação de ser “pessoa”, de pertencer. Nesses moldes, o deficiente/a deficiência passam a funcionar por um *isso* que lhe permite existência, sem de fato existir, sem pertencer.

O deficiente/a deficiência, que ganha “existência”, que ganha o estatuto de “pessoa” pela lei é dela foracluído, pois a foraclusão promovida pelo Pai – que tem Nome, que é o Estado – coloca-o no simulacro da existência, ou seja, no mesmo simulacro de qualquer sujeito-de-direito, que se acredita livre, mas só o é para submeter-se ao Nome-do-Pai, que Marinho (2001, p. 124-129) afirma ser “[...] plural, [pois] [...] todo o significante é um simulacro, e a paternidade um utensílio que se pode deitar fora depois de usado”.

Lacan (1998) toma o sintoma como uma modalidade que ata os três registros da realidade psíquica, ou seja, o Real, o Simbólico e o Imaginário, formando um nó que aperta o vazio, a hiância deixada pela perda do *objeto a*.

No PDD vemos, então, essas três ordens do funcionamento do psiquismo atreladas, principalmente pelo funcionamento dos verbos, pois no recorte em análise o verbo **planejar** carrega um sentido de futuridade que, complementada pelo sentido de continuidade posta pelo gerúndio **garantindo**, dá ao



sujeito uma perspectiva que não se marca temporalmente, pois essa noção de continuidade diz de um ideal de estrutura física para a cidade, tanto para os deficientes quanto para os “normais”, que pode ou não se efetivar. Assim, a Lei assegura os direitos de acessibilidade na cidade para um futuro, isentando o município/o estado/a federação de qualquer responsabilidade, visto que tudo se assegura, enquanto projeto, nos textos da lei, mesmo que as condições para efetivá-los dependam de tantos fatores que podem inviabilizá-los de modo a que nunca venham efetivamente acontecer.

Desse modo, o PDD, após garantir mobilidade ao pedestre, ao ciclista e ao motorista, dirige-se à escola planejando assegurar a sua construção, ampliação e reforma, de modo a garantir a adequação dos espaços para a deficiência física. No entanto, há, em Cáceres, uma única escola<sup>9</sup> tida como modelo em termos de adequação para acessibilidade dos deficientes.

A questão da mobilidade urbana só é referida, no documento, como um projeto de incentivo à implantação de políticas:

**Incentivar a implantação de políticas para pessoas com restrição de mobilidade, adaptando os sistemas de transporte, considerando-se o princípio de acesso universal à cidade.**

É interessante observarmos como o município se isenta da sua competência gestora para fazer acontecer a questão da inclusão do deficiente através da acessibilidade. Assim, ao assegurar-se como o **incentivador de**

---

<sup>9</sup> Trata-se da escola “Prof. Natalino Ferreira Mendes”, que possui, em certa medida, a estrutura material que possibilita a acessibilidade do deficiente, conforme prescrita pela Associação Brasileira de Norma Técnica (ABNT), visto possuir rampas de acesso, corrimãos, banheiros adaptados, salas com cadeiras especiais etc. Contudo, como mostra o trabalho de Souza (2014), a referida escola está longe de atender, de fato, o que dita a Lei e, portanto, longe de promover as condições materiais de acessibilidade da pessoa com deficiência.



**implantação de políticas** omite-se do seu papel de **gerador**, de **gestor de políticas**. A quem o município vai incentivar, se é ele próprio que gera e que faz gestão das políticas de acessibilidade?

Outra questão que nos causa estranhamento é o de pensar a mobilidade do sujeito deficiente apenas pela **adaptação do sistema de transporte**. E as vias, as calçadas e todo o aparato pensado e desenvolvido pela Associação Brasileira de Norma Técnica (ABNT) para assegurar independência e autonomia ao sujeito deficiente?

O município fala ainda, pelo PDD, dos **princípios de acesso universal** à cidade, fazendo funcionar um discurso científico que diz das medidas, dos acessórios, das edificações necessárias ao amplo acesso ao deficiente. Trata-se das normas desenvolvidas pela ABNT, que realizou/realiza estudos que visam a acessibilidade plena ao deficiente. Dessa maneira, o PDD de Cáceres, afirma que, em última instância, vai incentivar a adaptação do sistema de transportes, a partir de princípios científicos, ou seja, os propostos pela ABNT, para que o acesso à cidade seja **universal**. Dito de outro modo, fazer gestão para o incentivo de condições de acesso adequado para todos e não apenas para o deficiente, de tal modo que o município não se afirma comprometido em fazer, mas em incentivar a outros façam e que façam dentro dos princípios, dentro do que a ciência dispõe como fundamento da acessibilidade universal às cidades.

Evocar, nessa parte do PDD, o discurso científico não é trivial, pois, segundo Mariani (1998, p. 28),

[...] para entender o processo de significação, não se trata mais de separar língua(gem), pensamento e realidade, tal como fazem abordagens idealistas, nas quais se busca o que a linguagem representa (idéias?), refere (coisas? pessoas?) ou comunica (informações? intenções?)

convenções?) [mas fazer] intervir um outro fundamental: a memória do dizer (ou seja, o interdiscurso).

Assim, o discurso científico visa a dar crédito àquilo que o município pretende incentivar, embora ele se isente, se omite do seu papel para atribuir a responsabilidade não se sabe a quem. Desse modo, esse (O) outro fundamental, que a teoria do discurso faz intervir, só nos chega de forma inconsciente, aos pedaços, sem uma forma compacta, e, sendo o inconsciente a via de sua manifestação, segue, a rigor, os seus modos de funcionamento, ou seja, se faz mostrar pelas falhas, pelos furos no ritual da linguagem, visto que intervém nela as formações inconscientes.

Por outro lado, a teoria do discurso opera também com a realidade, fazendo intervir as condições de produção de todo o dizer. No entanto, tais condições não se reduzem à realidade imediata, visto se inscreverem na história, ou seja, são reguladas por sentidos anteriores, ditos em outro tempo e lugar e independentes da vontade do sujeito empírico. Assim, ali mesmo onde irrompem as falhas, efeitos dos deslocamentos da língua na história, ali mesmo onde a língua(gem) fala no sujeito empírico, destituindo-o do lugar ilusório de origem, o inconsciente realiza o sujeito e o institui como sujeito do inconsciente.

Pêcheux (1988, p. 61) afirma que aquilo a “[...] que chamamos “domínios de pensamento” se constitui sócio historicamente sob a forma de pontos de estabilização que produzem o sujeito com, simultaneamente, aquilo que lhe é dado a ver, compreender, fazer, temer, esperar etc”. O sujeito empírico é, nessa direção, uma criação do social, enquanto o sujeito do inconsciente é a “verdade” do sujeito, embora nunca possa se mostrar completamente, visto que há algo que é da ordem do impossível em todo o dizer.



Ao considerar que a cidade não possui um transporte adequado, o recorte do PDD, valendo-se dos princípios da ciência, assegura o incentivo daquilo que deveria traduzir suas ações. Mas, de toda a forma, o documento não omite a necessidade de uma acessibilidade universal à cidade, embora não assuma nenhuma responsabilidade sobre ela, pois não diz quem, nem quando e nem onde essas necessidades vão se materializar.

Nas “Transições finais” do PDD lê-se:

O Plano Diretor está sustentado no Plano Plurianual que justifica a proposta para a Lei Orçamentária Anual, cujo **plano de aplicação é condicionado ao aporte de receitas públicas, conforme as prioridades definidas em audiências**. Em síntese os objetivos do PDD deverão obrigatoriamente ser **balizados pelo aporte de recursos** (PDD, 2010, p. 94).

Ora, se a questão do PDD está condicionada ao levantamento de aporte financeiro, parece, então, que o Plano da cidade vai continuar sem um plano, um projeto, assim, os desejos de desenvolvimento, de progresso se constituem como um sonho distante, que não se efetivará tão cedo, pois a arrecadação do município não cobre as despesas da própria prefeitura e, mesmo se cobrissem, não são aos deficientes que, historicamente, o mercado quer beneficiar.

O discurso da Lei, como significante interditado ao deficiente/à deficiência, como é o caso do PDD, coloca-se como escansão às promessas esvazias por sua escrita, assim, a *letra* do inconsciente ganha materialidade em objetos metonímicos dos desejos do sujeito deficiente, dando-lhe a ilusão de pertencimento e de acessibilidade por aquilo que a Lei lhe promete em



projeto, em perspectiva, colocando-o em suspensão na espera de um desejo que pode não ser jamais efetivado.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Antônio Carlos C. “Conceito de gozo”. In **Cogito**, vol.7 Salvador, BA 2006, p. 9-11. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792006000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792006000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 20 jun. 2020.

AZEVEDO, Aline Fernandes de (Org.). **Sujeito, Corpo, Sentidos**. Curitiba, PR: Appris, 2012.

BALDINI, Lauro José Siqueira. “Cidade e Sujeito na Rede”. In: ORLANDI, Eni P. **Discurso, espaço, memória: Caminhos da identidade no Sul de Minas**. Campinas, SP: Editora RG, 2011, p. 57-68.

BALDINI, Lauro J. S e SOUZA, Levi Leonel de. “Os sentidos tomando corpo”. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de. **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012, p. 69-88.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

LACAN, Jacques. “O Discurso de Baltimore”. In: **Lacan oral**. Argentina: Xavier Bóveda Ediciones, 1983.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. Seminário: livro 18: **de um discurso que não fosse semblante**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2009.



LAURENT, Éric. “Cidades analíticas”. In: **A sociedade do sintoma – a psicanálise, hoje**. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa Livraria Ltda, 2007.

MALUF-SOUZA, Olimpia. **Vozes urbanas: gestos de pertencimento nos espaços simbólicos da cidade**. Campinas, SP: DL/IEL/UNICAMP, 2004.

\_\_\_\_\_. “Calçadas: tramas que materializam desejos inconscientes e políticos nas cidades”. In: **Anais do VII SEAD** (Seminário de Estudos em Análise do Discurso) [Recurso Eletrônico]. [Comissão Organizadora: Evandra Grigoletto e Fabiele Stockmans de Nardi]. Recife, PE, 2016. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/7SEAD/SIMPOSIO07/OlimpiaMaluf-Souza.pdf>. Acesso em 15 mai. 2020.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**. Os comunistas no imaginário dos jornais. (1922- 1989). Rio de Janeiro, RJ: Revan, 1998.

MARTINHO, José. **Pessoa e a Psicanálise**. Lisboa, Portugal: Almedina, 2002.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

\_\_\_\_\_. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. “Delimitações, inversões, deslocamentos”. In **Cadernos de Estudos Linguísticos**. (Trad.) José Horta Nunes. Campinas, (19): 07-24, jul/dez., 1990.



\_\_\_\_\_. “Discurso e ideologia”. In: **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Orlandi. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

\_\_\_\_\_. “Papel da memória”. In **Papel da memória**. ACHARD, Pierre. Tradução e introdução José Horta Nunes. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO. Prefeitura Municipal de Cáceres-MT, 2010.

SOUZA, Andréia Garcia de. **A inserção de alunos com deficiência em escolas regulares: processos de inclusão/exclusão**. Trabalho de Conclusão de Curso. UNEMAT: Cáceres-MT, 2014.



VIDAS SUSPENSAS EM TEMPOS DE PANDEMIA:  
OLHARES E DISCURSOS PLURAIS DA CRÓNICA

LIVES SUSPENDED IN TIMES OF PANDEMIC:  
PLURAL LOOKS AND DISCOURSES OF CHRONIC

José Cândido de Oliveira MARTINS<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> **Professor Associado da Universidade Católica Portuguesa (Braga) e membro integrado do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH). Membro da Direção da AIL – Associação Internacional de Lusitanistas; e Editor responsável da Plataforma 9 – Portal Cultural do Mundo de Língua Portuguesa.**

MARTINS, J. C. de O. Vidas suspensas em tempos de pandemia: olhares e discursos plurais da crónica. Corpo da cidade e do deficiente/da deficiência: sentidos ditados pela falta. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 96-124, 2021.



## RESUMO

A recente pandemia à escala global, que ainda testemunhamos incrédulos, desencadeou múltiplas reacções no atual espaço público. Nessa diversidade de pronunciamentos verbais, merecem destaque os ensaios e estudos de pensadores e sociólogos, mas também outros discursos verbais, no quadro geral da argumentação enquanto parte integrante da análise do discurso. Também no campo literário e cultural, entre outras formas discursivas, tem-se destacado um género multiforme, a crónica. Em Portugal como no Brasil, vários cronistas têm analisado este fenómeno sanitário e social da pandemia, nas suas várias dimensões, servindo-se de várias estratégias discursivas, desde a reflexão de índole ensaística, até às manifestações de humor e de ironia, conjugando assim um registo plural, ora sério e dramático, ora gracioso e cómico, mas sempre de natureza crítica. Neste contexto, propomos a análise crítica de um livro em particular, da autoria de Isabel Cristina Mateus, onde a crónica ora reflecte com seriedade sobre vários temas, ora dá lugar a um humor saudável.

## PALAVRAS-CHAVE

crise; crónica literária; pandemia; reflexão; ironia; Isabel Cristina Mateus.

## ABSTRACT

The recent global pandemic, which we still witness incredulous, has triggered multiple reactions in the current public sphere. In this diversity of verbal utterances, the essays and studies of thinkers and sociologists deserve to be highlighted, as well as other verbal discourses, in the general



framework of argumentation as an integral part of discourse analysis. In the literary and cultural field, among other discursive forms, a multiform, chronic genre has been highlighted. In Portugal, as in Brazil, several chroniclers have analyzed this sanitary and social phenomenon of the pandemic, in its various dimensions. They have been using various discursive strategies, from the reflection of an ensaistic nature, to the manifestations of humor and irony, thus combining a plural record, sometimes serious and dramatic, sometimes graceful, and comical, albeit always critical. In this context, we propose the critical analysis of a particular book, written by Isabel Cristina Mateus, where the chronicle alternatively reflects on various seriously taken topics, and humorously taken ones, in a healthy witty mood.

## KEYWORDS

crisis; pandemic; literary chronicle; reflection; irony; Isabel Cristina Mateus.

## I

### **SARS-COV-2 E TEMPO DE PANDEMIA**

Identificado na cidade Whuan (província de Hubei, China), o novo coronavírus SARS-CoV-2 começou a provocar as primeiras infecções na Europa e no mundo ocidental em Janeiro de 2020. Daí para cá, a pandemia alastrou a todo o mundo, tendo motivado dezenas de milhões de infectados e mais de dois milhões e meio de óbitos em um ano, números em permanente crescimento. A surpresa do vírus e do ritmo da sua propagação,

o relativo desconhecimento científico e a falta de terapêuticas eficazes, e sobretudo as graves consequências para a saúde e para a vida quotidiana da humanidade, tudo causou uma compreensível reacção de alarme e de medo à escala global.

No quadro mais geral, fora do campo literário específico, é compreensível que o fenómeno da pandemia tenha desencadeado um apreciável conjunto de reflexões, com enfoques muitos distintos, por parte de ensaístas, cientistas, filósofos, politólogos, etc. Disso é bom exemplo o volume colectivo, editado digitalmente, intitulado *Sopa de Wuhan*, agregando nomes tão diversos como Giorgio Agamben, Slavoj Žižek, Jean Luc Nancy, Judith Butler, Byung-Chul Han, Alain Badiou, num total de quinze autores<sup>2</sup>.

A realidade da pandemia Covid-19, o obsessivo tratamento mediático, os legítimos temores das pessoas, ao longo de mais de um ano, não podiam deixar de desencadear reacções ao nível do pensamento contemporâneo, mesmo que sejam avaliações críticas de carácter compreensivelmente muito díspar. Ora se afirma que o fenómeno da pandemia constitui um golpe decisivo para o sistema capitalista global; ora se analisa o crescimento de uma viragem autoritária no mundo ocidental. Ao mesmo tem-se consciência de que outros vírus e pragas sociais (da chaga da pobreza extrema, da crise de refugiados, do racismo difuso, do islamismo radical, da catástrofe climática, dos extremismo populistas, entre outras ameaças) ficaram quase silenciados, como se não existissem (cf. LÉVY, 2020, p. 88). Neste enfrentamento de um inimigo singular, numa coisa os pensadores parecem estar mais ou menos

---

<sup>2</sup> Alguns destes autores também publicaram individualmente sobre o assunto – é o caso de Slavoj Žižek (2020), um dos autores referidos, aliás, por Isabel Cristina Mateus (cf. 2020, p. 26) no texto introdutório do seu livro, objecto de detida análise adiante.



de acordo – num futuro próximo, após a vacinação em massa, será muito difícil regressarmos à normalidade pré-pandemia.

Muitas outras publicações colectivas se poderiam convocar, acentuando a premência do tema e das suas lições, com proveniência e espírito muito diversos, como a do volume temático intitulado *Diary of a Pandemic (2020)*, resultado da reunião de textos antes editados no âmbito do *Blog* “Reflections and articles dealing with the COVID-19 crisis”. No espaço público, através de múltiplos debates em diversas plataformas, o fenómeno da pandemia potenciou uma reflexão ampla e urgente sobre várias questões da realidade social, vulnerabilidades já existentes, agora tornadas mais visíveis ou gritantes.

Além de serem editadas nos últimos meses, estas e outras publicações têm em comum pensarem as imensas consequências desta crise sanitária mundial, na qual ainda estamos imersos, com enorme impacto a nível humano e social, nos sistemas de saúde, na área da economia e do trabalho, no sector do ensino, enfim, nos hábitos quotidianos da vida das pessoas e das suas relações interpessoais.

Definitivamente, em pouquíssimo tempo, uma verdadeira onda de tsunami pandémico alastrou ao mundo inteiro, não deixando ninguém indiferente. E ainda hoje, mau grado os avanços científicos, são bem mais as interrogações que se levantam sobre o mundo pós-pandemia. Como sugerem alguns pensadores, paradoxalmente ou não, “a pandemia não é o acontecimento”, mas antes o que decorre dela, o que ela nos revela – e no contexto do isolamento preventivo, um dos acontecimentos do momento é mesmo o recurso às tecnologias de remediação digital (cf. CACHOPO, 2020, p. 9).

Assim, analisando o ponto de vista de outros ensaístas, para João Pedro Cachopo, uma referência crítica importante é Zygmunt Bauman e a sua visão



de uma sociedade líquida, nesta nova fase de milhões de pessoas conectadas digitalmente, expondo-se emocionalmente afectadas com fragilidades diversas (dependência do digital, perigos da vigilância, controlo de dados, etc.), ao mesmo tempo que se silenciam outras crises relevantes, como a ambiental. Neste contexto, coloca-se a hipótese de que “a pandemia precipitou uma torção dos sentidos que nos ligam ao mundo – constitui uma radicalização do pressuposto da segunda pergunta: o pressuposto – que não é consensual – de que há algo profundamente transformador nesta crise”. (CACHOPO, 2020, p. 60, 25).

Naturalmente, à imagem do que foi ocorrendo em outros países, em Portugal os *mass media* noticiaram e comentaram abundantemente a evolução dos acontecimentos, com acentuada dose de dramatismo. De um modo geral, pode dizer-se que os frequentes textos de opinião que – nos *media* e nas redes sociais – se debruçaram sobre o assunto, se perdem na voragem e efemeridade dos dias, não deixam memória significativa, apenas se destacando as publicações que, sob a forma de livro ou outra forma de registo, atestam de uma forma mais perene o imenso choque da pandemia.

Definitivamente, a pandemia subvertiu profundamente nossa vida quotidiana, sendo possível falar numa alteração profunda da vida em tempos da Covid – isso mesmo é veiculado pela antologia de textos organizada por Alberto dal Campo Tejedor (2020), *La Vida cotidiana em Tiempos de la Covid*. A partir do horizonte das ciências sociais e no contexto de muitas incertezas, tendo em conta uma nova *antropologia da pandemia*, vários autores pensam o actual fenómeno da pandemia e das inúmeras mudanças introduzidas na vida pessoal e social, com consequências ainda imprevisíveis.

Além de mostrar a enorme fragilidade da nossa civilização humana, para alguns esta pandemia aponta para um facto – a mundialização do século



XXI ser chinesa (cf. LÉVI, 2020, p. 98). Tudo isso mostra sobretudo como estamos imersos no vastíssimo e actuante interdiscurso actual em torno da pandemia, com um *ethos* de crise acentuada e com múltiplas faces, sem paralelo na história recente (cf. ORLANDI, 2015, p. 30). Ao mesmo tempo, nesse omnipresente interdiscurso estabelecem-se múltiplos enquadramentos históricos deste crise pandémica e de outras que foram ocorrendo ao longo da História (cf. SNOWDEN, 2020; e RAOULT, 2021). Em termos de metodologia crítica, este tipo de formulações discursivas prestam-se a um estudo da argumentação usada em termos de análise do discurso.

## DISCURSOS LITERÁRIOS SOBRE A PANDEMIA

Já se escreveu que a tremenda epidemia que assolou intensamente a Europa há cerca de um século (a conhecida Gripe Espanhola de 1918-1920), dizimando cerca de cem milhões de pessoas, não inspirou significativamente escritores maiores no espaço europeu, incluindo o português (cf. KUPPERBERG, 2008; MARTINS & RODRIGUES, 2020). Em todo o caso, o tema do confinamento ou do isolamento deu corpo a um número significativo de histórias, desde contos até à conhecida narrativa de Albert Camus, *A Peste* (cf. MANGUEL, 2021). No entanto, de forma bem diferente, a presente pandemia tem originado uma assinalável variedade de discursos em Portugal e no Brasil, nomeadamente ao nível da imprensa, sem esquecer o espaço das redes sociais no espaço digital. Um dos casos mais singulares no espaço português é o recente livro de crónicas de Isabel Cristina Mateus, *Janela Indiscreta: Crónicas da Emergência* (2020), com prefácio de Fernando Pinto do Amaral.

É verdade que o mundo de hoje se mostra profundamente diferente, desde logo no plano de uma intensa comunicação de massas, típica da *sociedade em*

*rede* (CASTELLS, 2002) em que vivemos imersos, e da consequente facilidade de interação dos cidadãos, com outras potencialidades de pronunciamento no novo espaço público mediático. É esse justamente o caso da origem destas quase cinco dezenas de crônicas de Isabel Cristina Mateus, estruturadas em três “temporadas”, iniciadas a 19 de Março e encerradas a 27 de Maio de 2020. A sua escrita inicial aconteceu no espaço de uma rede social (*facebook*), originando automaticamente um grupo entusiasmado de leitores, seguidores das suas crônicas periódicas. Daí até à reunião das crônicas em formato de livro impresso foi um pequeno passo, também ele aguardado por muitos desses leitores iniciais.

Naturalmente, este livro de Isabel Cristina Mateus não é caso único no actual panorama português, embora seja raro no seu género específico sobre este tema da actualidade. Em todo o caso, do nosso conhecimento e no panorama português de 2020, o livro de crônicas de Isabel Cristina Mateus parece-nos ser, até ao momento, um dos poucos dedicado exclusivamente ao tema da pandemia. Apenas poderíamos associar um outro livro, de Amadeu Carvalho Homem (2020), *Crônicas da Peste Mansa*, de pendor autobiográfico, relatando a vivência destes tempos de pandemia.

Em géneros discursivos diferentes, outros autores têm publicado textos mais ou menos influenciados por estes tempos cinzentos e preocupantes da pandemia Covid-19, que se arrasta sobretudo desde Março de 2020, embora as notícias preocupantes tenham começado a circular em finais de 2019. A título de exemplo, entre essas publicações, não muito frequentes, mencionem-se crônicas de António Carlos Cortez (2020) que, esporadicamente tocam o tema; e também Eugénio Lisboa, *Poemas em tempo de peste* (2020), optando por uma escrita humorada e facécia em tempos de crise geral.



Do outro lado do Atlântico, no espaço lusófono do Brasil, o número de publicações inspiradas pela pandemia é mais significativo e diversificado. Aqui os textos expressamente escritos sobre os tempos de pandemia mostram-se mais frequentes e ricos em sua diversidade. Sirva de exemplo rápido o volume colectivo digital organizado por Jorge Marques (2020), *Quarentena – 40 visões de um Mundo em Pandemia*, onde quatro dezenas de autores (brasileiros e portugueses) se pronunciam sobre os diferentes tempos da pandemia em géneros e discursos verbais diversos (da poesia à prosa). São textos bastante breves, estruturados em várias partes (*Prólogo Poético, Fim, Medo, Solidão, Amor, Começo, Epílogo Poético*), escritos no calor do fenómeno, em registos plurais que vão da tristeza e preocupação pela doença e pela morte; até à expressão dos afectos e da esperança, em cujo *incipit* do preâmbulo – “Um livro que começa pelo fim” – se pode ler: “É o fim do mundo – ou, pelo menos, é o fim de um mundo. A pandemia que nos assombra neste ano de 2020 muda os paradigmas sociais, económicos e afetivos da humanidade”.

Num livro intitulado *Crônicas de Dias Desleais: ultraneoliberalismo, neofascismo e pandemia no Brasil*, e em plano desenrolar da pandemia, também Felipe Demier (2020) nos propõe uma ampla reflexão sobre os aspectos implicados na crise geral e o que o ela releva da nossa sociedade modo de viver e de conceber a vida política. Nestas breves crónicas, assumidamente engajadas na realidade sócio-política do Brasil contemporâneo e como de resistência a esse tão desafiante quotidiano, o autor aponta uma remota possibilidade de esperança:

Só a ciência, a pesquisa, a coletividade, o planejamento e um sistema de saúde público e eficiente poderão nos salvar, e estes só o farão se,

ainda que temporariamente, se libertarem das amarras do capital, da sua ganância e da sua vileza que hoje não mais erguem, mas apenas destoem e infectam coisas belas. O mundo será outro depois dessa pandemia (*ibidem*, p. 60).

A estes livros saídos no Brasil, poderíamos ainda acrescentar outros – como o da jornalista Ana Clara Garmendia (2020), *O Mar é Logo Ali: crônicas pandêmicas*, também ele preenchido por cinquenta crônicas vividas no dia a dia do seu confinamento em Paris, onde trabalha. São textos breves, originalmente publicados nas redes sociais, onde o real imaginário se misturam, aparecendo personagens que vivem estes tempos insólitos, entre diversas confissões e manifestações de humor. Também em *Letras da Quarentena: escrita de mulheres*, livro organizado por Terezinha Pereira e Maria de Fátima Moreira Peres (2020), se reúnem textos de autoria feminina, mais concretamente de vinte e uma mulheres, numa variedade de gêneros discursivos sobre essa experiência da pandemia – crônicas, contos, poesia, depoimentos.

Decorre desse brevíssima panorâmica o predomínio da crônica, enquanto gênero em prosa, mais congenial à expressão do insólito cotidiano no espaço mediático. A pandemia domina obsessivamente cena mediática, nomeadamente na pena dos cronistas, como Luís Pedro Nunes (2021) dá nota: “Há um ano que escrevo sobre a pandemia, o vírus e o confinamento. Não tenho alternativa”. Havendo claramente um antes e um durante a pandemia: “As relações, o sexo, o desejo, a forma como comunicamos, como dividimos as tarefas domésticas, como estudamos, como nos divertimos, viajamos, como pensamos e agimos no dia a dia tudo isso forma o que se pode chamar de vida quotidiana e entrou em crise. Ou melhor: colapsou.”



Na impossibilidade de ler, crítica e comparativamente, várias obras que se inspiraram nestes tempos da pandemia, detenhamo-nos num desses livros, para analisarmos alguns aspectos estruturantes da prosa reflexiva das crónicas de Isabel Cristina Mateus, enquanto modalidade de argumentação no discurso. Deste modo, partimos do pressuposto aceite de que a argumentação é uma “dimensão constitutiva” da análise do discurso (cf. AMOSSY, 2018, p. 18).

## II

### **SENSIBILIDADE APOCALÍPTICA E EMOÇÕES MÚLTIPLAS**

De repente, tendo como fonte a prolongada pandemia, fomos assolados por uma quantidade de emoções e de sentimentos, entre a incredulidade e a surpresa, o medo e a ansiedade, o desnorte e a solidão. Recorrendo a um conhecido título de Frank Kermode, temos quase vivido numa atmosfera de *sensibilidade apocalíptica* (*sense of an ending*). Cada crise constitui uma forma repensarmos o modo de viver, analisando o tempo que lhe subjaz, num discurso mais ou menos apocalíptico. Como nos lembrava Aristóteles, o tempo não pode existir sem uma alma para o contar; e especialmente os cronistas têm perfeita noção desta ideia – superar a efemeridade dos dias (e até de algumas formas de comunicação) através de uma reflexão que supere esse carácter tão transitório.

Também para a autora de *Janela Indiscreta: Crónicas da Emergência*, o tempo desta pandemia impôs a urgente necessidade de dizer, pensar e sentir essa realidade inesperada. Porém, a cronista mostra-se longe dessa referida *sensibilidade apocalíptica*, antes privilegiando um ponderado afastamento

crítico face a discursos dramáticos e catastrofistas. Essa posição crítica não impede a manifestação dos mais diversos sentimentos e emoções, analisados a partir de si ou no olhar sobre os outros – afinal, traços reveladores de perfis e de sentimentos muitos diversos: estranheza, desconfiança, egoísmo, indiferença, medo, solidão, fragilidade, etc. Justamente, estes e outros traços pintam este “tempo aprisionado”, cujos contornos nos são dados através de uma singular e fecunda cartografia do olhar, envolta num permanente estado de alma: “Este silêncio vivido em modo de estranheza e solidão” (MATEUS, 2020, p. 77)<sup>3</sup>.

O tom geral das crônicas de Isabel Cristina Mateus é muito variado, mas profundamente enraizado na atmosfera vivida durante os meses desta prolongada pandemia de 2020, sobretudo no contexto do enorme impacto emocional do primeiro confinamento. A novidade e o efeito das medidas então tomadas, bem como a pouca informação disponível e o clima geral de grande ansiedade, tudo gerou uma plêiade de sentimentos, sendo um dos mais anotados o da solidão: “Sei de cor o nome da solidão. Sei-lhe a cor. O cheiro das sílabas nas noites quentes de verão. No café, no comboio, no quarto ou à janela, sou eu a mulher anónima que Edward Hopper perseguiu. Não tenho medo de um vírus mas temo a doença do medo. A febre do egoísmo e da indiferença. A nudez sufocante da palavra solidão.” (MATEUS, 2020, p. 37)<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Para a cronista, nunca é demais acentuar o peso da solidão nestes prolongados meses de pandemia: “Somos todos recifes de solidão, diria Zygmunt Bauman, icebergs à deriva no frio mar do medo. Cruzeiros à procura de um porto. Do cruzeiro da minha rua, observo a dança das luzes e fico a pensar na dança dos pirilampos.” (MATEUS, 2020, p. 205).

<sup>4</sup> A imagem simbólica da *janela*, como espaço sobranceiro para ver e ler o mundo à sua volta, conhece uma considerável fortuna literária, desde logo em duas escritoras e cronistas contemporâneas portuguesas, convocadas pelo discurso intertextual deste livro de crônicas – Maria Ondina Braga (1975, p. 121 ss.), de *A Revolta das Palavras*, quando evoca “a alegria e o entusiasmo das janelas”, na sua interminável tipologia; e Maria Judite de Carvalho (cf. 2019, p. 15), do livro de crônicas *A Janela Fingida*, quando destaca o poder de *visão* e sobretudo de *memória* das janelas.



De facto, as emoções são uma das grandes linhas de força destas crónicas, escritas numa subjectividade assumida e na singularidade de, a partir de uma janela e de uma rua, olhar o fenómeno global da pandemia, sem receio de exprimir constantemente sentimentos, enfim, “ler o global” numa evidente “cartografia íntima” (MATEUS, 2020, p. 27). Essa é, afinal, a assunção de uma natural fenomenologia da percepção – observar os fenómenos circundantes a partir de uma desperta emoção sensorial, o mesmo é dizer, de um olhar interior e de um corpo que vibra ao que o rodeia. Neste âmbito, Alberto Manguel (2021) afirma que sobretudo “o confinamento proporciona-nos *Slebstgefühl*, consciência de si”.

Numa palavra, a expressão das mais diversas emoções (*ex abundantia cordis*) é perfeitamente compreensível quer perante a emergência do insólito e do estranho de uma pandemia, por um lado; e, por outro, tem pleno cabimento na elasticidade do género da crónica, sendo uma das suas múltiplas qualidades. Como a cronista insiste em afirmar, a emoção é, legitimamente, uma das formas de melhor conhecer e de dizer o mundo<sup>5</sup>. Um traço preponderante deste discurso cronístico é justamente a dimensão do *pathos* enquanto estratégia de argumentação discursiva de apelo a diversos sentimentos. A emoção omnipresente constitui assim um traço assumido do *ethos* do locutor, mas sobretudo uma forma persuadir, seduzindo o auditório (cf. AMOSSY, 2018: 196).

### **DA MINHA JANELA VÊ-SE O MUNDO**

“Da minha varanda vejo o mundo. E as tensões do mundo que afinal cabe todo na minha rua” (Mateus 2020, p. 49). Numa lógica especular entre o

---

<sup>5</sup> Perspectiva que nos remete para a concepção explorada detidamente por Martha Nussbaum (1992, p. 48 *et passim*), de conhecimento através do amor, tal como proporcionado pela literatura.





local e o universal, de facto, a partir de uma janela indiscreta ou de uma rua pacata pode-se ver, ouvir e pensar o mundo – esse é um grande desiderato das crônicas de Isabel Cristina Mateus. Desde logo, sobressai nestes textos cronísticos uma declarada valorização dos sentidos, ainda mais requeridos nestes tempos de pandemia, a começar pelo tacto (proibido), mas sem nunca esquecer os cheiros e as cores.

E se aos sentidos juntarmos a inteligência crítica, resulta uma lente poderosa para observar o mundo neste “tempo detergente” (MATEUS, 2020, p. 51), à sombra de Ruy Belo: “Das varandas brancas do prédio em frente, escorre um verde-limo de chuva ou de lágrimas, um gotejar de tristeza de que só agora dou conta. Um choro verde que faz crescer em mim o desejo de cor, uma saudade das coisas, dos cheiros, das texturas, dos sons, dos sabores, das imagens, do real suspenso lá fora.” (*ibidem*, p. 164)<sup>6</sup>.

Ao mesmo tempo, censura-se de forma reiterada todos os excessos visíveis em tempos de pandemia – excessos nas atitudes, nos discursos, nas políticas – reveladores de falta de bom senso e de um ponderado espírito crítico. Afinal de contas, entre muitas outras lições, nunca é demais reiterar, esta pandemia revela algumas gritantes fragilidades e contradições desta sociedade globalizada e neoliberal.

---

<sup>6</sup> É essa forma sensorial escolhida pela cronista para vibrar, corporeamente, perante as drásticas mudanças, como a da visão de uma cidade deserta, vista de forma intensa e antropomorfizada: “Dói-me a cidade. As suas ruas sem gente dentro. As montras que ninguém olha. As tílias sem perfume da avenida. O desamparo do coreto. Doem-me as cadeiras amontoadas, alinhadas junto às paredes do exterior, na Brasileira como se o coração da cidade tivesse parado. A dor é tão intensa que não consigo avançar mais. Não consigo olhar mais. Retomo o caminho de casa.” (MATEUS, 2020: 257). A pandemia desnudou sobretudo diversas vulnerabilidades, sobretudo ao nível das desigualdades sociais, dos sem-abrigo aos desempregados, numa chaga social palpável a céu aberto por acção deste vírus global, desde logo nos espaços urbanos, desafiando todas as formas de políticas de apoio, de solidariedade e de decência ética.



Muitas vezes nestas crônicas, basta um pormenor observado, seja no perfil e comportamento das pessoas, seja na própria natureza circundante, para desencadear a imediata e oportuna reflexão – um coro de rãs ou uma folha sobre as águas serve de pretexto para se repensar a necessidade de

uma mudança na nossa relação com a natureza, com a globalização e com os outros, sobre os quais teremos de reflectir depois desta pandemia. Não serei eu ingênua ao ponto de acreditar na bondade de um vírus, sabendo, como sei, que eles sempre andaram por aí à espreita desde que o mundo é mundo. Na bondade de um vírus ou dos homens. Somos da mesma estirpe do vírus. Tão predadores como ele. (MATEUS, 2020, p. 47).

Uma das justificadas reflexões incide sobre a própria linguagem, que trouxe novas semânticas de “palavras infectadas”, virando “a linguagem do avesso” (MATEUS, 2020, p. 274)<sup>7</sup>. Quando neste contexto de “dias fechados” se fala obsessivamente na “distância social” como medida sanitária fundamental, a cronista não hesita em comentar criticamente:

A maior distância não é aquela que se mede em quilômetros ou milhas mas a que vai da porta da nossa casa à porta em frente, à porta do vizinho que mora ao nosso lado. A maior distância é aquela que vai de coração a coração. O vírus mais não fez do que tornar visível um distanciamento anterior. (MATEUS, 2020, p. 49).

A crônica vai acompanhando com atenção a evolução dos dias de pandemia. Naturalmente também não escapam a este olhar crítico outras

---

<sup>7</sup> Aliás, neste contexto de reflexão sobre a pandemia global tornou-se muito evidente o uso da doença como fonte de diversas metáfora, à imagem de outras doenças como a tuberculose, o cancro ou a sida (cf. SONTAG, 1977), que passaram rapidamente dos media para o discurso quotidiano, a justificar hoje um estudo, desde logo de natureza linguístico-semântica e cognitivo.



dimensões da crise, que todos os dias, através dos ecrãs, nos entram pela casa adentro no discurso inflamado e teatralizado dos *media* – a realidade é cada dia bem mais complexa do que certas ideias-feitas ou estereótipos apressados, como se assinala neste *ethos* profundamente reflexivo<sup>8</sup>:

Não sabemos ainda o número das vítimas do medo que se abateu sobre o mundo e vão muito para além dos números com os quais somos diariamente bombardeados nas televisões. Porque a viralidade não está apenas no vírus, mas na violência da repetição, na virulência infecciosa do discurso, no poderoso contágio do medo. Não sabemos ainda o número dos doentes que ficaram por tratar ou diagnosticar. O número de doenças mentais que crescem exponencialmente no confinamento doméstico. O número de desempregados ou de trabalhadores em *lay-off*, o número de empresas em situação de falência. O número dos que têm fome e todos os dias vejo a engrossar as filas de ajuda alimentar da Cruz Vermelha na minha rua. Só mais tarde estaremos em condições de poder avaliar. Por agora, não há contraditório de números. (MATEUS, 2020, p. 62).

Como seria expectável, também não faltam as observações críticas acerca do universo académico neste novo contexto pandémico – cronótopo bem conhecido da cronista –, num diagnóstico compreensivelmente crítico a que o *small world* (já satirizado por David Lodge) não escapa, em diversas e sérias considerações (ensino *online*, teletrabalho, a indistinção entre o local de trabalho e o espaço privado, as fronteiras entre a realidade e ficção, etc.), de que destacamos esta anotação, entre outras: “O que me aflige

---

<sup>8</sup> Por isso, estas crónicas apresentam-se como continuada expressão de inquietações, com assertividade e sem tibiezas, nomeadamente sobre esta sociedade neoliberal, centrada na economia e nos rankings de produtividade, mas tantas vezes sem ética e sem rosto, sem solidariedade e sem humanismo. E que nesta acelerada evolução mais recente também procura encontrar formas de endeusamento do virtual, de “domesticação do pensamento”, fazendo recuar a palavra e rasurar a memória, parecendo não importar formar cidadãos muito informados e críticos (MATEUS, 2020, p. 290).



não é, portanto, o trabalho em casa mas a perda da liberdade, a ideia de obrigação ou de proibição a que sempre fui avessa. A bolha confortável do individualismo já suficientemente insuflada neste meio.” (MATEUS, 2020: 68). O encerramento repentino das universidades alterou tudo, gerando um outro ritmo de trabalho, numa voragem de tarefas e num “clima de alucinação”, assim tão pertinentemente sugerido:

A universidade fechou portas de um dia para o outro, sem pré-aviso. Professores, alunos e funcionários calafetaram-se em casa. O teletrabalho instalou-se. O mundo mudou mas não parou. Transferimo-nos para o mundo virtual. Andamos todos a zumar, a voar nas asas de um Colibri para as quais ninguém nos preparou e que, contra ventos e vírus, até nem voam mal. Os *meetings* e *webinars* sucedem-se, as aulas prosseguem, a procura de novas formas de interação, novas metodologias de ensino e de avaliação também, para além dos relatórios intermináveis, de inúmeras tarefas paralelas, dos emails que triplicaram e da investigação que continua imune a qualquer vírus. (MATEUS, 2020, p. 68-69).

Deste tempo fechado de pandemia, mesmo reconhecendo a saturação informativa dos *media*, sobram ainda imagens poderosamente sugestivas, que estas crónicas não deixam de evocar, de modo sentido e reflexivo, e que nos ficarão na memória afectiva deste tempo: cidades inteiras com as suas ruas desertas e bancos de jardim onde ninguém se senta; o íntimo desejo de ver as árvores (como a perfumada araucária) ou de sentir o mar; a figura de Andrea Bocelli a cantar solitariamente na majestosa catedral de Milão; a desamparada imagem do Papa na deserta imensidão da Praça de São Pedro; as múltiplas expressões humanas da carência de afectos e de ternura táctil; mas também a angústia estampada nos rostos anónimos, com empregos ameaçados, mesas parcas e manhãs incertos; entre outras

imagens marcantes deste tempo que vamos testemunhando. São imagens icônicas deste mundo de vidas suspensas, que não esqueceremos nas nossas vidas, pois ameaça a própria raça humana (cf. LÉVI, 2020, p. 10-11).

No fim de contas, neste cenário insólito e prolongado de dias confusos que se arrastam peganhentos, a cronista apresenta-se também como uma guardadora “de memórias e de imagens” (MATEUS, 2020, p. 125), não deixando de confessar-nos, empaticamente, o estremecimento de emoção perante essas imagens poderosas. Decorre do afirmado que, perante um auditório heterogêneo, com quem se dialoga de forma afável, estamos perante a progressiva construção de um *ethos* através do discurso cronístico: o orador ou voz que fala nestas crônicas elabora uma *imagem de si* construída no discurso verbal, enquanto locutora profundamente preocupada com as circunstâncias de um novo mundo anômalo (cf. AMOSSY, 2005, p. 145). Com uma componente pré-discursiva, mas sobretudo de ordem discursiva ou verbal, com índices autobiográficos, a credibilidade e autoridade deste *ethos* recorta a imagem de uma mulher, docente e acadêmica (peso institucional), profundamente implicada na descrição apreensiva do insólito cotidiano, bem visível nas diversas tonalidades da sua enunciação.

## **CÓMICO TEATRO DO MUNDO**

Uma das formas de enfrentar uma pandemia é, seguramente, através de uma posição descomplexada e sobretudo humorada, que não embarque precipitadamente num temor descontrolado. Não significa desconhecer a gravidade do momento, mas antes não entrar em histerismos despropositados. Esse humor ilumina tempos cinzentos, de cenários silenciosos, cidades desertas, habitantes fechados em suas casas, é também uma forma de



resiliência, de distanciamento feito de observação e de sensibilidade. Também aqui sobressai uma inesperada estratégia discursiva valorizadora do *pathos*, contrapondo eficazmente elementos de humor e de cômico ao cenário geral de fundo dramático, sendo essa expressão afectiva dessas emoções uma forma de aliar razão e emoção (cf. AMOSSY, 2018, p. 196).

Essas aflorações de humor e de graça são uma luz em dias pesados e cinzentos de clausura, a partir do ponto de vista de um “James Stewart no feminino” vigilante na sua “janela indiscreta” (MATEUS, 2020: 50), ponto de observação privilegiado para ler o mundo à sua volta (cf. *ibidem*, p. 109). Nestes tempos de irrealidade, como não sorrir perante o insólito, o excesso ou o caricatural? No presente “exílio da alegria”, impõe-se convocar o humor possível e a beleza e a ternura: “A propósito, de que cor será um beijo?” (*ibidem*, p. 243). Neste tipo de discurso cronístico, deparamos constantemente com a “inscrição da afectividade no discurso”, argumentando-se com emoção e conciliando muito eficazmente *logos* e *pathos* (cf. AMOSSY, 2018, 2010).

Encontramos a presença desse humor saudável, ainda por cima neste contexto extremo de crise pandémica, em várias das reflexões que vão entretecendo as crónicas de Isabel Cristina Mateus, fruto de um olhar inteligente, impressionável e arguto. Por isso, certas anotações e determinados olhares têm o condão de alegrar a alma, impedindo angústias e pessimismos exagerados, ainda que não a prevalência de uma “suavidade melancólica” (MATEUS, 2020, p. 45), difusa e persistente, envolta pela nostalgia do que vamos perdendo.

Em muitas passagens, o humor pode originar-se em inteligentes jogos verbais, de que se torna difícil traduzir a graça ou ironia sem o respectivo contexto: antropoceno *versus* viruceno (MATEUS, 2020, p. 62); a “professora

*sexy*” que dá lugar à “pyjama lecture” (*ibidem*: 70); o “coronacoiso” (*ibidem*, p. 112); “Este vírus não é para velhos” (*ibidem*, p. 143); etc. Talvez a leveza do humor e a fruição da arte nos salvem nestes tempos de chumbo e nesta violenta sociedade do cansaço, tempos que nos levam às fronteiras do *burnout* ou da depressão. Em outros momentos, a cronista interroga-se sobre o impacto das transformações da pandemia ao nível das alterações ao nível do ensino, anotando com assertividade e sorriso irónico e distópico:

Temo que na cidade sitiada pelo coronavírus, a Universidade em geral procure «aproveitar a janela de oportunidade», como ouço dizer aos tudólogos da praça para quem um vírus é o profeta de um admirável mundo novo. Temo que ela se esteja a transformar no grande laboratório onde se vão testando hoje as estratégias comerciais de um amanhã sem vírus. Estratégias que apontam para uma universidade sem pensamento e sem rosto humano, reduzida a uma *brand* consumível à distância, brilhando no olimpo dos *rankings*” (MATEUS, 2020, p. 71).

Ao mesmo tempo, talvez ainda de uma forma mais evidente, o humor manifesta-se na captação e desenho de certos perfis de figuras que estão à janela do bairro, passam pelas ruas ou frequentam espaços públicos como os supermercados. De facto, no pequeno mundo da sua rua ou do bairro circundante habitam figuras por demais conhecidas – “Moram nele personagens estranhas e ao mesmo tempo familiares. Personagens que me são próximas, que me intrigam e me divertem, personagens de filmes e de livros que são a minha casa. A minha família.” (MATEUS, 2020, p. 261).

O observação fina e divertida compõe-nos imagens de figuras jocosas, hilariantes – só nunca são ridículas porque olhadas com evidente e contagiante ternura: sejam as três mulheres que frequentam assiduamente o supermercado,



cada uma com os seus tics, comparadas a “três graças da emergência”; seja a inefável e perfeita “mulher dos cabelos de nuvem! (MATEUS, 2020, p. 36, 95); seja também o memorável “guardador de promoções”, sedutoramente obcecado pelas campanhas dos mais variados produtos; seja ainda o vigilante da rua, com ares de Juan Tenório, sem esquecer o sedutor Popeye da rua (*ibidem*, p. 126, 263, 280).

Nesta considerável galeria de figuras memoráveis, sobressaem as femininas: a vizinha do lado (não a do filme da F. Truffaut), tão adepta das novas formas de distanciamento, feito de “ordem e assepsia”, num retrato corrosivo: – “Neste tempo detergente, a casa da vizinha mantém o velho odor da tranquilidade burguesa. Um subtil fascínio higienista”. Como seria de esperar, certas pessoas dão-se muito bem neste novo “teatro da distância” (MATEUS, 2020, p. 51, 53). Outras aproveitam para desfilar, perturbando a pacatez reinante: “A boazona do quinto esquerdo cultiva o *body*, apesar do fecho dos ginásios e da ecovia. Vestida a rigor para o *fitness*, vibrante de cor, toda esculpida e bronzeada, não há vírus que a detenha. Vê-la sair assim, tão formosa e bem segura, faz-me invejar quem não está em teletrabalho.” (*ibidem*, p. 52). Neste cortejo, predominam as figuras femininas, com destaque ainda para a coronela, uma senhora de que se sente a falta no vazio dos dias cinzentos:

De todas elas, a que mais me impressionava era a coronela. A sua chegada era anunciada ao longe pela histeria do caniche que sempre a acompanhava, ao fundo da trela esticada. A coronela é alta, elegante, cabelo louro platinado ao estilo da Snu, extravagante nas túnicas, nas calças à boca de sino, nos ponchos que gosta de vestir. Mas o must indispensável, o acessório verdadeiramente identitário eram os seus grandes óculos escuros que lhe davam um *look* Sofia Loren. Olhava-se para ela e tinha-se a sensação de termos entrado num filme dos



anos 60/70. Tinha qualquer coisa de buñueliano a iluminar-lhe o rosto ao fumar longamente o cigarro matinal, depois do breve café ao balcão.” (MATEUS, 2020, p. 57).

Através da janela ou caminhando pela cidade, outras figuras se vão construindo diante do deliciado leitor, perante estes tipos humanos desenhado com graça e acutilância, e envoltos no halo de ternura. O riso pode mesmo ser uma das formas de redenção possível nestes tempos de paralisia geral. Afinal de contas, metaforicamente, uma rua é um pedaço de um palco onde se aprecia o desenrolar da vida (*theatrum mundi*), com todas as cambiantes entre o dramático e o cómico. Ou não vivêssemos numa sociedade patologicamente narcísica, que mira obsessivamente a sua imagem em ecrãs. Uma coisa é certa: para quem tem real capacidade de olhar, “O mundo inteiro está ao alcance de uma janela” (MATEUS, 2020, p. 262). Definitivamente, num cenário de crise pandémica, o humor cativante toca o auditório destes textos, despertando (*movere*) os seus sentimentos, além da sua inteligência, mostrando-se um poderoso aliado do processo argumentativo, ao combinar productivamente *logos* e *pathos* no discurso (cf. AMOSSY, 2018, p. 206).

### III

#### **A CRÓNICA E O VÍRUS DA PALAVRA**

Os textos de *Janela Indiscreta: Crónicas da Emergência* são um caso singular no recente panorama português, por ser um livro de crónicas integralmente dedicadas a dizer o insólito e o desamparo de uma pandemia, sem embarcar num alarmismo apocalíptico, antes salientando um saudável



hino à vida, por um lado; e, por outro, por serem crônicas escritas no feminino, quando sabemos que o gênero tem sido cultivado majoritariamente por homens<sup>9</sup>. Porém, as singularidades deste textos não se ficam por aqui. Perante a *travessia* da pandemia geral que se abateu à escala global, para a cronista Isabel Cristina Mateus impôs-se a necessidade e a urgência de dizer as imagens desencadeadas por esta catástrofe, numa palavra, manifestou-se o “vírus da palavra” (MATEUS, 2020, p. 28)<sup>10</sup>.

À maneira do afirmado por outra cronista, Elena Ferrante (2019) – a propósito das cerca de cinquenta crônicas semanais escritas para o jornal *The Guardian* ao longo de um ano –, também para Isabel Cristina Mateus não era possível adiar a escrita para “depois de”. Nesse sentido, são crônicas escritas *durante a travessia*, a partir de dentro ou “no interior” do fenómeno social (MATEUS, 2020, p. 24), a quente, e não numa posição de ulterioridade ou de exterioridade, com tudo o que isso implica, mesmo para uma “cronista improvisada”, cujo olhar crítico é potenciado pela prisão domiciliária neste “tempo suspenso” de pandemia. Em ambas as autoras, Isabel Cristina Mateus e Elena Ferrante, cada breve crônica é uma janela aberta para este mundo estranho e distópico, a partir de uma visão atenta e crítica, servida por uma manifesta sensibilidade e ternura, além de alimentada por uma ampla memória cultural, a janela ou varanda da memória convocada

---

<sup>9</sup> Como nos confirmam, desde logo e de forma eloquente, as recolhas antológicas, como as organizadas por Ernesto Rodrigues (2003) e Fernando Venâncio (2004), bem como por Carina Infante do Carmo (2018).

<sup>10</sup> Por isso a cronista não hesita em falar de uma *pulsão* para a escrita, à imagem de outros cronistas deste tempo: “Em todos estes dias, porém, a pulsão da escrita foi sempre em mim uma força de resistência, um instinto de vida. Um permanente ensaio do olhar e leitura do mundo.” (MATEUS, 2020, p. 211).



por este presente preenchido por um “quotidiano esvaziado de sentido” (*ibidem*, p. 129).

Em algumas das crônicas deste “tempo aprisionado”, a autora reflecte também sobre a impureza dos contornos ou fronteiras entre a crônica, o diário, o ensaio, o mesmo é dizer, entre a tradicional efemeridade do texto jornalístico e permanência da palavra literária, como Manuel António Pina enfatizava<sup>11</sup>. Ora, este e outros pronunciamentos através da escrita cronística colocam-nos justamente outros tópicos conclusivos, decorrentes do que antes foi afirmado, que abonam em claro favor da notável qualidade deste livro de crônicas, na senda de uma riquíssima tradição. Aliás, não surpreende que na memória intertextual destes textos aflore um conjunto apreciável de cronistas.

Desde logo, também nas crônicas desta autora se evidencia a hibridez congénial do género da crônica. Escritores oitocentistas, de uma época áurea da crônica praticada por Eça de Queirós ou Machado de Assis, tinham plena consciência dessa dimensão, sobressaindo ainda a porosidade de fronteiras entre o jornalístico e o literário. O carácter aberto e flexível da crônica fora sublinhado pelo jovem Machado, quando já em 1859, compara o cronista ao

---

<sup>11</sup> Cf. a entrevista do escritor e cronista Manuel António Pina dada a Pedro Dias de Almeida (2012). A este propósito da efemeridade e inutilidade da palavra (e, por maioria de razão, da crônica jornalística), Manuel António Pina (2010, p. 15). continua a acreditar no esforço quotidiano de comunicar: “(...) temos de dizer tudo de novo todos os dias”, anotando: “O cronista é filho de Cronos, o tempo que passa, e a crônica vive o mesmo redundante destino do jornal que, como os velhos tipógrafos diziam, no dia seguinte serve apenas para embrulhar peixe (e que outro destino tem tudo senão o esquecimento?)”. Outra das cronistas convocadas pela escrita de Isabel Cristina Mateus é Lídia Jorge (cf. MATEUS, 2020, p. 11), e também ela enfatiza a essa proverbial indefinição de fronteiras do género da crônica, ao mesmo tempo que defende ser a crônica um tipo de texto que desafia o tempo: “Como não podemos vencer o Tempo, escrevemos textos que o desafiam, a que chamamos crônicas”. Em ambos os casos, a crônica assume a sua condição temporal e conseqüente fragilidade, pois Cronos tudo devora.



colibri ou beija-flor, esvoaçando livre e levemente de flor em flor; ou, em consequência, quando sublinha que a crônica opera uma “fusão admirável entre o útil e o fútil”, congregando o “sério” e o “frívolo” – o cronista tudo abarca, tudo lhe serve de matéria: “(...) ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as veias vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política” (ASSIS, 2013, p. 44-45).

Neste sentido, a crônica praticada por Isabel Cristina Mateus não só se mostra uma digna herdeira dessa tradição da crônica, como também, ao convocar outros gêneros e formas discursivas (da literatura ao cinema, da música à banda desenhada, entre outros diálogos intermediais), integra plenamente a crônica numa *poética do hibridismo* (cf. PEREIRA, 2020), tão típica da certa escrita contemporânea, que desde logo emigra do espaço virtual de uma rede social para a modalidade do livro impresso; e que, sobretudo, entrelaça fecundamente estilos, gêneros e formas bem diversos numa escrita de natureza ora intimista, ora reflexiva, com vocação simultaneamente diarista, ensaística e crítica. Entre outras qualidades maiores, esta poética exige apurada educação literária, refinado gosto estético e desenvolvida sensibilidade. Para além de um evidente discurso intertextual, que vai convocando muitos outros autores, sejam eles ensaístas, ficcionistas, poetas, cronistas, cineastas, etc. O discurso do orador dialoga constantemente com o discurso do Outro, em sintonia ou discordância. Esta dimensão do princípio dialógico é também componente essencial do *ethos* destas crônicas – um discurso que se vai tecendo dentro de uma rica memória intertextual e interdiscursiva (cf. AMOSSY, 2005, p. 97).

E tudo isto encontramos no hibridismo estilístico e discursivo desta *Janela Indiscreta: Crônicas da Emergência*, entre outros frutos do nosso primeiro confinamento pandêmico à escala mundial. Contrariando a voracidade de Cronos e transcendendo o tempo através da espessura contagiante das suas reflexões, beleza e poeticidade, crônicas como estas estão animadas por um manifesto sopro literário que as fará perdurar para depois desta circunstância. Mais do que o pretexto dos assuntos imediatos, referenciais e tempestivos, é a linguagem da crônica e a rica tessitura das modalidades da sua enunciação verbal que a tornam intempestiva, memorável e um discurso pleno de sentido (cf. ORLANDI, 2015, p. 13).

## REFERÊNCIAS

AA. VV. **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. ASPO – Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio, 2020. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1bpWWb7X4CRi-VFyMIeQhtNEsIFneKmqk/view>. Acesso em: 21 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. **Diary of a Pandemic**. Barcelona: Cristianism i Justícia Edition, 2020. Acesso em: 21 fev. 2021.

ALMEIDA, P. D. (2012). Entrevista a Manuel António Pina. Revista **Visão**, 19 de Outubro, de 2012 Disponível em: <https://visao.sapo.pt/atualidade/cultura/2012-10-19-entrevista-a-manuel-antonio-pinaf692243/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

AMOSSY, R. **Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.



----- **A Argumentação no Discurso.** São Paulo: Editora Contexto.

ASSIS, M. **Crônicas Escolhidas.** (Seleç., introd. e notas de John Gledson). São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2013.

BRAGA, M. O. **A Revolta das Palavras (contos e crônicas).** Lisboa: Bertrand, 1975.

CACHOPO, J. P. **A Torção dos Sentidos: pandemia e remediação digital.** Lisboa: Sistema Solar / Documenta, 2020.

CAMPO TEJEDOR, Alberto del (ed.). **La Vida Cotidiana em Tiempos de la Covid.** Madrid: La Catarata, 2020.

CARMO, C. I. **A Visagem do Cronista: Antologia de Crónica Autobiográfica Portuguesa (Séculos XX-XXI).** 2 Vols. Lisboa: Arranha Céus, 2018.

CARVALHO, M. J. **Obras Completas, IV (A Janela Fingida – O Homem no Arame – Além do Quadro).** Lisboa: Minotauro, 2019.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede.** Vol. 1 Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002 [1996].

CORTEZ, A. C. **Crítica Crónica: sobre Cultura, Educação e Sociedade (e Um Pouco de Política Também).** Lisboa: Guerra e Paz, 2020.

DEMIER, F. **Crônicas de Dias Desleais: ultraneoliberalismo, neofascismo e pandemia no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

FERRANTE, E. **A Invenção Ocasional.** (Ilustração: Andrea Ucini). Lisboa: Relógio d'Água, 2019.

GARMENDIA, A. C. **O Mar é Logo Ali: crônicas pandêmicas.** Curitiba: Garmendia editora, 2020.

HOMEM, A. C. **Crônicas da Peste Mansa**. Carviçais: Lema d'Origem, 2020.

JORGE, L. **Em Todos os Sentidos**. Lisboa: D. Quixote, 2020.

KUPPERBERG, P. **The Influenza Pandemic of 1918-1919**. New York: Chelsea House Publishers, 2008.

LÉVI, B.-H. **Este Vírus Que Nos Enlouquece**. Trad. João Luís Zamith e André Tavares Marçal. Lisboa: Guerra e Paz, 2020.

LISBOA, E. **Poemas em Tempo de Peste**. Lisboa: Guerra e Paz, 2020.

MANGUEL, A. O sentido do confinamento. **Revista E / Expresso**, nº 2521 (19 Fev. 2021), p. 38-43.

MARQUES, J. (org.). **Quarenta em Quarentena – 40 Visões de um Mundo em Pandemia**. Rio de Janeiro: Oficina da Raquel (Ebook), 2020.

MARTINS, M. & RODRIGUES, E. (orgs.). **A Universidade do Minho em Tempos de Pandemia: I – Reflexões**. Braga: UMinho Editora, 2020.

MATEUS, I. C. **Janela Indiscreta: Crônicas da Emergência**. (Prefácio de Fernando Pinto do Amaral. Ilustrações: Miguel Elias). Fafe: Editora Labirinto, 2020.

NUNES, Luís Pedro. Vidas sem quotidiano e sem café. **Revista E / Expresso** (5 de março de 2021), p. 76.

NUSSBAUM, M. **Love's Knowledge: Essays in Philosophy and Literature**. New York; Oxford: Oxford University Press, 1992.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 2ª ed. Campinas. SP: Pontes, 2015.



PEREIRA, P. A. *et alii*. **Mix & Match: Poéticas do Hibridismo**. Famalicão: Húmus, 2020.

PEREIRA, T. & Peres, M. F. M. (Orgs.) (2020). **Letras da Quarentena: escrita de mulheres**. Belo Horizonte: Todavoz Editora [disponível em: <http://anyflip.com/yiys/uzkw/basic>. Acesso em: 21 fev. 2021.

PINA, M. A. **Por Outras Palavras & Mais Crônicas de Jornal**. Antologia org. por Sousa Dias. Porto: Modo de Ler, 2010.

RAUOLT, D. **Epidemias – Verdadeiros Perigos e Falsos Alertas**. Lisboa: Editora Guerra e Paz, 2021.

RODRIGUES, E. **Crónica Jornalística: Século XIX**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.

SONTAG, S. **Illness as Methaphor**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1977.

SNOWDEN, F. M. **Epidemias e Sociedade – da peste negra ao presente**. Lisboa, edições 70.

ZIZEK, S. **A Pandemia que Abalou o Mundo**. Lisboa: Relógio d'Água, 2020.

VENÂNCIO, F. **Crónica Jornalística: Século XX**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004.







O LUGAR DA PEDAGOGIA DISCURSIVA NO COMBATE  
À DESINFORMAÇÃO: APRENDER A ENSINAR AS  
CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

THE IMPORTANCE OF DISCURSIVE PEDADOGY IN  
COMBAT MISINFORMATION: LEARNING TO TEACH  
PRODUCTION CONDITIONS

Pedro Henrique Varoni de CARVALHO<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: <pedrovaroni@ufscar.br>.





## RESUMO

O funcionamento das redes de desinformação tem impactado as relações pessoais e a política institucional no Brasil contemporâneo e suas estratégias não estão desvinculadas de aspectos linguístico-discursivos. Buscamos identificar as possíveis contribuições do dispositivo teórico conceitual da análise do discurso de orientação francesa para reduzir seus efeitos, sobretudo através da problematização do conceito de condições de produção. A redução da capacidade de interpretação metafórica dos enunciados e seus contextos históricos, bem como das diferentes filiações dos sujeitos em posicionamento político-ideológico, tem contribuído para a fratura social no Brasil contemporâneo. A questão que se coloca é a necessidade de uma pedagogia discursiva como ferramenta de educação midiática para formação de leitores/produtores de conteúdo críticos na sociedade midiaticizada.

## PALAVRAS-CHAVE

pedagogia discursiva; desinformação; educação midiática; política brasileira.

## ABSTRACT

The functioning of misinformation networks has impacted personal and politicians' relations in contemporary Brazil and their strategies are not disconnected from linguistic-discursive aspects. We seek to identify the possible contributions of the conceptual theoretical device of the French-oriented discourse analysis to reduce its effects, especially through the problematization of the concept of production conditions. The reduction in

the capacity for metaphorical interpretation of statements and their historical contexts, as well as the different affiliations of subjects in political and ideological positions has contributed to the social fracture in contemporary Brazil. The questions that arise is the need for a discursive pedagogy as a media education tool for the formation of critical content readers/producers in the mediatized society.

## KEYWORDS

Discursive Pedagogy; misinformation; media education; Brazilian politics.

As experiências comunicativas contemporâneas têm passado por transformações profundas que redefinem desde as novas configurações do debate público até a própria noção de espaço. As redes interconectadas se caracterizam pela proliferação de variadas plataformas que organizam e segmentam os fluxos discursivos conforme suas configurações editoriais: uma rede destinada ao mundo de trabalho, outra aos textos breves e fotos de lazer, dentre outros direcionamentos que tornam mais complexo e fragmentado o exercício comunicativo para indivíduos, instituições, empresas, artistas, classe política, educadores. É uma dinâmica que nos leva hora para o assujeitamento às regras do jogo, hora para experiências possíveis de produção de conhecimento coletivo, que podem se instalar como resistência. As técnicas algorítmicas que interpretam nossos gostos a partir da disponibilização dos rastros de navegação definem, em circulação direcionada, a oferta de conteúdo disponível, numa estratégia que alimenta com os dados pessoais as novas configurações da economia e da política. É uma mudança que envolve toda dinâmica social: do dispositivo jurídico ao



educacional, passando pelas formas de organização do trabalho, os fluxos do capital e a produção de subjetividades.

Nesse contexto, há um apelo incessante às manifestações gerando como consequência o deslocamento do debate público para esses espaços controlados pelas grandes corporações que tem impactado os sistemas político e comportamental nessa segunda década do século XXI. Ainda que o problema seja conhecido e problematizado em estudos de vários campos científicos, importa, para nossos propósitos, pensar a relação desse espaço comunicativo com a “fratura social” (SALGADO; OLIVA, 2020), como característica presente no Brasil contemporâneo. Todos conhecemos hoje seus efeitos, dividindo familiares, instaurando interditos nos ambientes profissionais e comunitários. Passamos a conviver com uma polícia discursiva que sugere um refinamento dos mecanismos de controle e com a proliferação de expressões de ódio e ataques à civilidade, uma intolerância à diferença. O fenômeno é transnacional e tem, em grande medida, motivações específicas. Os ataques digitais são orquestrados por uma extrema direita global, que saltou do anonimato das redes, perceptível, por exemplo, nas cenas da invasão do capitólio após Donald Trump perder a eleição norte-americana. Os supremacistas brancos ganharam as telas do mundo com sua pauta ultraconservadora, nacionalista, sexista, excludente e violenta, sinalizando novas formas de conduta que podem ir além de um fato isolado no contexto americano.

Não é tarefa fácil identificar uma origem dessa mudança, mas é possível arriscar alguns caminhos, sobretudo se circunscrevermos nossa análise às particularidades do Brasil, onde também essa tendência se faz presente. O epicentro do fenômeno por aqui está ligado às manifestações de 2013, foi intensificado no processo de afastamento de Dilma Rousseff da

presidência da república, como golpe político-jurídico-midiático, e ganhou novos contornos nas eleições presidenciais de 2018. As razões da fratura social são complexas e variadas, tem raízes para além dos fenômenos recentes- em certo sentido é constitutiva de nossa experiência histórica-, mas, para o que interessa aqui, serão pensadas a partir de uma análise do funcionamento das discursividades no ambiente digital nos últimos anos que cumpre examinar a partir de suas condições de produção.

O conceito de condições de produção, a partir de Pêcheux (2010) expõe as armadilhas da superficialidade linguística e problematiza a necessidade de buscar um gesto de interpretação para além de uma visão instrumental da linguagem, repensando o esquema informacional entre emissor e receptor. Pêcheux (2010) demonstra a existência das formações imaginárias nas interações que dizem respeito a imagem que os sujeitos fazem de si, do outro e do referente, que se torna objeto imaginário. Esse modelo rompe com certa concepção da transparência da linguagem e busca atingir outras camadas do texto em que não o não dito precede e domina o dito. As especificidades das condições de produção nas redes interconectadas em que a intermediação se dá por atores humanos e não humanos, com utilização de técnicas algorítmicas, complexificam as possibilidades do exercício da análise do discurso, tal como concebida Pêcheux (2010). A questão contemporânea amplia o ponto de vista da análise para a produção e participação. Ler e interpretar são verbos que se conjugam hoje com a ideia de produzir e fazer circular. O gesto de interpretação é também produção cotidiana nas redes interconectadas.

Luciana Salgado e Jaime Oliva (2020), seguindo o pensamento de Milton Santos (2000), recorrem ao conceito de espacialidade comunicativa como um desdobramento dos espaços em meios técnicos e informacionais



descritos pelo geógrafo, adaptado ao contexto atual das redes interconectadas. A ubiquidade das tecnologias de comunicação faz com que os espaços sejam caracterizados pelas passagens instantâneas do virtual ao presencial, acentuando os processos de desterritorialização. A particularidade das condições de produção nesse ambiente se deve ao fato de que se trata de espaços ao mesmo tempo controlados (com senhas de acesso e dados pessoais tornados mercadoria valiosa) e abertos, no sentido que se inscrevem em redes onde agem os olhos de uma vigilância ubíqua. “As redes formam, isto sim, um panóptico eletrônico, pois, sob aparência de espaço que promete liberdade, elas permitem controle total.” (SANTAELLA, 2016, p.100).

O apelo incessante à manifestação nesses espaços comunicativos transforma também as subjetividades. Han (2018) identifica nesse movimento uma tendência a transferir para as plataformas a gestão de nossas subjetividades, transformando as pessoas em sujeitos da performance que abdicam de si mesmos, diante do imperativo das métricas que atestam o alcance de sua influência. O valor da performance se inscreve como a presença do modelo neoliberal na biopolítica. Para além dos imperativos que transformam a relação do mundo do trabalho com as redes intermediadas pelas plataformas, há um efeito sobre as vidas privadas e uma nova configuração da existência, a partir do que poderíamos chamar de narrativa de si. Foucault (2017) na sua primeira aula do curso “A Coragem da Verdade” estabelece recortes históricos de longa duração para pensar os princípios sobre o discurso de si: do ocupa-te de ti mesmo dos diálogos socráticos ao desenvolvimento de uma “cultura de si” (Foucault, 2017, p.6), onde se elabora todo um jogo de práticas de si que sinalizam diferentes relações de saber e poder. Nesse jogo, sempre foi dada uma grande importância ao outro, aquele para quem se

elabora o discurso. Era necessário certa qualificação ao parceiro que recebia essa narrativa da verdade sobre si mesmo, o pastor, o sábio, o médico, o cientista, o psicólogo.

As redes sociais incitam a uma narrativa de si destinada não mais ao ouvinte qualificado, mas à performance quantitativa, com circulação imprevisível. Em certo aspecto, cada sujeito se torna uma mídia de si mesmo, cujo sucesso é definido pelos seguidores, compartilhamentos, capacidade de influenciar. Verbos como lacrar e cancelar definem os modos de funcionamento do chamado das redes. A manutenção de nossa vida e das atividades está associada a ver e ser visto. O que publicar nas inúmeras plataformas, o que compartilhar, o que comentar são atividades que perpassam nossa rotina adquirindo as vezes a aura de um entretenimento passageiro e em outras de obrigação moral, uma necessidade de nos posicionarmos sobre os mais variados assuntos. Nessas teias, agem os algoritmos como uma não estrutura, aberta e imprevisível, tanto na distribuição dos conteúdos que produzimos, como, principalmente, no que chega até nós.

Salgado e Oliva (2020) identificam duas semânticas distintas e coexistentes nas técnicas comunicativas contemporâneas. Uma se refere aos padrões de controle (rastreamento, seletividade, filtragem) e a segunda é destinada a distribuição (propagabilidade, partilha, multiplicação). A primeira se define pelo aperfeiçoamento dos mecanismos de controle que resultaram num modo de funcionamento com senhas de acesso, programas fechados. A segunda, a cultura digital, tem raízes nos movimentos da partilha hacker, dos códigos abertos, do remix e do compartilhamento. Essas duas correntes disputam os espaços comunicacionais, com a clara hegemonia da primeira, principalmente nos últimos anos. Não se pode pensar as duas tendências



como blocos homogêneos, mas como gradações diferentes, que oscilam entre a lógica do controle e do compartilhamento. A configuração inicial da internet no Vale do Silício, como um encontro entre empreendedores, tecnologias da guerra fria e herdeiros dos movimentos contraculturais dos anos 1960 – tal como descrito por Castells (2004) - foi cada vez mais instrumentalizada pelo mercado, tornando os padrões de controle dominantes e a comercialização dos dados pessoais o bem mais cobiçado do capitalismo contemporâneo.

A questão é tanto complexa quanto intrigante, na medida em que a difusão da internet em que muitos falam para muitos- ao contrário da forma de organização das mídias tradicionais- não trouxe, numa perspectiva macropolítica, uma qualificação do debate público ou a elevação do patamar civilizacional. A concentração de poder global por parte das grandes plataformas cria um efeito de homogeneidade em que a ilusão da liberdade de expressão esconde o refinamento dos mecanismos de controle. Mas isso não se dá sem resistência e disputas. A cultura digital também é parte do jogo, a ética do compartilhamento, da transparência, do compromisso com a verdade factual não está fora, mas parece lutar em terreno desigual- ou com armas desiguais, já que a questão de fundo é ética.

As reações se dão também em relação ao que se convencionou definir como pós-verdade, expressão que emerge após a eleição de Trump em 2016. Escolhida como palavra do ano, em 2017, pela Oxford Dictionary, uma divisão da Oxford University Press<sup>2</sup>, seria a percepção da ideia de que os fatos objetivos têm menor influência para moldar a opinião pública do que apelo às emoções ou crenças pessoais. O filósofo chinês Yuk Hui identifica

---

<sup>2</sup> <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year>. Acessado em 22 jan. 2017.



nesse contexto uma “guerra de informações inverídicas e desinformação- o que caracteriza a política da pós-verdade” (Hui, 2020, p. 207). Hui retoma Foucault na inversão de um aforismo de Carl von Clausewitz de que “a guerra é a política continuada por outros meios” para “a política é a guerra continuada por outros meios” (Foucault, 2010). A pós-verdade como um enunciado que reflete nossos tempos foi, por vezes, interpretada como disputa narrativa, rompendo a relação referencial entre o fato e sua descrição. A ascensão de governos autoritários se colocou como contraponto à tradição iluminista e das conquistas libertárias do pós-guerra e foi sucedida pela pandemia da covid 19. Um real histórico que tornou evidente as consequências desastrosas da desinformação, o tamanho do problema e a necessidade de enfrentá-lo.

O modo de funcionamento da desinformação tem ensejado diferentes reações. Dos arcabouços jurídicos à proliferação das agências de fact checking, passando pelo dispositivo educacional, há um esforço coletivo de combate a esse inimigo comum. Ainda assim, os avanços não se dão na mesma proporção da disseminação de informações, negacionismos científicos, agenciando nas redes milhões de pessoas para as causas obscuras. Yuk Hui identifica na tecnologia um efeito de sincronização trazido pela modernização. Diferentes tempos históricos convergem em um eixo de tempo global que prioriza determinados modos de ser e tipos de conhecimento. O rompimento desse modelo passa por uma visão decolonial que aposte numa “fragmentação que nos libertará do tempo histórico linear. Trata-se de olhar para a diversidade cultural para a partir dela recontextualizar as tecnologias modernas. As linhas de fuga passam, portanto, pela reinvenção dos espaços comunicativos, tal como proposto por Milton Santos: “como um diálogo transversal desse tipo



seria possível quando o mundo inteiro foi sincronizado e transformado por uma força tecnológica gigantesca?” (Hui, 2020, p. 18), pergunta o filósofo.

Nesse ambiente, ao mesmo tempo controlado e aberto, os enunciados são ressignificados, na forma de compartilhamentos, comentários, numa dissociação entre a formulação e circulação fazendo com que os efeitos de sentido se transformem. Esse modo de funcionamento não é, na maioria das vezes, espontâneo, mas resultante do ambiente de radicalização política, motivada principalmente pelos grupos de extrema direita e, não raro, alimentado por robôs. A fratura social é articulada, com um modo de procedimento em escala global, embora no Brasil tenha particularidades e intensidades singulares. É possível identificar a presença de estratégias que se repetem nos países governados pela extrema direita, como relata o jornalista Guiliano de Empoli (2019). Ele descreve o trabalho dos engenheiros do caos, especialistas em marketing digital que estão por trás da ascensão ao poder de lideranças como Donald Trump, Boris Johnson, Matteo Salviani e Jair Bolsonaro. Através de uma mistura de técnicas de mineração e análise de dados, esses estrategistas capturam informações sobre usuários das redes e produzem notícias falsas e teorias da conspiração para conquistar mais visibilidade e votos para seus personagens e causas políticas. A explicitação dessas estratégias chama atenção para a dimensão criminosa do fenômeno da desinformação e para as possibilidades de manipulação diante do contexto de apropriação dos dados pessoais estimulados pela nossa expressão constante nas redes sociais.

A desinformação se dá também pela lógica do excesso, como atesta um relato feito por Flávio Morgado e Eduardo Reis de Mello, que durante dez dias se infiltraram em grupos bolsonaristas no aplicativo Telegram. O grupo Patriotas 2.0 defende o armamento massivo da população e o Antivacinas BR

2021, faz propaganda da cloroquina e do negacionismo científico. Cada um deles tem em média 10 mil seguidores que propagam para outros grupos os conteúdos que circulam. Em um espaço de oito horas, alguns perfis emitem cerca de 250 mensagens, do tipo “mulher negra diz que todos os brancos devem morrer”; “casal de gays obrigam filho adotivo a namorar coleguinha na escola”.

É tudo um pastiche do real. A teoria se resume aos robôs-pautas, uma espécie de perfil falso, gerenciado por alguém que gerencia outras contas como essas em outros grupos similares, e espalha as notícias falsas do dia, as matérias espetaculosas que visam os mesmos alvos e a as inúmeras teorias da conspiração (MORGADO; MELLO, 2021, on-line)

O relato dos infiltrados na bolha bolsonarista transpõe o grande muro simbólico da fratura social e demonstra também os grupos alcançados por essa estratégia, através dos perfis reais dos participantes: pessoas de meia idade, jovens com dificuldade de relacionamento, oficiais de reserva, segundo os autores. “O bolsonarismo é o subproduto de uma crise geral de representatividade, mas atizada em sua pior faceta” (MORGADO; MELLO, 2021, on-line), analisam. Para além das identificações ideológicas com causas conservadoras, há um modo de organização dos fluxos discursivos, se valendo da tecnologia, que está por trás do crescimento do negacionismo científico e de preconceitos variados. Uma produção de medo para a venda da solução.

### **ANÁLISE DO DISCURSO: UM LUGAR PARA INTERPRETAÇÃO**

Até aqui procuramos demonstrar que há uma associação entre estratégias de manipulação nas redes interconectadas, baseadas na desinformação e a fratura social como traço social do Brasil contemporâneo. A lógica das técnicas



algorítmicas se baseia, como vimos, no mapeamento dos gostos, medos, identificações que nossos rastros de navegação deixam nesses ambientes controlados. Identificamos também um jogo de poder que opõe diferentes procedimentos éticos no uso da tecnologia. Enquanto um modelo se inscreve na lógica da captura de dados para fins de manipulação/comercialização, um segundo alimenta a utopia de uma sociedade do conhecimento, a partir do compartilhamento de informações livres. Nessa guerra, o primeiro modelo tem levado vantagem. A instrumentalização do ambiente digital, através da desinformação, serve a interesses políticos e a fluxos do capital num jogo que inverteu as expectativas mais otimistas em relação à internet no início do século<sup>3</sup>.

A partir desse contexto brevemente descrito, gostaríamos de reivindicar um ponto de inflexão, que é, na verdade, de reflexão sobre a contribuição do dispositivo teórico- metodológico da análise do discurso de orientação francesa, resultante das contribuições de Michel Pêcheux (2011) e Michel Foucault. Pêcheux (2011) demonstrou que a questão do discurso é fundamentalmente interpretação. As diferentes formações discursivas em que os sujeitos se inserem provocam diferentes interpretações para o mesmo significante. O modo de funcionamento das redes torna, como vimos, o gesto de interpretação também produção, na medida dos compartilhamentos e comentários que (re) circulam conteúdos diversos. Essa percepção de que a interpretação dos significantes depende da formação discursiva do sujeito não deixa de ser o mecanismo que orienta as ações orquestradas e obscuras dos engenheiros do

---

<sup>3</sup> Nesse sentido, as políticas públicas de cultura do Ministro Gilberto Gil (2003-2008) indicavam novas possibilidades com os seus pontos de cultura, assunto tratado em estudo anterior (CARVALHO, 2015).



caos. As técnicas da inteligência artificial buscam entender crenças, medos, emoções dos sujeitos interconectados, preparam o pacote de desinformação customizado, de modo a influenciar os processos políticos que tem levado ao poder a extrema direita em muitos países do mundo, numa estratégia que vem junto com a criminalização da política institucional, como demonstra Giulino de Empoli (2019). As semelhanças entre a operação mão limpas na Itália e a lava-jato brasileira são elucidativas.

Michel Pêcheux (2011) procurou demonstrar que a interpretação dos enunciados, sempre passíveis de se tornarem outros, se dá pelas redes de filiação história e pelo inconsciente. Eni Orlandi (1988) retomando o pensamento de Pêcheux, observa que a noção de discurso acolhe o jogo entre uma relativa estabilidade e o equívoco. O lugar da interpretação é lugar de falha, da ideologia e do trabalho do inconsciente. As transferências consistem em processos de identificação a partir de uma pluralidade de filiações históricas. Assim, a lógica da desinformação se dá no vácuo de processos de identificação de grupos sociais que tem seus medos e preconceitos alimentados com fake News. A teoria de Michel Pêcheux, inscrita no materialismo histórico, pensava em desvendar a maquinaria dos discursos para conscientizar as massas de sua exploração, o oposto do que acontece hoje com o que Morgado e Mello (2021) chamam, ironicamente, de hub de desinformação. A lógica parece ser mais conhecer as emoções e medos, crises de representações de grupos deixados à margem pela política tradicional para produzir conteúdo falso, fazendo do desencanto a porta de entrada para os salvadores da pátria.

A análise do discurso como disciplina de interpretação que problematiza as condições de produção e as relações com a história e a ideologia pode



funcionar como um dispositivo teórico diferencial no entendimento (e no combate) da desinformação, justamente porque toca num ponto cego ausente nas importantes iniciativas de checagem de dados inverídicos: a não transparência da linguagem. Sem problematizar as condições de produção, as filiações históricas dos sujeitos e discursos, a língua como sistema significante sujeito ao equívoco e deslizamento, atuaremos como bombeiros de um incêndio que tende a se alastrar, sem que se ataque suas causas. Não se trata de um trabalho imediato, mais de uma pedagogia discursiva que busque a formação de sujeitos mais críticos para lidar com a complexidade do espaço comunicativo.

Orlandi (1988) estabelece como eixo de funcionamento dos discursos, a relação contraditória entre paráfrase e polissemia. “Aí está posta, a relação entre o mesmo e o diferente, a produtividade e a criatividade na linguagem”. (ORLANDI, 1988, p. 6). Na perspectiva discursiva a paráfrase é a reiteração do mesmo e a polissemia a inscrição da diferença. O sentido é tanto definido pelas condições de produção quanto pela incidência da memória- o interdiscurso- e do inconsciente que resulta numa concepção da língua como um sistema significante sujeito ao equívoco. O gesto da interpretação é espaço da contradição. É o que permite o dizer do sujeito pela ordem do repetível (portanto da paráfrase) e pelo deslocamento (historização e polissemia). Orlandi (1988) propõe uma diferenciação entre o discurso autoritário (no qual se tenta conter a polissemia), discurso polêmico (a expõe relativamente) e discurso lúdico (o da polissemia aberta, expõe o sujeito ao jogo). Vamos a dois exemplos que podem ilustrar as redes de saber e poder em torno da fratura social brasileira. Em comum, eles se baseiam na recorrência de paráfrases.

## PARÁFRASE E POLISSEMIA NAS REDES CONTEMPORÂNEAS

Vamos tomar como objeto de análise dois casos de paráfrase. O primeiro, envolvendo um tuíte do jornalista e escritor João Paulo Cuenca, em agosto de 2020, retomando um antigo ditado da revolução francesa e o segundo a publicação de um vídeo do ex-secretário da cultura, Roberto Alvin, parafraseando o ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels. São em certo sentido manifestações de polos opostos da fratura social brasileira contemporânea. Mas o fato de utilizarem uma mesma figura de linguagem e ensejarem movimentos de repercussão opostos parecem ilustrativos dos diferentes efeitos de sentido no espaço comunicativo contemporâneo, bem como das estratégias em jogo.

João Paulo Cuenca publicou em junho de 2020 um tuíte na sua conta na rede social. “O brasileiro só será livre quando o último Bolsonaro for enforcado nas tripas do último pastor da Igreja Universal.” O enunciado é uma paráfrase de um ditado atribuído aos iluministas Voltaire e Diderot, a partir das confissões do abade Jean Meslier (1664-1729): “o homem só será livre quando o último rei for enforcado nas tripas do último padre”<sup>4</sup>. O escritor relata, em artigo publicado na revista *piauí*, o contexto de publicação da frase.

O provérbio iluminista me veio de supetão, quando eu acabava de ler uma notícia sobre verbas de comunicação do governo federal canalizadas para os canais de rádio e tevê de grandes igrejas evangélicas, essas fortalezas eleitorais que estão conduzindo o Brasil ao precipício. Indignado com a notícia, reescrevi a frase, como já fizeram tantos ao longo da história, como se acrescentasse mais uma boutade às tantas que correm nas redes sociais, como alguém que rabiscasse a toalha

---

<sup>4</sup> A frase original do Abade, conforme edição de Voltaire teria sido. “Eu gostaria, e este será o último e mais ardente dos meus desejos, eu gostaria que o último rei fosse estrangulado com as tripas do último padre”.



de papel de um restaurante ou cuspiisse ao passar perto de um busto de um general na praça. (CUENCA, 2021, p.32)

A reação foi imediata. Em poucos minutos centenas de pessoas se manifestaram no tuíte de João Paulo Cuenca. Alguns, relata o escritor, enviaram mensagens privadas com ameaças de morte e insultos. Nas horas seguintes, orientado por um advogado, o escritor apagou o tuíte original e escreveu um thread- uma sequência de tweets de uma mesma pessoa para detalhar uma ideia- explicando o contexto de que se tratava de uma paráfrase. As consequências foram além das manifestações nas redes sociais. A editora da empresa onde o jornalista trabalhava, Deutsche Welle, rede pública de mídia alemã, o demitiu com a justificativa de que a corporação busca se opor a qualquer discurso de ódio. As reações ganharam também o campo jurídico. Até a data da publicação do diário do escritor na revista *piauí* existiam 77 processos, com a mesma argumentação em 19 estados da Federação. “Todos movidos por pastores da Igreja Universal” (CUENCA, 2021, p. 34), esclarece o jornalista e escritor.

Não importa aqui qualquer juízo moral sobre o enunciado de Cuenca, se ele também se inscreve nos discursos de ódio e agressividade, que, afinal, se voltaram contra ele. Interessa mais pensar o modo de funcionamento do enunciado, a forma como ao circular produz outros sentidos. Considerando as contribuições de Foucault (2004), podemos pensar a manifestação do escritor como enunciado. Há um sujeito do discurso, escritor e jornalista que utiliza uma rede social, o twitter, onde, na data de 10 de fevereiro de 2021, tinha 41,6 mil seguidores. O campo de forças que o enunciado emerge é das resistências ao fortalecimento de uma ordem midiática- política-religiosa que possui ligação estreita com o Governo Bolsonaro. Há um domínio de



memória, o enunciado da revolução francesa, tantas vezes repetido e adaptado como jogo de linguagem. “Uma boutade”, como assinalou Cuenca, um jogo com a linguagem em que o aspecto metafórico e seu domínio de memória são determinantes para o sentido. “Em nenhum momento eu disse que as pessoas “devem ser enforcadas” - e acreditar no contrário é simplesmente desconsiderar a existência de linguagem figurada ou qualquer capacidade de abstração.” (CUENCA, 2021, p. 32)

Mas algo saiu da ordem dos efeitos previstos, como pode ocorrer com frequência nas redes interconectadas, com sua estrutura aberta. O enunciado rompeu a bolha do discurso da esquerda política, deixou de ser uma figura de linguagem, uma metáfora de três séculos, para adquirir uma interpretação literal, como se o que ocorresse de fato fosse a violência encarnada. À primeira reação, com ameaças ao jornalista, se seguiu a manifestação, na mesma rede social, do filho do presidente, o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (com 1 milhão e 900 mil seguidores em 10/02/2021), reproduzindo a decisão da Deutsche Welle de demitir o jornalista e o ameaçando de processo. Foi o bastante para o debate seguir acalorado nas redes, como relata João Paulo Cuenca.

Os deputados neofacistas e seus asseclas celebram publicamente o tumulto nos meus perfis, que há haviam diminuído passados dois dias do tuíte, explode. Escritores, jornalistas e editores demonstram solidariedade, estupefatos, e são também achincalhados pela turba abominável. Passo a tarde, sentado no sofá, imóvel, com o computador no colo, rolando a tela enquanto proliferam comemorações contra mim, vídeos e montagens ofensivas com o meu rosto, ameaças de morte e de processos. (CUENCA, 2021, p. 33)



Os efeitos imprevisíveis da circulação dos desdobramentos do enunciado original de João Paulo Cuenca indicam sua apropriação por diferentes forças: da solidariedade dos que se identificaram com o que ele estava passando aos grupos de extrema direita. Algo, porém, saiu do campo verborrágico das redes para a sua vida pessoal. A perda do emprego e as dezenas de processos indicam o refinamento dos mecanismos de censura e interdição do dizer no Brasil contemporâneo. O ato de apagar o tuíte original já indicava, por parte do escritor, a percepção de que as consequências para sua vida pessoal não valiam a boutade. O episódio também suscitou reações de setores progressistas, veículos de mídia, manifestações de intelectuais, no Brasil e na Europa, e até da justiça. O Procurador da República, Frederico de Carvalho Paiva, decidiu a favor de Cuenca numa representação criminal com o argumento de que “trata-se de liberdade de expressão, que não pode ser tolhido por pessoas ignorantes que não tem capacidade de compreender uma hipérbole” (CUENCA, 2021, p.34). O fenômeno não é particular do contexto brasileiro, de alguma forma atravessa a história mais recente do ocidente, pelo menos desde a primeira eleição de Trump, mas aqui adquire aspectos mais agudos. Há pesos diferentes, como acentua mais uma vez Cuenca em seu diário na revista Piauí.

Desde a campanha eleitoral, membros de um governo miliciano de extrema direita no Brasil ameaçam seus opositores de execução (“fuzilar a petralhada, “mandar a oposição para a ponta da praia”). Além disso, usam slogans nazifascistas em redes oficiais, como o “Brasil acima de tudo”, adaptação de Deutschland über alles (Alemanha acima de tudo), frase adotada por Hitler (...). E houve ainda o ex-secretário da cultura Roberto Alvim fazendo *cosplay* de Goebbels em rede nacional e desfaçatez do ministro Paulo Guedes, citando nominalmente o ministro da economia nazista, Hjalmar Schacht, como exemplo a ser

seguido, ao se referir ao plano de reconstrução econômica de Hitler, que inclui mão de obra servil e militarizada. (CUENCA, 2021, p.34)

Nas manifestações do staff governamental de Bolsonaro, estão presentes incitações à violência e ao autoritarismo. As reações à paráfrase de Cuenca apontam para um silenciamento histórico, esvaziando sua condição de metáfora para acentuar- e punir- a violência literal do enunciado postulando a morte de bolsonaristas e pastores evangélicos.

O efeito de silenciar o processo histórico se fez ver em outra paráfrase, dessa vez protagonizada pelo ex-secretário de cultura do Brasil. Ele fez um discurso com uma estrutura sintática e semântica próxima a um manifesto, de 1933, de Joseph Goebbels, ministro da propaganda na Alemanha de Hitler, porém não explicitou a filiação histórica de sua manifestação. A performance de Alvim, veiculado em vídeo no perfil do twitter da secretaria, foi ao som de uma ópera de Wagner, o compositor preferido de Hitler. Disse o secretário:

A arte brasileira da próxima década será heróica e será nacional, será dotada de grande capacidade e envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que vinculada às aspirações urgentes do nosso povo, ou então não será nada” (ROMANO, 2020, on-line)<sup>5</sup>.

A explicitação de que o discurso de Alvim era uma paráfrase do ministro da propaganda nazista se deu por uma reportagem do coletivo Jornalistas Livres, grupo criado em 2015 funcionando através do trabalho voluntário de profissionais que buscavam uma alternativa à cobertura midiática tradicional

---

<sup>5</sup> A frase original de Goebbels é “a arte alemã da próxima década será heroica e será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional, com grande páthos e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada., publicada em Joseph Goebbels, uma biografia, editora Objetiva.



no campo político e se mantém com doações de simpatizantes. A filiação histórica do discurso foi consequência de um outro aspecto da vigilância nas redes, aquela destinada a explicitar gestos, atitudes, falas, atos dos poderes políticos, guiados por uma ética do conhecimento.<sup>6</sup> A cobertura do grupo Jornalistas Livres, no episódio do Secretário da Cultura, pautou a mídia tradicional, o assunto foi o mais comentado no twitter em 17 de janeiro e custou o cargo de Alvim. Ele definiu o episódio como uma “coincidência retórica.” De um ponto de vista discursivo não há coincidência retórica, mas jogo entre a ideologia e o inconsciente.

Assim, temos no caso de João Paulo Cuenca um apagamento da historicidade do enunciado diante de uma interpretação literal da paráfrase da frase da revolução Francesa. Já no episódio de Alvim há um desvelamento da historicidade do enunciado nas dinâmicas colaborativas da rede. Sobre o primeiro ponto, pensamos com Joel Birman (2006), que há um empobrecimento da dimensão simbólica da linguagem, em que a perda do poder metafórico se dá em relação direta com a profusão de imagens. “Vale dizer, a linguagem e o discurso assumem uma feição metonímica e não mais metafórica, em que a metonímia indica um desejo à deriva e sem cortes significativos”. (BIRMAN, 2006, p.189). Já o segundo episódio, demonstra que os espaços comunicativos são atravessados por resistências que vão buscar, onde não estão devidamente elucidadas, as condições de produção do discurso, suas filiações históricas e ideológicas. O que os jornalistas livres fizeram não deixa de ser uma aplicação dos preceitos teóricos do dispositivo teórico da

---

<sup>6</sup> Há alguma controvérsia sobre quem descobriu a relação com o texto nazista, não explicitada pelo autor. Teria sido a advogada Manoela Lourenção quem primeiro fez menção ao fato na sua conta no Twitter, logo também observada pelos jornalistas livres que também publicaram.

análise do discurso. Vejam, isso fala antes, em outro lugar. Restituíram ao jogo da paráfrase e polissemia a linha de fuga em relação ao autoritarismo.

### **APRENDER A ENSINAR AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procuramos demonstrar o modo de funcionamento dos espaços comunicativos contemporâneos nas redes interconectadas em que convivem certa padronização dos procedimentos com particularidades culturais em territórios específicos. A desinformação faz parte de uma estratégia direcionada envolvendo fluxos políticos e do capital. No caso brasileiro, o fenômeno tem diferenças que dizem respeito à fratura social instalada e alimentada em grupos conectados que agem como multiplicadores das notícias falsas, se valendo das emoções e medos identificados pelas técnicas algorítmicas. Esses conteúdos alimentam um ambiente de ódio e intolerância. Movimento que não ocorre sem resistências de setores que buscam elucidar fatos obscuros ligados ao poder.

O dispositivo conceitual da Análise do Discurso, derivada das contribuições de Pêcheux e Foucault, tem algo a contribuir no combate à desinformação, sobretudo no que se refere ao modo de conceber as filiações históricas dos diferentes sujeitos e os domínios de memória dos enunciados que circulam. Conforme exemplifica a análise da cobertura pelos Jornalistas Livres da paráfrase nazista do secretário de cultura Renato Alvim, é preciso ir além da literalidade dos enunciados, procurando ver neles a presença do interdiscurso. Uma interpretação que considere as condições de produção dos enunciados é capaz de problematizar quais posições sujeitos estão em



jogo, com quais filiações discursivas. Não é por outra razão que a forma autoritária da extrema direita busca o apagamento dessas relações.

O exemplo do Jornalistas Livres é também elucidativo de certo ambiente colaborativo nas redes, a partir de procedimentos de checagem e verificação que fazem parte da deontologia jornalística, cujo capital simbólico de credibilidade está associado à veracidade factual das informações. Se todos somos mídia, é preciso que esses procedimentos sejam eles também democratizados. Perguntas básicas como qual é a fonte da informação e a verificação de sua ocorrência em outras publicações, criam uma responsabilização dos sujeitos sobre o que compartilhar.

O campo interdisciplinar do que se denomina hoje educação midiática<sup>7</sup> (PRENSKY, 2012) pode abrigar uma pedagogia discursiva para pensar a relação dos sujeitos com as redes conectadas que os levem a formular perguntas sobre as condições de produção dos discursos. As formas de operacionalizar esse conhecimento ou de reconhecê-lo nas dinâmicas da rede- como se deu no episódio dos Jornalistas Livres- são tarefas que se impõem hoje à teoria, diante das demandas do real histórico. Problematizar as condições de produção dos discursos é fomentar nos sujeitos as percepções das formações imaginárias que perpassam sua própria expressão e interpretação da avalanche de conteúdo que tem de lidar todos os dias. É ser capaz de diferenciar na sua individualidade a função sujeito que fala por ele. Não foi outra coisa que motivou a trajetória de Foucault: saber, poder, ética de si.

---

<sup>7</sup> A educação midiática é definida como o conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático contemporâneo. Trata-se de um campo transversal que busca difundir novas pedagogias adequadas às novas formas de interação.

Ao discutir os papéis atribuídos ao professor e aluno, Eni Orlandi, propõe um esforço de reversibilidade como uma dinâmica lúdica a partir das relações entre paráfrase e polissemia.

Então, na relação com o imaginário que constitui essa relação entre professor e aluno cabe ao professor, enquanto responsável por um projeto pedagógico, interferir na imagem que o aluno faz do referente, ou seja, do objeto a conhecer. Isto deve ser feito discursivamente: a) A nível teórico, explicitando os pontos de deriva, isto é, trazendo à tona os gestos de interpretação e b) A nível analítico, dando-lhes condições para que eles trabalhem os lugares em que os sentidos podem ser outros (através de uma escuta discursivamente en-formada). Isto permite um trabalho que mude o lugar em que o sentido faz sentido (ORLANDI, 1988, p.10).

Não se trata de tarefa fácil e ela transcende hoje os espaços institucionais da educação, se faz cotidianamente nas redes. Não há tempo a perder diante da urgência que o real histórico nos coloca. Trata-se de traduzir pensamentos complexos, como o de interdiscurso e condições de produção, para uma práxis cotidiana das relações dos sujeitos com as redes. Isso se faz, fundamentalmente, com a valorização das humanidades em todas os processos formativos- da infância à Universidade. A dimensão histórica inerente às discursividades, a explicitação dos modos de funcionamento das linguagens nas suas relações com o sentido, a restituição da metáfora como espaço de resistência à gestos de interpretação que não vislumbram além da superfície das literalidades que comandam as políticas de cancelamento nas redes e os fundamentalismos políticos. A busca da emancipação dos sujeitos como atitude ética, reconectando-nos ao espírito de nascimento da Análise do Discurso como uma disciplina não só de interpretação, mas de transformação do real histórico.



## REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro, 2006.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gullbenkian, 2004.

CUENCA, J. P. Nada é mais antigo que o passado recente. **Revista Piaui**, n. 172, p. 32-37, jan. 2021.

EMPOLI, G. de. **Os engenheiros do caos: como as fake News, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar pessoas**. São Paulo: Vestígio, 2019.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HAN, B. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HUK, H. **Tecnodiversidade**. Tradução: Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2020.

MORGADO, Flávio; MELLO, Eduardo Reis. Dez dias infiltrado em grupos bolsonaristas: um ensaio dialógico ou uma reportagem à paisana. **Palavra Solta**, [S. l.], 2021. disponível em <https://www.revistaapalavrasolta.com/post/dez-dias-infiltrado-em-grupos-bolsonaristas-um-ensaio-dial%C3%B3gico-ou-uma-reportagem-%C3%A0-paisana>. Acesso em: 23 fev. 2021.

ORLANDI, P. E. Paráfrase e Polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **Revista Rua**, v. 4, n.1, Unicamp: Campinas, 1998.





PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso**. In: GADET, F.; HAK, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

PECHEUX, M. **Análise do Discurso**: Michel Pêcheux. Campinas: Pontes, 2011.

PRENSKY, Mark. **From digital natives to digital wisdom: hopeful essays for 21 st century learnign**. Corwin: Corwin, 2012.

ROMANO, G. Roberto Alvim parafraseia o nazista Joseph Goebbels em discurso. **Veja**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/roberto-alvim-parafraseia-o-nazista-joseph-goebbels-em-discurso/>. Acesso em: 23 fev. 2021.

SALGADO, L. S.; OLIVA, J. **Espaço Comunicativo e Fratura Social**. Ebook, Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTAELLA, L. **Temas e dilemas do pós-digital**. São Paulo: Paulus, 2016.

JORNALISTAS LIVRES. Exclusivo: Secretário da cultura de Bolsonaro copia Goebbels em discurso. *Jornalistas Livres*, [S. l.], 2021. Disponível em <https://jornalistaslivres.org/exclusivo-secretario-da-cultura-de-bolsonaro-copia-goebbels-em-discurso>. Acesso em: 23 fev. 2021.

TODOROV, T. **Inimigos íntimos da democracia**. Tradução Joana Angélica d' Avila Melo. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.



REVERBERAÇÕES EUCLIDIANAS NA CONTÍSTICA  
PAN-AMAZÔNICA SOBRE OS FENÔMENOS DAS ÁGUAS

EUCLIDEAN REVERBERATIONS IN PAN-AMAZONIAN  
STORYTELLING PAN-AMAZONIAN SHORT STORIES  
ABOUT WATER PHENOMENA

Irisvaldo Laurindo de SOUZA<sup>1</sup>

Tânia Maria Pereira SARMENTO-PANTOJA<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA, 2021). Bacharel em Comunicação Social (UFPA, 1990), com habilitação em Jornalismo. E-mail: irandesouza@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Docente da Universidade Federal do Pará. Email: p.sarmentopantoja@gmail.com



## RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a influência do modelo de escrita e interpretação da Amazônia estabelecido por Euclides da Cunha, no início do século XX, na contística pan-amazônica sobre os fenômenos das águas. A análise literária é centrada em seis contos de quatro ficcionistas — três brasileiros e um peruano: Alberto Rangel, Francisco Izquierdo Ríos, Arthur Engrácio e João Meirelles Filho. O trabalho argumenta que o modelo euclidiano está no cerne do agenciamento dos fenômenos das águas como matéria literária por esses autores, que a tematização do extrativismo em suas narrativas também se articula direta ou indiretamente com ele, e, por fim, que em seus limites e contradições, como na falta explícita de reconhecimento de um sujeito amazônico como protagonista da história social da região, a visada de Euclides da Cunha estabeleceu um paradigma influente, por vezes seguido e por vezes superado, na literatura moderna e contemporânea de expressão amazônica, da qual a contística das águas constitui amostra significativa. Os autores de referência são Cunha (2000), Souza (2009), Leão (2008) e Lima (2012), dentre outros.

## PALAVRAS-CHAVE

Amazônia; contos; Euclides da Cunha; fenômenos das águas.

## ABSTRACT

This article aims to discuss the influence of the model of writing and interpreting the Amazon established by Euclides da Cunha in the early twentieth century on pan-Amazonian storytelling about water phenomena. The literary

analysis focuses on six short stories by four fictionists – three Brazilian and one Peruvian: Alberto Rangel, Francisco Izquierdo Ríos, Arthur Engrácio, and João Meirelles Filho. The paper argues that the Euclidean model is at the core of the agency of water phenomena as literary matter by these authors, that the thematization of extractivism in their narratives is also directly or indirectly articulated with it, and, finally, that in its limits and contradictions, as in the explicit lack of recognition of an Amazonian subject as the protagonist of the region's social history, the vision of Euclides da Cunha established an influential paradigm, sometimes followed and sometimes surpassed, in modern and contemporary literature of Amazonian expression, of which the story of the waters is a significant sample. The reference authors are Cunha (2000), Souza (2009), Leão (2008), and Lima (2012), among others.

## KEYWORDS

Amazon; short stories; Euclides da Cunha; water phenomena.

## INTRODUÇÃO

A problematização da Amazônia como bioma e comarca cultural (RAMA, 2008) tem sido refratada num prisma de larga influência nos últimos 120 anos — o modelo discursivo e interpretativo estabelecido por Euclides da Cunha em sua em sua ensaística amazônica.<sup>3</sup> Apenas a título

---

<sup>3</sup> A edição dos textos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia consultada neste trabalho reúne todos os escritos do autor sobre a região — incluindo ensaios, relatórios e cartas — num mesmo volume sob o título de *Paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos* (Senado Federal, 2000, 393 p.).

de rememoração, depois de publicar *Os sertões* em 1902 Euclides percorreu a região amazônica como chefe da Missão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus em 1905. Do périplo do autor pela planície resultaram as coletâneas de ensaios *Contrastes e confrontos* (1907) e *À margem da história* (1909), matrizes de “Um paraíso perdido”, o livro vingador da “Hileia maravilhosa” que ele começara a escrever sobre a Amazônia antes de morrer tragicamente em 1909.

Mas afinal o que viu e o que disse o narrador euclidiano sobre as paragens amazônicas? Qual foi o seu recorte discursivo, epistemológico e sobretudo estético sobre a região? Como a sua percepção do universo natural e social da Amazônia, em que já é visível a presença tanto dos fenômenos naturais quanto da catástrofe social, se torna um paradigma estético ainda presente nos contos que analisamos neste estudo?

Itinerante e multiperspectivado, na definição de Ronaldo de Melo e Souza (2009), o narrador euclidiano primeiramente catalisou de modo caleidoscópico as notações de exploradores e naturalistas sobre a região amazônica, estabelecendo as bases de uma nova narrativa para ela no limiar da República. Em outras palavras, releu os viajantes, estabeleceu juízos sobre a natureza equatorial e o homem que a habitava, arriscou vaticínios sobre o futuro da região, exprimindo-os com jogos metafóricos, ironia acentuada, percepção pictórica, cênica e dramática, *ethos* elevado, intertextualidade e interdiscursividade abundantes. Uma ensaística pós-romântica, para alguns críticos, como Souza (2009), não naturalista<sup>4</sup>, decerto modernizante.

---

<sup>4</sup> Ronaldo de Melo e Souza (2009, p. 110) argui que “a narrativa euclidiana nada tem a ver com o naturalismo, porque a natureza que se representa em sua obra é orgânica e não mecânica ou determinista”.



E Euclides a engendra, a exemplo do que já fizera em *Os sertões*, com um discurso no limite entre a literatura e a ciência.

Como cientista ou poeta, mas sobretudo como cientista e poeta, a Euclides não importa senão ser geopoeta, que é o poeta que se emparelha com a terra na tentativa de corresponder ao ritmo formativo da **potência telúrica**. [...] Diante do **processo metamórfico da terra amazônica**, no embate com o **rio diluvial**, que atua como verdadeiro agente geomorfológico, o brasileiro intruso [nordestino] experimenta o estranhamento do expatriado. **A própria terra refoge-lhe aos passos**, dissolvendo-se no fluxo ininterrupto de **caudalosas correntes** para ressurgir em novas formas topográficas, recém-nascidas do *dilúvio* [...]. Apreensivo quanto ao futuro da região amazônica, o narrador revê na selva o mesmo drama do sertão. Ambos se aliam, sertão e selva, na mesma **representação do abandono secular**, ablegados pela civilização de empréstimo do litoral europeizado. Revestido da *persona ficta* do tribuno da história, o narrador euclidiano adverte o poder central da possibilidade de perda do *território vastíssimo*. Argumenta que, sem uma “ação persistente em um trabalho de incorporação”, a Amazônia se despegará do Brasil. (SOUZA, 2009, p. 120-124, grifos nossos)

Observem-se os grifos feitos na citação para que se possa resguardar, juntamente com Souza (2009), algumas das marcas textuais e discursivas de Euclides da Cunha que vão se refratar sobremaneira nos contos estudados neste estudo. Pois esses elementos agenciados do mundo natural e da vida social amazônica antecipam os principais eixos temáticos e simbólicos do *corpus* estudado. Juízo válido primeiramente e sobretudo para o conto *Terra caída*, de Alberto Rangel (2008), levando-se em conta a sintonia fina desse autor com o ensaísmo sertanista de Euclides. Afinal Rangel tirou proveito como poucos dos agenciamentos temáticos, estéticos e discursivos ofertados por seu mestre e amigo. Nos demais autores -- o amazonense Arthur Engrácio, o peruano Francisco Izquierdo Ríos e o paulista João Meirelles Filho --

decerto também reverberam as notações euclidianas sobre a região. Dentre elas a visada dos viajantes, a “recente” formação geológica da Amazônia, a força brutal dos elementos, os rios caudalosos e incivilizados, as cheias sazonais e extemporâneas, a devoração das ribanceiras pela “correnteza viva”, a solidão e a invisibilidade do caboclo nos confins da planície, sua vida precária nas ribanceiras dos rios, a servidão a que era submetido nos seringais, o extrativismo de subsistência como método arcaico de produzir riqueza — quadro que o narrador euclidiano pinta e emoldura em perspectiva monumental e por vezes sublime tal o choque que lhe causa, o espanto que lhe atordoa os sentidos e a razão, o desejo de abstrair e ressignificar tudo o que vê por meio da palavra escrita, constituindo seu próprio legado para os leitores e futuros intérpretes da região.

Na vastidão amazônica, conforme já assinalado, os fenômenos das águas evidentemente não passaram despercebidos ao olhar atento e perscrutador de Euclides da Cunha. Em toda a calha do Amazonas, onde se multiplicam as enchentes, as terras caídas e a flutuação de barrancos, despedagados pelas águas, a formar e a desformar ilhas de montante a jusante, “nunca o homem arremeteu com tamanha pertinácia e brilho com a brutalidade dos elementos” (CUNHA, 2000, p. 142). Na imensa massa líquida da planície — mais de 25 mil quilômetros de rios navegáveis somente na Amazônia brasileira —, a fauna, a flora e o homem estão sempre sob a ameaça dos desastres hidrográficos, condição profundamente registrada por Euclides em seu ensaio:

Depois de uma única enchente se desmancham os trabalhos de um hidrógrafo. [...] O que nele [Rio Amazonas] se destaca é a função destruidora, exclusiva. A enorme caudal está destruindo a terra. [...] As ilhas trabalhadas pelas mesmas correntes que as geraram, desbarrancam-se a montante e restauram-se a jusante, e vão, lento



e lento, derivando rio abaixo, ao modo de monstruosos pontões desmastreados, de longas proas abatidas e popas altas, a navegarem dia e noite com velocidade insensível. Por fim, desgastam-se e acabam. A de Urucurituba durou dez anos (1840-1850) mercê da superfície vastíssima; e apagou-se numa enchente... [...] O rio, multífluo nas grandes enchentes, vinga as ribanceiras e desafoga-se nos plainos desimpedidos. Desarraiga florestas inteiras, atulhando de troncos e esgalhos as depressões numerosas da várzea; e nos remansos das planícies inundadas, decantam-se-lhe as águas carregadas de detritus [...]. Não raro o viajante, à noite, desperta sacudido por uma vibração de terremoto, e aturde-se apavorado ouvindo logo após o fragor indescritível de miríades de frondes, de troncos, de galhos, entrebatando-se, rangendo, estalando e caindo todos a um tempo, num baque surdo e prolongado, lembrando o assalto fulminante de um cataclismo e um desabamento da terra. São, de fato, as “terras caídas”, das quais resultam sempre duas sortes de obstáculos; de um lado o inextricável acervo de galhadas e troncos, que se entrecruzam à superfície d’água, ou irrompem em pontas ameaçadoras, do fundo; e de outro as massas argilosas, ou argilo-arenosas, que a corrente pouco veloz não dissolve, permitindo-lhes acumularem-se nas minúsculas ilhotas dos “torrões”, ou, mais prejudiciais, nos rasos bancos compactos dos “salões”, impropriando a passagem aos mais diminutos calados. (CUNHA, 2000, p. 116-140)

Reiteramos que essa recolha que Euclides da Cunha faz sobre a disrupção das águas na Bacia Amazônica vai reverberar profundamente no *corpus* em análise, como veremos adiante. Porém antes é necessário refletir um pouco mais sobre as estratégias discursivas do narrador euclidiano. Dentre as muitas máscaras ou filtros que ele utiliza para interpretar a Amazônia, conforme assinalado anteriormente, destaca-se a da ironia. Estudiosos de Euclides como Souza (2009), Berthold Zilly (2002) e Roberto Ventura (2019) anotam que essa é uma de suas estratégias mais frequentes e bem-sucedidas. Seja na “terra ignota”, o sertão, seja na “terra sem história”, a fronteira amazônica, ele encena o drama e a tragédia da terra e do homem,



que vêm a ser os da própria história, com seu ensaísmo sertanista “[...] poética e retoricamente elaborado, belo, sublime, mas também apelativo, amargo, sarcástico ou emocionante” (ZILLY, 2002, p. 195). Já fora assim em *Os sertões*, assinala Ventura (2019, p. 77), obra em que ao rebaixar seu estilo sublime e erudito para discursar no diapasão da ironia o narrador euclidiano dera visibilidade ao verdadeiro *quid pro quo* no qual “a história republicana se encenava como comédia trágica”. Esta a estratégia discursiva, em meio a outras, que ele adotou para testemunhar o choque e a barbárie presenciados, pessoalmente, no sertão baiano.

Ora analítico, ora impressionista (ZILLY, 2002), o narrador euclidiano também filtrará o universo amazônico mais precisamente como uma nova experiência, a experiência do choque em sua itinerância pela Amazônia. Choque diante da fisiografia monumental. Choque diante do abandono da região, inclusive de rios como o Purus, pelos novos governantes republicanos. Choque diante do arcaísmo econômico e social da planície. Choque diante das condições de trabalho nos confins da floresta “onde o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se” (CUNHA, 2000, p. 127). Note-se por exemplo o acento irônico expresso pelo dito que se contradiz, à maneira dos paradoxos, já em uma célebre passagem de “Impressões gerais”, o texto de abertura de *À margem da história* (1909). É recurso frequente nos ensaios amazônicos, assim como a dramatização cênica da paisagem e do homem. E dá o tom com que Euclides, apologista da civilização, registra a escalada vacilante e dramática do processo civilizatório na calha do Amazonas, registro que por vezes se faz na proximidade com as estruturas do sarcasmo, por conta da mordente ironia.



Já nos fins do século XVIII, Alexandre Rodrigues Ferreira, ao realizar a sua “viagem filosófica”, pela calha principal do grande rio, andara entre ruínas. Na vila de Barcelos, capital da circunscrição longínqua, antolhara-se-lhe, tangível, a imagem do progresso tipicamente amazônico, naquele presuntuoso palácio das Demarcações — amplíssimo, monumental, imponente — e coberto de sapé! Era um símbolo. Tudo vacilante, efêmero, antinômico, na paragem estranha onde as próprias cidades são errantes, como os homens, perpetuamente a mudarem de sítio, deslocando-se à medida que o chão lhes foge roído das correntezas, ou tombando nas “terras caídas” das barreiras... (CUNHA, 2000, p. 124)

Palácio coberto de sapé como marco antrópico. Benfeitorias que não resistem talvez a uma enchente. Cidades instáveis e móveis. Homens em estado permanente de desterro. Terra infiltrada e dissolvida pelas águas. O dramático, o trágico e o cômico captados pela lente de um narrador irônico que não tem parcimônia de lançar mão deste e de outros tropos derivados da metáfora como a hipérbole, o paradoxo, a personificação, o eufemismo e a antonomásia para prover um padrão estilístico à sua escritura amazônica (GUEDELHA, 2013). Afinal para Euclides, como anota o pesquisador Carlos Antônio Magalhães Guedelha (2013),

A Amazônia em tudo favorece a “hipertrofia da imaginação”, dado o seu passado enformado por um ciclo quase mitológico, que insiste em avançar em direção ao presente, chamuscando inclusive as mais adiantadas hipóteses da ciência. A mentalidade mais sólida, na tentativa de aquilatar a grandeza da terra, corre o risco de pender para a fantasia ante um mundo composto de superlativos e hipérbolos. Euclides parece sugerir, com isso, talvez inconscientemente, que a Amazônia é o reino da metáfora. (GUEDELHA, 2013, p. 211)

Lembremos que enquanto matriz de todas as figuras de linguagem a metáfora permite a transposição de significados entre referentes distintos

para estabelecer sentidos figurados. E é esta a estratégia que constitui para o narrador euclidiano “[...] a alternativa mais apropriada para dizer o indizível daquele perverso mundo de estupidez e brutalidades exacerbadas” (CUNHA, 2000, p. 250-251) — o mundo amazônico. Todavia para Souza (2009, p. 132) o uso e o abuso da metáfora pelo narrador euclidiano não se devem a uma mera prática retórica da literatura ou a uma busca pura e simples de efeitos epifânicos e sublimes: “em Euclides, a metáfora é um tropo vital, exigido pela enormidade da matéria telúrica”. E a matéria telúrica que se lhe apresenta nos “sertões” do Norte é desmesurada, inapreensível em sua totalidade e repleta de confrontos e contrastes. Mesmo assim ele a enfrentou com a palavra e o pensamento, legando um modelo de escrita e de representação literária da Amazônia.

### **A CONTÍSTICA AMAZÔNICA SOBRE OS FENÔMENOS DAS ÁGUAS**

A Bacia Amazônica sempre foi lugar de fenômenos hidrográficos extraordinários. Navegadores e exploradores europeus, mas primeiramente os ameríndios que habitavam a planície antes da colonização iniciada no século XVI, desde cedo aprenderam a observá-los, a proteger-se e necessariamente a lidar com eles. Dentre esses fenômenos estão a enchente, provocada pelo aumento da vazão dos rios, o que faz com que as águas transbordem de seus canais e alaguem as áreas adjacentes às ribanceiras; a terra caída, que vem a ser o desmoronamento progressivo das próprias ribanceiras devido ao atrito da correnteza; a *llocllada*, provocada pelo desmoronamento das encostas dos Andes que faz os rios transbordarem de lama e lodo, matando os peixes por asfixia; e ainda o fenômeno fluviomarinho conhecido no Norte do Brasil como “pororoca”, muito violento e destruidor, causado pelo



embate entre as marés altas do oceano — marés de sizígia — e as cheias dos rios amazônicos.

Esses fenômenos perpassam — mais do que isso são o próprio *leitmotiv* — nos contos estudados. Senão vejamos. *Terra caída* de Alberto Rangel (2008) narra a história de José Cordulo, um ribeirinho que vivia com a família em área devoluta no Médio Amazonas. Cordulo construía a própria casa no alto de um barranco à beira-rio. Criava “gado de meia”, ou seja, em sistema de partilha com os donos dos animais. Cultivava uma roça de milho, feijão e mandioca. Num sábado de verão na Amazônia, o céu acinzentado devido às queimadas, ele foi com a família a uma festa no outro lado do rio, no sítio de um compadre. Ao voltar para casa no domingo teve uma ingrata surpresa: a ribanceira do terreno onde erguera a própria morada fora arrastada pela força incomensurável do Amazonas, que levou correnteza abaixo benfeitorias nas quais investira cinco anos de trabalho.

Ainda sem tradução para o português, o conto *La llocllada* do escritor peruano Francisco Izquierdo Ríos tematiza uma “llocllada”<sup>5</sup> que redundava em desastre. Certo dia os moradores de Saposoa, na província de Huallaga, levaram um grande susto: as águas do Rio Saposoa e as do riacho Serrano amanheceram vermelhas como sangue. A bacia do Rio Huallaga — um dos formadores do Marañón, que flui para o Ucayali, que já é o Amazonas em curso inicial — havia transbordado. Ruas, estradas e plantações inundaram-se. A água escalou os tabuleiros das pontes. Animais foram arrastados pela correnteza, morrendo submersos. Engolfados pelo barro os peixes também

---

<sup>5</sup> Substantivo feminino em língua castelhana. Grafado originalmente como *lloklla* ou *luqlla* em quéchua, significa aguaceiros, inundações e transbordamentos de aluvião. (HOLGUIN, 1608 [1952])

boiavam sem vida, aos milhares. Nas choças ribeirinhas trazidas pelo turbilhão das águas, uma procissão de cadáveres: homens, mulheres, crianças.

O terceiro conto do *corpus* também é de autoria de Izquierdo Ríos (1975; 2010). Intitulado em português *Sob as primeiras estrelas* (*Cielo sin nubes*, no original em espanhol), narra a história do ribeirinho Feliciano Cárdenas e de sua família, habitantes, eles também, da bacia do Huallaga. Num dia que amanhecera belo, porém agourado por anuns que voavam baixo e projetavam sombras negras na floresta, o rio transbordou de repente inundando a hinterlândia. Soterrou a chácara de Feliciano. Obrigou-o a evadir-se com a mulher e os filhos. O motivo da súbita enchente? Chuvas torrenciais nas cabeceiras andinas. E, no rastro da grande enxurrada de aluvião, fome, sede, lama, lodo, animais mortos, benfeitorias perdidas, cadáveres levados pela correnteza.

O quarto conto é de autoria do escritor amazonense Arthur Engrácio. Chama-se “A enchente”. Narra o drama de Jeovaldo, de sua esposa Marieta e dos dois filhos do casal, ribeirinhos que moram numa palafita à margem de um grande rio amazônico. Uma enchente gigantesca faz o caudal transbordar. As águas alagam as terras interiores. Escalam os esteios da palafita de Jeovaldo. A correnteza arrasta árvores e animais mortos sobre os quais os urubus banqueteam-se. Aves silvestres revoam em desespero. O ribeirinho trava uma luta agônica e solitária para salvar a si e aos seus. A canoa abarrotada de víveres, a família abandona o próprio sítio em busca de atracadouro seguro.

O quinto conto estudado chama-se *Poraquê*, de João Meirelles Filho. Tem como cenário uma fazenda do Arquipélago do Marajó, no estuário do Rio Amazonas. O narrador-personagem, não nomeado, é o herdeiro da propriedade. Chuvas incessantes assolam as terras baixas do arquipélago.



No espaço-tempo do conto a tábua é de maré alta, altíssima. E logo o fazendeiro intui: o que está a caminho é na verdade uma grande e última pororoca. Na água turva de tabatinga os búfalos rodopiam até a morte, os cavalos apavoram-se com o seu avanço inexorável, os bois fogem para as terras altas, as piramboias buscam abrigo debaixo da casa assenhorada pela inundação. O destino final do arquipélago é virar mar. O que leva o fazendeiro a abandonar a propriedade rural, a tempo e a hora, juntamente com agregados e amigos.

Já o sexto e último conto também é de autoria de João Meirelles Filho. Intitulado *Mamí tinha razão*, ficcionaliza acontecimentos posteriores a um levante de águas na foz do Amazonas, uma enchente descomunal que inunda a cidade de Belém e parte da hinterlândia paraense, com efeitos irreversíveis. Vinda da ilha do Marajó — o que denota a intratextualidade desta narrativa com a de *Poraquê* —, a grande pororoca não para de arremeter. As águas sobem cada vez mais. São milhares os mortos. Quem escapou busca alternativas de sobrevivência. Da paisagem urbana só restam os andares mais altos dos edifícios. Canoas e lanchas são os únicos meios de transporte. E quem não morreu afogado logo se convenceu de que deveria migrar para outras regiões em busca de terra firme. Foi o que fez Mamí, mãe de santo obesa, idosa e discriminada por suas crenças religiosas — alugou uma lancha na qual partiu com dois protegidos para o sudeste do Pará, continente adentro, em busca de terras altas que porventura tivessem escapado à catástrofe das águas.

Se tomados na perspectiva epistemológica do desastre e da catástrofe, esses contos denotam em sua textualidade a vigência de uma linha de força que conduz do desastre natural, que tem efeitos reversíveis no meio

natural e na vida social, à catástrofe sociopolítica, cujas fraturas materiais e psicossociais são irreversíveis (SARMENTO-PANTOJA, 2014). Porém essa abordagem analítica foge ao escopo deste trabalho. Conforme já assinalamos, o nosso objetivo é analisar criticamente a contística pan-amazônica das águas à contraluz do modelo euclidiano de escrita e interpretação da Amazônia.

## ECOS DO PARADIGMA EUCLIDIANO NA CONTÍSTICA DAS ÁGUAS

Como se pode constatar nas sinopses do tópico anterior, os fenômenos das águas típicos da Bacia Amazônica coligidos por Euclides da Cunha em seus escritos sobre a região estão presentes nas narrativas estudadas neste trabalho, com maior visibilidade para as enchentes e as terras caídas. As exceções, ainda que parciais, são a *llocllada* andina propriamente dita, com seu aluvião de lama e lodo que descamba pelas encostas serranas soçobrando os rios e matando os peixes, e a maré fluviomarina da pororoca, que jaz implícita nas descrições euclidianas das tumultuosas correntes e contracorrentes da foz do Amazonas. Para além da experiência empírica de cada autor com a natureza da região, a perspectiva euclidiana desses fenômenos é notória no *corpus*. A título de exemplo, observemos a passagem de *Poraquê* de Meirelles Filho na qual os moradores da fazenda marajoara se dão conta de que uma “coroa grande” trazida pela correnteza estancara à ilharga da propriedade costeira.

[...] Carlinhos, o menino, continuava, agitado. [...] Me apontava — tio, tio, tá ilhando lá pra dentro do mar! [...] e efetivamente havia ondas espumando praquela lado que o jitinho indicava. O calor tornava a paisagem ainda mais indefinida. Não era uma geleira, nem uma canoa de gado ou nada familiar. [...] Levantei-me, levei as mãos sobre a fronte, imitando o formato de um par de binóculos. Sim, havia coisa grande ali. Como se fosse



uma baleia encalhada. [...]. Pois não é que tinha razão o pequeno? Algo estava se ilhando lá pra dentro do mar, do mar grande, como os pescadores chamam. (MEIRELLES FILHO, 2017, p. 12-13)

Essa é a terra caída — desbarrancada pelas correntes, nas palavras de Euclides da Cunha — que forja “coroas grandes” na calha do Amazonas. E para melhor visualizar a incidência desse e de outros fenômenos das águas no *corpus* observe-se o quadro abaixo:

Quadro demonstrativo dos fenômenos das águas incidentes no *corpus*

Fenômeno	La llocllada	Terra caída	A enchente	Poraquê	Mamí tinha razão
Locllada	✓	...	...	...	...
Enchente	✓	✓	✓	✓	✓
Terra caída	✓	✓	✓	✓	...
Pororoca	...	...	...	✓	✓

Fonte: elaboração própria

Vejamos doravante — e ainda no primeiro plano da trama da linguagem — as estratégias adotadas pelos autores não exatamente para emular ou simplesmente replicar, mas para repercutir ao seu modo o modelo “geoliterário” de escrita de Euclides da Cunha sobre a Amazônia (SOUZA, 2009). Conforme assinalado na Introdução, nas seis narrativas curtas em tela a mimesis prevalece como regime de representação e a metáfora também domina o *corpus* como procedimento simbólico, embora *Mamí tinha razão* abra uma exceção parcial no segundo caso, como veremos adiante. A estética naturalista, caracterizada pela enunciação objetiva e distante do narrador, bem como pelo alto investimento na descrição, também é uma linha de





força que perpassa os contos estudados em maior grau a montante (ou seja, nas narrativas de Rangel, Ríos e Engrácio) e algo menor a jusante (nas de Meirelles Filho).

Com fortes ressonâncias euclidianas, conforme já assinalamos, a escrita naturalista de Rangel é particularmente clivada de jogos metafóricos. Em *Inferno verde* a metáfora prevalece nas representações do mundo sensível — a vegetação, o rio, o trato da terra, os artefatos de domínio da natureza e acima de tudo a figura humana em sua dupla dimensão individual e coletiva — alinhavadas a partir do repertório semântico utilizado pelo autor para estabelecer significações da Amazônia enquanto referente simbólico. *Terra caída* abunda em metáforas canônicas (“Leviatãs cintilantes”, “esforço de atlas”, “luta de Sísifo”, “Mar Dulce”, “Eldorado”, dentre outras). Metáforas, por um lado, atualmente gastas e rasuradas por excesso de uso, como bem observa Guedelha (2013) em seu estudo. Por outro lado não há como não observar nelas relações radiais com códigos e arquivos do mundo ocidental branco e hegemônico, e, por isso mesmo, com base numa mirada dialética — por exemplo, a visada filosófica de Jacques Derrida (1991) — é possível dizer que enformam uma “mitologia branca”, eurocêntrica, que nos parece, contudo, ultrapassada nos contos analisados.

Em Engrácio (1995) a estratégia de simbolização por meio da metáfora, tão cara ao narrador euclidiano, também tem grande visibilidade. Os críticos assinalam que de fato o contista amazonense “[...] comporta-se, em seus textos, como um metaforista, aquele que se apraz em elaborar metáforas para, a partir delas, criar seus mundos paralelos ao real” (SILVA, 2016, p. 81). Sua sintaxe regionalista e sua busca da subjetividade do sujeito amazônico o livram da armadilha das “metáforas brancas” e canônicas, mas decerto



os jogos metafóricos de Engrácio ainda reverberam o acento monumental e o hiperbolismo tipicamente euclidianos.

As ondas, como línguas famélicas, infiltravam-se pelas rachaduras da ribanceira e, em pouco tempo, um bloco gigantesco de barro despencava-se no rio. Ao cair, as águas abriam-se como boca descomunal e, engolindo os pedaços despregados da barranca, provocavam estrondos violentos, ensurdecedores, que repercutiam como lancinantes uivos da terra mutilada. (ENGRÁCIO, 1995, p. 63)

Dada a afinidade de projetos literários entre o autor amazonense e o peruano no agenciamento da realidade amazônica como matéria ficcional — a sintaxe regionalista, a prospecção linguística, a visada antropológica, a representação neorrealista ou pós-naturalista etc. —, observamos que Ríos (1975; 2010) engendra uma trama de linguagem bastante similar à de Engrácio, e, por afiliação distante, à de Euclides. Deste modo, para a simbolização de seus referentes-chave, o ambiente e o homem da região, tampouco lhe interessa recorrer a códigos e arquivos eurocêntricos. Uma de suas tramas metafóricas mais frequentes, a exemplo de Engrácio, é a personificação ou antropomorfização de elementos da natureza amazônica, e essa é uma das muitas possibilidades expressivas da metáfora.

Da próspera chácara e Feliciano Cárdenas nada restou. Nada sobrou. [...] a frondosa árvore, povoada de ninhos de pássaros canoros, emudecera, silenciosa e triste. [...]

O Huallaga continuava crescendo e avançando. [...] As árvores destroçadas pela sua fúria emergiam delas como naufragos. Num frondoso jequitibá refugiaram-se macacos, pássaros e víboras, casual e fraternalmente unidos pelo risco comum. (RÍOS, 1975, p. 110).

Já em Meirelles Filho (2017) a estratégia simbólica centrada na metáfora refrata-se em outras forças de expressão. Seu realismo mimético se distancia o quanto possível das convenções naturalistas, investindo por exemplo na subjetivização dos personagens. Em *Poraquê* a simbolização metafórica ainda prevalece. E se alguns códigos arcaizantes e eurocêntricos figuram no início do conto — nomes científicos em latim, referências à *Odisseia* de Homero etc. —, à maneira de Euclides e Rangel, logo eles se diluem numa sintaxe regionalizada — lari, lari; embiocar; axi; indaquiapôco etc. — cujos efeitos de dicção se aproximam, não por acaso, do dialeto rosiano. Por outro lado, a “furiiosidade” e a monumentalidade da pororoca em curso em *Poraquê* ainda guardam muito, em sua representação, da trama euclidiana da metáfora como estratégia de *imitatio* das forças da natureza.

No segundo conto de Meirelles Filho (2017), *Mamí tinha razão*, a discursividade metafórica à Euclides da Cunha esvanece e deixa de constituir, excepcionalmente na contística das águas, uma linha de força. Nele as mediações entre signo e referente são diluídas, ou melhor, virtualizadas, perdendo visibilidade e centralidade para a expressão alegórica.<sup>6</sup> A fratura da especulação imobiliária que antes mesmo do desastre das águas já destroçava o espaço urbano amazônico é representada, por exemplo, da seguinte maneira:

Muita gente ainda tentou desafiar a água. Meu tio foi um deles. Mamí só ria, Netinho batia palmas. Ele inté construiu um muro mais alto, foi fazendo uns quantos andares pra cima da palafita. Não deu outra. A cada maré o barraco cedia um pouco, até ele desistir e a coisa sucumbir pra sumir de vez.

<sup>6</sup> A alegorese constitui um método hermenêutico de desvio e deslocamento de sentido. Em seu filtro interpretativo não há coincidência do sujeito com o objeto. Assim o leitor pode afastar-se da literalidade do texto e empreender a leitura do que não foi escrito (GANEGBIN, 2013).



Ele queria guardar aquele terrenão que sempre prometera deixar a família rica. De primeira, era pra aproveitar cada metro quadrado — um conjunto de predinhos chinfrins, um pardieiro, chamava seu irmão. Desfeito o negócio, o dono da firma de engenharia era ganancioso demais, apareceu um interessado em supermercado, outro em shopping e assim foi. Nunca do tio se decidir. (MEIRELLES FILHO, 2017, p. 83)

Saindo do plano da linguagem, outro agenciamento recorrente nas narrativas em tela — e que em muito reverbera o modelo euclidiano de escrita e interpretação da Amazônia —, é o do extrativismo primário como *modus vivendi* do sujeito amazônico. Um modo protocapitalista de produzir riqueza e, as mais das vezes, para o enriquecimento de terceiros, como nos seringais, embora também para a própria subsistência do caboclo. E que incide tão acentuadamente no *corpus* que muitas vezes o foco narrativo dos contos se concentra, como é regra em Rangel (2008) e habitual em Engrácio (1995), nas próprias relações de produção, com destaque para as narrativas em que esses autores tematizam o ciclo da borracha (LEÃO, 2008).

Como bem observou Euclides da Cunha (2000), o seringal era um espaço anômico onde o seringueiro, via de regra migrante nordestino, vivia em regime de servidão. Não é à toa portanto que as histórias de seringais prevalecem nos contos de *Inferno verde* (1908), em grande parte da contística de Artur Engrácio (LEÃO, 2008; SILVA, 2016), são frequentes nas narrativas curtas e longas de Ríos e em representações ficcionais da Pan-Amazônia como as presentes em *A voragem*, de José Eustasio Rivera, romance publicado em 1924, e, *A selva*, de Ferreira de Castro, em 1930. No seringal que irrigava a distância o fausto da *Belle Époque*, como anotou o narrador euclidiano com ironia e revolta, o sujeito era despojado de sua identidade e de sua própria



humanidade. Submetido ao sistema inescrupuloso e desumano do aviamento, trabalhava sem jamais deixar de dever ao patrão. Um ermo, aquele, onde “não há leis. Cada um traz o código penal no rifle que sobraça, e exercita a justiça a seu alvedrio, sem que o chamem a contas” (CUNHA, 2000, p. 169).

Embora não tenha como espaço o seringal, *Terra caída*, de Rangel (2008), traz abundantes figurações do extrativismo. Seus elementos diegéticos assentam-se no trinômio arquetípico caboclo-rio-floresta e são enfeixados numa enunciação descritiva e referencial. Em seu diapasão naturalista, o conto primeiramente elabora um longo diagnóstico do *modus operandi* do extrativismo de subsistência nas paragens amazônicas — nada menos que quatro das oito páginas do texto na edição de *Inferno verde* consultada para esta pesquisa. Somente após esse inventário — a criação de “gado de meia”, o plantio de capim para alimentar as reses, os animais de estimação como companhia e reserva de proteína animal, o encoivramento<sup>7</sup> dos roçados como método agrícola, a caça e a coleta, além da pesca, bem como as queimadas de verão e o desbaste permanente da “floresta viva” que insiste em avançar sobre as benfeitorias de José Cordulo — é que o narrador de Rangel, verborrágico e emulador do narrador euclidiano, dá início à narrativa propriamente dita.

Em Engrácio (1995) o extrativismo figura também como condição de destino que, além de impedir o sujeito amazônico de romper o círculo vicioso da miséria, força-o a uma vida de isolamento e extremamente precária nas paragens da floresta. Como já assinalaram seus críticos, o contista amazonense é essencialmente um painelista do *modus vivendi* ribeirinho

---

<sup>7</sup> Encoivarar: atear fogo à vegetação desbastada no trabalho de roçagem.



(LEÃO, 2008; SILVA, 2016). Em suas páginas pululam o peixe e a pesca, o plantio de várzea, a caça e a criação doméstica de animais — alguns para suprir o consumo de proteína animal, como galinhas e porcos. A exploração de borracha nos confins da selva — tema herdado de Euclides, de Rangel e sobretudo de Ferreira de Castro — também está presente de maneira marcante em Engrácio, embora não figure no conto que tomamos como objeto de análise. Em resumo, a abordagem do homem amazônico em Engrácio dá visibilidade a relações sociais e de produção nas quais o caboclo é sempre o elo mais fraco (LEÃO, 2008; SILVA, 2016). Fraco e desamparado. De todos os personagens do *corpus*, aliás, Jeovaldo é o que vive mais isolado. Não se tem notícia de vizinhança que, a exemplo de José Cordulo em *Terra caída*, ele possua num raio próximo ou distante. Nos recônditos da Amazônia, ele está de fato excluído da civilização. Tudo o que lhe resta é esperar que as águas voltem ao nível normal para que continue a viver do único modo que enxerga até onde a sua vista alcança.

Francisco Izquierdo Ríos (1975; 2010) é outro agenciador contumaz do extrativismo como matéria literária, e nisso também ecoa o modelo euclidiano de escrita e de interpretação da região. Tomemos *La llocllada* como primeira amostra. A leitura deste conto acentuadamente imagético fixa de imediato a imagem de Saposoa como uma comunidade andino-amazônica cravada entre o rio, a floresta e a cordilheira, e emoldurada por um cinturão extrativista que se estende até onde o “poblador ribereño” é capaz de domar a natureza. Embora para isso não lhe falem determinação e resistência às intempéries, seus instrumentos tecnológicos são limitados. Ele vive basicamente do cultivo agrícola, da pesca, da caça e da coleta, atividades de subsistência cujos ciclos e variantes sazonais ajudam a demarcar a sua

própria experiência do espaço e do tempo. Portanto, para além das vidas humanas e silvestres que ceifa em seu trajeto, quando a *llocllada* desce as encostas andinas em forma de aluvião, uma de suas mais desastrosas consequências é a destruição do cinturão extrativista de Saposoa.

Plantios de banana, campos de algodão, canaviais estavam totalmente alagados, assim como as grandes árvores submersas pelas águas barrentas. [...] Um cheiro denso de lama pendurado no ar... Foi um espetáculo grande e aterrador, aquela loucura!... O rio continuou a crescer e a crescer; no meio dele, onde a força da corrente era maior, passavam grandes paliçadas, todo o tipo de animais afogados: [...] o gado afogado das propriedades, as galinhas, as imensas árvores arrancadas das suas raízes pela fúria das águas, cujos ramos verdes podiam ser vistos a uma grande distância das suas raízes; cabanas de quintas, ninhos de aves, troncos de bananeiras...” (RÍOS, 2010, p. 101-102).<sup>8</sup>

Já em *Sob as primeiras estrelas* [Cielo sin nubes], também de Ríos (1975; 2010), observamos uma variante do tema da “condição de destino” imposta pelo extrativismo primário ao caboclo amazônico. É importante comentá-la. Além de executar as atividades tipicamente extrativistas que lhe davam subsistência em sua chácara — a pesca, a caça, o plantio agrícola, a coleta florestal — Feliciano Cárdenas também vendia produtos que transformava primariamente — como café, açúcar mascavo e rapadura — nas casas comerciais da cidade mais próxima. Isso despertou-lhe um desejo:

<sup>8</sup> No original em espanhol: “Plantanales, algododonales, cañaverales estaban totalmente anegados, así como los grandes árboles emergían apenas de las aguas barrosas. [...] Un denso olor a barro flotaba en el ambiente... ¡Fue un espectáculo grandioso y terrorífico esa llocllada!... El río seguía creciendo y creciendo; por la mitad de él, donde la fuerza de la corriente era mayor, pasaban grandes palizadas, toda clase de animales ahogados: [...] ganados ahogados de las haciendas, gallinas, inmensos árboles arrancados de cuajo por la furia de las aguas, cuyos verdes ramajes se distinguían a gran distancia de sus raíces; chozas de las chacras, nidos de aves, troncos de plátanos...” [Tradução nossa]



“Sonhava ter seus filhos educados nas escolas de Yuma. Especialmente o animado Feliciano, que — por que não? — poderia ainda tornar-se médico, advogado, engenheiro, em Lima, na remota Lima. Para isso ele trabalhava, e continuaria a trabalhar com a mesma determinação” (RÍOS, 2010, p. 506).<sup>9</sup> Ou seja, ao contrário de Jeovaldo de *A enchente* e José Cordulo de *Terra caída*, Feliciano Cárdenas é um ribeirinho andino-amazônico que já se movimenta dentro do perímetro da civilização. E o movimento centrífugo que o leva a Yuma, em busca de serviços e de mercadorias é simbólico nesse sentido. Lá ele levanta algum capital com a venda de seus produtos minimamente transformados. Lá ele sonha educar os filhos abrindo-lhes outra “condição de destino” que não a do extrativismo.

Já em Meirelles Filho o extrativismo figura ora no contexto de um capitalismo ainda arcaico, como na fazenda marajoara de *Poraquê*, ora no estágio avançado da produção mineral, energética e agroindustrial, isto é, no contexto do capitalismo tardio ficcionalizado em *Mamá tinha razão* e em *Diário de visita à rendeira do Rio Vermelho*, o segundo não incluído no *corpus* em análise. *Poraquê* ainda agencia o extrativismo primário como matéria literária. Seu pano de fundo é o latifúndio, no qual se delineiam os esteios econômicos típicos da economia baseada na propriedade da terra: a exploração da força de trabalho de empregados e agregados, a capitalização do potencial extrativista da propriedade costeira na qual a pesca fluviomarina e a criação de pirarucu em cativeiro aliam-se à criação de bovinos, bubalinos e equinos para gerar riqueza — a riqueza privada do

---

<sup>9</sup> No original em espanhol: “Soñaba con hacer educar a sus hijos en los colegios de Yuma. Sobre todo al vivísimo Feliciano, quien —¿por qué no?— aún podría llegar a ser médico, abogado, ingeniero, en la remota Lima. Para eso trabajaba, seguiría trabajando con el mismo empeño”. [Tradução nossa]





personagem-narrador. Mas esses esteios — latifúndio e extrativismo — são fustigados e vão derruir por força da gigantesca maré fluviomarinha que ao engendrar o desastre natural também abre caminho para a catástrofe sociopolítica na foz do Amazonas.<sup>10</sup>

Durante a noite, a maré crescida veio tufando, derrubando o curral, o quarto de arreio, espantando o que encontrou de criação no rumo do mato ou pra dentro da casa. Não havia paz em cômodo algum. Bicho de todo tipo entrando pelas fendas, pelas janelas, por onde desse. Até bicho de casco apareceu. E não se importavam um com o outro, não atacavam. Querem é sobreviver. É isto. (MEIRELLES FILHO, 2017, p. 28)

Em *Mamí tinha razão* (e também em *Diário de visita à rendeira do Rio Vermelho*) a extração de minérios — da garimpagem manual à industrial — é uma das fantasmagorias sob as quais se amontoam, entre a cidade e o campo, os escombros gerados pela violência, pela pobreza e pela desigualdade decorrentes de um modelo exportador de matérias-primas que contribui em alto grau para engendrar a história social da Amazônia como crônica da catástrofe civilizatória. Como assinala Zigmunt Bauman (2005),

A mineração [...] é o epítome da ruptura e da descontinuidade. [...] E só se pode chegar ao minério removendo-se camada após camada do solo que impede o acesso ao veio — tendo-se primeiro cortado ou queimado a floresta que impedia o acesso ao solo. A mineração nega que a morte traga no ventre o renascimento. [...] Cada ponto que a mineração atravessa é um ponto sem retorno. A mineração é

---

<sup>10</sup>De acordo com Tânia Sarmiento-Pantoja (2014), o marco divisório entre os conceitos de desastre e de catástrofe é a possibilidade de reversão de impactos e prejuízos implícita no primeiro caso — seja a sua origem natural ou não — e a impossibilidade, no segundo, de o mundo conhecido voltar a ser como era antes. A autora assinala ainda que a topologia da catástrofe é estritamente sociopolítica.



um movimento de mão única, irreversível e irrevogável. A crônica da mineração é um túmulo de veios e poços repudiados e abandonados. (BAUMAN, 2005, p. 31-32, grifo do autor)

Embora Euclides tenha arguido que o ambiente inóspito e o homem pouco industrioso eram determinantes para que a Amazônia ainda fosse, segundo ele, uma terra sem história habitada por uma sociedade destinada ao fracasso, decerto a sua interpretação delineou um futuro menos catastrófico para a hileia. Ele acreditava que conhecimento, tecnologia e recursos externos bastariam para incorporá-la definitivamente à nação. De fato, isso vai acontecer no curso do século XX, mas com resultados muito controversos.

Nos anos 1960-70 do século XX as vozes dos ditadores do regime civil e militar de 1964, e com elas as de muitos empresários, apostavam no discurso triunfal da exploração da Amazônia brasileira, uma “mina de ouro” que segundo vários materiais publicitários da época era guardada por uma floresta, que precisava ser atravessada, conquistada, “rasgada” por uma rodovia, e assim gerar riquezas. Vozes estas que para ter o apoio público colocavam a natureza na condição de inimiga. E, de fato, nas décadas posteriores riquezas foram geradas, mas para bem poucos. Na sequência, na passagem do século XX para o XXI, testemunhamos como o último ato da escalada civilizatória na planície amazônica será a catástrofe que figura alegoricamente, como dissemos, na narrativa do conto *Mamí tinha razão*: a falência de uma Amazônia pós-moderna, capitalizada e capitalista, sob a égide da mineração, da produção energética, da indústria florestal e do agronegócio que, direcionados via de regra para o mercado internacional por meio do sistema de *commodities*, exportam riqueza e internalizam pobreza. É neste ponto avançado da contística pan-amazônica dos fenômenos das águas, a jusante do *corpus* em análise,

que as reverberações euclidianas perdem força e tornam-se menos audíveis, especialmente na medida em que são justamente os desqualificados dessa história catastrófica os que assumem o protagonismo e a perspectiva sobre esse universo. Ademais, já está sugerido que a visada de Euclides sobre a Amazônia tinha seus próprios limites e contradições.

### **LIMITES E CONTRADIÇÕES DO MODELO EUCLIDIANO DE ESCRITA SOBRE A AMAZÔNIA**

Ao contrário da crítica literária do centro-sul, que ainda não deu a necessária atenção às fraturas e insuficiências da visada euclidiana sobre a Amazônia, estudiosos da literatura com formação intelectual no centro-norte do país vêm empreendendo paulatinamente a revisão do que Simone de Souza Lima (2012) definiu, com precisão, como estética da monumentalidade em Euclides da Cunha. Um modelo discursivo no qual a natureza emerge teratológica, brutal, infernal e inimiga do homem. Esse, por seu turno, malmente é apreendido como sujeito e observado em sua multiplicidade antropológica pelo caráter multifário, mas parcial — e por vezes míope — do narrador pós-Euclides, impregnado nesse paradigma.

Lendo os escritos de *Contrastes e Confrontos, À Margem da História*, depois refundidos em *Um Paraíso Perdido* — o que deles se depreende é que Euclides ignorou por completo as culturas e os povos amazônicos com os quais manteve contato. Nas exíguas alusões proferidas sobre os nativos (a esse propósito, é bom que se diga que os nativos vêm à tona a propósito do temor que infundiam aos membros da Comissão) — faltava humanidade, sobrava discriminação e intolerância no enquadramento sociocultural que fazia dessas populações. (LIMA, 2012, p. 9)



O sujeito amazônico que praticamente monopolizou as preocupações do narrador euclidiano foi o seringueiro, via de regra migrante nordestino, cujo drama inspirou, dentre outros, *Judas-Asvero*, um texto impressionista, como de hábito em Euclides. Mas nem mesmo nessa narrativa semificcional o sujeito/personagem tem direito a voz e pensamento próprios. No que diz respeito às populações autóctones, ao avistar indígenas da etnia Cachibo, na fronteira do Brasil com o Peru, o autor, à maneira eurocêntrica dos viajantes que tanto lera e relera e inclusive criticara, descreve-os, contudo, como decaídos, bárbaros, degenerados e assassinos (CUNHA, 2000; LIMA, 2012).

Como esta não é propriamente uma análise dos ensaios de Euclides da Cunha, e sim de suas reverberações na contística pan-amazônica dos fenômenos das águas, devemos observar como essa fratura do discurso euclidiano, a fratura da apreensão parcial, negativa ou mesmo da ausência do sujeito amazônico na escrita literária e na representação da região, ecoa no *corpus* estudado. Ora, em narrativas naturalistas como *Terra caída* de Rangel (2008) e neonaturalistas como *A enchente* de Engrácio (1995) e *Sob as primeiras estrelas* [Cielo sin nubes] de Ríos (1975; 2010) o homem amazônico emerge em seu recorte arquetípico: o ribeirinho que vive isolado com a família num furo, ilha, paraná ou à margem de um dos enormes caudais da “cuenca”, dependente do extrativismo primário para sobreviver. Senão como suspiros e interjeições diante dos desastres das águas, mal se ouvem as vozes de José Cordulo no conto de Rangel, de Jeovaldo no de Engrácio e de Feliciano Cárdenas no de Ríos. A enunciação heterodiegética abre pouco espaço, quase nenhum, para o discurso direto ou mesmo para o discurso indireto livre. Predomina em terceira pessoa a voz do narrador onisciente, objetivo e mais ou menos distante. Em outras palavras, nessas narrativas

em que a natureza ainda ocupa o centro do processo simbólico, o amazônida emerge mais como figurante do que propriamente como personagem de suas tramas, num registro próximo ao de *Judas-Asvero*.

Já em *La lloclada* de Ríos (2010), *Poraquê* e *Mamí tinha razão*, de Meirelles Filho (2017), o sujeito amazônico sai do recorte cristalizado e arquetípico do ribeirinho isolado com sua família nuclear, delineando-se mais complexo, multifário e dinâmico. Na narrativa do autor peruano já é notório o esforço de construção de um sujeito coletivo. E, embora diste pelo menos um século da escola naturalista, o regime estético que prevalece em *La lloclada* ainda é o do naturalismo. E embora espaços de intersubjetividade se afigurem na narrativa de Ríos o investimento na subjetivização dos personagens é nulo. Nesse contexto, cabe ao o narrador, com sua sabedoria e autoridade sobre a comunidade de Saposoa, dar voz a uma memória plural constituída de recordações, vinculadoras e impregnadas de pertencimento.

Nos contos de Meirelles Filho (2017) os sujeitos têm mais mobilidade. Ora figuram no plano individual, ora no coletivo. Em *Poraquê* o ponto de vista de enunciação é o do narrador-personagem, já um sujeito singular, não mais arquetípico, uma individualidade significativa inserida no espaço-tempo amazônico. E nesta perspectiva narratológica e sociológica é notório o rebaixamento do programa euclidiano de escrita da Amazônia, que ainda reverbera bastante na ficção de Meirelles Filho, como já assinalamos, a mero substrato. Homem e natureza figuram emparelhados em *Poraquê*, compartilhando o espaço simbólico, o que em última análise representa pelo menos um passo adiante em relação ao programa euclidiano.

*Mamí tinha razão* focaliza sua trama em um sujeito individual com uma constituição complexa, formulada com perspectiva e profundidade



— Mamí é uma mulher, pobre, idosa, obesa, moradora da periferia de Belém e mãe de santo, personagem que reúne um estrato de signos que caracterizam os sujeitos desqualificados no interior da cultura brasileira branca, falocêntrica e eurocêntrica, desde a Colonização. É em seu contracampo que os demais personagens — e até mesmo o elemento natural representado pela “maré pioneira” que submerge Belém e parte da Amazônia Oriental — são delineados à medida que os fatos se enredam no espaço-tempo do conto. O narrador, que participa apenas de forma periférica da trama, apresenta-a com objetividade e alguma distância. Pouco prospecta a sua subjetividade ainda que eventualmente a deixe falar em primeira pessoa. Apesar disso a subjetividade de Mamí é dominante na trama. E seu papel é o de dínamo absoluto da narrativa. Conclusão: neste ponto a jusante do *corpus*, mais uma vez, o modelo euclidiano de escrita e exegese da Amazônia torna-se um eco distante na expressão literária contemporânea da região.

Por fim, anotemos que a própria maneira como as populações tradicionais figuram nas narrativas estudadas marcam, de maneira diferente, sua aproximação ou distanciamento do programa euclidiano. Em Alberto Rangel (2008, p. 163), epígono mais próximo de Euclides e emulador de sua sintaxe discursiva, elas são irrelevantes e passam despercebidas porque essa é “[...] a terra prometida às raças superiores, tonificadoras, vigorosas, dotadas de firmeza, inteligência e providas de dinheiro; e que, um dia, virão assentar [...] a definitiva obra da civilização [...]”. Em Ríos e Engrácio os povos originários e os migrantes explorados e empobrecidos até a última gota de suor, figuram cerceados pela natureza brutal de um lado e por relações sociais conflitivas de outro. A diferença é que ambos, neonaturalistas, já procuram dar voz e investigar a subjetividade desses sujeitos emudecidos por completo no

naturalismo de primeira hora. Em Meirelles Filho ou o sujeito personifica a própria trama amazônica e a derrocada do processo civilizatório na região, como ocorre com a protagonista Mamí, ou figura em paridade com as forças da natureza, como em *Poraquê*. E em todas essas etapas do *corpus* o programa euclidiano de escrita e representação da Amazônia reverbera forte, mediana ou fracamente, conforme arguimos neste trabalho.

## CONCLUSÃO

Este trabalho analisou a reverberação do modelo de escrita e representação da Amazônia engendrado por Euclides da Cunha, em seus ensaios amazônicos, na contística que tematiza os fenômenos das águas na região. Partimos da constatação de que esse modelo foi decisivo para a constituição de uma expressão literária moderna e contemporânea no âmbito da Pan-Amazônia — composta por oito países incluindo o Brasil — e que se refrata em múltiplas direções no *corpus* composto de seis narrativas curtas de quatro diferentes autores.

Arguimos que o modelo euclidiano está no cerne do próprio agenciamento dos fenômenos das águas como matéria literária. Também defendemos que a tematização do extrativismo pelos autores estudados se articula direta ou indiretamente com esse programa. E concluimos que até mesmo em seus limites e contradições, como na falta explícita de reconhecimento de um sujeito amazônico como protagonista da história social da região, a visada de Euclides da Cunha estabeleceu um paradigma emulado por alguns ficcionistas da Pan-Amazônia (como Alberto Rangel), adotado parcialmente por outros (como Francisco Izquierdo Ríos e Arthur Engrácio) e eventualmente superado por alguns (como João Meirelles Filho).



## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 173 p.

CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido**: reunião de ensaios amazônicos. Brasília: Senado Federal, 2000. 393 p.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991. 373 p.

ENGRÁCIO, Arthur. **A vingança do boto**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1995. 140 p.

GANEGBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013. 114 p.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. **A metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha**. 317 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

HOLGUÍN, Diego González. **Vocabulario de la Lengua General de todo el Perv llamada Lengua Qquichua, o del Inca**. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1952. 426 p.

LEÃO, Allison. **Representações da natureza na ficção amazonense**. 194 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

LIMA, S. S. **Amazônia Babel** – Literatura, Corpos & Meio Ambiente. Org.: Lígia Chiapini. Revista Eletrônica CELPCYRO, v. 2, p. 1-13-133, 2012.

MEIRELLES FILHO, João. **O abridor de letras**. Rio de Janeiro: Record, 2017. 143 p.





RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008. 352 p.

RANGEL, Alberto. **Inferno verde**. Cenas e Cenários do Amazonas. Org. Tenório Telles. 6. ed. Manaus: Valer, 2008. 165 p.

RÍOS, Francisco Izquierdo. **Chove em Iquitos**. São Paulo: Clube do Livro, 1975. 159 p.

RÍOS, Francisco Izquierdo. **Cuentos**. Obra completa. Tomo I. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2010. 666 p.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia. **Catástrofe: manual do usuário**. In: SARMENTO-PANTOJA, Augusto; UMBACH, Rosani. SARMENTO-PANTOJA, Tânia (Orgs.). **Estudos de Literatura e Resistência**. Campinas: Pontes Editores, 2014, p. 159-183.

SILVA, Thays Freitas. **A ficcionalização da vida ribeirinha na contística de Arthur Engrácio**. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. **A geopoética de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. 216 p.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. 203 p.

VENTURA, Roberto. **A terra, o homem, a luta: um guia para a leitura de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha**. 2. ed. São Paulo: Três Estrelas, 2019. 103 p.

ZILLY, B. **A história encenada em Os Sertões de Euclides da Cunha**. Sala Preta, [S. l.], v. 2, p. 193-205, 2002. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v2i0p193-205. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57090> Acesso em: 26 nov. 2020.



O AVESSE DO COACH:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE POSTAGENS DA  
PÁGINA DICAS ANTI-COACH NO FACEBOOK

THE REVERSE OF COACH:  
A DISCURSIVE ANALYSIS OF POSTS FROM  
DICAS ANTI-COACH FACEBOOK PAGE

Vinícius Costa Araújo LIRA<sup>1</sup>

Francisco Vieira da SILVA<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: vccosta43@gmail.com

<sup>2</sup> **Doutor em Linguística. Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).**  
E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br



## RESUMO

Este estudo propõe-se a analisar a constituição de posicionamentos contrários à existência do serviço de *coaching*. Visa-se, com isso, investigar como ocorre a produção de verdades e identificar e descrever as relações de saber-poder em que esses discursos se ancoram. Para tanto, parte dos pressupostos teóricos de Michel Foucault acerca do enunciado, discurso, poder, saber, sujeito e neoliberalismo. Trata-se de um estudo descritivo-interpretativo, de natureza qualitativa. O *corpus* é formado por cinco postagens retiradas da página Dicas Anti-coach no *Facebook*. As análises permitem conceber a prática do *coaching* como enganosa e golpista, de modo a objetivar os sujeitos que contratam os serviços destes profissionais como vítimas.

## PALAVRAS-CHAVE

Discurso. *Coach*. *Facebook*.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the constitution of positions contrary to the existence of the coaching service. The purpose is to investigate how the production of truths occurs, as well as identify and describe the knowledge-power relations in which these discourses are anchored. Therefore, it starts from the theoretical presuppositions of Michel Foucault about the statement, discourse, power, knowledge, subject, and neoliberalism. This is a descriptive-interpretative study, of a qualitative nature. The corpus consists of five posts taken from the *Dicas Anti-coach* page on Facebook. The analyzes allow conceiving the practice of coaching as deceptive and



scammer, in order to objectify the subjects who hire the services of these professionals as victims.

## KEYWORDS

Discourse. Coach. Facebook.

## INTRODUÇÃO

Surgida no campo dos negócios e no meio empresarial, a figura do *coach* assenta-se na necessidade da construção da liderança, no desenvolvimento de competências e habilidades que permitam ao sujeito ascender profissionalmente. O alargamento de tal prática para outras esferas sociais corrobora a aparição do *life coaching*, ou seja, de uma modalidade de *coaching* voltada para a resolução de conflitos atinentes à vida pessoal, numa função que, não raro, tem gerado conflitos com os psicólogos. Além disso, essa prática se expandiu de tal modo que consegue abrigar uma série de atividades sob as quais repousa a figura do *coach*, como fazer exercícios físicos, emagrecer e cuidar dos filhos, entre outras, havendo, pois, uma profusão de modalidades atuantes em campos diversos.

Como uma prática que surge com tanto vigor no momento histórico atual, emerge, com isso, uma gama de discursos que se contrapõem ao *coaching* e que visa a relativizá-la. Nesse embate discursivo, analisamos neste texto cinco postagens da página Dicas Anti-Coach no *Facebook*<sup>3</sup>, com

---

<sup>3</sup> Rede social criada por Mark Zurkerberg, em 2004. Permite que qualquer usuário, a partir de 13 anos, possa criar uma conta por meio da qual é possível postar fotografias e textos verbais, compartilhar conteúdo, participar de grupos, curtir páginas e postagens, bem como comentá-las. É a mídia digital mais utilizada no Brasil e no mundo.

o intuito de investigar como, nesses posicionamentos contrários ao coach, ocorre a produção de verdades, além de identificar e descrever as relações de saber-poder em que esses discursos se ancoram.

Consideramos, portanto, que a *web* constitui uma instância privilegiada na produção de variados discursos na atualidade. Assim, a emergência do *coach* hoje está intrinsecamente atrelada aos modos de ver e enunciar nas redes sociais digitais. Os *coaches* usam de modo vertiginoso as plataformas midiáticas, de modo a construir uma imagem favorável para si, divulgar seus serviços e angariar clientes. Nesse mesmo universo *on-line*, proliferam dizeres que se contrapõem ao funcionamento da prática do *coaching*, quase sempre situada no campo da enganação e do charlatanismo.

Creemos que isso decorre especialmente do fato de que o exercício do *coach* não ser regulamentado e não ter um uma legislação específica que possa nortear essa prática. Conforme Scott Kaufman, psicólogo e professor da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, em entrevista a Veja: “O espectro da qualidade dos coaches existente é muito vasto. Como qualquer um pode ser chamado de coach, não há necessidade de fazer cursos ou faculdades, por exemplo. Todos podem ser coaches. Por isso a questão da qualidade é um problema” (KAUFMAN, 2019, s.p). Como corolário, algumas ações buscam delimitar o alcance do *coaching* ou, de maneira mais drástica banir, ou criminalizar esse tipo de serviço.

Como exemplo, podemos mencionar a nota orientativa publicada pelo Conselho Brasileiro de Psicologia (CBP). Em linhas gerais, o documento prevê algumas diretrizes para o *coaching* no atendimento realizado por psicólogos. Segundo a nota, é necessário o cumprimento irrestrito do Código de Ética Profissional do Psicólogo, quando o psicólogo faz o uso dessa prática. O órgão



ainda entende que, a despeito de não existir regulamentação, o *coaching* constitui uma prática caracterizada por ser “[...] um processo breve que se propõe a auxiliar o indivíduo a alcançar objetivos previamente definidos, a partir de metodologias que envolvam a conscientização de elementos da vida, da história e das potencialidades” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019, s.p). A nota continua afirmando: “[...] entende que o trabalho da(o) psicólogo(a) na utilização do *coaching* é de extrema importância para a realização de um trabalho que vise à proteção e garantia de cuidado com a sociedade” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019, s.p). Ao reconhecer a importância dessa prática, o CFP delimita, do ponto de vista legal, quem estar autorizado a prestar semelhante serviço do ponto de vista das técnicas demandadas pelos psicólogos. Desse modo, aqueles profissionais que não estejam inscritos no CFP e utilizarem técnicas relacionadas, de modo estrito, ao fazer do psicólogo incorrem no exercício ilegal da profissão, conforme previsto nos dispositivos legais, e podem sofrer sanções penais.

Uma medida mais drástica para lidar com a problemática advinda do *coaching* tem a ver com a proposta de criminalização da prática no Brasil. De acordo com uma reportagem veiculada pela revista Pequenas Empresas & Grandes Negócios (PEGN), uma proposta de iniciativa popular no Senado recebeu mais de vinte mil assinaturas e o objetivo é tornar ilegal o serviço de *coaching* no país que não for relacionado a uma formação específica, ofertada por instituição reconhecida. A proposta, feita em abril de 2019, será discutida na Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado Federal e é presidida pelo senador Paulo Paim (PT/RS).

No texto da proposta, tem-se a possibilidade de tornar crime propagandas enganosas como “reprogramação de DNA” e “cura quântica”, filão dos

serviços de *coaching* que cresce a olhos vistos. Na aba da popularização da física quântica, tais profissionais dizem ser responsáveis por alterar estados mentais e mudar frontalmente a vida de cada sujeito. Para Moraes (2020), essa prática está balizada por uma coleção de concepções místicas e esotéricas aliadas a uma miríade de jargão técnico que não encontram subsídio nas pesquisas científicas da comunidade acadêmica e, desse modo, obscurecem ainda mais o fenômeno do *coaching* e sua compreensão. Embora esses dizeres tentem ser dotados de um valor de verdade do ponto de vista institucional, eles são paulatinamente rechaçados pelos cientistas, os quais reconhecem esse *boom* quântico como uma interpretação extrapolada de princípios da física quântica.

No campo dos estudos acadêmicos, germinam pesquisas sobre a atuação do *coach* na área empresarial e corporativa, pois conforme destacamos anteriormente, foi dessa esfera que os serviços de *coach* advieram. Trabalhos como o de Silva, Nelson e Gines Junior (2020) analisam os pontos de convergência e de afastamento entre o *coach* e o empreendedor; Nascimento *et al* (2020) fazem uma reflexão sobre o coaching como uma ferramenta de desenvolvimento de habilidades de discentes num curso superior de Administração; Salles (2019) ponderam a respeito do discurso do *coach* em diferentes documentos disponíveis na *web*. Embora assumam estudar o discurso, os autores subsidiam-se teoricamente no campo da análise de conteúdo. Nesse sentido, numa breve incursão on-line nos mecanismos de busca como o *Google Acadêmico* e no portal *Scielo Brasil*, em meados de março de 2021, não foi possível localizar nenhum estudo acerca do *coach* a partir da perspectiva dos estudos do discurso, nem tampouco nenhum trabalho que abordasse a questão do *coach* sob o prisma do humor em páginas do *Facebook* ou de qualquer outra rede social



digital. Tais constatações colaboram para o efeito de novidade do estudo que aqui se esboça, justificando, assim, a sua relevância.

De modo geral, compreendemos que a irrupção da prática do *coaching* repousa no âmbito das (des)continuidades históricas em crenças já há tempo assentadas acerca de uma cultura do aconselhamento que encontrou na autoajuda o ponto nevrálgico para se desenvolver. Isso nos leva a crer, amparando-se nos postulados foucaultianos, que as sociedades não cessam de criar mecanismos de governo de si e do outro. Se outrora tínhamos o diretor de consciência, o pastor, o padre, hoje temos o psicanalista, o psicólogo e o *coach*. Se antes a religião reinava como a única instituição no governo das condutas, hoje convive com modos alternativos de fazer com que o sujeito produza uma verdade sobre si mesmo, por meio de um trabalho de si para si mesmo que busca, especialmente, estados de satisfação pessoal. Consoante Tucherman e Cavalcanti (2015), as subjetividades contemporâneas são marcadas pela flexibilidade para se adaptar a diversas situações e pela disciplina para se manter automotivado diante dessas recorrentes transformações. Para lidar com essas inconstâncias, surge um conjunto de processos respaldados na psicologia motivacional, filosofia pragmática e autoajuda, bem como ideais advindas do campo religioso, da saúde e do esporte. Deste último, de acordo com Tucherman e Cavalcanti (2015), deriva a figura do *coach*, palavra em inglês relacionada a treinador e a instrutor esportivo.

Nos limites deste artigo, o foco incide sobre os posicionamentos discursivos presentes em postagens publicadas na página Dicas anti-coach no *Facebook*. A regularidade do humor perpassa o funcionamento dos discursos que neste espaço circulam e o efeito irônico do título demarca essa feição, haja vista que o termo “dicas” associa-se intrinsecamente ao



discurso do *coaching*. A página aludida contava, em setembro de 2020, com 215.671 seguidores e as postagens normalmente apresentam uma variação de cem a mil curtidas e de dez a duzentos comentários. A escolha por esta página ocorreu porque buscamos analisar os contradiscursos acerca do serviço antes referido, a partir de posicionamentos que buscam desconstruir as verdades encetadas no interior da prática discursiva do *coaching*. Em suma, será possível entrever encadeamentos enunciativos que reclamam relações de saber e poder na produção das subjetividades contemporâneas.

### **ALGUMAS OBSERVAÇÕES TEÓRICAS**

Conforme Gregolin (2016), não convém aplicar de modo direto as reflexões foucaultianas no exame de um dado objeto de estudo, mas, sim, pensar a linguagem a partir da centralidade precípua do conceito de discurso e a relação com a produção do sujeito, das configurações do saber, poder, ética e verdade. Nas palavras de Fonseca (2014, p. 12), “[...] Referimo-nos à obra foucaultiana como um livro por vir, como uma conversa cálida e vigorosa para nos aceder a uma apropriação singular daquilo que [...] expressa o íntimo de um filósofo dedicando às candentes situações humanas demasiado humanas”.

Comumente, segundo apregoa Gregolin (2016), para efeitos de organização do vasto pensamento de Foucault, os conceitos encontram-se distribuídos em três momentos ou domínios na obra desse pensador francês, a saber: i) arqueológico – a abordagem repousa sobre a objetivação do sujeito a partir do saber das Ciências Humanas, por meio de obras como *História da loucura*, *Nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*; ii) genealógico – as análises incidem sobre a objetivação do sujeito por meio de



diversos mecanismos de poder, discutidas nas obras *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade* (v.1); iii) ética e estética da existência – o foco recobre os modos por meio dos quais o sujeito exerce um trabalho sobre si mesmo, de modo a subjetivar-se, a partir dos três últimos volumes da *História da Sexualidade*, incluindo nessa coleção o quarto volume recentemente publicado.

No coração dessas discussões, uma noção é nuclear: o discurso. O referido conceito é definido, na obra *Arqueologia do Saber*, como uma prática que constrói os objetos de que fala e como um conjunto de enunciados que provém de uma mesma formação discursiva. De acordo com Muchail (2004), os discursos são entrevistados em sua positividade, como fatos inscritos no interior das coisas ditas e o objetivo de análise consiste em “[...] buscar não a sua origem, ou seu sentido secreto, mas as condições de sua emergência, as regras que presidem o seu surgimento, seu funcionamento, suas mudanças, seu desaparecimento, em determinada época” (MUCHAIL, 2004, p. 11). Importa-nos, portanto, pensar não naquilo que é dito, mas ponderar que todo discurso é formulado a partir de regras sócio-históricas específicas as quais possibilitam a irrupção desse discurso como um acontecimento. Além do mais, a perspectiva de análise foucaultiana estuda os discursos reais, efetivamente produzidos, existentes como materialidades (MACHADO, 2007).

É relevante descrever que o enunciado é o átomo do discurso, a unidade mínima de análise. O enunciado difere de outras formulações, como a frase, a proposição e o ato de fala, pois é entendido como uma função que cruza diversos domínios e, por isso, apresenta uma natureza semiológica, podendo exhibir-se sobre diferentes formatos: verbal, visual ou sincrético (SARGENTINI). Conforme Foucault (2010), a função enunciativa é assinala pelas seguintes propriedades: i) referencial – concerne às leis que singularizam o enunciado

no tempo e no espaço; ii) posição de sujeito – o sujeito do enunciado não deve ser confundido com o autor nem o agente empírico que proferiu um dado dizer, mas a posição ocupada por todo indivíduo para ser o sujeito de um enunciado específico; iii) domínio associado – o enunciado relaciona-se, num campo adjacente, com outros enunciados, tanto com os que já foram produzidos como os que ainda estão por vir; iv) materialidade repetível – o enunciado precisa de um suporte institucional, uma substância, uma data e um local, para poder emergir.

Já a formação discursiva, para Foucault (2010), é concebida como uma série de regularidades que pode ser detectada num regime de dispersão enunciativa. Para o autor, se puder descrever certas recorrências entre enunciados, objetos, tipos de enunciação e escolhas temáticas, haverá uma formação discursiva emoldurada por meio de regras que funcionam a partir de unidades, como objetos, modalidades enunciativas, conceitos e estratégias. A prática discursiva, por seu turno, repousa sobre as regras anônimas e históricas que definem as condições de exercício da função enunciativa.

Ao articular, em *A ordem do discurso*, o discurso com o poder, Foucault (2009) define o discurso como aquilo pelo que se luta, o poder que se quer apoderar. Desse modo, de acordo com o autor, o discurso é perpassado por procedimentos de controle que buscam selecioná-lo, organizá-lo e distribuí-lo.

É a partir de tais mecanismos que não se pode falar tudo em qualquer lugar e circunstância. Os procedimentos de exclusão dos discursos o afetam de modo externo (interdição, separação/rejeição, vontade de verdade), de maneira interna (comentário, autoria e disciplina), bem como atuam sobre os sujeitos que falam (ritual, doutrinas, sociedades do discurso, apropriação social do discurso). De acordo com Sargentini (2018), há uma ordem do



dizer e isso interfere de modo direto na análise dos enunciados efetivamente produzidos que surgem no interior desta ordem do discurso.

Tal ordem matiza-se pela noção de verdade, entendida por Foucault (2019) como intrinsecamente relacionada ao poder. Para esse pensador, a verdade é produzida neste mundo sob diversas coerções e regulamentações de poder, o que implica ponderar que há uma política geral de produção da verdade, responsável por determinar quais tipos de discursos são considerados verdadeiros, bem como apontar quais técnicas e procedimentos são necessários para a obtenção da verdade. Na percepção de Foucault (2019), a verdade está interligada ao discurso científico e as instituições que o produzem, encontra-se submetida a uma constante incitação política e econômica, torna-se objeto de consumo, de informação e de debate político. Podemos, nessa lógica, falar em verdades, no plural, tendo em vista que a heterogeneidade de instituições e de relações de poder existentes inviabiliza a emergência de uma verdade única e transcendental.

Nessa lógica, o poder é concebido por Foucault (2006) a partir de relações, de ações que atuam sobre outras ações. Sendo microfísico e capilar, o poder atravessa todas as práticas sociais. De acordo com o autor, “[...] o poder em seu exercício passa por muito mais longe, passa por canais muito finos, é muito mais ambíguo, porque cada um é, no fundo, titular de um certo poder e, em certa medida, veicula o poder” (FOUCAULT, 2006, p. 104). Desse modo, a concepção de poder que figura das abordagens foucaultianas difere sobremaneira de outras perspectivas como o marxismo, em que o poder se concentra essencialmente nas relações econômicas.

Ao contrário disso, Foucault (2006) entende que há relações de poder entre um homem e uma mulher, entre quem sabe e quem não sabe, entre



pais e crianças e num infinidade de relações em que os dois polos sejam agentes, sou seja, possa escapar, desviar e resistir às relações de poder. Dito de maneira mais específica, o poder, sob o horizonte foucaultiano, é articulado a relações estratégicas, a lutas e a resistências. Segundo Foucault (1999, p. 27), vemos que há uma ligação intercambiável entre saber e poder, porquanto “[...] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”. Desse imbricamento resulta a noção de sujeito, a qual escapa de um cogito, de uma consciência transcendental, pois é histórico e, por isso, permanentemente (re)configurado.

Na leitura de Fonseca (2011), vemos que o sujeito em Foucault é situado no esteio de uma abordagem marcada por dois vieses que permitem chegar à construção de uma genealogia do indivíduo moderno, a saber: a objetivação e a subjetivação. A primeira é integrante dos estudos nos quais Foucault problematiza as práticas que objetivam o homem, por meio das tecnologias disciplinares, de maneira a fabricar sujeitos dóceis e úteis; a segunda relaciona-se a práticas que permitem ao homem tornar-se sujeito, a partir de uma identidade que lhe é atribuída como própria. A justaposição desses vieses, conforme Fonseca (2011), concorre para a existência de dispositivos de saber-poder por meio dos quais o sujeito é, ora tomado como objeto, ora levado a prestar atenção a si mesmo e, por meio de uma dobra sobre si, subjetivar-se.

Importante considerar, no desenrolar dessas reflexões, que os sujeitos são levados a prestar atenção a si mesmos e são objetivados por meio de estratégias de poder que podem ser observadas no funcionamento de práticas de governar. Ao empreender uma genealogia de tais práticas, Foucault (2008a) enfoca a premência do poder pastoral como representativo de técnicas de



governo que buscam interligar a religião com a produção de condutas e, com isso, efetivar a gestão dos sujeitos. De acordo com Foucault (2008a), ainda que o cristianismo tenha sofrido uma série de reveses no decorrer do tempo, variadas tecnologias do poder pastoral permanecerem na produção dos modos de ser e estar no mundo, o que explica, pois, a necessidade que se tem de um confessor, de um interlocutor atento a guiar as maneiras de existir. O próprio cristianismo, sustentáculo do poder pastoral (FOUCAULT, 1995), adaptou-se, de modo a encetar modos específicos de lidar com os conflitos dos sujeitos e recriar uma moral em sintonia com a racionalidade do tempo presente (CÔRTEZ, 2012). Nesse sentido, a figura do *coach* bebe da fonte da confissão religiosa e da extração da verdade característica do governo pastoral e da cultura terapêutica (SANTOS, 2018), com vistas a engendrar toda uma retórica de resolução de conflitos e construção de uma existência produtiva.

Esses processos de objetivação e subjetivação ocorrem no interior de dispositivos de saber e poder. Levando em conta a formação histórica em que estamos inseridos, convém destacar que a aparição dos serviços de *coaching* responde às demandas resultantes da racionalidade neoliberal. De acordo com Foucault (2008b), as transformações ocorridas nas artes de governar na sociedade ocidental conduziram a modos de gestão que levam em conta a estreita vinculação com o mercado, concebido como um regime de veridicção. O autor francês destaca que o neoliberalismo introjeta a lógica do mercado e da concorrência em setores que não estão *a priori* sob o prisma da economia no sentido lato. Ao pensar os impactos dessa corrente econômica, que ganha fôlego a partir das crises econômicas dos anos de 1970, e assinala, especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, um modo



de administração baseado na descentralização do Estado e na progressiva individualização no âmbito do emprego e da renda, o autor defende que isso afeta sobremaneira a construção das subjetividades, pois, no âmbito da lógica neoliberal, é preciso investir em si e mesmo, ser empreendedor de si mesmo e desenvolver aquilo que Foucault (2008b) chama de capital humano.

Esse capital humano encontra-se alicerçado numa concepção segundo a qual o sujeito é o responsável pelo êxito ou pelo fracasso no investimento que faz sobre si mesmo. Respondendo aos anseios da gramática econômica, convém incitar comportamentos e condutas baseadas numa relação de custo-benefício. No vocabulário corrente, os contornos pecuniários do verbo “investir” são ressignificados noutros campos da vida, como investir em estudo, em formação, investir na carreira ou investir numa relação amorosa, numa ininterrupta corrida, concorrência e desconfiança (HAROCHE, 2011). Os serviços de *coach* sustentam-se nessa razão, porquanto valorizam a emergência de condutas positivas e proativas, por meio das quais o sujeito é continuamente levado a investir e a empreender, superando desafios e riscos. O *coach*, por meio de fórmulas, dicas e toda sorte de estratégias, busca produzir e governar subjetividades em consonância com o espírito empresarial. Como diagnostica Deleuze (2006), os modos de governança da empresa paulatinamente substituem a rotina disciplinar das fábricas, quartéis e hospitais – instituições consideradas por Foucault (1999) como prototípicas de um modelo societário baseado na ordem e controle dos corpos e das subjetividades através do tempo e do espaço. Segundo Porto-Carrero (2009), as disciplinas organizam celas, lugares e classes, de modo a fabricar espaços arquitetônicos, funcionais e hierárquicos cuja função consiste em assegurar a fixação, permitir a circulação, recortar os segmentos individuais e garantir a obediência dos indivíduos numa economia de tempo e espaço.



Ora, não se pode negar que o controle disciplinar desapareceu. Mas, ao contrário dos comandos disciplinares de outrora, vivenciamos outras formas de gestão, pautadas pela sutileza da tecnologia e pela ênfase na liberdade individual como a chave para o sucesso. As consequências disso repercutem, conforme Safatle (2021), em processos de despolitização da sociedade e na crença incontestada da racionalidade econômica como a única racionalidade possível, bem como a progressiva precarização das relações de trabalho. Ainda consoante Safatle (2021), gera-se “[...] um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiado através da generalização de princípios empresariais de performance, de investimento, de rentabilidade, de posicionamento, para todos os meandros da vida” (SAFATLE, 2021, p. 23).

## **EMBATES DISCURSIVOS EM TORNO DO COACHING: EXERCÍCIO DE ANÁLISE**

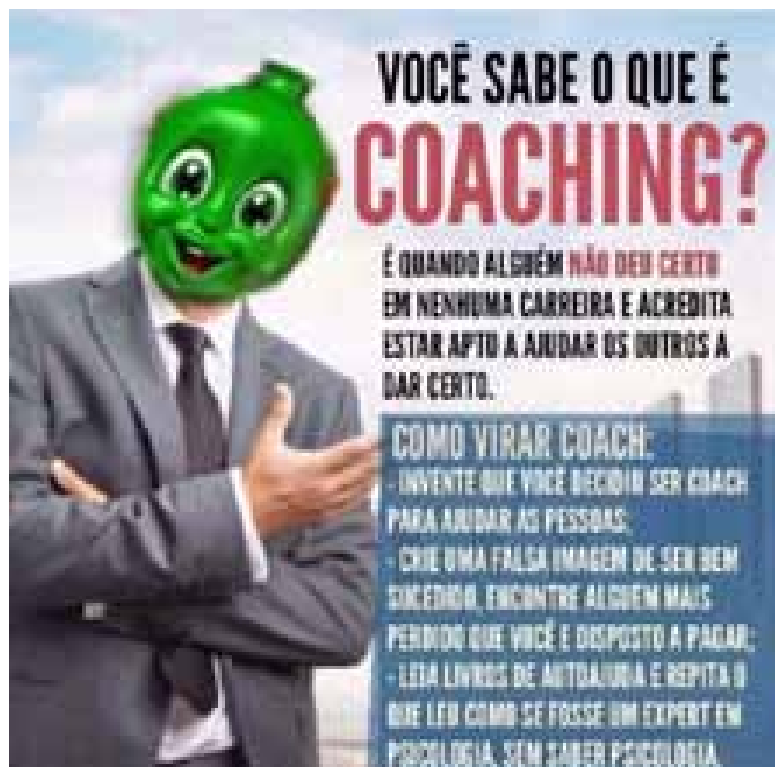
Nesta seção, analisamos cinco postagens que foram publicadas na página *Dicas anti-coach*, as quais foram coletadas em setembro e outubro de 2019. Começamos a análise, ponderando brevemente sobre o nome da página. O fato de a página apontar para dicas que seriam opostas às que são fornecidas pelo *coach* representa uma espécie de captura de uma estratégia semelhante ao *modus operandi* do *coach*. Noutras palavras, a posição a enunciar nesta página reconhece que é possível descaracterizar a prática do *coach*, tomando como recurso a lógica das dicas e do efeito manual que assinala tal prática. Nesse sentido, é como se fosse necessário ensinar a não ser enganado pelas dicas dos serviços de *coaching*. Isso insere a página num lugar do esclarecimento, de produção de verdades e de relações de





saber, materializadas em posições responsáveis por desmontar a atuação do *coach*, e de poder, pois convém alertar os sujeitos a respeito dos perigos alojados nessas práticas, levando-os a não se deixarem enganar. Vejamos, a seguir, a primeira materialidade discursiva a ser estudada.

Imagem 1: Postagem da página Dicas Anti-Coach



Fonte: *Facebook*.

A primeira materialidade, colhida, conforme antes enunciado, na página Dicas anti-*coach*<sup>4</sup>, é uma imagem com *design* de *folder* de propaganda. Nela é exibido um sujeito com trajes formais – com terno, paletó e gravata

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/dicasanticoach/photos/a.439046053213285/729624140822140/?type=3&theater>> Acesso em: 27 set. 2019.



– o que nos remete à figura de um empresário e/ou executivo. Porém, no local em que ficava o rosto do modelo na propaganda, há uma edição em colagem com o rosto do mascote da empresa Dolly, bem como é conhecido, Dollynho<sup>5</sup>. Ao unir a imagem de um personagem com feições infantis e tido como bobo com a de um empresário, a posição que enuncia busca, através de efeitos de sentido que são construídos a partir disso, pôr em descrédito o serviço do profissional *coach*, bem como denota que o sujeito contratante de tal serviço é ingênuo por acreditar e fomentar essa prática, uma vez que empresários são os clientes alvo dos serviços de *coaching* mais comuns e, conforme nos lembram Dardot e Laval (2016), os empresários alicerçam-se numa moralidade empreendedora apoiada em posicionamentos que denotam um alto grau de responsabilidade individual e a valorização do valor de mercado na constituição das subjetividades.

A materialidade em tela contém o seguinte questionamento: “você sabe o que é *coaching*?”, ao questionar acerca do que o *coaching* é, a posição enunciativa antecipa que o sujeito leitor não saiba ao certo a resposta, por isso, é um ente passível de uma informação nova, a ser revelada ao longo do cartaz. Em seguida à pergunta, a resposta vem: “é quando alguém não deu certo em nenhuma carreira e acredita estar apto a ajudar os outros a dar certo”. O “dar certo” é repetido duas vezes e marcados na cor vermelha na resposta fornecida pela posição que enuncia, uma em modo negativo e remete ao *coach*, pois, segundo os enunciados presentes no discurso anti-coach aqui

---

<sup>5</sup> Dolly é uma empresa de bebidas brasileira fundada em 1987 pelo empresário Laerte Codonho. O mascote da marca, Dollynho, é um bichinho verde no formato de garrafa e que foi inspirado, segundo o dono da marca, no programa infantil *Teletubies*, famoso nos anos de 1990, o que atesta a popularidade desse personagem junto às crianças. Informação disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/dollynho-inspiracao-dolly-refrigerante/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

postos em destaque, o *coach* é um profissional que não obteve sucesso em nenhuma carreira que se propôs seguir, por isso, segundo a lógica neoliberal, é considerado um sujeito fracassado; e a outra em modo afirmativo, mas com referência ao sujeito *coach*, pois este é impelido a dar certo a partir das práticas de aconselhamento e, assim, ser considerado um vencedor.

Sobre isso, Butler (2018) atesta que a racionalidade neoliberal preconiza a autossuficiência como uma ideia moral e, ao mesmo tempo, engendra formas que inviabilizam a democratização do sucesso no plano econômico, gerando, com isso, a precariedade como uma ação necessária para sustentar esse sistema social. Ou seja, o *coach*, conforme a postagem, seria um produto deste tipo de racionalidade.

A busca pelo sucesso é uma constante na sociedade atual, e ainda mais no ramo empresarial, cuja natureza é essencialmente mercadológica. Um lugar onde a seleção natural e luta pela sobrevivência são fatores preponderantes, “o mais forte é o que vence”, e os sujeitos são instigados a darem certo a qualquer custo. Acerca do construto da imagem do vencedor e do fracassado, Castellano (2014) salienta que os termos usados em modo substantivo é um emprego relativamente novo no Brasil, e são inspirados na figura do “winner” e “loser”, advindos da cultura norte-americana para retratar a condição financeira do sujeito. Pelo que relata: “O winner é o *self-made man* que prosperou, que se tornou exemplo para sua comunidade, que venceu as condições muitas vezes adversas e sagrou-se campeão não em uma prática esportiva, mas na dinâmica social transformada em competição” (CASTELLANO, 2014, p. 105), já o *loser* seria definido como o oposto, aquele que não deu certo, que não conseguiu obter êxito na busca por mobilidade social.



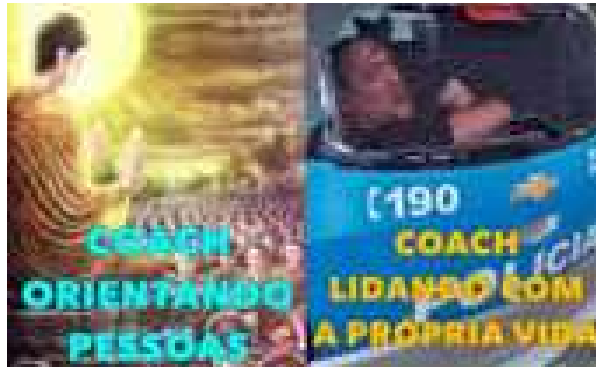
Na materialidade analisada, ainda há o excerto no qual são ensinados procedimentos para tornar-se um *coach* - profissional que conduz o processo de *coaching*. Para tanto, a posição que enuncia elenca três diretrizes, constituídas utilizando-se verbos em modo imperativo e que se integram à “formação” do sujeito *coach* e, nesse momento, podemos flagrar o efeito parodístico do enunciado, a saber: (a) invente que você decidiu ser *coach* para ajudar as pessoas; (b) crie uma falsa imagem de ser bem sucedido, [e] encontre alguém mais perdido que você e disposto a pagar; (c) leia livros de autoajuda e repita o que você leu como se fosse um expert em psicologia, sem saber psicologia. A soma dos enunciados “invente que”, “encontre alguém [...] disposto a pagar”, “crie uma falsa imagem”, “repita o que você leu como se fosse expert em psicologia, sem saber psicologia” denotam efeito de sentido de que o discurso *coach* é falacioso, mercenário e sem embasamento em disciplinas científicas.

A partir das reflexões foucaultianas, entendemos as disciplinas como um princípio regulador do controle de produção dos enunciados e práticas (CALOMENI, 2018), elas, juntamente com o autor e comentário, fazem parte dos procedimentos internos que delimitam o que pode ou não ser dito no interior dos discursos, o autor relata “uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um *corpus* de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos” (FOUCAULT, 1996, p. 30), sendo assim, o *coaching* é interdito discursivamente e deslegitimado do campo da psicologia.

Em suma, temos que o sujeito *coach* é visto como alguém cujo caráter é duvidoso, pois busca mais o retorno financeiro através do engodo de tornar outrem bem-sucedido do que auxiliar o *coachee* em seus dilemas e desenvolvimento pessoal. Além do mais é tido como charlatão, uma vez

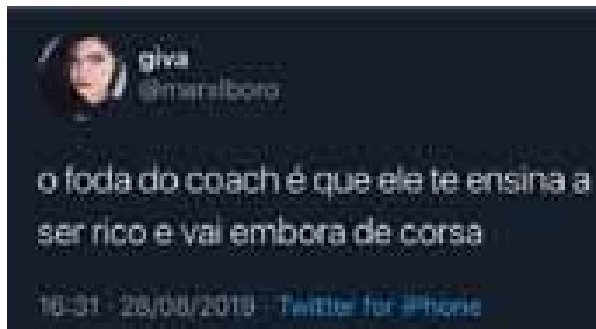
que não há conhecimento científico que embase sua prática e nem ainda o efeito desta em sua vida.

Imagem 2: Postagem da página Dicas Anti-Coach



Fonte: *Facebook*<sup>6</sup>.

Imagem 3: Postagem da página Dicas Anti-Coach



Fonte: *Facebook*<sup>7</sup>

Nestas duas postagens, tem-se uma regularidade que se mostrou presente nos posicionamentos discursivos presentes na página Dicas Anti-

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/dicasanticoach/photos/a.439046053213285/729624140822140/?type=3&theater>>. Acesso em: 03 out. 2019.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/dicasanticoach/photos/a.439046053213285/7069215864>>. Acesso em: 03 out. 2019.



coach. As materialidades em foco partilham de uma estratégia comum, a de comparar e colocar em xeque o que é dito pelos *coaches* e o que é vivido por estes na vida prática. Vejamos a primeira materialidade, na qual podemos ver do lado esquerdo o Buda em posição meditativa, com punhos erguidos em sinal de bênção aos monges que, de mesmo modo, meditam. Acima da imagem é exibido o dizer “*coach* orientando pessoas”. Isso posto, temos que a posição enunciativa faz circular um efeito de sentido de que o *coach*, ao ministrar suas palestras, é um sujeito cujo discurso se apresenta de modo transcendente, equilibrado e sereno, atributos presentes na prática meditativa, que, por sua vez promulga que o sujeito aceda a um estado específico na relação consigo mesmo por meio da meditação.

Ainda nesta primeira parte da materialidade (lado esquerdo da imagem), é notada a proeminência com que o Buda é colocado, ou seja, em cima de uma rocha, em lugar mais elevado, com um feixe de luz que circunda toda sua cabeça. Ao associar o Buda à figura do *coach* dessa maneira, tendo todos os monges ao seu redor meditando, observam-se as relações de poder exercidas pelos os *coachees*, posto que estes tendem a repetir e aceitar aquilo que o “mestre” lhes diz e agir conforme suas ações. Segundo Foucault, os processos de sujeição contínuos e ininterruptos “sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos etc.” (FOUCAULT, 2019, p. 283). Tais estratégias de poder são criticadas e vistas como enganosas pelo discurso anti-coach.

Essa construção de sujeito gerente de si, no entanto, desfaz-se a partir da segunda imagem (lado direito da imagem), a qual exhibe um indivíduo detido no porta-malas de uma viatura policial. O vidro estilhaçado nos deixa entrever que, em atitude de força e resistência à voz de prisão, o sujeito na imagem depredou o automóvel. É associado a essa imagem o dizer “*coach*

lidando com a própria vida”. Esse dizer denota um desequilíbrio psicológico emocional totalmente oposto ao que retrata a primeira, tal incongruência também toma certo tom humorístico. Com isso, podemos dizer que os enunciados tratam de emoldurar o discurso do *coach* como fajuto e hipócrita, uma vez que o que falam e pregam é o inverso do que é visto no âmbito de suas práticas cotidianas.

Posicionamento semelhante vemos em outra materialidade recolhida na mesma página da anterior, desta vez, uma captura de tela (*printscreen*) de um *tweet*, nele estão cunhados os dizeres “o foda do *coach* é que ele te ensina a ser rico e vai embora de corsa”.

Segundo a posição enunciativa, o fato de o profissional possuir um carro tido como popular descredibiliza a autenticidade do seu discurso, uma vez que a expectativa para sujeitos que se prestam a didatizar o desenvolvimento profissional e pessoal ao ápice do tornar-se “bem-sucedido”, e com isso aquisição de bens e riquezas, é que eles mesmos possuam tais atributos e ostentem certos bens de consumo. Essa concepção firma-se na comprovação de que os saberes emoldurados através da experiência tornam o discurso como verdadeiro. Para Foucault (2019), a vontade de verdade resulta dos efeitos do poder, portanto, o discurso anti-coach se constitui num contraponto às relações de saber-poder do *coaching*, uma vez que não assume essa prática como verídica. Ele atua na resistência aos mecanismos de poder no momento em que produz enunciados que desqualificam a eficácia em termos reais dos métodos *coaching*, sendo que, com certa regularidade, há a circulação de enunciados que se entrecruzam, através de um domínio associado e de uma memória (COURTINE, 2006), com enunciados do tipo “falar é uma coisa, fazer é outra”, o que demonstra certo ceticismo metodológico. Assim, é necessário que o decurso da aplicação dos

atos performáticos do sujeito *coach* seja materialmente palpável e coerente para que, assim, seja considerado um dizer crível.

Parece repousar na configuração deste discurso a máxima que norteava o aparecimento das artes de governar, conforme assinala Foucault (2008a), quando historiciza que, de acordo com tratados do século XVIII, o êxito do governo do Estado, numa relação descendente, estaria relacionado ao governo da família e ao governo de si. Sob essa lógica, o sujeito deveria saber governar a si mesmo para, seguidamente, governar o outro. Vemos essa analogia no caso do *coach*, pois se este não consegue executar na prática os ensinamentos que prega, não teria capacidade de governar o outro, pois falha no governo de si mesmo.

Imagem 4: Postagem da página Dicas anti-coach



Fonte: *Facebook*



A materialidade verbo-visual retrata um teatro de marionetes no qual o ventríloquo é uma figura com feições demoníacas, com chifres, asas de morcego e unhas grandes. Esta figura está associada ao *coach* e segura, por cordas entre seus dedos, duas marionetes, sendo uma a representação do “chefe”, o qual tem feições de raiva e ameaça com uma faca a segunda marionete, a qual representa o “funcionário”, que, de modo submisso, desvia do objeto pontiagudo. Acima da imagem, têm-se os dizeres “quem não concordar com a nova cultura estabelecida na empresa pode ir embora”.

Vemos, por meio do domínio associado, a construção de efeitos de sentido que emolduram o *coach* como um ser maligno e controlador, como um demônio, o qual na cultura judaico-cristã é um ser sobrenatural e pernicioso, capaz de influenciar os homens ao pecado (BIBLIA, 2015), e que não é apenas abstrato, mas se reveste de inúmeras formas animais e humanas (DELUMEAU, 2009). Assim, o *coach* seria esse agente responsável por exercer relações de poder de persuasão através de práticas sobre as autoridades hierárquicas do ramo empresarial a ponto do estabelecimento de uma nova cultura, sendo que a desaprovação por parte de classes hierarquicamente inferiores gerará como consequência a punição, a saber, demissão.

Acerca da exigência sobre o desenvolvimento pessoal e autonomia dos funcionários, vemos que é algo recente na sociedade, uma vez que em sistemas de produção anteriores, tais capacidades não eram necessariamente requeridas. Modelos de gestão fabril de produção em massa como o fordismo e taylorismo, extremamente disciplinares em essência, não necessitavam de exigência intelectual excedente, mas, sim, mecânica, uma vez que os funcionários eram fadados ao exercício de uma única tarefa. Para Ehrenberg (2016), o momento atual, vivido no esteio empresarial pode ser denominado



como era de “gestão pós-disciplinar”, pois mais importa ao funcionário sua autogestão de tarefas, sendo empreendedor de si, do que a obediência a ordens de execução mecânica de tarefas. A “nova cultura estabelecida”, expressa na materialidade, pode ser interpretada como normas gerais de conduta, modelo de ação, ou até mesmo como “espírito de empresa”. Acerca desses elementos, o autor antes citado relata “[...] Eles participam das transformações das formas do exercício de autoridade, são um elemento desse conjunto de técnicas de gestão que buscam suscitar, da parte dos empregados, atitudes de adesão institucional à empresa e de implicação no trabalho” (EHRENBERG, 2016, p.78).

Sendo assim, exige-se dos funcionários um aprimoramento de seu exercício enquanto empregado, o qual deve ser feito em consonância aos princípios de gestão que regem a empresa. Na materialidade, caso isso não ocorra, esse sujeito deverá ser descartado, pois ele não coaduna com o compromisso institucional. Na era de gestão pós-disciplinar, descrita pelo autor, a adesão aos valores institucionais faz parte do ponto central da gestão participativa. Tais práticas emparedam funcionários a agirem de certo modo, pois assim constituirá uma empresa alinhada em valores, missão e visão de mercado, o que provoca, segundo Dunker (2021), uma cultura de formação permanente, de atualização contínua, de flexibilização normativa que insere a adaptabilidade funcional como um valor inquestionável. Na posição de sujeito da postagem, a figura diabólica do *coach* enceta essa disputa e rivalidade permanentes. Com tom de sátira, a materialidade discursiva em análise exacerba os tons, pintando com cores fortes a nefasta influência do *coach* no ramo corporativo.



Imagem 5: Postagem da Página Dicas Anti-coach



Fonte: *Facebook*<sup>8</sup>

A quinta materialidade presente no *corpus* toma por título o enunciado “dica anticoach”, que, escrito em caixa alta, chama a atenção do leitor para o que será dito posteriormente. Ao optar por elencar apenas uma dica, e não “dicas”, como é usual em postagens, é gerado um efeito de sentido totalizante, ou seja, a suma importância daquilo que se é dito, a coisa primária, central do “anticoachismo”.

É pertinente atentarmos para a construção da imagem, que usa o meme da personagem Lisa Simpson, da série de animação *Os Simpsons* (1989-atual)<sup>9</sup>, fazendo uma palestra. O meme circulou na *web* com o intuito de construir

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/dicasanticoach/photos/a.439046053213285/703804856737402/?type=3&theater>>. Acesso em: 03 out. 2020.

<sup>9</sup> Trata-se de uma série animada, criada por Matt Groening, que satiriza o estilo de vida americano, a partir dos personagens da família Simpson. O primeiro episódio da série foi exibido em fevereiro 1989 e até hoje já foram veiculados mais de 600 episódios.



um efeito de um franco, de falar verdades, *grosso modo*, “nuas e cruas”, visto que as expressões faciais da personagem são sobremodo sérias. Cabe salientar que a personagem é tida como a mais estudiosa do *cast* da série, sendo por vezes descrita como superdotada de inteligência - tais atributos corroboram para o acontecimento do meme em usá-la como temática, uma vez que são produzidos efeitos de verdade através da credibilidade de sua conjuntura. A dica presente na materialidade é: “todo cadáver encontrado no Everest já foi algum dia alguém motivado, proativo e fora da sua zona de conforto”. Tal enunciado faz referência, via domínio associado, ao que é mormente usado como técnica de motivação pelos profissionais do *coaching*.

Assim, os dizeres “motivado”, “proativo”, “fora da sua zona de conforto” fazem parte de uma série de enunciados pertinentes àquela formação discursiva e produzem o efeito de poder do gerenciamento de si para performances cada vez mais elevadas, num desafiar dos limites de cada sujeito para a consecução do desenvolvimento pessoal. Ao utilizar termos como “cadáver”, a voz que enuncia acarreta a possibilidade real do fracasso, uma vez que o discurso *coaching* esmaece a probabilidade da perda e do insucesso, criando expectativas de sempre conquistar um resultado vitorioso. Ao apontar para um exemplo de malogro a morte dos que tentam escalar o monte Everest, a posição de sujeito da postagem busca mostrar como, no funcionamento dos mantras da flexibilidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016; VEIGA-NETO, 2018), repousa a irrupção de comportamentos que podem ser danosos para os que aceitam as normas do *coach*.

Em linhas gerais, os enunciados presentes nas postagens estudadas constroem-se por meio do referencial relativo às condições de possibilidade que fazem disseminar a prática do *coach* no centro da racionalidade neoliberal,

na qual os sujeitos são admoestados a executar um laborioso trabalho sobre si mesmos, por meio de uma concorrência que não diz respeito somente ao outro como a si próprio (SANT'ANNA, 2019); os posicionamentos do sujeito enunciativo nas postagens averiguadas esforçam-se no intento de demonstrar que a existência do *coaching* só é possível no campo da enganação e, para isso, mobilizam discursos já ditos para mostrar que o *coach* é inserido no âmbito do charlatanismo e da fraude, os quais vêm a lume por meio do domínio associado; há uma regularidade do ponto de vista da materialidade repetível dos enunciados, uma vez que as postagens são constituídas por meio da hibridização entre o verbal e a imagem, na interface entre diversas redes sociais existentes (vide, por exemplo, a publicação do *Twitter* que circula na página analisada).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises empreendidas neste escrito permitiram notar que a figura do *coach* é tida como falaciosa, pois, com regularidade no discurso anti-coach, há a circulação de enunciados que o emolduram como alguém cuja vida se apresenta incoerente com aquilo que prega, aconselha e orienta na vida do outro. As condições de possibilidade que fazem emergir a prática do *coaching* permitem a produção e circulação de enunciados, segundo os quais estes profissionais não podem ser considerados confiáveis, principalmente porque o modo como eles gerem a si mesmos difere frontalmente do que apregoam nos cursos e treinamentos dos serviços de *coaching*.

A descrição da produção de verdades e o funcionamento das relações de saber-poder que constituem as estratégias discursivas sobre o *coaching* nas páginas possibilitaram constatar que, além de falacioso, as postagens



concebem o discurso do *coaching* como um engodo, de modo a objetivar os sujeitos que contratam os serviços destes profissionais como vítimas. Na materialidade repetível dos enunciados, foi possível observar as seguintes constatações: a) os discursos das postagens da página constroem o *coach* como um sujeito de origem nebulosa que, ao não obter sucesso em sua carreira, encontra na prática do *coaching* a oportunidade de ludibriar os demais; b) o *coach*, uma vez que entra por um desvio de rota nesta seara, não conseguem administrar sua vida pessoal e financeira, entrando, assim, em inequívoca contradição com aquilo que pregam; c) no cerne do universo corporativo, o *coach* é responsável por colaborar maquiavelicamente com a construção de verdades nas quais o funcionário é levado a se adaptar com a lógica da empresa, sob a pena de ser demitido, de modo a precarizar as relações de trabalho; d) o *modus operandi* do discurso excessivamente positivo e motivacional do *coach* pode ser desmontado por meio de um contradiscurso que enxerga na positividade em demasia o florescer de comportamentos arriscados e de atitudes irrefletidas que podem trazer consequências danosas.

A página Dicas anti-coach no *Facebook* surge na resistência aos modos subjetivação preconizados na prática do *coaching*, buscando tratar, com tom humorístico e sarcástico, práticas presentes no discurso do *coach*, de modo a descaracterizar esse tipo de serviço, enxertando-o no campo da fraude e do charlatanismo. Esses discursos procuram, pois, negar a existência de quaisquer benefícios do *coaching* na gestão dos sujeitos. Através de relações de saber-poder, os enunciados que circulam na página abordada deslegitimam enunciados *coach* proferidos com valor de verdade na *web*, por meio da atuação de uma posição de sujeito que esclarece os usuários

das redes sociais supracitadas sobre os perigos iminentes que a prática do *coaching* pode ocasionar, principalmente por não se ancorar no regime de verdade da ciência. Sendo assim, a prática *coaching*, pelo que pudemos constatar, é tida como um mecanismo fraudulento e mercenário.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. A.T. **A tentação de Eva e a queda do homem**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2015.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALOMENI, T. “O ronco surdo da batalha: poder disciplinar e biopolítica”. *In*: RESENDE, H. (Org.). **Michel Foucault**: o ronco surdo da batalha. São Paulo: Intermeios, 2018, p. 215-239.

CASTELLANO, M. Cultura da autoajuda: surto do aconselhamento e a bioascese na mídia, **E-compós**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 1-13, 2012. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/685>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

CASTELLANO, M. **Sobre vencedores e fracassados**: a cultura da autoajuda e o imaginário do sucesso. 2014. 191 f. Tese (Doutorado) -- Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2014.

CONSELHO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA. **Nota orientativa sobre o coaching**. 2019. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/>



uploads/2019/03/14\_03\_2019\_Nota-Orientativa-sobre-COACHING.pdf>.  
Acesso em: 19 set. 2020.

CÔRTEZ, Mariana. **Diabo e fluoxetina** = formas de gestão da diferença. 2012. 384 p. Tese (doutorado) -- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2012.

COURTINE, J. J. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaios sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, G. Pós-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 219-226.

DUNKER, C. "A hipótese depressiva". In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **O neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 168-205.

EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. 2. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

FERREIRA, J. M. Do coach tradicional ao coaching ressignificado: novas práticas, saberes e formas de trabalho na sociedade informacional. In: VI Jornada Brasileira de Sociologia, 2019, Pelotas. **Anais eletrônicos...** Pelotas, n.p., VI Jornada Brasileira de Sociologia, 2019. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/jbs/files/2019/10/Julio-Marinho.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2020.



FONSECA, M. A. da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2011.

FONSECA, T. M. G. “Apresentação: Foucault somos nós”. In: FONSECA, T. M. G.; ABRANTES, Esther Maria de M. **Cartas a Foucault**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-250.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber**. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos e Escritos; IV).

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população: curso dado no Collège de France: (1977-1978)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France: (1978-1979)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. “Soberania e disciplina”. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019, p. 278-295.

GREGOLIN, Mario do Rosário. “Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade”. In: FERREIRA, R.;



RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). **Um Mapa da Crítica nos Estudos da Linguagem e do Discurso**. Campinas: Pontes, 2016, v. 1, p. 115-142.

HAROCHE, C. O inavaliável em uma sociedade da desconfiança, **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n.3, p. 657-676, set/dez. 2011. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022011000300014](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000300014)>. Acesso em: 07 jul. 2020.

MACHADO, R. **Foucault, a ciência, o saber**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2007.

MORAES, M. de. Coach quântico diz mudar vidas das pessoas, só não convence cientistas, **Uol**, 2020. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/01/07/a-febre-dos-coaches-quanticos-que-prometem-reprogramacao-energetica.htm>>. Acesso em: 19 set. 2019.

MUCHAIL, S. T. **Foucault, simplesmente**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NASCIMENTO, J. V. P. H.; RODRIGUES, J. G.; CORREIA, A. M. P.; CASTRO, L. N. P. O. *Coaching* como ferramenta de desenvolvimento de novas habilidades em discentes do curso de Administração, **Perspectivas online**, Campos dos Goytacazes, v. 10, n. 28, 2020.

OLIVEIRA-SILVA, L. C.; CARVALHO, P. S. F.; WERNECK-LEITE, C. D.; ANJOS, A. C. Desvendando o Coaching: uma revisão sob a ótica da psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 363-377, jun. 2018.

PORTOCARRERO, Vera. “Ordem biológica, poder disciplinar e normalização”. In: PORTOCARRERO, Vera. **As ciências da vida: de Canguilhem a Foucault**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, p. 195-219.

REVISTA PEGN. **Coaching pode virar crime no Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://revistapegn.globo.com/Noticias/noticia/2019/05/coaching-pode-virar-crime-no-brasil.html>>. Acesso em: 19 set. 2020.

ROSÁRIO, M.. *Dono da Dolly revela as inusitadas inspirações para o personagem Dollynho*, **Veja São Paulo**, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/dollynho-inspiracao-dolly-refrigerante/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SAFALTE, V. “A economia moral neoliberal e seus descontentes”. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **O neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 10-38.

SALLES, W.; VIEIRA, F. O.; SOUZA, M. S.; BARROS, S. R. S. “O canto do coaching”: uma análise crítica sobre os aspectos difundidos do triunfo ágil difundido no Brasil, **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 13, n. 36, p. 3231-3160, 2019.

SANT’ANNA, Denise Bertuzzi de. “Hayek na praia”. In: BUTTURI JUNIOR, Atílio; CANDIOTO, César; SOUZA, Pedro de; CAPONI, Sandra. **Foucault & as práticas de liberdade I: o vivo & os seus limites**. Campinas: Pontes, 2019, p. 161-174.

SANTOS, A. S. **Discurso, moralidade e experiência amorosa: narrativas sobre relacionamentos abusivos e a produção de subjetividade contemporânea**. 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) -- Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2018.

SARGENTINI, M. V. O. “A Análise do Discurso e a natureza semiológica do objeto de análise”. In: GREGOLIN, M. R. V.; KOGAWA, J. M. M. (Orgs.). **Análise do Discurso e Semiologia: problematizações contemporâneas**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2012, p. 101-120.

SARGENTINI, V. M. O. Há em Foucault um gesto inaugural nos estudos do discurso? **Heterotópica**, Uberlândia, v.1, n.1, p. 34-47, jun./2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48526>>. Acesso em: 10 mar. 2020.



SILVA, D. D. C.; NELSON, R. E.; GINES JUNIOR, C. S. A relação dos valores pessoais entre o empreendedor e o *coach*, **Recima21**, Jundiaí, v.1, n.2, p. 65-97, 2020.

TUCHERMAN, I.; CAVALCANTI, C. B. C. Subjetividade contemporânea em uma sociedade biotecnológica de mercado, **Ciberlegenda**, Niterói, v. 32, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36978>>. Acesso em: 19 set. 2020.

VEIGA-NETO, A. “Neoliberalismo e educação: os desafios do precariado”. *In*: RESENDE, H. de (org). **Michel Foucault**: a arte neoliberal de governar a educação. São Paulo: Intermeios, 2018, p. 33-44.

VEJA. **Em um coach, deve-se buscar ciência, sugere psicólogo**. O americano Scott Kaufman falou à Veja sobre coaching e educação; ele vai para o Brasil para palestra em São Paulo. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/ciencia/em-um-coach-deve-se-buscar-pela-ciencia-sugere-psicologo/>>. Acesso em: 19 set. 2020.



O PROCESSO (2018) ENVOLTO EM IMAGENS E  
DISCURSOS DE VIOLÊNCIA: UMA PROPOSTA DE  
ANÁLISE DAS NARRATIVAS E MEMÓRIAS A PARTIR DO  
DOCUMENTÁRIO DE MARIA AUGUSTA RAMOS

THE TRIAL (2018) WRAPPED IN IMAGES AND  
DISCOURSES OF VIOLENCE: A PROPOSAL FOR THE  
ANALYSIS OF NARRATIVES AND MEMORIES BASED  
ON THE DOCUMENTARY BY MARIA AUGUSTA RAMOS

Meire Oliveira SILVA<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo. E-mail: <meire\_oliveira@uol.com.br>.



## RESUMO

O documentário *O processo* (2018), de Maria Augusta Ramos, descreve os bastidores do impeachment de Dilma Rousseff em 2016. A ocasião foi marcada por discursos de ódio que atentaram contra a democracia e a ética (SAFATLE, 2017), sobretudo, nos ataques de gênero impelidos à governante na ocasião. Sua identidade feminina, continuamente exposta, tornou-se alvo de violentas narrativas. As mídias oficiais e alternativas – na profusão de informações veiculadas por imagens, textos, memes e áudios, tanto na internet, quanto em rádio, televisão, revistas e jornais impressos – imputaram-lhe diversos julgamentos. As questões sociais e políticas diluíram-se em meio a discursos contrários aos princípios democráticos que deveriam reger a nação. Valores relativos aos Direitos Humanos deram lugar a declarações de apreço a torturadores e a 1964. Dessa forma, a memória de autoritarismos (SELIGMANN-SILVA, 2017) mostrou-se potente e até positiva, no imaginário brasileiro. No esquecimento das torturas, reforçaram-se fissuras históricas relativas à formação nacional. Este estudo, por meio de análise da linguagem fílmica documentária (RAMOS, 2013), retoma discursos e imagens do período. Concomitante à destituição do cargo da presidência da República Federativa do Brasil, em 2016, deflagra-se um país imerso em preconceitos.

## PALAVRAS-CHAVE

documentário; gênero; memória; imagem; discurso.

## ABSTRACT

The documentary *The Trial* (2018), by Maria Augusta Ramos, describes the backstage of Dilma Rousseff's impeachment in 2016. The occasion was marked by hate speeches that attacked democracy and ethics (SAFATLE, 2017), above all, in the gender attacks carried out on the leader at the time. Her feminine identity, continually exposed, became the target of violent narratives. The official and alternative media – in the profusion of information conveyed by images, texts, memes, and audios, both on the internet and on radio, television, magazines, and printed newspapers – imputed several judgments to it. Social and political issues were diluted amid discourses contrary to the democratic principles that should govern the nation. Values related to Human Rights gave way to declarations of appreciation to torturers and 1964. In this way, the memory of authoritarianism (SELIGMANN-SILVA, 2017) proved to be powerful and even positive in the Brazilian imagination. In the oblivion of torture, historical fissures related to national formation were reinforced. This study, through the analysis of documentary film language (RAMOS, 2013), retakes discourses and images from the period. Concomitant with the removal from office of the presidency of the Federative Republic of Brazil, in 2016, a country immersed in prejudice is unleashed.

## KEYWORDS

documentary; gender; memory; image; speeches.



## INTRODUÇÃO

Por meio de categorizações, em *ethos* discursivos, tais quais “sucessora do presidente Lula” e “primeira mulher a chefiar o país”, entre outras semelhantes, Dilma Vana Rousseff atravessou o exercício do cargo presidencial, o máximo da República Federativa do Brasil, entre 2010 e 2016. Obteve uma reeleição em 2014, posteriormente interrompida por um processo de impeachment largamente difundido pela chamada mídia oficial, a saber, veículos de comunicação abertos ao grande público em periódicos, impressos, televisão e rádio. Soma-se a isso, a ação da mídia emergente de canais, blogs e outras redes sociais da internet de cunho oficial ou em vertentes anônimas e independentes na disseminação de dados e informações. Na data de 31 de agosto de 2016, após o período de três meses do transcurso do processo de impedimento, a presidenta foi deposta.

No mesmo período, diversos atores políticos tiveram suas imagens e discursos veiculados, tanto em defesa quanto na acusação do partido governista da época, o Partido dos Trabalhadores (PT), na concentração das acusações que recaíram sobre Rousseff. A moralidade e o conservadorismo também permearam os discursos e imagens associadas a símbolos pátrios nas incriminações levantadas. Tais pautas foram utilizadas como propagandas do que seria necessário fazer para a manutenção de uma democracia assegurada pela Constituição de 1988 que, segundo a acusação, estava sendo ameaçada.

Uma espécie de discurso publicitário acirrou-se e confundiu-se nas ruas com “palavras de ordem” e cartazes de protesto. Um discurso alimentado inclusive por essa justificativa de ação de patriotismo associado, por exemplo, ao futebol – em camisetas da seleção brasileira –, também em decorrência da Copa do Mundo de 2014, ocorrida no Brasil. Aconteceu com mais força após



as manifestações de junho de 2013 com outras causas que foram encampadas por grupos conservadores corroborando os pedidos de impeachment, três anos depois. É necessário lembrar que os constrangimentos e ataques à figura de Dilma Rousseff iniciaram-se, ainda que confundidos às passeatas de 2013, por pequenos grupos, se estendendo a estádios, memes, adesivos e outras formas de violências simbólicas contra a governante, após sua reeleição em 2014.

Este estudo pretende, portanto, desenvolver uma análise do documentário de longa-metragem *O processo* (2018), de Maria Augusta Ramos, por meio do levantamento dos discursos veiculados nos bastidores que conduziram o processo de impedimento e a consequente destituição do cargo de Rousseff, bem como realizar a comparação do filme aos discursos midiáticos contra a presidenta no mesmo período. Afinal, tais bastidores não se restringiram aos corredores do Congresso Nacional, mas se dissiparam por meio de tribunais virtuais que operaram uma campanha massiva de julgamento e condenação.

Por meio da averiguação da linguagem e das imagens, será feito um levantamento das cenas do documentário, desde diálogos constantes nos autos, mensagens de apoio e também hostis de cunho misógino entre outros níveis de preconceito, pronunciamentos e imagens das ruas, até as manifestações de populares no Planalto e arredores da Praça dos Três Poderes. Esse percurso buscará compreender como a direção de Maria Augusta Ramos, após cinco anos, poderia revisitar uma época de inícios de acirramento da polarização política no país. E, da mesma forma, como o documentário pode ter-se aproximado da sucessão de ataques desferidos contra Dilma Rousseff em rápida circulação das informações midiáticas envoltas em virulência narrativa de consequências antidemocráticas cada vez mais naturalizadas na sociedade brasileira.



## 1. ESTÉTICAS, ESCOLHAS E ECOS

Apesar do breve tempo em cartaz nos cinemas brasileiros, em 2018, *O processo* ganha prêmios em outros países, como o de melhor filme no Festival de Documentários de Buenos Aires, Documenta Madrid, Festival de Cinema de Lisboa e Visions du Réel (Suíça) (ITAÚ CULTURAL). Foi pouco visto nos cinemas nacionais, mas atualmente integra o catálogo de um canal televisivo por assinatura. Uma estratégia cada vez mais adotada pelos realizadores de cinema do país, tanto na veiculação, quanto nas produção e distribuição das obras.

O filme de 141 minutos, e longas falas, é realizado a partir de recortes discursivos das muitas horas em meses de filmagem dos interiores que culminaram no impedimento de Dilma Rousseff. Desse modo, esboça a polaridade política por meio de mensagens, dentro e fora do âmbito do julgamento do processo. Elementos que iriam ao encontro da tensão que marcaria discursos e imagens no período e crescentes desde então. A captação de algumas declarações de personagens políticos da oposição, inclusive, de ameaça a valores democráticos e exaltação da ditadura de 1964 começaram a ser incorporadas ao contexto de animosidade e crescente afronta aos Direitos Humanos. Logo, a narrativa de *O processo* apresenta-se atual, quase jornalística, mas também de exame de uma época, sendo consideradas as nuances do gênero documentário porque

O documentário constitui uma forma narrativa que é geralmente fruída na unidade de uma extensão temporal determinada. Em outras palavras, as vozes que enunciam no documentário pertencem a um conjunto discursivo orgânico que estamos chamando de narrativa. E qual é a unidade da narrativa documentária? Algo muito próximo daquela que chamamos filme: uma unidade narrativa enunciada numa

duração temporal variável, mas una, sendo veiculada ao espectador enquanto unidade. O documentário, portanto, é um filme no modo que possui de veicular suas asserções e o modo pelo qual as asserções articulam-se como narrativa com começo e fim em si mesma (RAMOS, 2013, p. 58, grifos meus).

A narrativa sobre o processo de impedimento é costurada por fatos e imagens, mas também por meio dos discursos de ataques diretos à trajetória pessoal de Dilma Rousseff. A exaltação de personagens e símbolos de práticas da ditadura vinculadas a barbáries como as torturas das quais foi vítima, em sua prisão política na juventude, fazem parte desse enredo imbricado. A militância, a prisão e, sobretudo a tortura, serão elementos, inclusive, utilizados em sua “acusação” e “defesa”, estabelecendo até um possível posicionamento da direção. A escolha da documentarista parece ser mostrar o lado do partido governista e de Rousseff, ambos acusados de atentarem contra a democracia. Ainda que a palavra democracia seja aparentemente fluida entre os entusiastas do regime militar brasileiro (1964-1985).

Por meio de ideias paradoxais, tanto em relação à imparcialidade mostrada pelo documentário quanto à suposta verdade defendida pelos apoiadores do impeachment, pode-se pensar na dialética desses processos discursivos:

A verdade é uma noção circunscrita a fenômenos que são, eles próprios, isoláveis. Se não há Verdade universal, em todo o caso acessível, há fatos dos quais podemos estabelecer se são verdadeiros, falsos ou se a dúvida subsiste. As câmeras de gás existiram? Para negarem a existência delas, os historiadores ditos “revisionistas” recorreram a todo um arsenal de sofismas que não resistem a um exame sério, mas podem abalar a convicção das pessoas mal-informadas. O documentário, se quer justificar sua legitimidade, não pode transigir com o rigor. “A imagem não mente”, como às vezes se ouve dizer, é um absurdo. Ela pode ser um meio de mentir tanto quanto a palavra (GAUTHIER, 2011, p. 120, grifos meus).



Ora, se palavra e imagem podem mentir, percebemos que nos discursos (verbais e não verbais) veiculados em O processo existe uma constante disputa de poder entre os atores sociais e políticos, mas também um jogo da cineasta entre a suposta imparcialidade do documentário (NICHOLS, 2005) e a sua consciente opção por um viés narrativo que também localiza os tensionamentos relativos ao gênero no âmbito da política. Para Peter Burke (2004), é preciso ainda adentrar a análise das imagens com cautela, pois

Naturalmente, no caso dos textos, qualquer um que queira usar imagens como evidência, necessita estar constantemente em guarda para o aspecto – muito óbvio, ainda que muitas vezes esquecido – de que a maioria delas não foi produzida com este propósito [...] a maioria delas foi feita para cumprir uma variedade de funções, religiosas, estéticas, políticas e assim por diante. Elas, frequentemente, tiveram seu papel na “construção social” da sociedade. Por todas essas razões, as imagens são testemunhas de arranjos sociais passados e acima de tudo das maneiras de ver e pensar o passado (BURKE, 2004, p. 240).

Seguindo, então, no exame das imagens e suas circunstâncias de produção e veiculação, chega-se também à problemática do diacronismo entre política e gênero. De acordo com a historiadora Joan Scott, as relações de gênero também estão imbricadas às relações de poder na política:

A alta política é, ela própria, um conceito generificado, pois estabelece sua importância crucial e seu poder público, suas razões de ser e a realidade de existência de sua autoridade superior, precisamente às custas da exclusão das mulheres do seu funcionamento. O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; põem



questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro (SCOTT, 1990, p. 92, grifos meus).

Buscar, portanto, a relação existente entre as imagens e os discursos transpostos à linguagem fílmica de *O processo*, implica em reconhecer a partir de qual ponto de vista o enunciado é realizado e quais são os tensionamentos oriundos dessas disputas de poder também nas relações de gênero. Sobretudo, no caso deste documentário que mostra os acontecimentos políticos localizados em um contexto social repleto de nuances que culminaram em posições efusivas de defesa ou repúdio a uma causa de acusação prévia – e simbólica – da imagem de uma mulher.

Se o discurso pode ser compreendido “como efeito de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, 1990, p. 82), não se trata de uma mera transmissão de informações, mas de uma intenção. Porém, quem enuncia o discurso também não garante o efeito de sentido que pretendeu transmitir. E isso acontece porque tais impactos de como se usa o código linguístico “resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso, dentro de circunstâncias dadas [...] e afetados pelas suas memórias discursivas” (ORLANDI, 2006, p. 15). No entanto, se o discurso acontece mediante certas circunstâncias ou condições de produção (PÊCHEUX, 1990), é preciso observar em qual contexto foram captados os discursos verbais e não verbais (as imagens) do documentário, que parece situar-se opostamente à tendência de espetacularização dos fatos políticos de um pensamento ideológico em ascensão.

Especialmente, as informações advindas das redes digitais a perpetuar discursos de ódio massivamente. É preciso pensar que se trata de discursos já produzidos no âmbito de uma “formação discursiva” (PÊCHEUX, 1990)



em circulação a permear os indivíduos de determinada maneira, com a qual possam se identificar. Assim, as palavras de exaltação indireta à tortura e direta a torturadores parecem já integrar o tecido social e histórico da formação nacional a ponto de serem proferidas com entusiasmo na Câmara dos Deputados sem desaprovação alguma. Além disso, a formação discursiva também pode ser vista “a partir de uma dada conjuntura, determinada pela luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014, p. 147). Ou seja, configura um território de disputas.

Logo, ao passo que o documentário acessa esses espaços dos bastidores políticos, propicia ao espectador elementos a fim de compreender a virulência dos discursos e imagens que, muitas vezes, chegam ao público como fragmentos, sobretudo na internet e até mesmo na chamada “mídia oficial”. Dessa maneira, o filme oferece aparentemente os “dois lados” do processo. E, ainda que seja considerada a prerrogativa de que todos os discursos são constituídos por outros movimentos sucessivos de discursos (FOUCAULT, 2011), quanto aos ataques misóginos e deflagradores de preconceitos estruturais, o documentário não exime seu ponto de vista. Já que, nesse sentido, parece usar a imagem de forma crítica como um contraponto às imagens midiáticas com as quais dialoga – ao filmar as outras filmagens de celulares e tablets registrando em tempo real os acontecimentos – e denunciando a ilusão de um consenso que justificaria a dominação ideológica dessas imagens (RANCIÈRE, 2009).

Um exemplo dessa estratégia é o da sequência na qual os maiores representantes da base governista do PT se reúnem e debatem o caso cujo resultado já era sabido, mesmo antes das votações e julgamentos, e o esgotamento é visível:

Praticamente todos os recursos que a gente apresenta são derrotados. E as pessoas ficam curiosas, ficam perguntando o seguinte: por que vocês ficam insistindo nisso? Vocês estão perdendo quase todas. Aí vem uma preocupação de como isso chega no imaginário lá, a divulgação, como a imprensa divulga (O PROCESSO, 2018, 54min 53 seg).

Exemplo corroborado pelas cenas nas quais Dilma Rousseff, após exaustivos interrogatórios, finaliza um dos questionamentos aparentemente emocionada ao contrário de toda a firmeza demonstrada até o momento. Sua emoção ou esgotamento devia-se ao já esperado, uma vez que, em uma decisão previamente tomada, qualquer contra-argumentação seria inócua. A conclusão de sua resposta – “Além disso, a vida é assim, senador, dura” (O PROCESSO, 2018, 1h 50min 36seg) – parece antecipar o desdém de seu interlocutor. E, talvez, a momentânea e inesperada fragilidade da mulher, cuja imagem tinha sido associada à frieza, tenha motivado o riso do parlamentar.

A justaposição da montagem, ainda que sutil, entre as imagens sugere a hostilidade no processo político inserido em um contexto midiático conflituoso que o filme também integra. No entanto, o documentário parece desejar desvincular-se da espetacularização midiática, aos poucos, ao optar pela aproximação de imagens, discursos e personagens. Não de modo isento, mas selecionando aspectos dos conflitos da polarização dentro do Congresso e da Câmara que se disseminou entre a chamada “opinião pública”.

Logo, a mídia pode ser compreendida no âmbito discursivo como um espaço privilegiado para formulação e circulação de sentidos, como constituição de espaços a veicularem discursos variados (DELA-SILVA, 2008). E, do mesmo modo que já houve o “lugar a um discurso da televisão como uma grande mídia, como um lugar de acontecimentos e, ainda, como



o lugar onde ‘tudo acontece’” (DELA-SILVA, 2008, p. 11), as mídias digitais formularam espaços discursivos potentes que praticamente substituíram os discursos unilaterais da TV. Nas redes digitais, todos podem estabelecer as dinâmicas de produção e circulação de seus “conteúdos” – entre imagens, vídeos, textos, áudios etc. – a fim de alcançar ou “engajar” diversos seguidores.

É preciso destacar, igualmente, que diversas formações imaginárias envolvem as estratégias de produções discursivas. De acordo com Michel Pêcheux, essas formações imaginárias “designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1990, p. 82). Logo, o sujeito enunciador do discurso busca antecipar quais efeitos de sentido poderia produzir sobre o outro. Isso nortearia suas táticas de produção, formulação e circulação do discurso. Nessa antecipação, o documentário teria inicialmente transparecido uma neutralidade quase jornalística da cobertura do impeachment.

Como é típico de sua estética fílmica, em *O processo*, a cineasta não interfere nas cenas ou interage com os personagens filmados. Sua estética baseia-se na observação das imagens entremeadas por discursos que configurarão as sequências e as conduzirão em tessitura fílmica, como explica ao comentar o documentário anterior, *Junho* (2014):

Tento retratar uma realidade a partir do ponto de vista dos personagens. O cotidiano deles me leva a descobrir um universo e a discutir determinado assunto. O filme é construído a partir das observações desse cotidiano, nesse momento histórico. E é importante que os personagens sejam vistos como um ente social e político, mas não só. O filme não pode deixar de revelar um indivíduo próprio, a experiência humana de cada um (MULHER NO CINEMA, 2014).



No entanto, Maria Augusta Ramos vê-se impelida a modificar as técnicas para acompanhar os bastidores do impeachment, no início de O processo, ainda que reafirme a estética consciente de adotar o distanciamento nas filmagens:

Tenho filmado vários senadores...não gosto muito de entrevistar, mas pela primeira vez tenho feito entrevista. [...] Não gosto muito, não tenho isso na veia. Mas algumas situações pedem, e gostei de todas as entrevistas que fiz. Foram necessárias. Em geral, prefiro sempre o processo de observação. Acho que é o meu papel, o meu cinema. É uma escolha estética mesmo (RAMOS, 2016).

Em O processo, os letreiros que narram a data, os personagens principais e a justificativa para a exaltação dos ânimos em relação ao Partido dos Trabalhadores e à figura de Dilma Rousseff são sucedidos por uma imagem panorâmica de apoiadores e também de contrários ao impeachment, como em um prólogo didático cujo desfecho já é sabido por todos, mas que talvez desconheçam as tramas do enredo largamente veiculado como espetáculo. O corte para o interior da Câmara dos Deputados onde ocorreu a votação capta os momentos de hostilidade dos parlamentares. Os pronunciamentos que, a princípio julgariam o suposto crime de responsabilidade da presidenta, rapidamente se difundem entre críticas a demais membros do Partido dos Trabalhadores que têm apoio de outros partidos e setores progressistas dadas as bandeiras vermelhas carregadas por manifestantes fora da plenário. As imagens começam a se imbricar aos discursos conflitantes:

Na verdade, não só a imagem do que é um jogo é difusa. Também o é a imagem de como devemos jogar o jogo. A partir de um certo limite, tudo se passa como se o fundado não se construísse mais a partir da semelhança ao fundamento. No entanto, essa talvez seja a experiência fundamental da linguagem: a experiência de se jogar



um jogo no interior do qual, a partir de certo momento, não temos mais clareza de suas regras (SAFATLE, 2018, p. 132, grifos meus).

Devido ao caráter difuso, as justificativas de moralidade, memória e tradições de cada discurso parecem afiançar o impedimento por outras questões para além da acusação inicial. Todas as argumentações coadunam uma ofensiva às pautas do próprio partido governista (PT) do período. Insurgem-se contra as reivindicações sociais alcançadas pela população mais vulnerável do país. Entre tais ofensivas, os pronunciamentos versam entre exaltações a torturador, “[ditadura de] 1964”; para impedir a “doutrinação das crianças”; por Deus, pelas famílias, pela democracia, pela “Constituição de 1988”; entre outras que se misturaram aos paradoxos dos bastidores do que sucedeu a votação e os trâmites do processo.

No mesmo tom de aparente neutralidade, o filme prossegue com o acompanhamento dos bastidores da equipe governamental, atitude corroborada por um letreiro com as indicações de quais foram as acusações contra a presidenta, entre “a emissão de decretos de suplementação orçamentária sem aprovação do Congresso” e “as chamadas ‘pedaladas’: um atraso no pagamento dos subsídios agrícolas aos bancos” (O PROCESSO, 2017, 12 min 58 seg). Já as sequências seguintes mostram o interior das discussões da cúpula do Partido dos Trabalhadores em reunião debatendo os principais pontos de acusação.

E, mesmo ao seguir o lado acusado, o de Dilma Rousseff, a quem o documentário chama de “Presidente”, em contraposição ao termo mencionado nas cenas anteriores pela base governista, “Presidenta”, talvez, procurando afirmar somente a observação dos fatos, o documentário focaliza o apoio feminino à governante. Decide mostrar os brados de “Dilma guerreira da

pátria brasileira”, com flores e manifestações de solidariedade. Como uma espécie de continuidade de uma das primeiras cenas, na votação do plenário, na qual um dos parlamentares levanta a questão da presença de misoginia no que se configuraria como golpe e, aos poucos, o filme ganha corpo e demarca posição:

Como em um processo, o documentário procede à audição de testemunhas, ao exame das peças de convicção, às reconstituições baseadas em fatos cuidadosamente verificados. E isso é bem enfadonho, dirão. É esquecer o peso do talento do advogado, no caso do cineasta. É esquecer também que o final de um processo é incerto, o papel da “íntima convicção” do júri (aqui o espectador), o fato de que o acusado pode ser inocentado em caso de dúvida, em suma, que nada está escrito de antemão [...] No documentário não é um roteirista que escreve um roteiro, é alguém em busca de verdade. Um documentário é uma pesquisa, de algum modo uma investigação, e, por isso, tudo é questão de método (GAUTHIER, 2011, p. 120, grifos meus).

E o método de Maria Augusta Ramos, nesse sentido, perscruta as possíveis origens do processo de impedimento, desde os fatos antecedentes levantados pela acusação e também pela defesa. Por exemplo, em outra cena, uma mulher identificada como advogada e professora livre docente de Direito Penal, em uma das maiores universidades do Brasil, confirma a tensão causada pela questão de gênero no pedido impeachment. Porém, o faz de modo quase caricatural, dadas as pausas, a impositação e a voz embargada ao justificar seu posicionamento de acusação de ilegalidades da governante:

Vossas excelências acham que eu não teria gosto de ver uma mulher ter sucesso na Presidência da República, independentemente do partido? Eu sou brasileira. Eu amo esta terra mais que tudo [...] na condição de amante apaixonada pela Constituição Federal...” (O PROCESSO, 2018, 22min 14seg).



E, ao final, reitera que só pensava nos netos de Dilma Rousseff, para levar adiante as acusações. Novamente, a tríade família, Deus e pátria comparecem aos discursos como elementos centrais. A montagem, por sua vez, também justapõe o contraste com o semblante de outra mulher da base governista diante da encenação que pareceu nortear o discurso proferido conscientemente no enalço de um determinado efeito de sentido na plateia:

De même qu'un metteur en scène de théâtre utilise l'espace scénique, les décors, la lumière, la sonorisation, les comédiens, un texte, pour produire des effets de sens à l'adresse d'un public qu'il imagine, de même le locuteur – qu'il veuille parler ou écrire – utilise les composantes du dispositif de la communication en fonction des effets qu'il veut produire sur son interlocuteur (CHARAUDEAU, 1992, p. 635)<sup>2</sup>.

Não se pode garantir a intenção dramática de tal discurso, mas, após cinco anos das filmagens, pode-se afirmar que muitos dos personagens daquele processo foram eleitos em 2018 e, de certa forma, por meio de outras performances discursivas.

## **2. OUTROS DISCURSOS NO MESMO PROCESSO DE APAGAMENTO DAS MEMÓRIAS**

Pensar as imagens e os discursos envolvidos no contexto em que se insere o documentário O processo pressupõe ultrapassar a ideia de que a imagem veicula somente em seu aspecto visual, mas considerar o complexo jogo de

---

<sup>2</sup> Do mesmo modo que um diretor teatral utiliza o espaço cênico, a cenografia, a iluminação, a sonorização, os atores e um texto, para produzir efeitos de sentido junto a um público que imagina; o locutor – seja falando ou escrevendo – utiliza componentes dispositivos de comunicação em função dos efeitos que deseje produzir em seu interlocutor (tradução livre da autora).



imbricações que a determinam na esfera social. As imagens disseminadas incessantemente como espetáculo podem constituir uma dominação ideológica, mas esse fenômeno precisa estar compreendido na complexidade do discurso imagético (MAINGUENEAU, 2005). Nesse sentido, podem ser consideradas as imagens repletas de discursos misóginos divulgadas acerca de Rousseff. Elas encontram ressonância no discurso de um dos parlamentares na votação do dia 11 de abril de 2016 “farsa sexista apoiada por torturadores” (O PROCESSO, 2018, 6min20seg). E como “as imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim, visões contemporâneas daquele mundo...” (BURKE, 2004, p. 236), é preciso persistir nas pistas discursivas, históricas e sociais para alcançar as origens do pronunciamento do parlamentar supracitado entre as escolhidas pelo documentário.

Segundo Charaudeau (2008), não é somente no conteúdo que se encontra o discurso político, mas na interação de seus interlocutores, desde três etapas de sua fabricação, entre os sistemas de pensamento, atos de comunicação e comentários que circularão ao final do procedimento nos grupos sociais que os reelaborarão e disseminarão. Desse modo, pode-se tomar o primeiro pronunciamento público de Dilma Rousseff, antes do afastamento de 180 dias até a finalização do processo:

O destino sempre me reservou muitos desafios, muitos e grandes desafios. Alguns pareceram a mim intransponíveis. Mas eu consegui vencê-los. Eu já sofri a dor indizível da tortura, a dor aflitiva da doença e agora eu sofro mais uma vez, a dor inominável da injustiça. O que mais dói este momento é a injustiça. O que mais dói é perceber que estou sendo vítima de uma farsa jurídica e política (O PROCESSO, 2018, 42min 44seg).

É possível reconhecer a existência de diversos discursos a respeito da figura feminina como uma construção social atravessada por pretensas



autoridades históricas, biológicas, religiosas etc. Observar esses movimentos nos contextos em que são produzidos pode atuar também na produção de memória sobre o feminino e o masculino.

Pode-se conceber então o sujeito a formular o discurso por meio de repetição e ordenação dos sentidos afim de criar a memória. Tal memória constituirá, portanto, “ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido” (INDURSKY, 2011, p. 71). Afinal, é uma ilusão acreditar na criação de discursos, que são um processo contínuo e preexistente de sentidos. Assim, juntar as informações veiculadas pela mídia do passado de “terrorista” da ex-presidenta é aludir e estabelecer uma identificação ao conservadorismo político que permeia a sociedade brasileira e que, em 1964, depôs João Goulart por representar a “ameaça comunista” que destruiria os valores religiosos e patrióticos e deveria ser atacada como principal alvo dos grupos organizadores das marchas da “Família com Deus pela Liberdade”.

Márcio Selligmann-Silva explica a questão de apagamento da memória do país em comparação aos demais casos de democracias constante e historicamente marcadas por ameaças autoritárias, entre ditaduras e heranças coloniais na América Latina:

A história do Brasil é uma história de apagamento da violência, de não inscrição da violência. Existe a construção de uma história monumental, heroica, onde nossos grandes mitos pertencem às classes superiores. Isso vem desde o genocídio indígena, que começou em 1500, e está aí até hoje. E desde que a população africana veio para o Brasil para ser escravizada e até hoje tem uma situação de disparidade socioeconômica. Mesmo os governos chamados de esquerda não pararam esse processo. E isso existe também em relação às nossas ditaduras: tanto com relação à de Getúlio Vargas, quanto à última, de 1964 a 1985, não temos espaço para a memória. Nesse sentido, a cultura brasileira é *sui generis* (SELLIGMAN-SILVA, 2017).



Talvez essas imagens autoritárias do passado se tenham estabelecido na história do país por meio do encontro entre a cultura e a história, consolidando uma tradição conservadora. Como define Walter Benjamin, formando “uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso” (1986, p. 224). Nesse sentido, os indivíduos seriam marcados pelo momento histórico em suas experiências e interações discursivas.

Em uma das conversas da cúpula do PT, a preocupação demonstrada é a de qual maneira a imprensa estaria divulgando os recursos usados exaustivamente pela equipe de defesa sem sucesso algum. Ao que outra das integrantes da base governista responde por meio de mea culpa diante de algumas práticas adotadas durante o mandato:

O pessoal que foi às ruas em 2013 e que tá continuando ir às ruas não tá porque tá defendendo nosso governo agora, tá o seguinte, tá se contrapondo a um outro movimento que é a resistência do establishment do conservadorismo [...] quando vai a juventude às ruas (1h02min), não é uma juventude que nós lideramos. Até pega a bandeira da Dilma porque agora tá agregando, de resistência. Mas nós não temos entrada nesse movimento como o das mulheres também nós não temos. A Dilma, por mais que ela tenha essa representação, ela não é a liderança dessas mulheres, até porque não foi assim o governo dela. E nós tivemos um governo de perfil muito conservador em algumas lutas. Foi muito ruim. Acho que devemos compreender esse movimento, que é de resistência a uma ofensiva conservadora na sociedade (1h 02min 56seg).

Destarte, o pronunciamento final de Dilma Rousseff – de quase não-lugar entre os estereótipos a ela atribuídos – traz novamente a questão de gênero que se funde ao estigma histórico da ditadura e das torturas:



Recentemente, numa conversa com um representante parlamentar fui surpreendida com o seguinte fato; ele veio me dizer que eu era uma pessoa fria, calculista e insensível. Porque eu não renunciei, porque... eu não sei bem por que, mas essa é a versão que a mídia deu, se incorporou. Mas ela deu outra também que é muito contraditória quando se trata de nós, mulheres; é que eu estava desequilibrada, [que] eu estou tomando remédio de tarja preta. Não tomo remédio de tarja preta e não estou desequilibrada. Então eles não acertam também a versão porque a versão oscila. De um lado, você é fria e insensível porque não renuncia, não chora e não se fragiliza; ou você está com ataque de nervos (O PROCESSO, 2018, 55 min 40seg, grifos meus)

A ponderação sobre todos esses fatores que proporcionaram o impeachment, para além do passado da presidenta, conduzem ao marco da abertura da Comissão da Verdade em 2011, já no início do primeiro mandato de Dilma Rousseff. Mesmo após mais de 25 anos das Diretas Já, uma ferida histórica não cicatrizada pela Anistia de 1979 veio à tona. E conseguiu mexer com questões ainda não elaboradas mesmo antes de sua instauração completa. Marcos Napolitano ressalta que

[...] um dos temas da agenda atual do Governo brasileiro é a criação de uma “Comissão da Verdade” que, entre os seus objetivos, busca a superação da cacofonia de discursos (inclusive oficiais) sobre o regime militar, além de selar uma política mais coerente e coesa, na esfera governamental, em relação às violações dos direitos humanos perpetradas à época pelos agentes do estado (NAPOLITANO, 2011, p. 8).

Desse modo, muitas questões não desejáveis, especialmente associados à memória do país, vieram a público em pedido de reparação histórica. Questões até hoje negligenciadas e escarnecidas pela maior parte da população brasileira que ainda associa os regimes ditatoriais à ordem e ao zelo pela pátria e seus cidadãos. Talvez não seja exagero associar tais articulações



políticas à movimentação social e midiática operada bem antes do golpe eufemisticamente chamado de impeachment, em 2016. Seria apenas mais um capítulo de uma narrativa repleta de fissuras históricas e revisionismos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novamente, em *O processo*, a cineasta brasileira Maria Augusta Ramos discute, por meio de sua filmografia, certas polêmicas formais da linguagem do cinema, ao mesmo tempo em que realiza um estudo da sociedade brasileira. Neste caso, com olhar apurado para o momento-histórico, o documentário erige uma análise observadora e reveladora de nuances acerca das relações entre mídia e recepção nos discursos proferidos em âmbito político profundamente marcado pelo embate entre o poder público e os cidadãos atravessados pelas forças discursivas de novos atores sociais na cena política brasileira. Sujeitos concernentes às redes sociais em disputa pela voz e pelo protagonismo antes apenas exercido pelas mídias oficiais. As instituições nacionais são mostradas como fluídas a cada escolha de diálogos, entre os excertos de depoimento que revelaram aspectos de uma sociedade ainda imersa em totalitarismos.

No entanto, é preciso levar em consideração a seleção de imagens e discursos adotados para a afirmação de uma narrativa que oferece ao espectador outro olhar acerca dos bastidores do impeachment afirmando o ponto de vista do documentário. Apesar da imparcialidade inicial, parece existir um posicionamento contrário às acusações que levaram ao impedimento da governante.

Afinal, o filme situou-se entre a ala progressista e a conservadora, mas acompanhando todos os bastidores das reuniões em defesa do mandato



de Dilma Rousseff, desde o momento de início do processo, seus trâmites e a etapa final. Todo o percurso foi seguido por uma câmera que observou a movimentação de incontáveis celulares produzindo instantaneamente outras imagens e discursos em áudio e vídeo. Assim, como em “vaticínio anunciado”, a deflagração de crescentes violência e extinção de direitos civis, imediatamente após a deposição da presidenta, faz de O processo uma espécie de testemunho imagético e discursivo de uma época.

## REFERÊNCIAS

BURKE, P. Testemunha ocular: história e imagem. São Paulo: Edusc, 2004

CHARAUDEAU, P. Grammaire du sens et de l'expression. Paris: Hachette, 1992.

\_\_\_\_\_. Discurso político. Trad.: Fabiana Komesu e Dilson da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

DELA-SILVA, S. C. O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. Tese de doutoramento. UNICAMP. Campinas/SP, 2008.

DUNKER, C.; TEZZA, C.; FUKS, J.; TIBURI, M.; SAFATLE, V. Ética e pós-verdade. Porto Alegre/São Paulo: Dublinense: 2018.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. 21. Edição. São Paulo: Loyola, 2011.

GAUTHIER, G. O documentário: um outro cinema. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. “Maria Augusta Ramos”. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa636425/maria-augusta-ramos>> Acesso em: 16 mai. 2021.

MAINGUENEAU, D. “Ethos, cenografia, incorporação”. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do Ethos*. Trad.: Dílson F. da Cruz, Fabiano Comesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

MULHER no cinema. “A realidade é escola de roteiro, diz Maria Augusta Ramos”, 5 jul. 2016. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/entrevistas/maria-augusta-ramos-a-realidade-e-uma-escola-de-roteiro/> Acesso em: 16 mai. 2021.

NICHOLS, B. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papyrus, 2005.

O PROCESSO. Direção: Maria Augusta Ramos. Brasil, 2018, 141 min. Disponível em: <https://www.vivoplay.com.br/details/movie/o-processo-1996990> Acesso em: 23 mai. 2021.

ORLANDI, Eni P. *Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade*. In: \_\_\_\_\_.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). *Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso*. In: GADET, F.; HAK, T. (org) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990.

INDURSKI, F. *A memória na cena do discurso*. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. L. (org.) *Memória e História na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.

PSICANALISTAS pela democracia. *A história do Brasil é uma história de apagamento da violência*, Márcio Seligmann-Silva, fev. 2017. Disponível em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2017/02/a-historia-do-brasil-e-uma-historia-de-apagamento-da-violencia-por-marcio-seligmann-silva/> Acesso em: 16 mai. 2021.



RAMOS, F. Mas afinal... o que é mesmo documentário? 2. ed. São Paulo: Senac, 2013.

RANCIÈRE, J. Le destin des images. Paris: Fabrique, 2009.

SCOTT, J. Educação & Realidade, v. 15, n. 2, jul./dez.1990, Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>  
Acesso: 24 mai. 2021.





VOZ, CORPO SIMBÓLICO,  
EFEITO DO REAL DA LÍNGUA<sup>1</sup>

VOICE, SYMBOLIC BODY,  
EFFECT OF THE REAL LANGUAGE

Teodulino Mangueira ROSENDO<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Novas considerações a partir de um trabalho de pesquisa com a temática da voz, publicado/, com apoio da Agetec (Unisul - SC) e acompanhado pelo Prof. Dr. Maurício Eugênio Maliska.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Linguagem pela Unisul (2020). E-mail: <teomangueira@hotmail.com>.





## RESUMO

A voz exerce grande significação na prática clínica da psicanálise, ocupando um lugar de expressivo relevo na constituição do sujeito – esse, por sua vez, é clivado pela condição do inconsciente, constituindo-se não senhor do seu dizer. Nas palavras de Maliska esse fato determina a não unicidade do sujeito, o hiato entre o que ele diz o que ele pensa, ou almeja dizer, e nessa esfera imaginária totalitária, há o equívoco, dimensão da linguagem. Indagamos: Qual a relação entre a voz na psicanálise e a “voz” social balizada pelas relações de poder que permeiam a linguagem? Como pensar, *à priori*, a voz no liame da análise de discurso e a voz, corpo simbólico na relação com o silêncio significador que instaura os sentidos. Discursivamente, poderíamos compreender o efeito da voz na ótica do que Pêcheux (1997) aponta como o real da língua, uma vez ela se inscreve na categoria de letra, decorrente disso, concebe-se a voz como um corpo simbólico, efeito do real da língua, do equívoco e da incompletude, elementos fundamentais em uma prática discursiva.

## PALAVRAS-CHAVE

voz; linguagem; silêncio; discurso.

## ABSTRACT

The voice has great significance in the clinical practice of psychoanalysis, occupying a place of significant relevance in the constitution of the subject - this in turn is cleaved by the condition of the unconscious, constituting itself as not the master of its saying. In the words of Maliska

(2017, p. 211), this fact determines the non-uniqueness of the subject, the gap between what he says, what he thinks, or wants to say, and in this totalitarian imaginary sphere, there is the misunderstanding, dimension of language. We ask: What is the relationship between the voice in psychoanalysis and the social “voice” marked by the power relations that permeate language? How to think, a priori, the voice in the link of the discourse analysis and the voice, symbolic body in the relationship with the signifying silence that establishes the senses. Discursively, we could understand the effect of the voice from the perspective of what Pêcheux (1997) points out as the real of the language, once it is inscribed in the letter category, because of that, the voice is conceived as a symbolic body, effect of the real of language, misunderstanding and incompleteness, fundamental elements in a discursive practice.

## KEYWORDS

voice; language; silence; speech.

## INTRODUÇÃO

Erik Porge no texto *Voz do Eco* (2014) traz reflexões sobre a concepção lacaniana da voz enquanto objeto pulsional e os elementos que a compõem, propondo pensar em um estádio do eco, ao que esclarece: “Falar de um estádio do eco é uma forma de reagrupar fatos já conhecidos e de estabelecer laços entre eles, a fim de fazer que sejam entendidos de outro modo” (PORGE, 2014, p. 21). O autor apresenta e classifica os objetos da demanda (seio e fezes) e os objetos de desejos (olhar e a voz), citando a pulsão invocante



como primordial à prática psicanalítica que se dá pelo processo de escuta e de silêncio do analista e a fala do analisante.

Nesse sentido, importante destacar que a voz (objeto vocal) é individual, é única e sua sonoridade se caracteriza como um resto, sendo separada da pulsão invocante com a qual tem relação. Assim, enquanto sobra ela é, segundo Maliska (2017, p. 214), “um dejetto corporal, é o gás carbônico inutilizado pelo corpo”, e cada vez que falamos perdemos a voz, do contrário ganharíamos a voz ficando calados, todavia nessa relação o movimento de perder a voz é produtivo por que nos faz desejar, acrescentaria nos faz sujeito no social e no histórico. “Então a voz é um dejetto do corpo, essa letra que, por vezes, atrapalha o sujeito quando este pretende falar, e que por vezes, pode servir-lhe como suporte material para a fala, mas para este último acontecer ela tem que ser dejetata, para dar lugar à fala” (MALISKA, 2017, p.214-215).

Convém pontuar que a voz não se reduz e não se dá ao significante, ela é aquilo que sai do corpo, igualmente ela é um corpo que se desprende para o outro. Porge (2014) sobre a promoção da voz ao objeto a (objeto do desejo) menciona: [...] “Ela é um resto não redutível ao significante, mas essencial á sua articulação como o que lhe sustenta a passagem. A voz não está ainda isolada como objeto a, mas já toma um lugar particular em função do significante, mas sem se reduzir a ele” (PORGE, 2014, p.48).

Dessa forma, a voz é corpo porque é produzida no aparelho fonador, também concebida como uma linguagem, um substrato da fala. “A voz vem no lugar do que, do sujeito, é indizível, seu mais de gozar” (PORGE, 2014, p.56). Em que gozar é a busca por um prazer sem fim, algo que não se alcança.

Observa-se que os estudos da voz na Psicanálise ocupam um lugar incomum, se colocando na clínica como um instrumento, um canal. Então, a



voz é tomada como um corpo que se lança em direção ao outro, assumindo, por vezes, a condição de [...] “corpo silêncio que suscita a voz do outro” (PORGE, 2014, p.112). Citando Lacan, o autor, nessa mesma obra, traz o silêncio, a voz e o grito como parte de um nó, numa relação intrínseca em que o grito assume a condição de abismo e provoca o silêncio, uma tríade que desde o nascimento carregamos conosco.

Avançando por outros mares em que a voz sobressai como um corpo que se legitima no social, no artigo *Para além das Vidas Secas, resistência: Linguagem-Poder* (2017) discutimos os confrontos propiciados pela linguagem em seu contexto social, quando diferencia e classifica os indivíduos revelando que na sua estrutura o poder se articula alternando relações de mando e obediência. Nesse sentido afirmávamos que desde a sua fundação a sociedade é política e originalmente fracionada, ou bipolarizada em classes (dominantes e dominados) exprimindo a constante luta entre os que detêm os meios de produção e os que vendem sua força de trabalho, conforme a visão marxista.

Retomamos Aristóteles quando admite na obra *Política* que o homem é um animal político por que tem voz na polis, afirmação que favorece a reflexão sobre o mundo seccionado: de um lado os que têm “voz” e do outro os que não têm “voz”. Nessa perspectiva, falam aqueles que podem dizer o certo e o errado em contraponto àqueles cuja fala não tem “sentido”, ou legitimidade.

Desse lugar da voz, objeto da psicanálise e da voz como condição de poder dizer e ter seu sentido legitimado podemos perscrutar, a voz à luz da análise de discurso. Evidentemente, constatando que ainda são precários os estudos nesse campo e assumindo que pairam sobre essa temática divergências e dúvidas que nos obrigam ao aproximar, também distanciar para que se marque cada disciplina com o seu devido arcabouço teórico.



Pelo exposto, algumas questões provocativas sobre a voz extrapolando o campo da psicanálise nascem nas fendas dessa enunciação e reverberam o que estamos propondo com esse debate: Qual a relação entre a voz na psicanálise e a “voz” social balizada pelas relações de poder que permeiam a linguagem? Como pensar, *à priori*, a voz no liame da análise de discurso? Há relação entre a voz, corpo simbólico, e o silêncio significador que instaura os sentidos?

Assim, para alcançamos nossos objetivos pretendemos averiguar que escutas teóricas são possíveis, aprofundando essa discussão nas seguintes seções: Pressupostos Teóricos; Metodologia; Alguns Resultados e Conclusão. Perseguindo a via dos sentidos e dos seus efeitos, desejamos que a leitura desse artigo seja produtiva, seja provocativa.

## 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Conforme já apontamos na introdução a voz exerce grande significação na prática clínica da psicanálise, ocupando um lugar de expressivo relevo na constituição do sujeito — este por sua vez é clivado pela condição do inconsciente, constituindo-se como um não senhor do seu dizer. Nas palavras de Maliska (2017, p. 211) esse fato determina a não unicidade do sujeito, o hiato entre o que ele diz o que ele pensa, ou almeja dizer, há sempre nessa esfera imaginária totalitária, um equívoco que é a própria dimensão da linguagem, não transparente e não representável.

Assevera o autor que - “A Psicanálise e a Análise de Discurso sempre souberam disso e construíram seus edifícios teóricos a partir dessa opacidade da linguagem” (MALISKA, 2017, p. 211). Evidentemente, nesse modelo que aproxima as duas disciplinas a linguagem é tomada não como código,

ou transmissão de informação e o sujeito não é efetivamente consciente, tampouco de uma soberania concreta que não permitiria sua oscilação, ou duplicidade, sua falha, efeitos de sentidos outros sempre sendo tecidos em um constante processo discursivo.

Tratando do ato falho, como exemplificação dessa oscilação entre o eu e a consciência, afirma Maliska (2017):

Por ser falho, este ato mostra a divisão do sujeito enquanto cindido pela lei da linguagem. Ser falho é estar no campo da linguagem que constitui o sujeito. Por estar no campo da linguagem, o ato falho está submetido às falácias, aos desencontros, as falhas da linguagem que mostram sua incompletude e a opacidade que o produz (MALISKA, 2017, p.212).

Concebendo a voz como um objeto da pulsão invocante e, de acordo com Lacan (1988, p. 102), “[...] a pulsão invocante é a mais próxima da experiência inconsciente”, ela, então, tem aproximação com o trabalho freudiano sobre esta “linguagem estruturada” (inconsciente), nos termos de Lacan (2003 [1972] p. 492). Nesse sentido, **ela é uma marca que se faz corpo**, que presentifica “um ato político que não está no discurso, está no corpo produzindo efeitos no discurso” (MALISKA, 2017, p.2017, destaque nosso), e nessa linguagem em que também reside a língua o sujeito aí está posto na obrigação do inconsciente.

Assim, como CORPO, a voz na condição de objeto a, abriga também o real, “o Real do corpo como o lugar em que a linguagem não acessa, onde o significante não se inscreve” [...] (MALISKA, 2017, p.213); ela rompe com a inscrição delimitadora do corpo imaginário, tratado por Lacan, 1998 [1949], no *Estádio do Espelho*. Esse corpo em questão é uma projeção, ilusão que



vem do outro especular, e em que “o eu se identifica como uma imagem [...] imagem do corpo e, conseqüentemente, do eu” (MALISKA, 2017, p.213).

Igualmente, esse corpo é também simbólico, vem do Outro, da linguagem, rompe com a evidência especular da imago. É [...] “aquele das inscrições significantes, das marcas que o simbolizam e fazem com que este corpo fale submetido a um discurso que o constitui” (MALISKA, 2017, p.213).

Desse modo, como afirma Maliska (2017) a voz é um resto, um dejetivo, então, ela é sempre um estilhaço, não se dá como totalitária, mas como parcial. E, pelo que precede temos os elementos da queda desse objeto, do desprendimento desse corpo, da não unidade que ele possa compor, desse ganhar em se perder (eis o produtivo da voz), habitando sobre este corpo a falta, que representa o desejo, portanto a voz na psicanálise é a causa.

O próprio sujeito é um ser de desejo e de falta designação lacaniana que nos permite pensar em furos, em falhas. Ora, essas marcações se materializam, no nível do discurso, como um encontro de furos: o da linguagem, reproduzido pelo equívoco; o da ideologia, pela contradição, e o do inconsciente, como exemplo os atos falhos.

Avançando na nossa compreensão, pensar, nesse viés, a voz como um corpo simbólico nos aproxima de Orlandi (2012, p.86) ao tratar de um corpo que significa e que traz marcas materiais quando interpelado em sujeito. Reitera a autora que: “Por exemplo, um sujeito, pego em silêncio, muda imediatamente sua postura corporal [...] se apresenta com um corpo que significa seu silêncio e se significa nesse silêncio.” O silêncio também constitui esse corpo na medida em que ele o marca como ausência.

Na problemática que visibilizamos, buscando a relação da voz com a linguagem estruturada pela condição do poder, expomos a classificação

gerada pelo pensamento aristotélico e a naturalização/banalização das coisas, inclusive dos rótulos que se vão construindo por esta linguagem, tornando manifesto que há um grupo que pede, e reclama pela voz (direito pelos seus sentidos). E, a voz negada se transforma em prisão da fala e do próprio sujeito que se desfigura pela imposição do silêncio em seu contexto ditatorial, um braço mais forte que se ergue e barra a voz, barrando também o sujeito, comprometendo a sua existência cidadã.

Nesse contexto, sem a “voz” o indivíduo perde a sua condição de sujeito, os seus direitos são calar, intimados pela ordem social, e acatar o que do outro lhe vem como verdade, como certo, como voz legitimada. Assim, se têm a exclusão da voz e a sentença de morte que impede a palavra, a razão, à possibilidade de ser senhor, e reforça a caricatura do não humano, àquele que não tem voz, tampouco fala e, portanto, é submisso, feito para o trabalho, para o silêncio.

Segundo Rancière (1996) a inferência sobre as qualidades do animal lógico e do político esconde a falha do útil e do justo, havendo uma separação do corpo social a que pertence os dois. Essa relação deixa transparecer o caráter de dominação, tencionando a luta de classes como pano de fundo, igualmente o não reconhecimento dos outros seres falantes que, ‘sem a necessária competência’, são responsabilizados pela desordem causada no logos.

O autor ainda aponta para o fato de a contradição entre animais políticos e fônicos não formarem a base fundadora da sociedade política, mas um jogo de interesses presente na própria constituição da política. Nesse sentido, menciona que [...] inversamente “povo” é o nome, a forma da subjetivação, desse dano imemorial [...] pelo qual a ordem social se simboliza rejeitando a maioria dos seres falantes para a noite do silêncio ou o barulho animal



das vozes que exprimem satisfação, ou sofrimento. (RANCIÈRE, 1996, p. 36 grifos do autor).

Para estes sem nome, sem voz, sem fala há na tríade citada por Lacan à condição do grito, que aqui tomamos como o desejo de superação desse contexto e de relocação no espaço (lugar) social. Pelos caminhos da linguagem é factível a tomada de decisão (grito) que rompa o laço escravagista de guardião do silêncio, laço que intercepta e emudece a voz. É pelo ato de revolta de se perceber espectador da própria palavra, é pelo desejo de sair da clandestinidade e se fazer ouvir que o grito, como gesto de resistência, descerra os lábios e deixa a voz, resto que se forma no corpo, ser expelida e produzir efeitos pela fala.

A voz que traz a fala eleva os indivíduos à condição de sujeitos, de protagonistas nos espaços sociais e nas relações de sentidos estabelecidas com o outro por meio da linguagem. Assim, mesmo diante da injunção da sentença de morte que proíbe e aniquila o direito à voz, o indivíduo têm na/pela linguagem a condição de quebrar todo estigma e por ela se expor, pronunciar o seu dizer, “ver” e “sentir” o mundo e os objetos que o cercam, se constituindo sujeito do seu discurso, senhor da sua voz.

Parafraseando Deleuze e Guattari (2011) interpelamos: Mas como escapar dessa sentença de morte que a palavra silenciada envolve? Ainda, como desenvolver a potência de fuga? Como livrar-se do aprisionamento desse silêncio quando ele é censura? Como destacar a potencialidade revolucionária de uma palavra de ordem? Para tantas perguntas, propomos a voz/fala como posição política, reflexão-ação-reflexão, condições de por meio do devir menor construir lugares de “potencia”, para agir por meio de um posicionamento crítico e subversivo contra a lógica hegemônica.

## Segundo Orlandi (2012) o silêncio assume formas e se distingue em Silêncio Fundador e Política do Silêncio:

[...] Silêncio fundador, aquele que é necessário aos sentidos: sem silêncio não há sentido (haveria o muito cheio de linguagem). É o silêncio que existe nas palavras, que as atravessa, que significa o não-dito e que dá um espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar. [...] Políticas do Silêncio [...] Silêncio constitutivo, que indica que para dizer é preciso não dizer, outras palavras, todo dizer apaga necessariamente outras palavras produzindo um silêncio sobre os outros sentidos e [...] Silêncios Local, ou Censura, que remete propriamente à interdição: apagamento de sentidos possíveis mas proibidos, aquilo que é proibido dizer em certa conjuntura (ORLANDI, 2012, p.128).

Pelo exposto, verifica-se que há uma oposição latente entre as formas do silêncio. O fato de permanecer em silêncio com as palavras que nos cercam ainda notabilizam a condição de estarmos no sentido, um sentido que se vai constituindo no não dito (diferentemente de implícito) em que o sentido está sempre lá, mas justamente pela imposição da linguagem ao dizermos silenciarmos obrigatoriamente, afinal não é possível dizer tudo, essa marcação não se dá pela falta da linguagem, mas pelo seu excesso.

Na questão em pauta nesse artigo, a política do silêncio parece fazer mais sentido, sobretudo na classificação que faz Orlandi (2012) do Silêncio Censura atrelada a proibição do dizer, ou, o não acesso a legitimação de uma voz que em uma dada situação social-histórica, é negada. De fato, o silêncio para Orlandi (2012) não fala, mas significa, produz seus efeitos e não está numa relação de falta de vocábulos, mostrando a complexa relação do sujeito, seu lugar social de origem e os sentidos que lhes são possibilitados reproduzirem, a nosso ver reforçando o sentido de uma não voz, de uma não fala, de um silenciamento repressor.



Então, é conveniente pontuar ainda que essas relações se travam dentro do poder (não existe uma exterioridade), e a batalha é se permitir, se liberar à ser sujeito com “nó na garganta”, romper com a injunção que proíbe a voz, em seu trajeto, de expor a fala, quebrar o silêncio pelo corpo da voz; voz necessária para que este sujeito possa ser enxergado, possa ter direito as palavras e aos seus sentidos particulares. No alto dessa visibilidade, a linguagem com seus desdobramentos e encadeamentos revela a estrutura do seu poder, poder original que nasce com o homem, poder ideológico, poder de atravessar as fronteiras das prisões e num gesto transgressor se fazer som, se criar voz, se manifestar como fala e se inscrever na prática política.

## 2. METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza qualitativa [...] “considerando a ideia de processo, de visão sistêmica, de significações” [...] (SANTOS e CANDELORO, 2006, p.72). Sendo de cunho bibliográfico, cujos conceitos a serem investigados têm origem nas teorias do discurso, mais exatamente, na Análise de Discurso de linha francesa e na Psicanálise freud-lacanianiana.

Desta forma, Freud, Lacan, são dois autores cujas bases sustentam o nosso dizer no campo da Psicanálise, assim como Pêcheux e Orlandi serão os nossos referenciais teóricos na perspectiva da Análise de Discurso. Reiteramos ser extremamente necessária essa consulta aos fundadores desses campos de estudo.

Para o levantamento de dados, inicialmente, trabalhamos a noção de voz nos desdobramentos, e leituras das fontes já citadas mais também da leitura da obra – *A Voz do eco*, de Erick Porge (2014), no texto – *A voz: um corpo que não engana*, Maurício Maliska (2017), bem como o texto – *A voz*



e o ritmo nas suas relações com o inconsciente (Maliska, 2008). Nos estudos em Análise de Discurso, preorizaremos Pêcheux (2011, 1997, 1969) e Orlandi (2015, 2012, 1978), ainda o artigo - Para além das Vidas secas, resistência: Linguagem-Poder (2017, de nossa autoria). Os conceitos da voz na Psicanálise e em uma possível aproximação com a Análise de discurso serão, então, tomados a partir da delimitação estabelecida por essa base teórica.

Dessa forma, diante dela faremos um recorte pela via dos questionamentos que esse material demandou como dúvida e motivação para a produção desta reflexão nos entremeios da Psicanálise e da Análise de Discurso, mobilizando no processo analítico as noções de voz, linguagem, silêncio, etc. Nossa intenção é compreender: Qual a relação entre a voz na psicanálise e a “voz” social balizada pelas relações de poder que permeiam a linguagem? Como pensar, *à priori*, a voz no liame da análise de discurso? Voz, corpo simbólico, quando negada socialmente, gerando a exclusão e a luta de classes pode ser associada, discursivamente, com o silêncio significador que instaura os sentidos?

Para a construção de sentidos que nos levem a possíveis resultados, mesmo na forma de outras provocações enquanto sujeito analista, nos posicionarmos frente às materialidades acima descritas, observando os sentidos construídos na relação político-ideológico que marca o nosso lugar de pesquisador, nosso acento social.

### 3. ALGUNS RESULTADOS

Pontuamos, inicialmente, que a voz tem se apresentado como um objeto de pesquisa, permeando inúmeras áreas do conhecimento científico, desde as áreas biológicas as áreas humanas, como a Linguística, a Psicanálise, a Literatura, dentre outras. Observa-se que, no tocante a psicanálise, Freud



trabalhando com a hipnose a destaca numa acepção de comando com efeitos sugestivos sobre o sintoma, o que para Bastos (2014): “Trata-se dos poderes diretivos da voz, que funciona imperativamente. Contra a mestria da voz que ordena, o discurso e o dispositivo que inaugurou deram-lhe um lugar *sui generis*, que permite ao analista situá-la não como emissão sonora sobre um fundo de silêncio, mas como silêncio ao quaz que a fala reveste.”

Aqui, destacamos o termo voz imperativa para associá-la ao que estamos defendendo nesse artigo, a luta social de classes pelo direito a voz, afirmando que há na nossa sociedade uma voz comando, uma voz ordem que legisla sob o fundamento de um sentido único e universal, legisla pela falsa noção de neutralidade e objetividade da linguagem, das palavras e expressões. Essa voz comando não possui os mesmos efeitos que na clínica psicanalítica, mas encobre os outros tons e significados, desqualificam a verdadeira luta, como diz Pêcheux (2011, p.273) “no terreno da linguagem, a luta de classes ideológicas é uma luta pelo sentido das palavras, expressões e enunciados, uma luta vital por cada uma das classes sociais opostas que têm se confrontado ao longo da história”.

Se na Psicanálise o lugar diferenciado do tratamento da voz na clínica, é tomá-la como um instrumento, um canal, ou como um corpo que se lança em direção ao outro, nos aproximamos desse caminho quando pensamos no direito social à voz fazendo chegar ao coletivo desse social uma fala carregada de sentidos; sentidos daqueles homens e mulheres historicamente silenciados. Aqui, na nossa posição, a voz é materialidade que reflete o sujeito, sua ideologia, sua língua, sua resistência sob determinadas condições de produção.

Dessa forma, o efeito da voz na ótica daquilo que Pêcheux (1997) trabalha, ou seja, o discurso viria como o real da língua. Ela (a língua) se

inscreve na categoria de letra, elemento inflexível, que escapa aos efeitos de significação, revelando numa prática discursiva a incompletude desse processo, a voz que se corporifica e se nos apresenta como um corpo simbólico parte constitutiva de um discurso reflete, de acordo com Orlandi (2012), o sujeito que ao dizer se significa e significa o próprio mundo. “Nessa perspectiva é que consideramos que a linguagem é uma prática. Não no sentido de realizar atos, mas porque pratica sentidos, ação simbólica que intervém no real” (ORLANDI, 2012, p.44).

Filiamo-nos ao posicionamento da análise do discurso, com Orlandi (2012) sobre o silêncio local, censuramento que se instaura na/pela língua recortando alguns sentidos e manobrando outros. Desse modo, silêncio está também na base fundante dos sentidos, e todas as palavras possuem esta face, uma face que significa aquilo que não foi dito (não no sentido de implícito). (Contraditoriamente) Hoje alguns ainda pedem por este silêncio, pedem pela perpetuação, de uma “não voz”. Na perspectiva discursiva de que estamos tratando, nos posicionamos no palco da ideologia, travando uma dura luta de classes; a luta entre dominantes (detém os “sentidos legítimos”) e dominados (reivindicam legitimidade, voz que transborde e seja também fala).

O que explode nessa tentativa de alcançarmos respostas para as indagações desse artigo é à potência das palavras, expressões e enunciados, que impõem o silenciamento materializando filiações de sentidos localizadas na dominação, e apontando que para além de uma questão de escolha consciente “por ter voz”, “por ter fala” o que está em debate é o vínculo dos sujeitos com uma posição discursiva, com um lugar social marcado historicamente, e desse lugar os “sentidos verdadeiros”, o direito a voz é cedido ou negado [...] Uma



mesma palavra, na mesma língua [...] ela vai [...] significar diferentemente, dependendo da posição do sujeito (ORLANDI, 2015, p.58).

Assim, reforçamos Segundo Pêcheux (2012) que a luta de classes é pelos sentidos das palavras. Esta assertiva pechetiana reclama pela desnaturalização da linguagem e das narrativas construídas pela História; narrativas sempre escritas na ótica dos vencedores, sob os vencidos, ou dos dominantes sob os dominados e, nesse processo vozes são sempre não autorizadas, caladas, apagadas, silenciadas em nome da verdade daqueles (as) que tem autoridade para cristalizar um sentido em detrimento de tantos outros possíveis.

Destarte, concordando com Maliska (2008) a voz, portanto,

[...] irá oscilar entre o puro som, o corpo no qual ela é levada a um tempo mítico de caos e indefinição, sem ordem nem lei, em que impera o real sonoro, por um lado; e na sua articulação com a ordem significante, com a fala, com a lei, em que impera a língua, a fala, o discurso e a ordem, por outro. Entre essas duas polarizações, a voz desponta como aquilo que está no princípio e no fim, aquilo que marca o sujeito nos primórdios da sua constituição subjetiva. (MALISKA, 2008, p.17)

Importante destacar nessas polarizações que a voz está alinhada com o significante, com o código e por eles os sentidos serão alcançados, na/pela linguagem, no/pelo simbólico. Então, asseveramos com Orlandi (1987) que no estudo da linguagem e na articulação social entre interlocutores o processo de subjetivação produz a falsa noção no sujeito de que ele é a fonte exclusiva do seu discurso, “palavra em movimento” (Orlandi 2015), quando na verdade ele retoma sempre formas já estabelecidas.

Finalmente, queremos com Maliska (2008) sustentar o caráter interdisciplinar, heteróclita da voz. E, assim, compreender que há nela uma excentricidade que concerne unicamente ao seu próprio ser, mas também de extravagante, que transborda para o exterior, para fora de si, — e, por mais que as ciências tentem dar conta desse objeto, há algo na voz de inapreensível, de indizível, algo que escapa a qualquer teorização.

### **EFEITO-CONCLUSÃO**

A voz, no caminho pelo qual traçamos nesse trabalho, se move de um polo em que se apresenta com um mero som, a outro polo do qual ela se faz corpo e na sua aproximação ‘com a ordem significante’ com a fala sob a condição da língua a possibilidade da matéria simbólica do discurso. Entre esses dois polos aproximações e distanciamento podem ser operacionalizados, trazendo para as distintas disciplinas (Análise Discurso e Psicanálise) avanços.

Defendemos, no recorte que estabelecemos que a “voz social” seria o direito pelo qual os sujeitos sem legitimidade discursivizarem, na exclusão, o ideológico e o político. Assim, debruçados sob as narrativas históricas sempre “ditas” na ótica dos vencedores, percebemos que vozes são caladas, apagadas, silenciadas em nome da verdade daqueles (as) que tem autoridade/ poder para cristalizarem um sentido em detrimento a outros possíveis.

Pelo que precede, a voz como um corpo simbólico que reside no real da língua que não se deixa aprisionar pela significação, e, ou pela representação é nas palavras de Maliska (2017, p.217) um ato político, ela imprime uma marca que não está no discurso, mas como corpo produz efeitos no discurso. Ora, para Pêcheux (1969) discurso é efeito de sentidos



entre interlocutores, sentidos que se constituem na relação com o sujeito e sua dimensão histórica, social, política.

Esse corpo voz, que pode ser materializado pelo significante, produz então seus efeitos sobre o discurso, em um processo pelo qual essa o sujeito se inscreve na linguagem, cujas estruturas são de poder, e nessa a língua na possibilidade do equívoco e da contradição, da incompletude faz transbordar pelo inconsciente desses sujeitos sentidos diversos. Diz Orlandi (1987, p. 26) que a Análise do Discurso é privilegiada porque o discurso é [...] “a instanciação do modo de se produzir linguagem, isto é no processo discursivo se explica o modo de existência da linguagem que é social”.

A voz social pela viabilidade da linguagem como trabalho aponta para a existência de falhas, de lapsos no ritual, conforme Orlandi (2012) e o que outrora retumba como um não-sentido, passa a ser na pluralidade um outro sentido, um lugar de resistência. Dessa forma, chegamos também a compreensão de que essa voz-direito, por meio de uma posição discursiva, traz a possibilidade de estruturação de um discurso de RESISTÊNCIA, discurso de ruptura, não voluntarista, ou espontaneísta, mas trabalhado nos entremeios do silêncio, do poder, da voz materialidade, corpo significador.

Logo, essa resistência é a definição de um lugar social de ‘empoderamento’, como força que marca um tempo de transformação (repetimos) na/pela linguagem e exige de nós uma responsabilização sobre a forma de como estamos produzindo, ou reproduzindo discursos (na voz/silêncio) e neles palavras e expressões aparentemente neutras cristalizando conceitos estabelecidos pelos (as) que se rotulam donos (as) dos “autênticos” sentidos. E, ancorados em Modesto (2014, p. 158) entendemos que essa resistência se dá através de



um trabalho com o real, o real da língua – o equívoco e o real da história- a contradição, por ela o furo da ideologia.

É nessa divisão da linguagem, nesse recorte social, em que a voz social não é permitida (uma espécie de silêncio censura) a todos os sujeitos, que sobressai a luta de classes e estes lugares de resistência de onde incessantemente parcelas de indivíduos tentam se engajar buscando o direito ao exercício da palavra e a se constituírem por meio dela como ser humano, inscritos na ordem do político. Não deixando de marcar, o contraponto dessa negação, desse silêncio censura, com Orlandi (2012, p. 128) ao afirmar que em todo processo discursivo o silêncio existente nas palavras significa o não-dito e abre espaço de recuo significativa produzindo condições para significar, sem ele haveria ao muito cheio de linguagem.

Destarte, **longe da ingenuidade permissiva que nos faria vislumbrar a solução dessa problemática**, reiteramos que em nossa sociedade, historicamente, um grito não cansa de ecoar:

- Dá-nos a voz!
- Concede-nos a fala!

E nesse eco o desejo escondido de “**liberdade**” e de “**igualdade**” se visibiliza.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução: Pedro Constatin Tolens. São Paulo: Martins Claret, 2001.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.



\_\_\_\_\_. **Aula**. São Paulo: Ed. Cultix, 1996.

BASTOS, A. A voz na experiência psicanalítica. Rio de Janeiro. *Àgora*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, jan./jun. 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia. 2. Ed. São Paulo: 54, 2011.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.

FREUD, S. O inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

LACAN, J. O aturdido. **Livro 20. Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. O Estádio do Espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MALISKA, M. E. **A voz: um corpo que não engana?** In: FLORES, Giovanna *et al.* **Análise de Discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas. Pontes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.





PÊCHEUX, M. As massas populares são um objeto inanimado? In: ORLANDI, E. (org). **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Campinas, SP: Pontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 2. ed. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PORGE, E. Voz do eco. Tradução: Viviane Veras. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

RANCIÈRE, J. O dano: política e polícia. In: \_\_\_\_\_. **O desentendimento**: política e filosofia. Tradução: Ângela Leite Lopes. São Paulo: 34, 1996.

SANTOS, V. dos; CANDELORO, R. J. **Trabalhos acadêmicos**: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre: Age, 2006.



O *PITCH*, A MULTIMODALIDADE,  
A LINGUÍSTICA APLICADA E A ABORDAGEM  
CRÍTICA DOS LETRAMENTOS

THE *PITCH*, THE MULTIMODALITY,  
THE APPLIED LINGUISTICS AND  
THE CRITICAL APPROACH OF THE LITERACIES

Ana Lucia Monteiro Maciel GOLIN<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: <ana.maciel@ufms.br>.



## RESUMO

O texto descreve, em formato de relato de prática, o surgimento do interesse de estudo do *pitch* pelo viés da área da Linguística Aplicada, bem como a sua sistematização e reflexão de aplicação em uma prática pedagógica. O *corpus* é composto de vídeos do programa do Sebrae, o Elevator Pitch, disponibilizado pelo canal do YouTube, que estão divididos em três episódios. Por meio de ferramenta de análise multimodal (PAUWELS, 2012), foi possível compreender alguns dos motivos empresariais que permeiam a realização do *pitch* no ambiente de inovação, além de trazer exemplos da apresentação performática do gênero em seu contexto de uso. A análise também permitiu a realização de um diagnóstico do arcabouço teórico-prático do ensino e da aprendizagem do *pitch* no currículo de formação acadêmica, em uma disciplina de Empreendedorismo, baseando-se na perspectiva dos Multiletramentos (KALANTZIS, COPE; PINHEIRO, 2020) e na abordagem crítica dos Letramentos.

## PALAVRAS-CHAVE

*pitch*; apresentação performática; multimodalidade; prática pedagógica; empreendedorismo.

## ABSTRACT

The text describes, in practice report format, the emergence of the interest of pitch study by the perspective of applied linguistics, as well as its systematization and reflection of application in a pedagogical practice. The corpus is composed of videos from sebrae's program, elevator pitch, avail-



able on the youtube channel, which are divided into 3 episodes. Through a multimodal analysis tool (PAUWELS, 2012), it was possible to understand some of the business reasons that permeate the pitch in the innovation environment, in addition to bringing examples of the performance presentation of the genre in its context of use. The analysis also allowed a diagnosis of the theoretical-practical framework of teaching and

learning the pitch in the academic training curriculum, in an Entrepreneurship discipline, based on the perspective of the Multiliteracies (KALANTZIS, COPE; PINHEIRO, 2020) and in the critical approach of the Literacies.

## KEYWORDS

pitch; performance presentation; multimodality; pedagogical practice; entrepreneurship.

## INTRODUÇÃO

O *pitch* como “modelo” de apresentação surgiu recentemente e é bastante utilizado em ambientes de negócios tecnológicos, mais precisamente no ecossistema empreendedor, do qual as *startups* fazem parte. O objetivo de uso do *pitch* é o de oferecer, apresentar ou convidar empresários, investidores ou possíveis parceiros a participarem de um determinado projeto/negócio. Quando performado em eventos de inovação, o *pitch* é utilizado como forma de apresentação para uma banca avaliadora de *startups* (MARTÍNEZ; CRUSAT, 2017).



Esse novo formato de apresentação oral é constituído para atender os momentos em que os representantes das *startups*, os “statupeiros”, oferecem seu negócio para alguém: possíveis compradores, investidores, mentores, parceiros e/ou a jurados de banca de eventos de inovação. Esse modelo performático de comunicação vem sendo chamado de *pitch*, ou *elevator pitch*, por seus diversos usuários que compõem o contexto da inovação e do empreendedorismo tecnológico. Por isso, nesta análise, entendo o gênero multimodal *pitch* como uma rápida apresentação oral que estabelece uma interlocução entre os statupeiros com possíveis parceiros ou investidores de negócios, precisando ser bem planejado para ser performado com base na oralidade e, eventualmente, em outras formas de linguagens.

Segundo Fellipelli (2019), o termo *pitch* ou *elevator pitch* remete a um encontro hipotético no elevador para reforçar a compreensão de quão curta uma apresentação deve ser, tendo sua origem histórica advinda de uma demonstração de um dispositivo de segurança feita por uma empresa de elevadores, em meados de 1853. Tal demonstração (ou tal forma de apresentação oral) teria proporcionado a propagação da venda do dispositivo em várias cidades do mundo nos anos seguintes. O autor ainda reforça seu entendimento sobre o conceito, ao mencionar que, “[...] para ser efetivo, o *elevator pitch* deve ser impactante, prático, sucinto e fácil de entender” (FELLIPELLI, 2019). Aliado a tudo isso, o orador deve demonstrar plena confiança em seu produto.

Fellipelli (2019) também o compara com uma propaganda, reforçando o seu aspecto fundamental, o de ser constituído por um discurso persuasivo, elaborado previamente e ensaiado exaustivamente, com o propósito de



apresentar uma ideia ou um produto rapidamente para alguém. Isso se dá porque os *pitchs* são

[...] encontros que não ultrapassam 5 minutos – tempo máximo para um empresário apresentar seu negócio de modo convincente a potenciais investidores. Esse tipo de propaganda, elaborado por donos de pequenas organizações do Vale do Silício, tornou-se conhecido como *elevator pitch* ou conversa de elevador. Embora de curta duração, um *elevator pitch* bem preparado pode ser mais importante do que um plano de negócios completo. (FELLIPELLI, 2019)

Complementando o que já foi mencionado anteriormente, meu entendimento sobre o *pitch* permeará a concepção de que se constitui como um formato de apresentação oral emergente de ambientes de inovação tecnológica, performado em apresentações de *startups* de eventos de inovação, tais como em concursos e competições de ideias, *hackathons*, *meetups*, *startups day* e *weekends*, *bootcamp*, entre outras metodologias e práticas de imersão, eventos dos quais como professora/pesquisadora já participo, ou organizo e atuo em projetos de extensão diversos. Foi por meio da vivência nesses eventos e das percepções identificadas que alguns questionamentos começaram a ser dimensionados, de forma a tentar melhor entendê-los: Seria realmente importante (ou necessária) a análise do processo de ensino e aprendizagem do *pitch* para os alunos de graduação na qual atuo (curso de Sistemas de Informação –SI)? Será que os discentes fariam uso dele em algum momento da sua vida? Será que a natureza (viés tecnológico) do curso e a atual realidade mercadológica dos profissionais da área da Tecnologia da Informação (TI) demandaria o aprendizado desse gênero? Todavia, percebo que seria impossível responder a todos esses questionamentos sem antes investigar sobre alguns aspectos que permeiam a utilização dos recursos

modais mobilizados em sua execução. Além disso, é necessário tentar entender o sentido a ser requerido na proposta de aprendizado, enquanto práticas pedagógicas, para sala de aula.

Para tanto, proponho neste artigo iniciar tal investigação, analisando multimodalmente o objetivo de realização de um *pitch*. Para tanto, trago também a descrição sobre a forma de execução desse gênero discursivo, performado em um contexto habitual de uso. Além disso, é promovida a análise do arcabouço teórico-prático do ensino e aprendizagem do *pitch* no currículo de formação acadêmica, na disciplina de Empreendedorismo, baseando-se na perspectiva dos Multiletramentos e na Abordagem Crítica dos Letramentos.

A pesquisa baseia-se na abordagem metodológica da perspectiva qualitativa, da qual farei o uso de procedimento de análise documental para a coleta e geração<sup>2</sup> dos dados que compõem o *corpus* investigado. Neste estudo, apresento a análise multimodal de um programa composto por 3 (três) vídeos (cada vídeo representa um episódio) em que o gênero discursivo *pitch* é performado. Baseio minha análise na estrutura proposta por Pauwels (2012), através da compreensão e do atendimento as fases descritas no Quadro 1.

O *corpus* foi elaborado pelo SEBRAE Minas, em 2017, contendo três apresentações de *pitchs*, os quais se encontram disponibilizados no site Inovação Sebrae Minas, através do link <<https://inovacaosebraeminas.com.br/videos/categoria/elevator-pitch/>>. Trata-se de uma plataforma criada com o objetivo de auxiliar empreendedores e gestores públicos a tornarem as instituições mais competitivas por meio da inovação (SEBRAE, 2020).

---

<sup>2</sup> É importante reforçar que, na LA, não só coletamos dados, mas também os geramos, porque os dados não são sempre objetivos, e acabam sendo gerados pelo olhar do pesquisador. Por exemplo, a transcrição seria um dado gerado a partir do *pitch* apresentado.



O programa chamado Elevator Pitch surgiu com o objetivo de apresentar para a comunidade empreendedora, vinculada ao Sebrae da região de Minas Gerais/MG, como deveria ser apresentado um *pitch* aos investidores. Para isso, é estruturado num pequeno programa, dividido em três curtos episódios, um desafio no qual 3 (três) empreendedores deveriam apresentar seu modelo de negócio, destacando o valor e o diferencial da sua *startup* para um investidor. Em alusão ao surgimento do conceito de *pitch*, toda a apresentação ocorre dentro de um elevador, enquanto este sobe.

Como já mencionado, o programa foi dividido em três curtos episódios. No primeiro episódio do Elevator Pitch Sebrae Minas, em um vídeo de 1:42 minutos (um minuto e quarenta e dois segundos) denominado “Elevator Pitch – o que é pitch?”, é realizada uma explanação sobre o conceito, os motivos pelos quais se realiza um *pitch* e em que situação é utilizado. Tais apresentações são performadas por cada um dos três apresentadores, sendo algumas (poucas) partes delas transcritas na tela, no decorrer do vídeo. O segundo episódio do programa, denominado “Elevator Pitch – Disputa de 3”, é composto por um vídeo de 4:13 minutos (quatro minutos e treze segundos), no qual é feita a apresentação dos *pitchs* ao avaliador. De acordo com as normas do programa, os três empreendedores iniciam a apresentação de um *pitch* para o avaliador João Kepler, em 40 segundos (tempo exato de subida do elevador). Já no terceiro episódio, o “Elevator Pitch – A escolha do João”, com tempo total de 3:35 minutos, é a fase em que o avaliador escolhe a melhor apresentação de *pitch*.

A escolha por esse modal para compor o *corpus* deste estudo deve-se ao fato de o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) ser uma instituição consolidada e reconhecida no *métier* empresarial por “valorizar



ações em prol da inovação pelos pequenos negócios”, atuando diretamente no ecossistema de inovação, com práticas que vão “desde o âmbito da sensibilização deste público, passando pela articulação legislativa, até à viabilização de acesso a serviços tecnológicos e de inovação aos pequenos negócios” (ZAMBON DE CARVALHO, 2020, p. 15). Além disso, existem poucas instituições com tal *know-how* que tenham desenvolvido programas do *pitch*, sendo performado sem interrupções ou alterações de imagens ou cortes na edição do vídeo, no período de apresentação (completa) dos *pitchs*. Como exemplo, citam-se o Planeta Startup, um programa televisivo transmitido no segundo semestre do ano de 2019 pelo canal de televisão Band, voltado à aceleração de *startups*, que também fez alusão ao uso do elevador na hora da apresentação, e o Shark Tank, criado pela Sony Channel Brasil e reproduzido no Brasil desde 2016, tanto pelo canal Bandeirantes como pela Band (em períodos diferentes).

## 1. COMUNICAÇÃO E MULTIMODALIDADE

Trago inicialmente para este estudo uma descrição histórica sintetizada do processo de comunicação e de geração de significados, desde os primórdios até a forma como vem sendo utilizada atualmente. Autores como Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) descrevem o processo de evolução da comunicação (falada e escrita), dividindo-as em três grandes fases, denominadas de Três Globalizações. Cada um desses momentos históricos retrataram as transições percorridas pela humanidade no que tange aos “sistemas humanos de significação” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p.35).

O advento da escrita, caracterizado pelo registro de símbolos escritos como os que conhecemos hoje, iniciou o momento que impactou na maneira de



viver e pensar dos diferentes povos e nações, possibilitando o armazenamento e o registro de informações diversas de cada grupo social, além de permitir a disseminação do conhecimento de maneira mais efetiva entre eles e/ou entre os membros sucessores dessas comunidades.

[...] a escrita se tornou útil não somente para expansão de uma “educação coletiva”, mas também para a institucionalização e manutenção de desigualdades, pois seu surgimento foi, de certa forma, um sinal do fim dos modos de vida relativamente igualitários dos primeiros povos. (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 44)

A supremacia da escrita, seguida da cultura impressa, impôs muitas limitações e restrições às diversas formas de produção de significados. Dessa forma, começavam a existir cobranças na forma de uso do texto escrito, exigindo-se homogeneidade e padronização por aqueles que já eram classificados como pertencentes às culturas letradas, o que permitiu a institucionalização da educação de massa, baseada em normas de aprendizagem sustentadas por uma língua dominante e pela impossibilidade de distorções/ajustes linguísticos (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020).

O “retorno” da Multimodalidade, no processo de comunicação, no qual a escrita como modo supremo de construção de significado perde seu espaço, abre frentes à exploração de “modalidades orais, visuais e gestuais” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 47), de modo a gerar importantes transformações nas formas de produção e reprodução de significados. Tudo isso apoiado, em grande parte, por tecnologias digitais da comunicação e da informação acessíveis, gratuitas e fáceis de manipular (por quem sabe ou não escrever), as quais vêm permitindo a aceitação da diversidade



das línguas sociais e o multilinguismo globalizado (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020).

Entendo, neste estudo, que a capacidade de construir significados é possibilitada por meio do uso e da alternância de vários modos, tais como pela escrita, imagem, gesto, espaço e tato, e/ou pela sobreposição multimodal, a qual é chamada por Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) de Sinestesia. Os autores também consideram os povos que compuseram a Primeira e as que compõem a Terceira Globalização como civilizações sinestésicas, já que utilizam “o termo ‘civilização sinestésica’ com o intuito de contemplar, de forma mais precisa, a plenitude e a complexidade das primeiras línguas, envolvendo uma sobreposição multimodal de palavras, imagem, gesto, som e espaço” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 40). No entanto, nessa perspectiva, a sinestesia existente em cada momento (das três globalizações) diferencia-se de um período para o outro, por se tornar mais abrangente no último.

Na perspectiva dos multiletramentos, discutida por autores como Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), a multimodalidade, e sua consequente sinestesia, vem sendo entendida como a teoria capaz de identificar e descrever como os sete modos de significação (o escrito, o visual, o espacial, o tátil, o gestual, o auditivo e o oral) interconectam-se nas diversas práticas de representação e de comunicação, por considerá-las essencialmente multimodais. Como exemplo, fazendo uma relação com o *corpus* analisado, menciono que

[...] a natureza multimodal da internet também é, de fato, limitada a dois (super) modos: o “visual” e o “auditivo”, excluindo todos os modos que abordam o sentido tátil, olfativo e gustativo. No entanto, o modo visual em um sentido amplo inclui uma grande variedade de sistemas expressivos que muitas vezes não são facilmente considerados como



“visuais”: as partes textuais (devem ser vistas ou ouvidas), tipografia, layout e recursos de design. Da mesma forma, o modo auditivo (textos falados ou cantados, música, ruídos) apresenta uma diversidade crescente de aspectos e aplicações e uma importância correspondente na comunicação do site. (PAUWELS, 2012, p. 250, nossa tradução)

Compreendo, assim, que as práticas de representação, ao mobilizarem “pelo menos dois modos (ou submodos) de entrada (sentidos) ou saída (meio /dispositivo)” (PAUWELS, 2012, p. 250), proporcionam significados por meio da compreensão dos aspectos da teoria da multimodalidade. Dessa maneira, numa análise multimodal, há um forte apelo aos efeitos das interações que ocorrem entre os diversos modos de comunicação (PAUWELS, 2012).

## 2. INICIANDO A ANÁLISE MULTIMODAL

Visando analisar os fenômenos geradores de significados do *corpus* deste estudo, utilizei apenas o primeiro vídeo/episódio (aquele que antecede a apresentação efetiva dos *pitches*). Minhas observações foram baseadas na estrutura de análise multimodal proposta por Pauwels (2012), uma ferramenta composta por seis fases que nos possibilita decodificar informações expressas por culturas profissionais e organizacionais, considerando uma diversidade de fatores particulares (a qual considera cada situação especificamente). Essa estrutura tem uma sequência metodológica facilmente adaptável a outras plataformas da Web, não se estabelecendo apenas como ferramenta de análise para, por exemplo, websites, mas possibilitando generalizações conforme as especificidades da cultura da internet.

Essa importância se dá pela necessidade de entender como as questões relacionadas à confiabilidade das mensagens ocorrem num determinado processo de comunicação, geralmente composto por um complexo conjunto

comunicacional dinâmico. Este é aqui compreendido como uma instância de prática profissional, com a comunicação sendo executada/exercida em ambiente de trabalho (KRESS; LEEUWEN, 2006; KRESS, 2010).

Pauwels (2012) apresenta em sua ferramenta de análise, conforme descrita no Quadro 1, uma sequência de seis grandes ações que envolvem desde a “observação de características imediatamente manifestas e a realização de medições simples, até interpretações mais aprofundadas dos elementos constituintes e suas relações intrincadas” (PAUWELS, 2012, p. 250). Corroborando o pensamento de um estudo multimodal contemporâneo, também devo considerar que uma

[...] análise de imagens deve envolver mais do que contar o número de imagens e suas categorias de conteúdo imediato (pessoas, edifício, evento, ...) ou categorizar o retratado em categorias grosseiras como tipos de pessoas, eventos etc. (PAUWELS, 2012, p. 249, nossa tradução)

Portanto, as etapas mencionadas no Quadro 1 são as que balizarão as análises multimodais neste estudo, sendo melhor esclarecidas em conjunto com o desenvolvimento da investigação.

### **Quadro 1** - Uma estrutura multimodal para analisar sites

<b>1. Preservação das primeiras impressões e reações do modo a ser analisado</b>
• Categorização preliminar – partindo de uma primeira impressão
• Registro das primeiras impressões
<b>2. Inventário de recursos e tópicos importantes</b>
• Inventário de recursos e atributos do site atual
• Inventário das principais categorias de conteúdo e tópicos
• Categorizar e quantificar recursos e tópicos
• Realizar análise negativa: tópicos e recursos significativamente ausentes



3. Análise aprofundada do conteúdo e escolhas formais
3.1. Análise intramodal (elementos fixos / estáticos e móveis / dinâmicos)
Significados verbais/escritos
Significados tipográficos
Significados representacionais visuais
Significados sonoros
Significados de layout e de design
3.2. Análise de interação entre os modais
Relações entre a imagem e o texto escrito/ e relações entre a tipografia e o texto escrito
Relações entre som e imagem
Design geral / interação linguística, visual e auditiva
3.3. Análise negativa aprofundada
4. Pontos de vista, vozes incorporadas e propósitos implícitos
5. Análise da organização das informações mais evidentes e estratégias de <i>priming</i>
6. Análise contextual, procedência e considerações

**Fonte:** PAUWELS, 2012, p. 252 (nossa tradução).

## 2.1. ANÁLISE MULTIMODAL DE UM VÍDEO - SOBRE *PITCH*

Neste estudo, apresento a análise multimodal da parte inicial de um programa em que o gênero discursivo *pitch* é (posteriormente) performado, mas não realizo a análise de todo o programa, que é composto por 3 (três) vídeos. Portanto, os episódios 2 e 3, aqueles que trazem a apresentação efetiva do *pitch*, não são investigados multimodalmente neste momento. Seguirei a investigação fazendo uso da estrutura de análise proposta por Pauwels (2012).

As duas fases iniciais, a fase 1 (Preservação das primeiras impressões e reações do modo a ser analisado) e a fase 2 (Inventário de recursos e tópicos importantes), abrangem tanto as primeiras impressões do modo investigado

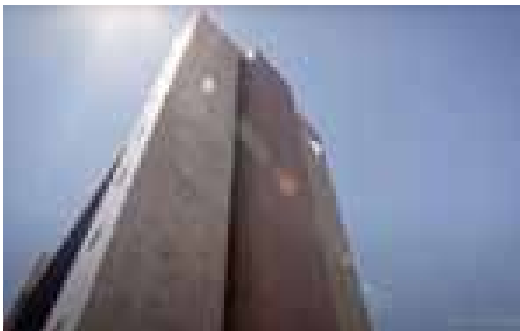


quanto a determinação mais específica que envolve “listar, contar e agrupar os elementos salientes que estão presentes” no objeto investigado, já descritas e analisadas na Introdução deste artigo, quando descrevi o *corpus* e suas características básicas.

A terceira e mais abrangente fase de análise é descrita a seguir e se propõe a efetuar uma análise aprofundada do conteúdo e das escolhas formais geradoras de significados, envolvendo os significados culturalmente específicos que residem em cada modo mobilizado. Além disso, agem explícita ou implicitamente por meio de significantes verbais, textuais, tipográficos, sonoros, visuais, na estrutura do *layout* e no design, bem como as interações intermodais existentes (PAUWELS, 2012). A análise foi dividida em momentos, representados por recortes das imagens numeradas e disponibilizadas a seguir, nos quais cada situação identificada (e que chama a atenção) é relatada, sendo indicado o número da imagem que se relaciona a tal percepção, por meio da numeração indicativa.

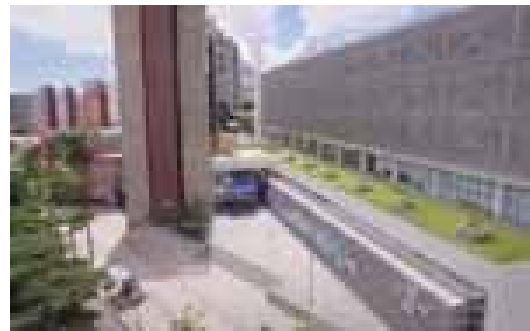
A sequência das imagens é apresentada pelas figuras disponibilizadas a seguir:

**Imagem 1 - grande infraestrutura empresarial**



**Fonte: autora da pesquisa (print da tela a partir do vídeo disponibilizado no site do Inovação Sebrae Minas)\***

**Imagem 2 – visão do grande prédio de cima para baixo**



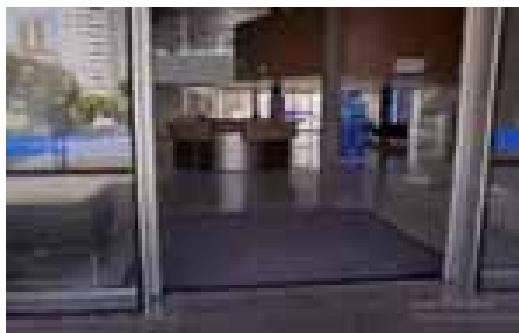
**Fonte: autora da pesquisa**

**Imagem 3 – passagem pela porta principal do prédio**



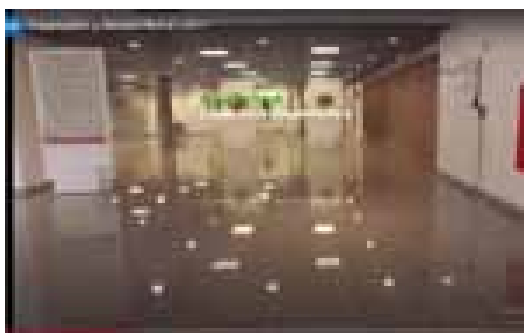
Fonte: autora da pesquisa

**Imagem 4 – visão do saguão do prédio**



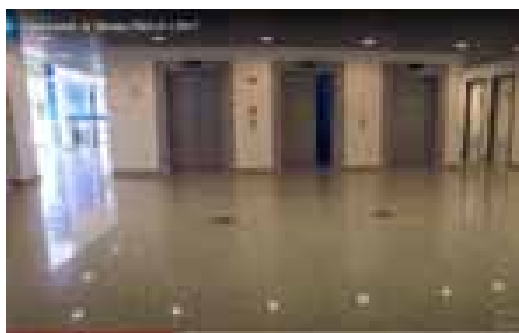
Fonte: autora da pesquisa

**Imagem 5 – inserção de textos sobre imagens**



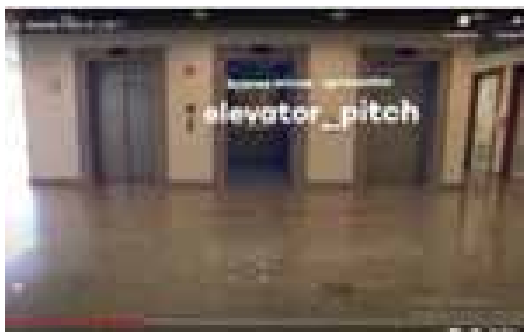
Fonte: autora da pesquisa

**Imagem 6 – visão dos elevadores do prédio**



Fonte: autora da pesquisa

**Imagem 7 – início do programa**



Fonte: autora da pesquisa



Baseado nos aspectos de investigação da fase 3, notei que o primeiro episódio é iniciado com a imagem de uma grande infraestrutura empresarial (1), como se estivesse indicando para quem estivesse de fora (e ainda não participasse daquela realidade) a imponência das construções do mundo empresarial, que geralmente ocorre dentro desses gigantescos conglomerados empresariais. A imagem percorre o grande prédio de cima para baixo (2), como um pássaro procurando pela porta de entrada. Ao passar pela porta principal do prédio (3), a imagem leva o telespectador até o saguão, onde se encontram três elevadores (6). O saguão está praticamente vazio e apenas cores neutras são identificadas nesse local (4).

Ao passar pela porta de entrada, há uma aceleração da imagem, com intensificação da música, enquanto o apresentador explica sobre o que é um *pitch*. Em alusão ao gênero, nesse momento do vídeo, entendo que há implicitamente uma comparação do *pitch* como sendo um acesso à porta de entrada ao mundo dos novos negócios, como se qualquer um que fizesse ou aprendesse a fazer um “bom” *pitch* já pudesse começar a participar desse meio. A inserção de textos sobre as imagens (5) também é usada para reforçar os principais conceitos destacados sobre o tema, com vistas a fixá-las na mente do telespectador, dando início efetivamente ao breve programa (7). Ao fundo, toca uma música que, ao mesmo tempo em que é motivacional, também gera uma expectativa ou suspense. O tom de voz do apresentador possui o mesmo perfil: uma voz grave, forte como a de um locutor de rádio, que gera entusiasmo nos ouvintes. A transcrição da fala do apresentador é apresentada a seguir:

*Você sabe o que é pitch? (1 e 2)*



*Nos mundos dos negócios, pitch é a apresentação rápida de uma ideia ou uma oportunidade de negócio com o objetivo de captar investidores. (3 e 4)*

*O elevator pitch é um pitch reduzido que nasceu da seguinte pergunta: Como você despertaria o interesse de um investidor, se o encontrasse em um elevador? ( 5, 6 e 7)*

*“De um lado, o investidor (João Kepler, investidor-anjo), do outro, empreendedores (Priscila Gama, startup Malalai; Diogo Lanna, startup Wodengage; Wellington Teixeira, startup 3D Virtual Care). O desafio é apresentar o valor e o diferencial da sua empresa para o investidor enquanto o elevador sobe. A recompensa é a de ser avaliado por um investidor reconhecido por sua experiência em identificação de oportunidades”.*

No que tange à investigação dos componentes da fase 4, descrita como o momento de realização do ponto de vista, vozes incorporadas e propósitos implícitos, identifico nesse trecho do vídeo que a narrativa dominante sempre incita o telespectador a considerar como válidos e necessários o aprendizado e a boa execução de tal gênero, para entrar ou ser convidado a entrar no espaço institucional da empresa. As imagens de (1) a (4) trazem esse direcionamento e essa percepção de forma implícita. Percebe-se também que tal produção e o seu roteiro podem ter sido desenvolvidos com o objetivo de divulgar um novo episódio (programa de seleção de startups), que posteriormente seria (foi)<sup>3</sup> veiculado no canal do Youtube do Sebrae Minas.

---

<sup>3</sup> O evento posterior também foi desenvolvido e editado pelo Sebrae Minas, sendo postado no canal do Youtube do Sebrae Minas em 7 de dezembro de 2017, por meio de 6 (seis) novos e curtos episódios, elaborados no mesmo formato e design dos 3 (três) primeiros vídeos. Seu acesso pode ser feito pelo link <<https://www.youtube.com/watch?v=pAaTu19EjQM&t=39s>>.

Ao promover uma observação sobre os aspectos indicados na fase 5, que propõe a análise da organização das informações mais evidentes e estratégias de *priming* identificadas, pesquisei as seguintes informações: os três vídeos surgiram e foram criados com o intuito de despertar o interesse em perfis diferentes de “startupeiros” para a participação no processo seletivo do programa que estaria por vir. Os vídeos foram postados em 10 de julho de 2017, no canal do Youtube do Sebrae Minas, que possui (atualmente) um quantitativo de 54,3 mil inscritos. O primeiro vídeo possui 4.791 visualizações, o segundo vídeo 2.129 e o terceiro tem 7.078 visualizações, os quais possuem link com a página institucional (Website) da empresa Sebrae.

Em atendimento aos quesitos de investigação da fase 6, momento em que é proposta a realização de uma análise contextual abrangente, incluindo o esclarecimento sobre as procedências de elaboração do conteúdo digital e as considerações finais possibilitadas após todo esse levantamento, fiz uso do discurso de Pauwels (2012, p 251, nossa tradução) quando menciona que “poucas escolhas e opções em sites e na infraestrutura mais ampla da Internet são culturalmente neutras”. Por isso, nessa fase, os “[...] significados culturais precisam ser baseados em uma compreensão sólida da origem e das circunstâncias dos diferentes elementos constituintes” (PAUWELS, 2012, p. 257, minha tradução).

Assim, consegui enxergar/afirmar que as escolhas dos modos permitiram a geração de significados que carregam a existência de interesses mercadológicos subjacentes ao propósito de demonstração do uso de um “novo” gênero discursivo multimodal. Além disso, o objetivo no momento de desenvolvimento e edição dos conteúdos digitais não estaria voltado apenas à sua disseminação entre o ambiente de negócios inovador, mas também



focaliza gerar uma compreensão, um tanto equivocada, de que apenas o saber performar um *pitch* corretamente já seria um passo suficiente para sua colocação nesse mercado.

A diversidade na característica dos representantes das *startups* é outro fator a ser considerado, pois também se apresenta como intencional, sendo composto por participantes completamente diferentes entre si: uma jovem mulher negra, um rapaz branco tatuado e um senhor que aparenta ter mais de 50 anos. Essa pluralidade de perfis talvez tenha sido dimensionada com o propósito de criar no telespectador uma relação de pertencimento ao meio, na identificação com alguns desses participantes, gerando o entendimento de que o mercado de inovações se encontra aberto a ouvir e aceitar a participação de qualquer pessoa, a qualquer tempo, desde que atenda aos requisitos de comportamento e postura apresentados no episódio.

No tópico seguinte, trago a transcrição dos três *pitchs* sendo performados no Programa Sebrae Minas (material que compõe o episódio 2). Posteriormente, trago uma análise multimodal dos sentidos e modos envolvidos no processo de apresentação oral do gênero em um possível contexto habitual de uso.

## 2.2. PITCHS SENDO PERFORMADOS

Transcrição do *Pitch*\*

Priscila: *Oi, João. Tudo bom?*

Meu nome é Priscila, startup Malalai

João: *Olá, Priscila. Tudo bem?*

(Nesse momento, ela entrega ao avaliador um cartão empresarial)

Priscila: *Tudo joia?*

João: *Startup Malalai?*

Priscila: *Isso!*

João: *Vamos subir até o quinto? (sugerindo ir até o 5° andar)*

Priscila: *Vamos lá!*

(Nesse momento, João aperta o botão para o elevador subir.)

Priscila: *Primeiramente, parabéns pela sua filha Maria, tão jovem já empreendedora! Eu vou te contar a história da Cris, que é a filha de um outro João. Ela pediu um taxi pra voltar pra casa; ela só se lembra de ter acordado sozinha machucada na rua.*

Ela foi estuprada por dois homens! O pai da Cris poderia ter evitado que isso acontecesse. É por isso que surgiu o Malalai.

A gente desenvolve tecnologia para que as mulheres estejam mais seguras e pra você ter um poder de ação ou esteja lá quando elas precisarem. *Ééé, a taxa de estupro no Brasil é de um a cada onze minutos e (João cruza os braços) isso se repete em outros países da América Latina. O nosso modelo de negócio é venda e assinatura, éé, estando na fase de estratégia de vendas, e gostaria muito de te manter atualizado sobre a nossa evolução.*

(A porta do elevador abre)

João: *Muito bem!* (O avaliador descruza os braços e passa a mão para cumprimentar a empreendedora)

Parabéns! Te vejo daqui a pouco!

Priscila: *Obrigada!*

Transcrição do *Pitch 2*

Diogo: *Olá, João. Prazer!* (entrando no elevador e cumprimentando João com as mãos)

João: *Olá!*

Diogo: *Meu nome é Diogo Lanna e eu sou da startup Wodengage.*

João: *Qual é o nome da startup?*

Diogo: *Wodengage.*

João: *Vamos subir pro quinto?* (sugerindo irem até o 5° andar)

Diogo: *Vamos!*

(Nesse momento, João aperta o botão para o elevador subir e logo em seguida cruza os braços.)

Diogo: *João, o mercado fitness de crossfit aqui no Brasil cresceu trezentos e vinte por cento nos últimos três anos. Nós temos mais de cem mil praticantes aqui no Brasil e mais de dois milhões no mundo. Quantos deles desistem simplesmente por não ter objetivos e se desmotivarem?*



*Atualmente, nós oferecemos a gestão financeira e, para, ééé, atração de eventos, mas queremos ser a Nike Run da (aqui Diogo esboça um leve sorriso), do mercado. Nós já atingimos o Breakeven, temos três mil usuários e parcerias muito sólidas. Queremos oferecer pra esse usuário final é... quando e o que ele deve fazer para atingir os objetivos dele.*

João: *Muito bem!* (Diz o avaliador descruzando os braços)

Chegamos no quinto andar! Parabéns!

(A porta do elevador se abre ao mesmo tempo em que João cumprimenta com as mãos o empreendedor)

Diogo: *Obrigado.*

João: *Te vejo daqui a pouco!*

Diogo: *Tá ok. Obrigado!*

Transcrição do *Pitch3*

Wellington: *Oi João. Tudo beem?* (entra no elevador esticando a mão para cumprimentar o João com as mãos)

João: *Olá!*

Wellington: *Sou Wellington da 3D Virtual Quérr.*

João: *Muito bem, Wellington! Vamos subir, então?*

Wellington: *Vamos!*

(Nesse momento, João aperta o botão para o elevador subir e cruza os braços.)

Wellington: *Pois bem... o Senhor sabia que... milhões e milhões de pessoas no mundo têm problema de fisioterapia e que a grande maioria não cumpre porque ou é caro, ou demora, ou realmente fisioterapia que gasta muito tempo? Nosso produto Dotor Kepler, é, resolve este problema... (mostrando um folder para João e apontando uma imagem com o dedo. Nesse momento, João descruza os braços e segura o folder conjuntamente com Wellington) porque, com sensoramento remoto e técnicas de leitura 3D, do consultório o médico consegue controlar o paciente e fazer todos os exercícios. Ele jogando um joguinho como se estivesse no X-box; ele recupera mais rápido com dez vezes mais barato o custo. Nosso modelo de negócio é alugar isso para as clínicas e elas para os médicos, criando a grande rede de telemedicina.*

(a porta do elevador se abre)

Wellington: *3D Virtual quérrr... transformando vidas!*

Diante do que foi exposto na imagem em movimento, compreendo que a Priscila inicia o *pitch* se apresentando e também exibindo a sua *startup*. Assim, entrega um cartão empresarial a João, provavelmente no intuito de fixar o nome da *startup* na mente do avaliador, disponibilizando algo mais visual para ele. Logo após a breve apresentação, Priscila conta uma história, fazendo uma importante correlação com a filha do avaliador, com vistas a aproximá-lo do problema (a dor) que a *startup* soluciona, de modo a tentar comovê-lo para engajá-lo na proposta. Ela faz uso do *storytelling*, ao narrar uma história supostamente verdadeira para dar credibilidade à sua proposta de negócio (ideia).

Após realizar o *storytelling* e envolver o ouvinte, Priscila traz uma indicação da funcionalidade da ferramenta, sobretudo ao mencionar ter criado uma tecnologia que permita às pessoas proteger mulheres indefesas. Nesse quesito, ela deixa relativamente vaga a forma como a ferramenta age. Em seguida, Priscila apresenta um dado mercadológico importante para o seu negócio, tentando mostrar que há potencial de escalabilidade, particularmente ao mencionar que existe tal problema em outros lugares do mundo. Ela fala sobre a forma de geração de renda do modelo de negócio da *startup*, demonstrando como é feita a captação monetária do negócio, e finaliza dizendo que gostaria de ter a oportunidade de mostrar mais ao avaliador sobre o desempenho da *startup* ao mencionar: *e gostaria muito de te manter atualizado sobre a nossa evolução!*

Priscila faz uso de uma entonação de voz firme e constante, quase não alterando o tom da voz no decorrer da apresentação do *pitch*. Apenas em dois momentos utiliza o recurso de aumentar a entonação, visando chamar a atenção do avaliador ouvinte: logo no início do *pitch*, ao parabenizar o



avaliador pela filha empreendedora; e quando menciona que *O pai da Cris poderia ter evitado que isso acontecesse (...)*.

A apresentação da Priscila gerou no ouvinte a percepção de que estava segura em sua fala e conhecia do assunto apresentado. Passou também a impressão de ter falado de improviso (o que lhe vinha em mente), tamanha naturalidade na fala. No entanto, em outro momento do Programa (episódio 3), Priscila mencionou que sua desenvoltura só foi possível em função de uma exaustiva preparação prévia, principalmente porque tinha muitos tópicos importantes para serem abordados em tão pouco tempo, os quais não podiam ser esquecidos de ser mencionados.

Já Diogo pouco se move e utiliza um tom de voz baixo e contínuo. Inicia seu *pitch* sem mencionar a dor do usuário e não faz nenhuma relação com a vida real de usuários, abordando sobre o tamanho do mercado existente. Também não explora a entonação da voz, nem cria artifícios gestuais que possam favorecer o interesse pelo seu negócio.

Wellington gesticula, aponta, demonstra utilizando bastante as mãos e os braços para complementar sua fala. Além disso, também utiliza da entonação da voz para reforçar alguns trechos da apresentação, aumentando o tom da voz e/ou diminuindo a velocidade da fala. Por fim, encerra a apresentação como se estivesse fazendo uma propaganda da sua empresa ao dizer: *3D Virtual quérrr... transformando vidas!*

Quanto à aparência dos três empresários, Priscila é jovem, alta, negra, está bem vestida, levemente maquiada, aparenta estar comprometida e muito focada. Diogo é jovem, veste roupa casual, tem algumas tatuagens no braço e aparenta estar um pouco nervoso. Wellington não é jovem, um senhor de aproximadamente 50 anos, veste uma camisa social e aparenta



muita tranquilidade, como se a experiência (a de falar para um investidor) fosse apenas mais uma, de várias, em sua vida profissional.

No terceiro episódio do programa, o avaliador João Kepler faz uma análise dos *pitchs* apresentados e traz o veredito final, ao escolher o melhor *pitch*. Destaca-se que, no episódio anterior, os empreendedores apresentaram seus negócios em formato de *pitch* ao investidor na subida do elevador, tendo em torno de 40 segundos para enfrentarem esse desafio. O avaliador começa o julgamento dizendo aos participantes que ficou impressionado com o *pitch* de cada um dos três participantes, pois percebeu que todos estudaram para realizá-lo, e por eles estarem muito bem estruturados. Além disso, afirma também ter gostado dos modelos de negócios apresentados.

O avaliador pontua alguns quesitos que o levaram a tomar sua decisão final. No caso do Diogo, menciona que o fato de o empresário ter dito que almejavam ser como a Nike Run (comparando-se com uma forte empresa atuante na área fitness e esportiva) lhe causou uma insegurança, pois percebeu que seria uma competição muito difícil de conquistar. Disse que o *pitch* do Diogo poderia ter chamado mais atenção se mencionasse mais sobre os ganhos futuros que a *startup* poderia conquistar. O *pitch* deu a impressão de ter sido rápido demais, pois quis passar muita informação nos 40 segundos. Para esse tipo de situação, o correto seria ter selecionado os principais pontos, e não querer falar de todos. Outro equívoco na apresentação é quando não começa falando do problema, para posteriormente trazer a solução. Nesse caso, na avaliação final (no terceiro episódio), o avaliador menciona que a *startup* é muito boa, o projeto é muito bom, quer conhecer, quer acompanhar e por enquanto ficar de olho.



Com relação à apresentação do Wellington, o avaliador mencionou que ficou evidente que ele já havia passado por várias etapas de capacitação. No ponto de vista do avaliador, o *Pitch 3* foi um *pitch* perfeito, pois trouxe o problema e a solução. O receio do avaliador estaria no formato do modelo de negócio, por não demonstrar possibilidade de escalabilidade e ter um custo alto por comercializar *hardware*, apesar de a empresa já estar em operação, num processo de validação ao atender três clínicas com seus produtos.

A Priscila conseguiu chamar a atenção do avaliador nos 40 segundos. João disse que particularmente ele não gosta de história em *pitch*, mas havia sido feito de forma muito assertiva e pontual. Assim, embora os dois concorrentes já tivessem um negócio estruturado, Priscila representava o sonho de consumo de todo investidor por saber e conhecer aquilo que faz, por ser apaixonada pelo que faz e ter brilho nos olhos. Dessa forma, a escolha da *startup*, para investir, seria a dela.

Priscila teve consciência de que seu *pitch* foi muito bom e mencionou o seguinte: *Em 40 minutos não dá pra você explicar o seu produto, né! Então, na verdade, o que eu procurei fazer é criar empatia e focar no problema que a gente resolve e como a gente ganha dinheiro.*

### **3. O CARÁTER TRANSDISCIPLINAR DA LINGUÍSTICA APLICADA**

O campo da Linguística Aplicada (LA) vem demonstrando uma propensão a se aproximar de outras áreas científicas, particularmente considerando válidas pesquisas oriundas de âmbitos não convencionalmente estudados pela LA, conforme mencionado por autores como Rajagopalan em entrevista publicada por Silva, Santos e Justina (2012), assim como em outros trabalhos



desenvolvidos por Sito, Marques e Santos (2007), Moita Lopes (2006; 2009) e Kramersch (2015). Por exemplo, o trabalho de Sito, Marques e Santos (2007) passa a também questionar sobre a existência de uma fronteira capaz de definir as temáticas que contemplam o campo da LA, concluindo que se configura como uma área que permeia tanto a transdisciplinaridade, como a de possuir um caráter indisciplinar. Inclusive, entendo que, concordando com Moita Lopes (2009), por de não ser específica de uma área em especial, abrange temas mais amplos que os tradicionalmente associados ao estudo da linguagem e interage facilmente com outras áreas do conhecimento.

Diante do caráter abrangente da área e da diversidade de possibilidades de estudos, é importante destacar que Sito, Marques e Santos (2007) ainda apontam para uma particularidade do linguista aplicado: a de poder considerar como campo de estudo qualquer falante, abrindo a possibilidade de intervenção (sob análise da LA) nos mais diversos e variados espaços sociais. Assim, o que antes se mostrava com maior propensão às questões sucedidas em salas de aula e ao ensino de línguas, hoje se apresenta em outras esferas, que não as exclusivas do processo de ensino e aprendizado: “[...] atualmente sua proposta se amplia para outros contextos de pesquisas, como mercado de trabalho, saúde e formação de professores” (SITO; MARQUES; SANTOS, 2007, p. 16).

Nessa direção, Moita Lopes (2006, p. 19) afirma que

[...] a pesquisa em LA tem se espreado para uma série de contextos diferentes da sala de aula de LE: da sala de aula de LM para as empresas, para as clínicas de saúde, para delegacias de mulheres, etc., ainda que predominem aspectos referentes à educação linguística.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> LE refere-se à língua estrangeira; LM refere-se à língua materna.



Kramersch (2015) aborda sobre o fortalecimento da área da LA através do engajamento com outras áreas, o que vem proporcionando um reconhecimento técnico e acadêmico positivo para ambos os envolvidos. O autor traz uma importante observação sobre os benefícios proporcionados pelos avanços da LA para áreas diversas, tais como na medicina, em que médicos se beneficiam pela prestação de assistência médica a pacientes bilíngues, no campo educacional, com a melhoria de práticas de ensino de línguas para imigrantes e outras minorias, e no mundo corporativo, com mudanças nos processos de relações interculturais dos ambientes de trabalho.

Esse entendimento me permite, como pesquisadora de uma área de conhecimento diferente, isenta de laços e/ou histórico de estudos anteriores específicos sobre LA, identificar um objeto de estudo e propor uma investigação visando analisá-lo e entendê-lo pelo viés dos estudos da(s) linguagem(ns). Por isso, descrevo, em seguida, um breve relato de minha vivência docente no Ensino Superior, focando apenas em minha atuação junto ao curso de graduação Bacharel em Sistemas de Informação (SI), de uma Universidade pública federal brasileira, com o intuito de esclarecer meu interesse pela área da LA e pelas exigências comunicacionais do ambiente corporativo emergente e, mais especificamente, pelo *pitch*.

Como pesquisadora, venho de uma área pouco relacionada aos estudos da linguagem, mas meu vínculo se estabelece especialmente porque atuo como docente de Instituições do Ensino Superior (IES) desde o ano de 2004, ingressando na esfera pública em 2009. Professora concursada no Magistério Superior desde 2009, na Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus do Pantanal (CPAN), fiz minha a graduação em



Administração em 2001 e mestrado em Gestão e produção agroindustrial em 2004. Atualmente, leciono em disciplinas ofertadas ao curso de SI.

Como observado no parágrafo anterior, minha área de formação (administração) não me permite trabalhar com disciplinas muito técnicas, específicas da área da tecnologia ou da computação. Por isso, as disciplinas de minha responsabilidade no curso são as que se aproximam mais de minha área de conhecimento, tais como Administração, Comportamento Organizacional, Empreendedorismo, Métodos e Técnicas de Pesquisa, Planejamento Estratégico, Projeto Integrador e Tópicos Especiais em Administração.

Em anos anteriores, e em situações muito específicas, como na falta de professores no quadro funcional do curso pela não abertura de concurso, ou por afastamento para Pós-graduação de colegas, lecionei as disciplinas (um pouco mais voltadas para a área de SI) de Interação Humano Computador, Fundamentos de Tecnologia da Informação e, por fim, Computação, Sociedade e Meio Ambiente. Foi pela experiência nessas disciplinas que pude me aproximar de alguns aspectos/conceitos exclusivos da área da tecnologia, assim como despertar pela percepção do alto potencial para o desenvolvimento de produtos e serviços inovadores.

Fruto desse novo aprendizado comecei a preparar minhas aulas com o intuito de encorajar os acadêmicos do curso SI a se tornarem mais comunicativos e propícios à exposição de suas expectativas, para que demonstrassem não apenas suas ideias de negócios, mas também seus anseios pessoais. Nesse momento, percebi que minha função, como docente, passava a ser a de despertar o interesse dos alunos pelo ambiente de negócios da área tecnológica. Assim, direcionei meu olhar, com mais profundidade, para a área da gestão tecnológica e, conseqüentemente, para o empreendedorismo e o ecossistema



de inovação, sendo o *pitch* meu atual interesse de pesquisa, já que tal gênero discursivo dissemina e medeia importantes interações profissionais.

#### 4. O CURRÍCULO DE GRADUAÇÃO DA ÁREA DA TI E A ABORDAGEM CRÍTICA DO LETRAMENTO

Elaborando uma análise curricular do plano de ensino da disciplina de Empreendedorismo (do curso de SI), é possível identificar uma “aproximação” com a aplicabilidade do conceito relacionado aos Processos de Conhecimento da teoria da aprendizagem pelo *design*, os quais são exemplificados por Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 75), ao terem sido traduzidos como elementos mais “reconhecíveis, relativo ao planejamento, à documentação e ao rastreamento da aprendizagem”. Os Processos de Conhecimento apresentados pelos referidos autores foram reformulados pelo *The New London Group* (NLG) com o intuito de promover práticas curriculares baseadas na estrutura dos multiletramentos, criando-se elementos da aprendizagem focados no *design* e na criação de significados, já que “[...] aprender a significar é um processo que envolve movimentos de avanços e de recuos através e entre diferentes formas de construir conhecimento” (KALANTZIS;COPE;PINHEIRO, 2020, p.76).

Embora exista uma aproximação da prática pedagógica e a percepção de que tais processos podem ser aplicados na disciplina, muito provavelmente, se tais elementos são mesmo executados nessa situação, isso é feito mais pela natureza da disciplina em questão, que se propõe a envolver a exploração de ações profissionais técnicas, relacionando-as com as práticas situada de cada acadêmico, do que pelo conhecimento efetivo (desta professora de graduação) e/ou sobre as teorias que os envolvem. Nesse sentido, para a aplicação dos processos de conhecimento, é exigido que



[...] os professores reflitam propositalmente sobre como devem trabalhar os movimentos epistêmicos que fazem em suas salas de aula, podendo, assim, justificar suas escolhas pedagógicas com base nos objetivos e resultados de aprendizagem para indivíduos e grupos. (KALANTZIS, COPE E PINHEIRO, 2020, p.75)

Para esta análise, destaco um elemento notadamente ainda pouco explorado na disciplina de graduação, deixando a possibilidade de acompanhamento minucioso de tais práticas, que envolvem a descrição dos quatro processos de conhecimento e de seus subgrupos, para um futuro estudo de caso a ser desenvolvido nessa realidade. Esses processos, desse modo, permitirão a reanálise das práticas docente, discentes, bem como a identificação da necessidade de um replanejamento curricular e/ou de práticas pedagógicas.

As disciplinas lecionadas, relacionadas à área de gestão e empreendedorismo, sempre foram trabalhadas (por esta docente) levando-se em consideração apenas os benefícios de se construir negócios inovadores, em grande parte de cunho tecnológico, que atendessem a uma determinada demanda (dor ou necessidade) por meio da resolução de um problema previamente identificado. Até o momento, nunca havia aventado a possibilidade de discutir com os acadêmicos assuntos que fossem capazes de ultrapassar as fronteiras do conteúdo proposto a tais matérias.

Ao ingressar no curso de doutoramento em Linguística Aplicada, com disciplinas divergentes de minha prática profissional habitual, as quais discutiam aspectos sobre linguagem e sociedade, letramentos, multiletramentos e multimodalidade, começo então a despertar para uma possibilidade de



atuação no ensino superior mais pragmática e menos “conservadora”<sup>5</sup>. Assim, percebo ser possível trabalhar ensinando não apenas sobre teorias, conteúdos básicos e essenciais da Administração e do Empreendedorismo, mas, principalmente, tentando desenvolver um processo de ensino e aprendizagem capaz de “promover uma compreensão crítica dos discursos do trabalho e do poder” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 57).

Assim, é promovido um maior engajamento crítico nos alunos, sobretudo em assuntos relacionados ao comportamento responsável e ético frente às condições existentes, à expectativa sobre suas vidas profissionais e às perspectivas envolvidas na formação de uma carreira profissional. Além disso, destaca-se também a real compreensão de oportunidades de negócios disponíveis, bem como sobre as desigualdades sociais e culturais existentes (e, às vezes, impostas) no mercado de trabalho. Nesse sentido,

[...] o que a maioria das empresas da economia moderna quer são trabalhadores que [...] sejam, sobretudo, capazes de ter pensamento crítico, de resolver problemas, de trabalhar colaborativamente e de influenciar colegas. Essas pessoas seriam ágeis e adaptáveis, curiosas e imaginativas, empreendedoras, tomariam iniciativas, saberiam acessar e analisar informações e teriam habilidades efetivas em comunicação oral e escrita. (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 53)

Portanto, o letramento tem papel fundamental na busca do atendimento dos objetivos educacionais, os quais devem possibilitar e garantir às pessoas melhores remunerações financeiras no trabalho e uma participação cívica mais consciente, devendo ser considerado um “elemento-chave de oportunidade

---

<sup>5</sup> No sentido de estabelecer como regra certas práticas ideológicas convencionalmente impostas por cada atividade.





social” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 52), capaz, inclusive, de contribuir no combate às desigualdades sociais:

Daí a necessidade de lutar por equidade, que constitui um valor fundamental em sociedades justas, um princípio que exige oportunidades equivalentes que devem estar disponíveis a todos(as) independentemente de sua origem social, étnico-racial e/ou cultural (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 52).

Provavelmente, por desconhecer os fundamentos norteadores da abordagem da Pedagogia do Letramento Crítico, sempre atuei na docência desconsiderando a possibilidade de trabalhar observando tal enfoque em minha área de atuação. Inicialmente, tal fazer pedagógico se justifica porque não fui graduada para a docência, sendo que minha formação superior me preparou/ instruiu para atuar profissionalmente como administradora, através da prática e aplicação dos conceitos administrativos aprendidos nas empresas em que trabalharia (assim como acontece com os profissionais de outras áreas, que não são licenciados, mas têm formação para atuação em suas áreas específicas). Porém, ainda em tempo e partindo de novos aprendizados (para mim, como pesquisadora e docente deste relato), considero ser completamente possível reconhecer a necessidade de aplicar tais perspectivas de análise também no ensino superior, corroborando pensamentos alinhados à compreensão de que

Nosso desafio como educadores é desenvolver uma pedagogia que trabalhe pragmaticamente para e com a nova economia, isto é, contribuir para que os estudantes consigam um emprego formal nessa sociedade ‘pós-fordista’, tendo em vista que a educação é, afinal, um meio de oportunidade social e econômica. (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 56)



Contudo, percebo a urgência em despertar nos acadêmicos da área da tecnologia e da gestão um olhar mais fundamentado no pensamento crítico<sup>6</sup>, principalmente no que tange aos encaminhamentos mercadológicos configurados pelos novos modelos de negócios do mercado tecnológico e inovador – o ecossistema de inovação que inclui, por exemplo, as *startups*. Destaca-se, nesse sentido, a atual disseminação dos grandes incentivos institucionais (financeiros e estruturais) para a criação de *startups*, bem como o fomento dado aos eventos que estimulam essa prática, proporcionando condições de darem “[...] um passo adiante para ajudar a criar condições de compreensão crítica dos discursos de trabalho e poder, um tipo de conhecimento do qual podem emergir condições de trabalho mais novas, mais produtivas e genuinamente mais igualitárias”<sup>7</sup> (COPE; KALANTZIS, 2009, p.171, nossa tradução).

Por tudo isso e por ser consciente de que a regra capitalista é a norma que rege a atual economia em grande parte do mundo, nossa obrigação, como professores e formadores de cidadãos socialmente engajados e consciente, é a de (no mínimo) prover informações adequadas frente ao que vem sendo posto (e, algumas vezes, imposto) pelo sistema econômico vigente, para que nossos alunos tenham condições de considerar aspectos de cunho social, ético, discriminatório e/ou sustentável no momento da

---

<sup>6</sup> Pensamento crítico: Aprender a ver o mundo a partir de múltiplos pontos de vista, não assumindo que as coisas são exatamente o que os textos dizem que são. Aprender a questionar textos e interpretar os (múltiplos) interesses humanos neles expressos (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 141).

<sup>7</sup> Trecho do texto original: “one step further to help create conditions of critical understanding of the discourses of work and power, a kind of knowing from which newer, more productive and genuinely more egalitarian working conditions might emerge” (COPE; KALANTZIS, 1997, 2000b; GEE, 2000, 2002; GEE et al. 1996; KALANTZIS, 2004).

ideação, criação, desenvolvimento e implantação de seus modelos de negócios inovadores. Nesse sentido, o Pensamento Crítico torna-se uma condição fundante do multiletramento, especialmente ao indicar que

[...] o objetivo dos letramentos críticos é contribuir para que os alunos possam entender como os sentidos são construídos no mundo pelos valores e ações das pessoas, entendendo que o mundo da aprendizagem não é simplesmente uma série de regras a serem obedecidas, fatos a serem aprendidos e autoridades de conhecimentos a serem seguidas. Em termos textuais, uma pessoa criticamente letrada identifica tópicos relevantes, permeados por relações de poder, analisa e documenta evidências, considera pontos de vista alternativos, formula possíveis soluções para os problemas, e talvez também possa colocar em prática essas soluções, chegando, assim, às próprias conclusões e apresentando argumentos bem fundamentados para defender suas posições. (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 142)

Com base no letramento crítico, considero possível (e adequado) orientar os alunos do ensino superior para que tenham, no futuro, na posição de empresários, empreendedores ou intraempreendedores, um posicionamento que não desconsidere os aspectos sociais (e, muitas vezes, éticos do trabalho) na aplicabilidade das soluções criadas, implantando modelos de negócio que considerem apenas (ou em maior parte) aspectos como o retorno financeiro do capital inicialmente investido em um determinado empreendimento, satisfação estritamente pessoal, assim como ganhos ou benefícios de fontes duvidosas ou incompatíveis com a força de trabalho exercida. Vale também considerar que a lógica da pedagogia dos multiletramentos nos permite compreender “[...] o papel central da agência no processo de construção de significado”, reconhecendo-o como “um processo ativo e transformador” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 177), a fim de



atender às mudanças e à diversidade do mundo atual. Nesse sentido, as intervenções e aprendizados que fizerem uso do *pitch* serão desenvolvidas com os alunos do curso de graduação da área da TI.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que elaborar e apresentar um *pitch* não significa apenas falar tudo o que vem na cabeça do orador em 3 (três) ou 5 (cinco) minutos sobre um produto ou uma proposta. Montar um *pitch* demanda preparação prévia para saber exatamente o que falar em cada momento, para que toda a informação necessária seja repassada ao ouvinte no tempo determinado (FELLIPELLI, 2019). Isso pode ser observado de forma substancial na análise dos *corpora* apresentados neste trabalho.

Outro ponto são os aspectos de multimodalidade, que também podem ser requeridos. Para isso, não é necessário apenas estruturar uma sequência lógica da apresentação, mas é igualmente importante fazer uma análise das práticas de multiletramento, bem como entender o processo de design envolvido, partindo da perspectiva proposta por Cope e Kalantzis (2011), principalmente quando o gênero multimodal for proposto como uma prática na graduação. Verifico, ao mesmo tempo, que a apresentação performática do *pitch* deve repassar informações e dados relevantes sobre o negócio, sendo atrativa e cativante, tanto nos aspectos da oralidade do interlocutor, quanto nas questões visuais, no processo de criação, na desenvoltura corporal emanada e nas influências sociais exercidas/requeridas pelos multiletramentos.



## REFERÊNCIAS

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. ‘Design’ in Principle and Practice: A Reconsideration of the Terms of Design Engagement. **The Design Journal**, v. 14, n. 1, p. 45–63, 1 mar. 2011. <https://doi.org/10.2752/175630610X12877385838768>.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. “Multiliteracies”: New Literacies, New Learning. **Pedagogies: An International Journal**, v. 4, n. 3, p. 164–195, 6 ago. 2009. <https://doi.org/10.1080/15544800903076044>.

KALANTZIS, M.; COPE, B; PINHEIRO P. **Letramentos**. Campinas, SP: Unicamp, 2020.

KRAMSCH, Claire. Applied Linguistics: A Theory of the Practice. **Applied Linguistics**, v. 36, n. 4, p. 454–465, set. 2015. <https://doi.org/10.1093/applin/amv039>.

KRESS, G. **Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication**. London/New York: Routledge, 2010.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: The grammar of visual design**. 2ª ed. London/New York: Routledge, 2006.

MARTÍNEZ, Mar; CRUSAT, Xavier. Work in progress: The innovation journey: A challenge-based learning methodology that introduces innovation and entrepreneurship in engineering through competition and real-life challenges. *In: 2017 IEEE GLOBAL ENGINEERING EDUCATION CONFERENCE (EDUCON)*, abr. 2017. **2017 IEEE Global Engineering Education Conference (EDUCON)** [...]. [S. l.: s. n.], abr. 2017. p. 39–43. <https://doi.org/10.1109/EDUCON.2017.7942821>.

MOITA LOPES. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado. *In: \_\_\_\_\_ (org.). Por uma linguística aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-43.



MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P.(Org.). **Linguística Aplicada: um caminho com muitos acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

PAUWELS, Luc. A Multimodal Framework for Analyzing Websites as Cultural Expressions. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 17, n. 3, p. 247–265, 1 abr. 2012. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2012.01572.x>.

PITCH, BUSCANDO EQUILÍBRIO PARA OBTER O SUCESSO. 28 mar. 2019. **Fellipelli**. Disponível em: <https://fellipelli.com.br/pitch-buscando-equilibrio-para-obter-o-sucesso/>. Acesso em: 27 abr. 2020.

SEBRAE. Inovação Sebrae Minas. **Vídeos: Elevator pitch - o que é pitch**. Disponível em: <https://inovacaosebraeminas.com.br/videos/categoria/elevator-pitch/>. Acesso em: 15 out. 2020.

SILVA, Kleber Aparecido da; SANTOS, Leandra Ines Seganfredo; JUSTINA, Olandina Della. Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: ponderações sobre Linguística Aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 4, n. 8, 13 set. 2012. DOI 10.30681/812. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/812>. Acesso em: 27 abr. 2020.

SITO, Luanda; MARQUES, Cristina C.; SANTOS, Letícia. 2007. Fronteiras temáticas da Linguística Aplicada: o que estudam e onde intervêm as pesquisas em Linguística Aplicada. **Cadernos do IL (UFRGS)** 34:15-25.

ZAMBON DE CARVALHO, Fernanda. **Inovação intraorganizacional: Um estudo de caso do Inova Sebrae**. 185 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação) – Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2020.

(Endnotes) \* O vídeo integral do qual foi feito print da tela, correspondente às Imagens 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7, está disponível no site <<https://inovacaosebraeminas.com.br/videos/categoria/elevator-pitch/>>





POLITIZAÇÃO DA ARTE CARNAVALESCA:  
RECEPTIBILIDADE TÁTIL E AFECTOS NO  
DISCURSO DAS ESCOLAS DE SAMBA

POLITICIZATION OF CARNIVAL ART:  
TACTILE RECEPTIVITY AND AFFECTS IN  
THE DISCOURSE OF SAMBA SCHOOLS

Itamar Wagner Schiavo SIMÕES<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Artista cênico e pesquisador. E-mail: <itaschiavo@gmail.com>.





## RESUMO

Neste artigo procuro refletir sobre a politização da arte carnavalesca nos desfiles do grupo especial do Rio de Janeiro e o protagonismo assumido pelas escolas de samba no debate de questões da atualidade brasileira. Busco, também, localizar as marcas desses protestos, nos últimos anos, frente ao contexto cultural, social, econômico e político que influencia as escolhas estéticas das agremiações. A partir desse panorama investigo o diálogo entre o conceito de receptibilidade tátil e a teoria dos afectos para discutir o impacto da produção artística das escolas no processo de conscientização política e identitária, no fomento ao pensamento crítico e engajamento com questões sociais, no espectador e na massa.

## PALAVRAS-CHAVE

politização da arte; carnaval; desfile de escolas de samba; receptibilidade tátil; afectos.

## ABSTRACT

In this article I try to reflect on the politicization of carnival art in the parades of the special group in Rio de Janeiro and the protagonism assumed by the samba schools in the debate of current Brazilian issues. I also seek to locate the marks of these protests, in recent years, against the cultural, social, economic and political context that influences the aesthetic choices of samba schools. From this panorama, I investigate the dialogue between the concept of tactile receptivity and the theory of affects to discuss the impact of schools' artistic production in the process of political and identity



awareness, in fostering critical thinking and engagement with social issues, in the viewer and in mass.

## KEYWORDS

politicization of art; Carnival; parade of samba schools; tactile receptivity; affects.

## 1. INTRODUÇÃO

Início este artigo com uma fala do carnavalesco Leandro Vieira sobre o carnaval da Estação Primeira de Mangueira de 2020:

Eu sempre coloco o desfile das escolas de samba em aspectos sensoriais no campo das artes. Existem várias maneiras de se produzir arte e as diferentes maneiras de se produzir arte acabam gerando maneiras distintas de apreciação. Isso é uma coisa que eu acho que deve ser compreendida. Eu acho que o desfile da Mangueira em determinado ponto, que começa na passagem da rainha de bateria e vai até o fim, [...] começa a projetar imagens de desconforto. Esse desconforto acabou produzindo uma apreciação distinta desse desfile. Isso é bom? Não sei. Isso é ruim? Também não sei, mas isso é arte. Eu tenho certeza de que isso é arte, que esse desconforto que as imagens do desfile da Mangueira causaram é arte. E talvez esse comportamento, essa maneira de apreciação, tenha se refletido em um ambiente, em que, de um modo geral, os espectadores estão em festa (VIEIRA, L., 2020, 45min20seg).

Destaco nesta fala sobre a arte das escolas de samba alguns aspectos importantes para reflexão a que me proponho: sensorialidade, apreciação, imagens de desconforto.



## 2. A SAPUCAÍ COMO PALCO DO DEBATE POLÍTICO: ESCOLAS DE SAMBA COMO PROTAGONISTAS DO DISCURSO

O referido desfile gerou diferentes posicionamentos entre público, críticos, entendedores, torcedores das escolas de samba e, também, detratores do carnaval. Pelo motivo de que ele tinha como figura central de sua narrativa, Jesus Cristo. De novo, ele, na passarela do samba, e como não poderia deixar de ser envolvido por polêmicas. Como ressalta Vieira, a religiosidade é uma marca da nossa cultura e o carnaval das escolas de samba, enquanto manifestação cultural genuinamente brasileira acaba por absorver esse traço característico do nosso povo. Embora a mistura entre o sagrado e o profano seja bastante explorada nos desfiles das escolas de samba, todos os anos, por várias agremiações, as polêmicas em torno da fé sempre ocorrem com figuras de religiões cristãs, mais notadamente, o próprio Jesus. Curioso como que uma figura que sempre viveu no meio do povo, no carnaval, parece dever ser privada dessas aparições. E essa é uma chave de leitura importante do desfile em questão da Verde-e-rosa cujo propósito seria retratar o retorno do Cristo no atual cenário em que vivemos, repleto de intolerância:

O Cristo histórico que *A Verdade Vos fará Livre* leva para o carnaval é aquele que nasceu pobre, viveu ao lado dos menos favorecidos e condenou o acúmulo de riqueza. O mesmo que se insurgiu contra a hipocrisia dos líderes religiosos do seu tempo e colocou-se contra a opressão do Estado. A liderança pacifista, que amou de forma irrestrita, sem preconceitos ou discursos de ódio, e por isso foi condenado, torturado e morto” (Texto oficial da agremiação, 2019<sup>2</sup>).

---

<sup>2</sup> Disponível em (fonte acessada em 31/07/2020): <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2019/07/enredo-mangueira-2020-cristo/>



Jesus ressurgue no sambódromo em vários setores do desfile, em muitas e atuais transfigurações. Ele representa o corpo indígena nu sobre o qual a igreja viu pecado, a ialorixá vilipendiada em seu culto de fé, o corpo sujo do menor com a mão estendida nas calçadas, os corpos de pele preta e cabelo crespo, o corpo andrógino que causa estranheza<sup>3</sup>. É possível refletir sobre a transfiguração do *Corpo de Cristo* nos muitos *Jesus da Gente*<sup>4</sup> do desfile na perspectiva da lógica especial e da linguagem própria que as manifestações carnavalescas estabelecem para manifestar sua percepção de mundo. Conforme estudos de Mikhail Bakhtin (1987, pp. 9-10), tal linguagem se opõe a qualquer ideia de acabamento e perfeição e a qualquer pretensão de imutabilidade e eternidade, expressando-se de forma dinâmica, mutável, flutuante e ativa. A lógica que atravessa essas expressões é a das coisas “ao avesso”, “ao contrário”, tal como nas paródias, travestismos, profanações e degradações. Aqui, é possível entender os termos “ao avesso” e “ao contrário” como oposições ao que está estabelecido. Mais especificamente, não se trata da figura do Cristo tal como ela nos foi imposta – branco, alourado, de olhos claros, aspecto sublime e angelical, mas reencontrar a sua face no negro, no indígena, na mulher, no LGBTQIA+, naqueles que sofrem com a exclusão social, com o estigma e que se encontram à margem do tecido social e das ações democráticas.

<sup>3</sup> Tal como as palavras da sinopse do enredo. Disponível em: <https://www.carnavalesco.com.br/leia-a-sinopse-da-mangueira-para-o-carnaval-2020/>  
Acesso em 31/07/2020.

<sup>4</sup> Ao reconhecer a importância da diversidade étnica, física e comportamental e questionar a iconografia tradicional cristã, a Mangueira busca com sua proposta estética, encontrar outro Jesus, chamado “Jesus da Gente” (Livro Abre-Alas de Domingo, 2020, p. 122). Disponível em <http://liesa.globo.com/downloads/carnaval/abre-alas-domingo.pdf>  
Acessado em 01/08/2020.



Esse é um dos múltiplos sentidos da segunda via da linguagem popular carnavalesca que propõe Bakhtin, do “segundo mundo da cultura popular [que] constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um mundo *ao revés*”. No desfile nos deparamos com a proposição de uma visão de mundo ao contrário daquela que está estabelecida hegemonicamente, com o reverso da iconografia tradicional do Jesus eurocentrista. No entanto, curiosas são as circunstâncias ou condições em que as expressões do Cristo propostas pela Estação Primeira se caracterizam como o reverso da vida ordinária.

Reverso, como? Se mais da metade da população brasileira, quase 54%<sup>5</sup>, é considerada negra; se a terra em que vivemos foi saqueada dos indígenas; se mais de 25%<sup>6</sup> da nossa população vive nos territórios demarcados pela linha da pobreza; se a cada hora 503 mulheres brasileiras sofrem agressão física<sup>7</sup>; se o país registra a cada 23 horas, uma morte de cidadãos da população LGBTQIA+<sup>8</sup>? Frente a esses dados, cabe a pergunta se, realmente, a realidade expressada no desfile corresponde a uma via *reversa*. E aqui, é possível falar de narrativas. A realidade “oficial” é fruto de narrativas que vão de encontro à

---

<sup>5</sup> Uol Economia, 04/12/2015. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>

Acessado em 01/08/2020.

<sup>6</sup> Agência Brasil: IBGE, 15/12/2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza>

Acessado em 01/08/2020.

<sup>7</sup> G1 Globo, 18/11/2017. Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2017/11/violencia-contramulher-no-brasil-e-no-mundo-dados-sao-assustadores.html>

Acessado em 01/08/2020.

<sup>8</sup> CUT-SP, 17/05/2019. Disponível em: <https://sp.cut.org.br/noticias/brasil-segue-no-topo-dos-paises-onde-mais-se-mata-lgbts-4d85>

Acessado em 01/08/2020.



realidade que esses dados demarcam, narrativas que prejudicam a percepção da realidade desses dados. É nessa seara que Mangueira empresta sua voz a essas *outras* narrativas e as coloca em pauta com seu carnaval, fenômeno, que no âmbito deste artigo, abordo na perspectiva da politização da arte nos desfiles das escolas de samba. A propósito, o artista responsável pelo desfile não se esquivou de enfatizar as críticas que seu enredo suscitava:

Em 2020, sigo combatendo o conservadorismo, a partir de uma figura que os conservadores levaram para sua trincheira: Jesus Cristo. Discuto o sequestro da narrativa cristã, que tornou Jesus a figura principal da direita brasileira de hoje. Os valores cristãos foram deturpados pela direita atual. Temos hoje uma figura importante que é o presidente da República, que vai na Marcha Para Jesus e se permite ser fotografado fazendo arminha com a mão. Então, eu proponho uma narrativa de Jesus contra essa hegemonia que distorce os valores cristãos (VIEIRA, L. 2019<sup>9</sup>).

Nessa disputa de narrativas o samba recupera o protagonismo do discurso. Neste sentido, Vieira (2020) observa que uma escola de samba, enquanto espaço de tradições culturais, não deveria se isentar sobre as questões que estão em pauta no nosso tempo, pois escola de samba é lugar de formação intelectual, cultural, artística e de exercício da cidadania. Ao se reconectarem com suas raízes, as agremiações se reafirmam como espaço de pertencimento e voltam a ter fala no debate através de seu desfile; e nessas condições a qualidade artística do que uma agremiação produz (enredo, samba, visualidade) é de primeira grandeza.

---

<sup>9</sup> Pleno.News Notícias, 20/12/2019. Disponível em: <https://pleno.news/brasil/cidades/escola-de-samba-ira-usar-jesus-para-criticar-conservadorismo.html>  
Acessado em 31/07/20.



Ele compara, como exemplo, o carnaval da Grande Rio de 2020, *Tatalondirá: o canto do caboclo no Quilombo de Caxias*, com outros da mesma agremiação, *Do verde de Coari vem meu gás: Sapucaí* (2008) e *Verdes olhos de Maysa sobre o mar: no caminho Maricá* (2014)<sup>10</sup>. Para ele não dá para dizer que os desfiles sobre as cidades de Coari (AM) e Maricá (RJ) que foram enredos patrocinados, realizados com muito dinheiro, se destacam sobre o desfile sobre Joãozinho da Goméia que não teve patrocínio<sup>11</sup>. Segundo o carnavalesco, a qualidade artística do desfile é superior quando a agremiação não trabalha com enredos patrocinados, situação em que sua produção artística se reconecta com suas raízes culturais.

A reconexão das escolas de samba com seus valores identitários e comunitários na leitura do mundo em que estão inseridas revela o caráter político e civilizatório da ação cultural e social dessas entidades. Esse processo tem se intensificado nos últimos carnavais, mas não é nenhuma novidade. Sem voltar muito no tempo, quem não se lembra dos desfiles críticos e irreverentes da São Clemente e da Caprichosos de Pilares nos anos 80 e 90<sup>12</sup>? Dos enredos que marcaram a história dessas agremiações abordando com

---

<sup>10</sup> Disponíveis, respectivamente, em (fontes acessadas em 30/08/20):

<https://www.youtube.com/watch?v=QAYpe6cT4hQ&t=4s>; <https://www.youtube.com/watch?v=1qxnLdfA-uM>; <https://www.youtube.com/watch?v=8Oztnx9R20>.

<sup>11</sup> É importante salientar que Vieira integrou a equipe de produção desse desfile de 2014, sendo, inclusive um dos autores do enredo, em parceria com Roberto Vilaronga e o carnavalesco Fábio Ricardo. Fonte, acessada em 09/08/20: <http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-grande-rio/2014/>

<sup>12</sup> São Clemente: *Quem casa quer casa*, 1985; *Capitães do Asfalto*, 1987; *Quem avisa amigo é*, 1988; *Made in Brazil, yes nós temos banana*, 1989; *E o samba sambou?*, 1990; *Já vi este filme*, 1991; *O que é que não é, mas será?*, 1995. Caprichosos de Pilares: *E por falar em saudade*, 1985; *Brasil com Z, não seremos jamais, ou seremos?*, 1986; *Ajoelhou tem que rezar*, 1987; *Terceiro milênio em busca do juízo afinal*, 1991; *Não existe pecado do lado de cá do Túnel Rebouças*, 1993; *Negra origem, negro Pelé, negra Bené*, 1998. Fonte (acessada em 09/08/2020): [www.galeriadosamba.com.br](http://www.galeriadosamba.com.br)



o distanciamento necessário os problemas que os brasileiros enfrentavam, botando o dedo nas feridas das nossas mazelas sociais, chegando a fazer a autocrítica do próprio processo de mudanças no mundo das escolas de samba?

Entretanto, na primeira década dos anos 2000 e na primeira metade dos anos 2010, as escolas encontraram o caminho dos enredos patrocinados ou vice-versa. O “enredo-cep” ou “geográfico”, como são conhecidos os enredos criados a partir de verbas de cidades ou países, se tornaram uma realidade para muitas agremiações em vários carnavais, além do patrocínio de empresas diversas. No ano de 2013, como exemplo, no carnaval do grupo especial do Rio de Janeiro, nove das doze agremiações desfilaram narrativas criadas com verbas privadas, dentre as quais, quatro enredos-cep (homenagens à Alemanha, Coréia do Sul, Cuiabá e Belém), outros abordando o *Rock 'n Rio*, agricultura, *royalties* do petróleo, telenovelas e cavalo manga-larga marchador<sup>13</sup>.

O que está em jogo nesse processo é o desafio das agremiações se colocarem entre seus valores históricos e identitários e os interesses da indústria cultural, problemática que, segundo Silva e Lima (2017), pode resultar em maior exclusão das comunidades do âmbito das decisões do que levar para a avenida. Nesse embate, muitas vezes os desejos da indústria cultural prevalecem, como me parece ser o caso das citadas primeira década de 2000 e metade dos anos 2010.

Na outra segunda metade de 2010, o contexto político, econômico e social se modifica afetando a seleção dos temas e a concepção dos enredos, momento em que o samba volta a ter fala no debate das pautas dos problemas

---

<sup>13</sup> Fonte (acessada em 12/08/20): <https://exame.com/marketing/enredo-patrocinado-da-o-tom-do-carnaval-do-rio/>



que envolvem nosso cotidiano, erguendo e fazendo ecoar a sua voz. As mudanças que reverberaram na concepção de narrativas de caráter político intensificado foram deflagradas por fatos marcantes na cena política brasileira: o Golpe de Estado de 2016 que destituiu de seu cargo a presidenta Dilma Rousseff e a eleição de Marcelo Crivella para prefeito da cidade do Rio de Janeiro no mesmo ano<sup>14</sup>.

Crivella (Partido Republicano, PRB), nos primeiros meses de seu mandato cortou pela metade a verba destinada para as escolas de samba realizarem o carnaval de 2018<sup>15</sup>, circunstância que gerou o enredo de protesto *Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco*<sup>16</sup>, criado por Leandro Vieira para a Mangueira, narrativa que exaltava o carnaval das escolas de samba e dos blocos de rua. O enredo foi uma resposta direta da Mangueira à ação do prefeito, bispo da Igreja Universal, de cortar a subvenção das escolas, fato que ficou entendido como uma manifestação política que visava demonizar as escolas de samba e agradar ao seu eleitorado conservador, avesso às festividades carnavalescas, o que significa uma interferência de ideais religiosos em questões de ordem governamentais e que vai de encontro ao princípio de estado laico garantido pela constituição.

A Estação Primeira levanta a bandeira do samba e do carnaval e não se acanha em seu protesto: traz a figura do Bispo-prefeito como com boneco de Judas em sua última alegoria, fazendo uma alusão ao fato de que, boa parte dos presidentes das escolas de samba o apoiaram, e à célebre cena

---

<sup>14</sup> Lima (2019) aponta esses fatos como geradores dos desfiles de protesto no ano de 2018.

<sup>15</sup> Fonte (acessada em 12/08/2020): [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/15/cultura/1497557739\\_810021.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/15/cultura/1497557739_810021.html)

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AOv5RfMXso8>. Acesso em: 28/08/20



da campanha política em que o Bispo-candidato, ao lado de dirigentes de escolas cantou, demagógicamente, o famoso trecho do samba do Salgueiro de 1971: Ô lê lê, ô lá lá, pega no ganzê, pega no ganzá.



Última alegoria do desfile trazendo o prefeito como um boneco de Judas<sup>17</sup>

O *impeachment* da Presidenta Dilma (Partido dos Trabalhadores, PT), por sua vez, foi um acontecimento político que provocou grandes transformações no cenário econômico e social do país. Em conformidade com Silva e Lima (2017) o desmanche das leis trabalhistas, do parque industrial do petróleo e do sistema de ensino público, além do lançamento das bases para o sucateamento dos serviços públicos elevaram em muito a situação de exclusão e exploração das camadas mais vulneráveis da sociedade. O povo do

<sup>17</sup> Fonte (acessada em 14/08/20): <https://newsba.com.br/2018/02/12/no-rio-mangueira-levanta-a-sapucaia-ao-defender-carnaval-e-criticar-crivella/>



samba sofreu o impacto direto dessas circunstâncias afinal, pois as escolas, geralmente, estão em comunidades pobres ignoradas pelo poder oficial das cidades: “são comunidades em situação de vulnerabilidade econômica, exclusão social e insegurança que hoje sofrem com a dominação de milícias e do narcotráfico, poderes paralelos que se fortaleceram com a não garantia de direitos básicos pelo Estado” (SILVA e LIMA, 2017, p. 129).

É afetada por este contexto que a comunidade do Morro do Tuiuti preparou o seu carnaval de 2018. A Marquês de Sapucaí se transformou, com a passagem da Paraíso do Tuiuti, em palco do debate político, com o desfile *Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?*<sup>18</sup>, que atualiza o problema da escravidão no Brasil do pós-golpe. O desfile do carnavalesco Jack Vasconcelos denunciou e associou a barbárie anti-democrática que passou a vigorar no país à não superação da escravidão. A narrativa do desfile<sup>19</sup> fez um passeio pela Antiguidade, enfatizando o tratamento de mercadorias dado a seres humanos de distintas classes sociais, passando pelo comércio de escravos e sua utilização na formação do nosso país até a “chamada abolição da escravatura”.

A partir daí, a dramaturgia carnavalesca contextualizou essas questões no nosso tempo atual, apresentando as conseqüências sociais das práticas escravagistas, a existência do uso do trabalho escravo que persiste em alguns setores produtivos e a fragilidade das relações trabalhistas. No último setor desfilaram as alas “Trabalho escravo rural” que representa uma realidade da atividade econômica das zonas rurais;

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UXx4k4X0-5c>. Acesso em 28/08/20

<sup>19</sup> Segundo o Livro abre-alas 2018 Domingo, fonte (acessada em 16/08/20): <https://liesa.globo.com/2018/por/03-carnaval/abrealas/index.html>

“Trabalho informal” relativa aos sobreviventes do comércio de rua e pequenas atividades amadoras que sustenta boa parte da população que sofre com a oferta de empregos; “Guerreros da CLT” representante da classe trabalhadora sobrecarregada com múltiplas atividades e que tenta se proteger dos constantes ataques à CLT (Consolidação das Leis do Trabalho); e “Manifestoches” que simboliza a manipulação do pensamento pelas potências empresariais para enfraquecer a consciência de poder da massa trabalhadora e menos favorecida.

As duas últimas alas fizeram menção direta à flexibilização das leis trabalhistas estabelecida pelo governo Michel Temer (Movimento Democrático Brasileiro, MDB) (Lei 13467 de 13 de julho de 2017<sup>20</sup>), que retirou direitos do trabalhador; e ao povo que se comportou como fantoche de uma classe dominante, lutando, manipulado, em favor do velho sistema de exploração social nas manifestações contra o governo Dilma que marcaram o contexto de seu *impeachment*. A comunidade do Tuiuti fechou esse setor e o seu desfile com a alegoria “Neo Tumbeiro”, carro em que a massa trabalhadora do Brasil atual foi colocada no antigo navio que transportava os escravos da África, chamados tumbeiros por simbolizar maus-tratos, exploração e morte do povo preto. Como cereja do bolo, o destaque principal da alegoria, o “Vampiro Neoliberalista” representava o Presidente golpista Temer, para LIMA (2020) a grande imagem deste carnaval.

---

<sup>20</sup> Fonte (acessada em 14/08/20): [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm)



### O Vampiro Neoliberalista com a faixa presidencial<sup>21</sup>

Não foram somente através dessas duas agremiações, Tuiuti e Mangueira, que a cena carnavalesca de 2018 gerou contra-narrativas capazes de fazer frente às narrativas das histórias oficiais e da grande mídia sempre disposta a defender os interesses das classes dominantes e do neo-liberalismo. Outros desfiles colocaram em pauta as questões de ordem política, seja na forma de protesto, gerando crítica e reflexão ou exaltando os valores comunitários e as raízes ancestrais das comunidades: Beija-Flor de Nilópolis: *Monstro é aquele que não sabe amar – os filhos abandonados da Pátria que os pariu;*

---

<sup>21</sup> Fonte (acessada em 16/08/20): [https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-O-vampiro-neoliberal-com-sua-faixa-presidencial-Foto-Marcos-Serra-Lima-G1\\_fig3\\_331328674](https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-O-vampiro-neoliberal-com-sua-faixa-presidencial-Foto-Marcos-Serra-Lima-G1_fig3_331328674)

Portela: *De repente de lá pra cá e “dirrepente” daqui pra lá* e Salgueiro: *Senhoras do Ventre do mundo*<sup>22</sup>.

Talvez seja possível dizer em relação ao impacto do debate político, que as agremiações Tuiuti, Beija-Flor e Mangueira tenham se destacado, com uma certa vantagem para as duas primeiras que disputaram o campeonato; e entre essas duas, uma outra vantagem para a Tuiuti. Muitos paralelos podem ser traçados entre os dois desfiles. A comunidade de Nilópolis também elevou sua voz no debate abordando as questões da exclusão social, marginalidade, ausência de infra-estrutura e acesso aos bens de consumo, perda ou desacato a direitos constituídos.

Mas o desfile da Tuiuti, por algumas condições que somadas ao intenso debate sobre racismo em nossa sociedade atual, talvez tenha se destacado um pouco mais. São elas: o choque inicial causado e a emoção despertada

---

<sup>22</sup> O desfile do Salgueiro buscou celebrar a história e a força de mulheres negras famosas ou desconhecidas desde o alvorecer da espécie humana até os dias atuais; e que habitaram tanto o solo da África como os canfundós coloniais imperiais. A escola de Oswaldo Cruz e Madureira tratou do fluxo emigratório de uma comunidade de judeus da Península Ibérica para o nordeste brasileiro e depois para uma localidade americana futuramente fundada como Nova Iorque; emigrantes que contribuíram para o processo de fundação dessa cidade. O desfile abordou a questão da intolerância religiosa e levou para a avenida uma mensagem de respeito aos emigrantes, tema bastante significativo para o momento de então, pela intensa emigração para a Europa causada pelos conflitos no Oriente Médio e pelo recrudescimento das leis migratórias nos EUA como política do Presidente Donald Trump. Fonte: Livro Abre-alas Segunda - Fonte (acessada em 20/08/20): <https://liesa.globo.com/material/carnaval18/abrealas/Abre-Alas%20-%20Segunda-feira%20-%20Carnaval%202018%20-%20Atual.pdf>

A agremiação de Nilópolis partiu da metáfora do monstro do Dr. Frankenstein para carnavalizar em seu desfile a catástrofe produzida pela tentativa de conciliar capitalismo neoliberal e sociedade brasileira. O enredo confrontou não apenas questões socioeconômicas que se manifestavam nas circunstâncias do Brasil atual e que desumanizam a população, como o fracasso da sociedade em reverter tal quadro. A figura metafórica do monstro foi colocada através de uma oposição criador-criatura que permitia que o folião e o público se vissem, ora como monstro inventor, ora como monstro inventado; gerando a denúncia das mazelas sociais, intolerância religiosa, exploração do trabalho, exclusão social, injustiça e indiferença (Silva e Lima, 2017, pp. 133-4).



por sua comissão de frente, cuja narrativa de caráter realista dramatizou o sofrimento dos pretos nos quilombos; a metáfora da escravidão nas circunstâncias atuais do setor de trabalho e emprego do país; a expressão da imaginação popular na figura do Vampiro Neoliberalista<sup>23</sup> portando a faixa presidencial. Nesse contexto, o povo do Morro do Tuiuti e do Bairro de São Cristóvão, conquistou um honroso e inédito vice-campeonato, bastante inesperado para uma agremiação que havia subido para o grupo especial no ano anterior, que não figurava entre as grandes do carnaval e que foi considerada, no concurso de 2018, a campeã do povo.

No ano de 2019 o sambódromo continuou sendo palco de debate. A grande protagonista do concurso, Mangueira, apresentou *Histórias para ninar gente grande*<sup>24</sup> cumprindo com seu papel de importante instituição civilizatória do nosso país. O morro desceu até a Sapucaí para mostrar os verdadeiros heróis da nossa gente e as páginas ausentes nos livros de história, questionando os personagens impostos e eternizados como heróis, buscando nos apresentar suas verdadeiras faces e feitos, ignoradas e deturpadas pela história oficial.

Outras quatro agremiações desfilaram narrativas que se enquadram no contexto de crítica política e exaltação das raízes ancestrais e culturais brasileiras: Portela, Salgueiro, Paraíso do Tuiuti e São Clemente<sup>25</sup>. Apesar do tom aguerrido de alguns desses discursos, sobre a efervescência de

---

<sup>23</sup> A figura de vampiro foi associada ao Presidente Michel Temer povoando o imaginário nacional desde seu discurso de posse na Presidência (Lima, 2020). Tal figura, bastante veiculada na mídia durante seu mandato associa sua imagem e sua voz às medidas impopulares de seu governo.

<sup>24</sup> Disponível em (fonte acessada em 28/0/20): <https://www.youtube.com/watch?v=Yokl1C4NPx0>

<sup>25</sup> Portela: *Na Madureira moderníssima, hei sempre de ouvir cantar uma sabiá*; Salgueiro: *Xangô*; Paraíso do Tuiuti: *O Salvador da Pátria*; São Clemente: *E o samba sambou*.

protestos políticos na pista do sambódromo, desde o ano anterior, é possível vislumbrar grandes comemorações. Em conformidade com Lima (2019), a comemoração como ação ou cerimônia que busca lembrar e mostrar respeito por uma pessoa ou acontecimento do passado, acontece nesses desfiles como recordação e demonstração de respeito à existência e à sobrevivência dos milhões de abandonados e escravizados: “comemoram não pessoas e eventos importantes da história oficial e sim o fato de que, pelo menos no carnaval, os abandonados e os descendentes dos escravizados deste país podem, sim contar a história, mas à sua maneira (LIMA, 2019, p. 89-93)”.



Imagem da última ala do desfile da Mangueira (2020), os verdadeiros heróis do povo brasileiro<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Fonte (acessada em 28/08/20): <https://paulocarrano.blog/2019/03/05/mangueira-2019-desfile-completo/>



No ano de 2020, tal tendência mostrou muita força. Pelo menos oito das treze agremiações expressaram seu engajamento com temas político-sociais. Segundo matéria do G1-Globo os desfiles foram marcados por forte cunho político, e em suas manifestações, as escolas falaram de racismo, machismo, LGBTfobia, aquecimento global, *fake news*, corrupção e intolerância religiosa<sup>27 28</sup>. A figura do Presidente da República, mais uma vez foi alvo de críticas e debate. Esse fato reflete as medidas impopulares do Presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e o aprofundamento da crise política, econômica e social brasileira no primeiro ano de seu governo, nas seguintes circunstâncias: aumento da extrema pobreza, reforma da previdência, problemas ambientais, precarização das condições de trabalho e aumento dos postos de trabalho informal, cortes de verbas no setor da educação, ameaças ao sistema democrático, comprometimento da soberania nacional. A vigarice abordada no desfile *O Conto do Vigário*<sup>29</sup> da São Clemente foi atualizada na institucionalização da malandragem na política brasileira e no tempo atual das mídias digitais e da intensa veiculação de notícias falsas. A quarta alegoria do desfile “Malandro Oficial” trouxe a figura do Presidente fazendo flexões (exercício que o presidente executa em agendas oficiais),

---

<sup>27</sup> Fonte (acessada em 21/08/20):

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/25/intolerancia-aquecimento-global-politica-desfiles-foram-recheados-de-temas-polemicoss.html>

<sup>28</sup> Enredos das agremiações citadas na reportagem: Viradouro: *Viradouro de alma lavada*; Mangueira: *A Verdade vos fará livres*; Grande Rio: *Tata Londirã – o canto do cabloco no Quilombo de Caxias*; União da Ilha: *Nas encruzilhadas da vida, entre becos, ruas e vielas, a sorte está lançada: Salve-se quem puder!*; São Clemente: *O Conto do Vigário*; Salgueiro: *O Rei Negro do Picadeiro*; Unidos da Tijuca: *Onde moram os sonhos*; Mocidade: *Elza Deusa Soares*.

<sup>F</sup>onte (acessada em 21/08/20): <http://www.galeriadosamba.com.br/carnaval/2020/resultado/>

<sup>29</sup> Disponível em (fonte acessada em 30/08/20): <https://www.youtube.com/watch?v=RrPm0pqVtho>



batendo continência (gesto militar muito usado pelo presidente), fazendo arma com a mão (outro gesto característico) e distribuindo laranjas como denúncia dos escândalos de corrupção envolvendo sua família.



Presidente representado pelo humorista Marcelo Adnet<sup>30</sup>

Considero importante ressaltar que, nesse panorama, discurso político e comemoração não são vetores de forças opostas. A comemoração não inviabiliza a efetividade do discurso político nem ameniza o tom aguerrido das vozes que se levantam. A recíproca é verdadeira: esse discurso não perturba a comemoração; um reforça o sentido e o efeito do outro. A correlação entre essas forças pode ser refletida diante do sentido de inversão que caracteriza as festividades carnavalescas. A expressão da percepção carnavalesca de

<sup>30</sup> Fonte (acessada em 30/08/20): <https://www.conversaafiada.com.br/politica/adnet-tira-onda-de-bolsonaro-no-desfile-da-sao-clemente>



mundo ocorre de forma original, refuta, conforme o pensamento bakhtiniano, qualquer ideia de perfeição e estabilidade. É na perspectiva do avesso carnavalesco que formas e símbolos do discurso político e da comemoração compõem uma mesma linguagem. Linguagem que, nas palavras de Bakhtin (1987) está impregnada da alegre consciência da relatividade das verdades e das autoridades no poder. É através dessa linguagem que o povo do samba expressa sua alegria que debocha das dificuldades. Essa me parece uma perspectiva interessante para entender o caráter de resistência nos desfiles aqui citados, desfiles com suas narrativas repletas de uma carnalidade que informa uma tomada de posição buscando fazer frente à necropolítica vigente.

### 3. POLITIZAÇÃO DA ARTE

Após traçar esse panorama no qual procuro identificar as marcas do processo de politização dos desfiles carnavalescos, buscarei entender esse movimento a partir do olhar do filósofo e crítico de arte Walter Benjamin (2012) sobre as tendências evolutivas da arte e suas condições produtivas a partir da modernidade. Atualizar o pensamento de Benjamin em seu célebre ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* me parece bastante pertinente, pois nesse estudo ele lança as bases para as exigências revolucionárias na política da arte e propõe um desafio frente às transformações que surgiam no campo da fruição estética: o artista passar a pensar sua obra considerando sua capacidade de reprodução. Se no tempo em que Benjamin tece suas reflexões a reprodutibilidade da obra já era uma realidade, o que dizer sobre isso, hoje, com todo avanço no campo da tecnologia da informação?



No que tange o desfile das escolas de samba, a reflexão sobre tal desafio é apropriada para além da questão das narrativas políticas dos desfiles, pois a elaboração material dos elementos que compõem as narrativas é pensada não apenas para o público que irá assistir ao vivo no sambódromo, mas também em seus menores detalhes que serão captados pelas câmeras da televisão. Outra questão é que, nos últimos anos, a estrutura dos desfiles tem sofrido constantes modificações, mais precisamente na redução do tempo dos desfiles, para satisfazer aos interesses da emissora de televisão que detém os direitos de transmissão da festa.

O que Benjamin enfatiza nesse ensaio e que é importante para a reflexão que aqui me disponho a fazer é o processo de *refuncionalização* da obra em que ela se transforma em uma ferramenta de leitura da realidade, deixando de ser um objeto de contemplação para se tornar objeto estético. Nesse processo a obra perde valor de culto e adquire valor em sua exposição pela emancipação da técnica, pela possibilidade de reprodução que aumenta, enormemente, a exponibilidade da arte. Em sua tradição, uma obra possuía valores ritualísticos, inicialmente mágicos, depois teológicos.

A existência única de uma obra de arte no lugar em que ela se encontra, ou seu critério de autenticidade, passa a ser substituída por uma existência serial através da técnica que permite que a obra (ou sua reprodução) venha ao encontro do espectador atualizando o objeto reproduzido: “no momento em que o critério de autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política” (BENJAMIN, 2012, pp. 171-2). O crítico nos provoca, assim, a pensar a ação política pela possibilidade de



difusão da obra que favorece e aumenta, exponencialmente, seu diálogo com o coletivo. A reprodutibilidade altera a relação das massas com a obra.

Gostaria de refletir sobre essa práxis política enfatizando a perda do caráter contemplativo da obra, tal como proposto por Benjamin. Para tanto abordo sua metáfora do mago e do cirurgião. Com tais imagens metafóricas ele traça um paralelo entre as duas atividades artísticas que, para ele, representam as transformações quanto à refuncionalização da obra: a pintura e o cinema, este último, obviamente, representando a reprodutibilidade técnica.

As intervenções do mágico e do cirurgião são de naturezas diametralmente opostas. Para promover a cura, o mágico trabalha com a interposição das mãos que preserva a distância natural entre ele e o paciente, distância que pode ser reduzida pela mão estendida ou aumentar pela sua autoridade. O cirurgião, do contrário, realiza uma interferência de outra ordem, direta, no corpo de seu interlocutor, penetrando em seu organismo. Ele renuncia a relacionar-se com seu paciente homem a homem, como faz o mágico, prefere intervir nele pela operação. Nos termos da metáfora, “o pintor observa em seu trabalho uma distância natural entre a realidade dada e ele próprio, ao passo que o cinegrafista penetra profundamente as vísceras dessa realidade (BENJAMIN, 2012, p. 187). As imagens que eles produzem são distintas: enquanto mágico e pintor geram uma imagem total, cirurgião e cinegrafista, imagem fragmentada, que mostra que a descrição cinematográfica da realidade é mais significativa que a pictórica<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Importante ressaltar que Benjamin se refere à imagem pictórica que correspondem às obras da pintura clássica e/ou do tempo histórico que ele aborda nesse ensaio.



No entanto, Benjamin adverte que, embora o cinema<sup>32</sup> permita penetrar na realidade ao invés de manter uma distância, por outro, seu regime de imagens em constante movimento na tela, ao contrário da fixidez da imagem do quadro, provoca choques no espectador que, para acompanhar o fluxo das imagens precisa lhe dedicar uma atenção aguda que corresponde a um anestesiamiento, e que impede o espectador de abandonar-se às suas associações. Essa condição caracteriza um modo de recepção por distração, cujo resultado é a auto-alienação do sujeito e, por conseguinte, da massa, pela difusão da reprodução. O que dizer desse fenômeno de anestesiamiento no nosso mundo contemporâneo em que a reprodução e repetição excessiva de imagens marcam a tecnologia da informação?

Mas nem tudo está perdido. Sobre a questão da distração da massa é possível encontrar a virada dialética característica do pensamento benjaminiano. A massa é a matriz da nova atitude em relação à obra; é através do modo de percepção por distração que a massa tem o potencial de participar de uma maneira diferente da fruição da obra, configurando, assim, o evento estético. De acordo com ele:

Para as massas, a obra de arte seria objeto de diversão, e para o conhecedor, objeto de devoção. Vejamos mais de perto essa crítica. A distração e o recolhimento representam um contraste que pode ser assim formulado: quem se recolhe diante da obra de arte mergulha faz a obra de arte mergulhar em si, envolve-a com o ritmo de suas vagas, absorve-a com seus fluxos (BENJAMIN, 2012, pp. 192-3).

---

<sup>32</sup> Benjamin também aborda a fotografia em sua análise crítica sobre as tensões entre valor de culto e de exposição.



O modo de recepção assim se altera, modificando também as circunstâncias para a concepção e a produção artística. A arte deixa de ser objeto de devoção ou de contemplação, como antes da perda de sua aura, para se tornar objeto estético pela receptibilidade tátil. A obra é dessacralizada pela qualidade tátil da percepção artística em cujo fenômeno “tudo que é percebido e tem caráter sensível é algo que nos atinge” (BENJAMIN, 2012, pp. 191-2). O evento estético é caracterizado por uma comunicação com algo não mais distante, superior, que compõe uma realidade ligada a um plano transcendental. O objeto transformado pela técnica nos atravessa, é um instrumento de acesso a esse mundo, a uma realidade imanente.

Sobre esse novo paradigma, pontuo a partir de Santos (2005), que a perda da realidade transcendente reflete o ganho da realidade imanente: “perde-se o acesso ao outro mundo para aceder-se a um outro mundo, até então desconhecido, que paradoxalmente é o nosso próprio mundo”. A proposição dialética benjaminiana sobre o problema da reprodutibilidade técnica está na possibilidade de leitura do mundo e investigação da realidade e não na possibilidade de contemplação. Esse é o lugar da práxis política. É neste sentido que Benjamin provoca o artista. Caberia a ele “tomar partido” da possibilidade de tocar o espectador despertando atitude crítica e promovendo o engajamento.

Esses princípios configuram a proposta de Benjamin (2012) quanto à politização da arte para fazer frente à estetização da política com a reprodutibilidade técnica. A exposição do político que antes era apenas para o parlamento, onde se encontram outros representantes como ele, passa a ser para os aparelhos que permitem que eles possam ser vistos e ouvidos por um número ilimitado de pessoas, e através da seleção do *que e como* será mostrado publicamente. A atrofia do parlamento gera uma crise

na democracia na medida em que a reprodução *em massa* corresponde à reprodução *da massa* favorecendo ideais fascistas.

É importante salientar que Benjamin escreve no contexto da primeira metade do século passado, que foi marcada pela ascensão e consolidação de regimes que utilizaram os meios de comunicação de massa como ferramentas de propaganda política e controle da opinião pública: fascismo italiano, nazismo alemão, salazarismo português e franquismo espanhol. A propaganda política que se firmou entre as décadas de 20 e 40 com o avanço dos meios de comunicação, nesses regimes, atuava como uma força onipresente, no sentido de aquecer as sensibilidades e provocar paixões, assegurando domínio sobre as mentes das massas<sup>33</sup>. Contra o efeito de anestesiamento das *produções da política*, a tomada de consciência, a atitude crítica e o engajamento com as questões sociais e identitárias das *produções politizadas*.

É nesse sentido que eu retorno à cena sapucaiana, retomando a fala de Vieira (2020) sobre as distintas maneiras de produção da arte que geram diferentes modos de apreciação, problema sobre o qual o panorama dos desfiles traçado neste estudo provoca a reflexão. Vieira, diretamente, não faz juízo de valor sobre o que ele chamou de imagens de desconforto que o carnaval da Mangueira de 2020 apresentou. Ele provoca a pensar no efeito que essas imagens podem produzir, o que vai ao encontro do ideal benjaminiano de politização da arte.

O que nos passa quando as imagens dos jovens que acompanham Jesus Cristo na comissão de frente desse desfile da Mangueira atualizam o memorável quadro da Santa Ceia, e em seguida dançam funk, e logo são

---

<sup>33</sup> A partir do estudo de Wagner Pereira (2003) sobre o cinema como propaganda política e difusão dos ideais fascistas, em que o autor analisa uma série de produções desses regimes na Itália, Alemanha, Portugal e Espanha.



surpreendidos por policiais que agem com violência? Igualmente, com as imagens da rainha de bateria, que com o corpo coberto por um manto roxo, correntes e a coroa de Cristo, recusa a dança do samba buscando interpretá-lo com ações e gestos para mostrar a face e o sofrimento de Cristo transfigurado no corpo da mulher? Mais pro final do desfile, outra imagem impactante, o Cristo crucificado no corpo do jovem negro da favela. O que nos ocorre quando somos surpreendidos pelas estátuas vivas dos grandes heróis da nossa história que dançam sobre os corpos ensangüentados na última alegoria do desfile dessa mesma agremiação de 2019? O que nos acontece quando os negros que compõe a comissão de frente do desfile da Tuiuti de 2018 performam em sua coreografia o sofrimento dos escravos, a violência cometida contra eles por outro negro, a cura das chibatadas e o perdão do negro violento contra sua própria gente pelos pretos-velhos?



Comissao de Frente Paraíso do Tuiuti 2018<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Fonte (acessada em 28/08/20): <https://www.esquerdadiario.com.br/Paraíso-do-Tuiuti-e-o-grito-negro-pela-liberdade-e-contra-o-golpe-institucional>





Muitas outras imagens como essas podem ser destacadas dos desfiles que compõe o panorama aqui traçado. Elencar todas excede o interesse deste estudo até porque definir *como* e *o quê* uma imagem pode provocar é tarefa bastante subjetiva em que afluem muitos sentidos e significados. As imagens aqui utilizadas como exemplos são imagens de caráter dramático (no sentido do comovente, que envolve sofrimento, aflição) que caminham na direção do que o carnavalesco da Mangueira abordou como imagens de desconforto. No entanto, é preciso salientar que, imagens com outro teor também são capazes de tocar e gerar efeitos no espectador produzindo reflexão crítica, engajamento. Falo de imagens bem-humoradas, divertidas, caricatas etc. muito comuns nas festividades carnavalescas, como, por exemplo, as imagens das últimas alas do desfile da Tuiuti de 2019 – *Intervenção pelo bom humor e a Peleja entre o Bode da Resistência e a Coxinha Ultraconservadora*, que trazia a figura do palhaço misturada a de um general e representava a disputa de poder que marca a atual política brasileira – alas que buscavam retratar a polaridade política das últimas eleições<sup>35</sup>. Aqui me parece implícita a ideia de comemoração como abordado anteriormente. Comemoração que expressa alegria, traço cultural importante do país do carnaval, remédio para enfrentar as dificuldades do cotidiano.

Voltando a fala de Vieira, sobre as imagens de desconforto, ele avalia que elas podem ter causado um efeito e uma maneira distinta

---

<sup>35</sup> Fonte (acessada em 26/08/20), pp. 285-6: [http://liesa.globo.com/material/materia2019/publicacoesliesa/\\_\\_\\_ABREALAS/Abre-Alas%20-%20Segunda-feira%20-%20Carnaval%202019.pdf](http://liesa.globo.com/material/materia2019/publicacoesliesa/___ABREALAS/Abre-Alas%20-%20Segunda-feira%20-%20Carnaval%202019.pdf)



de apreciação em um ambiente de festa. Em que medida essas imagens seriam “apropriadas” ou não ao ambiente de festa da Sapucaí, às narrativas das escolas de samba? O desconforto estaria relacionado com o caráter dramático das imagens, mas também, ao efeito que elas podem produzir; às leituras que elas podem gerar? Se causam desconforto, essas imagens são provocativas, afetam o espectador. Aqui, o princípio da receptibilidade tátil se mostra bastante pertinente, as imagens atingem organicamente o espectador, mobilizando-o, momento potente que instaura uma relação com a obra.

O desconforto poderia ser refletido, também, como uma reação indesejada ao fato de ter sido surpreendido, tocado pela obra, o que revela a alienação da massa, a pobreza de linguagem e de experiência. Algumas palavras de Desgranges (2008) contribuem para essa discussão. Segundo ele, para o pensamento benjaminiano, a percepção do indivíduo sofre com a vivência marcada pelos choques do cotidiano, pela padronização gestual, pelo consciente assoberbado e pelo desestímulo às regiões mais profundas e sensíveis da psique, o que corresponde ao empobrecimento da experiência e da linguagem.

Ameaçado, vigilante, fugidio, voltado para seus interesses privados, o indivíduo se mostra inapto seja para perceber o olhar que lhe é dirigido, seja para retornar o olhar que lhe é lançado pelos objetos e pelos outros. A razão operacional passa a tomar sempre a frente, calculando e catalogando os acontecimentos, protegendo-lhe de embates físicos e emocionais desagradáveis (DESGRANGES, 2008, p. 16).



#### 4. A MOBILIZAÇÃO SENSORIAL NAS CIRCUNSTÂNCIAS DE PRODUÇÃO E FRUIÇÃO DA OBRA

A correlações entre os territórios da massa e do individual me encaminha, agora, para discutir a questão da experiência sensível. Na perspectiva da receptibilidade tátil – que corresponde ao avanço do objeto estético sobre nós, ao fenômeno de sermos atravessado por ele – a questão sensorial me parece importante para discutir o processo de desalienação do corpo que a politização da arte pode promover. Ademais, a fala do carnavalesco da Mangueira, ponto de partida deste trabalho, menciona os aspectos sensoriais na arte das escolas de samba.

O instante que instaura a relação com o objeto tem uma relação com o conhecimento sensível que não está orientado pela lógica ou pelo conhecimento da verdade. O conhecimento sensível, que é do campo da estética<sup>36</sup> e fundamental para a experiência poética da arte, diz respeito à realidade do corpo que é anterior a toda significação e toda lógica. O conhecimento sensível por muito tempo foi considerado uma faculdade inferior pela oposição estabelecida entre as coisas inteligíveis e as sensíveis, uma vez que estas estão ligadas ao conhecimento de caráter mais instintivo. A ciência estética propõe uma superação dessa dualidade. Seus objetos não estão relacionados àquilo “que permanece escondido e obscuro ao pensamento: a beleza é, em primeiro lugar, a beleza universal do conhecimento sensitivo (BAUMGARTEN apud LIMA, 2011, p. 123).

---

<sup>36</sup> De acordo com Lima (2011, pp. 123-4) a criação da disciplina Estética, que remonta ao século XVIII por Alexander Gottlieb Baumgarten, buscou enfatizar o conhecimento sensível como fundamental para a experiência poética da arte, esquivando-se do conhecimento científico e filosófico da época, valorizando as faculdades inferiores.



Para discutir a questão do conhecimento sensível recorro ao conceito de obra de arte como composto de sensações proposto por Deleuze e Guattari (2010). Antes de alcançar o conceito considero importante pensar a sensação tanto como totalidade ou como elementos que compõem o conhecimento sensível. A sensação é o elemento subjetivo nosso da representação das coisas que estão fora de nós, mais exatamente o elemento material, corporal, desse conhecimento<sup>37</sup>. Estou falando de uma comunicação, ou conexão, que se dá, ou pelo menos se instaura, no plano da matéria, do sentir. Que nos localiza no plano de um mundo invisível que se entrelaça com o visível e o audível. Mas seria preciso separar essas funções? Por que não falar de um ver-sentir, sentir-ouvir, ou outras composições?

Estão em jogo, nessas conexões, as energias, forças, pulsações do dentro-fora do si mesmo, que ocorrem, que se passam como acontecimento. Que afetam. Do sensível para o sensível, porque a obra de arte, em conformidade com Deleuze e Guattari (2010, p. 207) é bloco de sensações: o artista cria compostos de sensações e nos alcança justamente nesse composto. É a sensação que faz a obra durar, que a torna independente de quem a criou e disponível para ser atualizada. Depois que é erigido o bloco de sensações, na criação artística, ele se mantém de pé sozinho. É esse bloco que nos afeta na relação com a obra, que nos atinge, no plano de conexão das sensações do artista com as sensações de quem frui a obra. A sensação invade o plano de composição da obra, entra no uso do material, está no traço e na tinta do pintor, nos acordes do músico, nas palavras e nas sintaxes do escritor. O que o artista manifesta em composição com o seu material não são mais

---

<sup>37</sup> Abbagnano (2007, p. 1036).



suas percepções que remetem a qualquer objeto, nem afecções que ele sente na interação com qualquer referência, são seres de sensações, bloco de perceptos e afectos.

Os perceptos não são mais percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam as forças daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos são *seres* que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 193-4).

Se o conhecimento sensível é o elemento fundamental da criação, pois desencadeia o processo (na medida em que o artista cria porque é afetado por algo) e sustenta a composição; se torna, assim, o fulcro da fruição pelas conexões com o plano sensorial, por meio das sensações, perceptos e afectos. Tais conexões podem acontecer em um desfile em muitos planos, inclusive pelo entrelaçamento de elementos visuais, musicais, corporais, coreográficos, teatrais etc. que revelam a complexa dramaturgia do cortejo. A obra é uma segmentariedade de ações artísticas que compõe o discurso: do carnavalesco, compositores e intérprete do samba, mestres de bateria, coreógrafos, bailarinos, outros artistas cênicos etc. As conexões também acontecem através dos corpos em cortejo, da ação performativa dos corpos que dançam, cantam, interpretam. O folião também incorpora o discurso, empresta seu corpo e sua voz a ele. No momento atual em que ocorre uma reaproximação das agremiações com suas comunidades de



origem tal participação é bastante significativa e contribui em muito para a potência do discurso.

Nesse âmbito, outra questão relevante, é que muitas das pessoas das comunidades do samba, por suas condições de liminaridade e marginalidade, foram as primeiras do tecido social a serem afetadas pelos efeitos políticos sociais e econômicos contra os quais as narrativas discursivas das agremiações aqui analisadas buscam fazer frente. Aliás, esse é um ponto de conexão importante do contexto cotidiano que afeta as condições de produção da obra. Inclusive nas várias segmentariedades artísticas de sua produção. As relações sensoriais-dialógicas partem do plano do individual para o coletivo. O efeito da receptibilidade tátil desdobra-se, igualmente, do sujeito para a massa, na recepção.

## CONCLUSÕES

No levantamento realizado neste artigo é possível observar uma mudança de direcionamento na arte produzida pelas escolas de samba, muito em função do contexto econômico, social e político atual. Se na primeira década dos anos 2000 e na primeira metade da década de 2010 predominou os interesses da indústria cultural na produção dos desfiles, aproximando a produção artística das escolas aos produtos de consumo, os últimos anos dessa década se revelaram promissores em novas abordagens. As escolas se reconectaram com suas raízes e retomaram a produção crítica, assumindo o protagonismo no debate de questões importantes do Brasil atual.

O pensamento crítico de Walter Benjamin, neste estudo, permitiu discutir sobre a questão da alienação da massa na era da reprodutibilidade técnica. Nesse contexto, regimes totalitaristas, utilizaram-se dos novos meios de

produção para gerar narrativas de controle da opinião pública e favorecimento de seus ideais. O Brasil de hoje, em alguma medida, atualiza esse contexto. A polaridade política instalada nas eleições presidenciais de 2014, o golpe de 2016, o avanço ultraconservador da extrema direita no poder pelas eleições de 2018 são circunstâncias que foram legitimadas pela influência da grande mídia sobre a opinião pública, abrindo espaço para as políticas neoliberais e antidemocráticas. As transformações econômicas e sociais afetaram a produção artística das escolas de samba, que trouxeram esses problemas para o debate, através das contra-narrativas elaboradas em seus desfiles.

A intensificação das narrativas políticas nos desfiles das escolas de samba, neste artigo, foi discutida na perspectiva da perda da aura da obra de arte, mudança de paradigma importante para os ideais revolucionários de Walter Benjamin. As narrativas aqui abordadas podem ser vistas como respostas diretas das agremiações a um contexto de opressão; e os desfiles como objetos estéticos potentes para a leitura da realidade e o despertar do pensamento crítico frente a questões identitárias e relativas à diferença étnico-racial e desigualdade social.

O diálogo entre a receptibilidade tátil e o aspecto sensorial da arte foi discutido em relação à potência da arte das escolas de samba e seu discurso no debate político. As conexões do plano sensorial são fundamento da elaboração do discurso narrativo, e ao mesmo tempo, potencializam o efeito desse discurso, pois nos atinge no nível do sensível. O espectador entra contato com a obra no acontecimento do desfile. No momento da fruição, exposto às sensações, perceptos e afectos das criações artísticas ele é provocado a desvendar símbolos, signos, sentidos. O aspecto sensorial contribui para que outras narrativas sejam elaboradas. Afeta o espectador



com o potencial de provocar uma experiência “aurática” de si mesmo em relação com a obra.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais**. Brasília: Editora da UnB, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras Escolhidas I**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DESGRANGES, Flávio. **A Teatralidade Tátil: Alterações no Ato do Espectador**. Sala Preta – Revista do PPG em Artes Cênicas ECA – USP, n. 8. São Paulo, 2008.

LIMA, Fatima. **Alegoria Benjaminiana e Alegorias Proibidas no Sambódromo Carioca: O Cristo Mendigo e a Carnavalíssima Trindade**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2011.

LIMA, Fátima. **Paraíso do Tuiuti: Não sou escravo de nenhum senhor – O Carnaval de 2018 protagoniza o debate político sobre o Golpe de 2016 no Brasil**. In: PRENTKI, Tim (org.). *Routledge Companion to Applied Performance* (no prelo), 2020.





LIMA, Fatima. **Imagens Políticas no Carnaval das Escolas de Samba: Protestos Políticos na pista do Sambódromo Carioca em 2018 e 2019.** Mini-curso. In: FRANZONI, Tereza e outros (org.). Produção de Conhecimento e Relações de Poder; e a Arte com isso? Anais do IX SPAC - Seminário de Pesquisa em Artes Cênicas. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2019.

SANTOS, Laymert G. **Modernidade, pós-modernidade e metamorfose da percepção.** In: Guinsburg, J.; Barbosa, A. M: Modernismo e pós-modernismo. São Paulo, Editora Perspectiva, 2005.

SILVA, Carlos Eduardo; LIMA, Fátima. **Arte de Protesto em Enredos do Grupo Especial Carioca: Paraíso do Tuituti e Beija-Flor, 2018.** Dossiê Arte do Carnaval – Arquivo do CMD, vol. 06, n. 1, Jul/Dez 2017.

PEREIRA, Wagner. **Cinema como propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo.** História: Questões & Debates, n. 38. Curitiba, Editora UFPR, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2716/2253>. Acesso em 25/08/2020.

VIEIRA, Leandro. In RIBEIRO, Murilo: **Carnaval 2021? Leandro Vieira dá spoiler do próximo enredo da Mangueira.** Programa *Chega Junto Live* – Canal do Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dl1IxHeLSEk&t=2949s>. Acesso em 31/07/2020.



E SE O BOLSONARO FALASSE DE VOCÊ?  
UMA REVISÃO MIDIÁTICA E LITERÁRIA SOBRE A  
CAPACIDADE DESTRUTIVA DO FIREHOSING E DO  
FLAMING NO DISCURSO POLÍTICO

WHAT IF BOLSONARO TALKS ABOUT YOU?  
A MEDIA AND LITERARY REVIEW ABOUT THE  
DESTRUCTIVE CAPACITY OF FIREHOSING AND  
FLAMING IN POLITICAL SPEECH

João Thiago Almeida STILBEN<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Poder Legislativo da Câmara dos Deputados, na linha de pesquisa “Processos políticos no Legislativo”. E-mail: <joao\_thiago@gabinetewaf.com.br>.

## RESUMO

O presente artigo visa explorar, tendo como base a revisão literária, o potencial lesivo da estratégia de discurso que busca o descredenciamento midiático e a manipulação da opinião pública, conhecida como *firehosing of falsehood*, e da adoção da agressão sistêmica (*flaming*) como estratégia retórica. Tal estratégia tem sido analisada durante mandatos presidenciais nos Estados Unidos da América e na Rússia. Tendo como partida a provocação ao leitor, e munido de análises discursivas do presidente brasileiro Jair Bolsonaro, espera-se demonstrar que tal estratégia aproveita a velocidade das novas tecnologias de informação e comunicação para subverter opinião pública, a fim de angariar apoio e desprestigiar opositores.

## PALAVRAS-CHAVE

firehosing; flaming; Bolsonaro; discurso; opinião pública.

## ABSTRACT

This article aims to explore, based on literary review, the damaging potential of the discourse strategy that seeks media discrediting and the manipulation of public opinion, known as FireHosing of Falsehood, and the adoption of systemic aggression (Flaming) as a rhetorical strategy. Such strategy has been analyzed during presidential terms in the United States of America and Russia. Starting with a provocation to the reader, and equipped with analysis of Brazilian President Jair Bolsonaro speeches, it is hoped to demonstrate that such strategy takes advantage of the speed of new infor-



mation and communication technologies to subvert public opinion, in order to garner support and discredit opponents.

## KEYWORDS

firehosing; flaming; Bolsonaro; speech; public opinion.

## 1. INTRODUÇÃO

“O discurso é socialmente construído e socialmente legitimado. O discurso é aquilo pelo que se luta; é o poder pelo qual nós queremos nos apoderar!” (Michel Foucault – A arqueologia do saber, 2008).

Imagine que o presidente da República resolve declarar que algum cidadão é parte de uma seita que sacrifica crianças para beber seu sangue e manter-se jovem para sempre. Sem provas, sem investigar sua ficha criminal, sem sequer falar com pessoas que lhe tem convívio, passe a atacá-lo durante entrevistas de TV, em pronunciamentos nas cadeias estatais de rádio, em publicações nas redes sociais.

Isso parece um absurdo, sendo, de uma certa forma, algo risível, em especial se a vítima da difamação possui reputação ilibada, facilmente comprovando o contrário, podendo inclusive processar o chefe máximo do Executivo por calúnia, injúria e difamação: crimes previstos em código penal. Sem contar que o ônus da prova é de quem acusa, o que complicaria a situação do presidente.

Isso proveria uma consciência tranquila ao ofendido, mas de fato manteria a sua imagem intacta? Será que mesmo a impossibilidade de condenação penal impediria uma condenação pública que interrompesse inúmeras relações sociais, afetivas e laborais?

Vejamos um cenário pior: e se, anteriormente a essa situação, esse líder gastasse tempo, recursos e pessoal nas mesmas condições midiáticas para descredenciar os familiares de tal pessoa, bem como seus colegas de trabalho, a imprensa que divulgou tal absurdo, o advogado, a própria Justiça e quiçá os distintos membros do Supremo Tribunal Federal, durante massivos e semelhantes discursos? E para complementar tal desgraça, em questão de minutos essas falas, textos, vídeos, montagens e postagens começassem a ser replicados exponencialmente, ocupando a atenção de milhões de brasileiros? O que esperar da opinião pública, especialmente daqueles que formam o séquito de eleitores e apoiadores do presidente, senão o convencimento daquela terrível imagem adquirida?

Tal hipérbole pode parecer surreal, mas retrata bem a incapacidade da opinião pública, da imprensa e de algumas instituições de processarem devidamente e reagirem satisfatoriamente à série de ataques e desinformações proferidos em discurso pelo presidente Jair Bolsonaro ao longo dos anos. E o pior, da capacidade que o domínio de ferramentas modernas de comunicação (como as redes sociais) tem de legitimar discursos que fogem à razão e que, vez em quando, instalam-se e pautam a opinião pública, ainda que desprovidos de quaisquer comprovações.

Para provar tal ponto, este artigo tem como objetivo analisar uma série de informações falsas e agressivas, ou mesmo interpretações perniciosas de fatos que embasaram discursos proferidos à imprensa pelo presidente brasileiro Jair Bolsonaro, de 2017 a 2020, por meio da revisão de literatura sobre o assunto e aplicando nesses discursos o conceito de *FireHosing of Falsehood* (Mangueira de Incêndio de Falsidades). Além disso, também serão tratados conceitos correlatos, como o *Flaming* (Violência Verbal/



Discursos Polêmicos em mídia digital) e a Pós-Verdade, aliando-os a outras definições mais clássicas, como Espiral do Silêncio de Noelle-Neumann e a Opinião Pública.

Para dinamizar e padronizar as interpretações e classificações, o trabalho avaliará apenas os discursos avaliados por *sites* de checagem (*fact-checking*) daquele período temporal.

## 2. CONVITE AO CAOS

Figueiredo e Cervellini (1995) interpretam a opinião pública como sendo originária “do debate público, ou seja, de um processo de discussão coletiva, implícito ou explícito” (1995, p.177), que se expressa publicamente, com “aspectos latentes do conjunto dos pensamentos individuais” (1995, p.177) e que tem como alicerce um tema “relevante o suficiente para gerar a discussão pública” (1995, p. 178).

Nesse íterim, a consolidação dos meios digitais de comunicação, especialmente as redes sociais, tornou mais ágil a produção e o consumo de informações de todo o tipo, e isso afetou sobremaneira não somente a forma como as pessoas pensam e criam suas opiniões, ou seja, como se amparam coletivamente tendo como base premissas individuais, mas também, como previu Castells nos primórdios da cibercultura, amplificou essas relações humanas, à medida em que os nossos processos individuais e coletivos foram moldados pelas novas tecnologias (2005, p.108).

A polarização causada pelas eleições de 2014 no Brasil e, anteriormente, as manifestações populares de 2013, que tiveram como reivindicação fundamental novas e idôneas práticas políticas por parte de todos os agentes públicos, foram o estopim de uma mudança progressiva na forma de o público

dar sua opinião, já que também viu-se ampliar o número de usuários das redes sociais (em especial Facebook e Twitter), consideradas por Brugnago e Chaia como sendo “o principal meio para a proliferação das discussões políticas” desta época (2015, p.102).

A liberdade de expressão e a homofilia natural gerada pelo ambiente das redes do Facebook desenvolveram grupos ideológicos com liberdade para se expressarem e se radicalizarem, conforme se sentiam seduzidos em seu poder de massa em redes (BRUGNAGO e CHAIA, 2015, p.102).

Cabe destacar que essa polarização ideológica, que perdura até os dias atuais, não pode ser vista em estática dualidade, mas como um espaço com diversas matizes ideológicas. Esses matizes, que baseiam-se em liberdades concedidas pela possibilidade de atuação anônima e criação de perfis ilegítimos (BALOCCO, 2016), fez com que a violência verbal nessas mídias (Flaming) transformasse opiniões públicas em batalhas públicas de opiniões individuais, que majoram-se ou minoram-se conforme capacidade de mobilização de uma liderança, comumente fugindo às ponderações necessárias ao debate saudável.

A soma dos discursos odiosos criou, assim, nas mídias sociais, uma “terra de ninguém” onde, independente da razão, são replicados todo o tipo de informações em uma mordaz velocidade, que coíbe muitas vezes, inclusive, a checagem desses discursos. E onde quem possui capacidade técnica acima dos demais pode pautar, de certo modo, parte da opinião pública.

Além de uma tendência à des-individualização ou despersonalização da mídia digital, outro argumento frequentemente citado na literatura é o de que a interação via mídia digital não incorpora os traços não verbais e contextuais da interação face a face, tais como as expressões faciais, a gesticulação, o tom de voz, dentre outros fatores da situação imediata em que se dá a interação. Esta redução de



recursos expressivos levaria à busca de elementos para compensar aquela falta, na expressão verbal da emoção, indiretamente motivando um impacto reduzido das normas sociais que regulam as interações verbais (BALOCCO, 2016, p. 504).

### 3. FLAMING E FIREHOSING

O flaming é o ato de ser hostil nas mídias digitais, e tem como objetivo causar emoções negativas a quem está endereçado tal texto/imagem produzido ou replicado nesta esfera (BALOCCO, 2016, p.503). A prática leva um nome específico por seu caráter sistêmico, que muitas vezes foge à compreensão das ofensas “comuns” e também sistêmicas, como o bullying presencial. Isso porque a sistemática busca, inicialmente, “incendiar” determinado assunto – daí o radical flame – colocando, metaforicamente, um “alvo nas costas” de determinado interlocutor, dentro de um debate coletivo, a fim de “fritá-lo” socialmente.

Rondina et al. tratam o flaming como sendo uma prática agravada do cyberbullying, que é o comportamento agressivo constante, endereçado a uma pessoa ou instituição “que não pode defender-se facilmente” (2016, p.21). Assim sendo, infere-se que o flaming é um comportamento sistemático de cyberbullying, inserido em um contexto de debate antagônico coletivo.

“Uma pessoa pouco habituada com o tema pode identificar o flaming, a princípio, simplesmente como uma acalorada discussão virtual entre dois ou mais indivíduos em discordância sobre pontos polêmicos. Entretanto, uma observação mais profunda do fenômeno será capaz de revelar graus em que a prática assume contornos mais violentos de cyberbullying, já tendo levado, em algumas sociedades, pessoas ao suicídio, à demissão do emprego, ao abandono familiar, à evasão escolar etc” (ARANHA, 2014, p. 123).



Balocco explica que tal fenômeno já foi detalhado não somente no âmbito comunicacional, mas também psicológico e semântico, tendo morada privilegiada nas mídias digitais (2016, p. 505). Uma das maiores estudiosas sobre esse assunto, Ruth Amossy define o flaming como sendo um comportamento verbal “desinibido e desregulado” de xingar, insultar e profanar, que está profundamente relacionado com a comunicação digital.

Nos primórdios da comunicação mediada por computadores, Thompsen analisou o comportamento antissocial do flaming, definindo que, para que seja considerada flaming, uma comunicação perniciososa necessita chegar até um terceiro observador, que, segundo ele, atribuirá essa qualidade ofensiva às mensagens. “Em outras palavras, uma chama não é uma chama até alguém considerá-la assim” (THOMPSEN, 1993, p.3. Tradução nossa). Esse seria, segundo ele, o combustível da chama: a percepção pública do conflito em si.

Segundo Amossy, não é descartada a hipótese do uso do flaming nas interações “cara a cara”, justamente porque as “pesquisas nas ciências sociais não confirmam que os comentários inflamatórios na interação verbal são exclusivos ou até mais frequentes na internet” (AMOSSY, 2010).

A autora estabelece que a natureza intrinsecamente polêmica desta prática é suportada em um modelo de 5 etapas, que consiste em: 1) divergência de opiniões; 2) desacordo (que se refere diretamente às posições opostas e à discussão); 3) tensão (ataques e contra-argumentos); 4) antagonismo (ataques sobre o participante opositor e ad hominem para minar sua credibilidade); e 5) antagonismo profano (envolvimento com um comportamento abertamente hostil e beligerante, embora muitas vezes ignorando a questão original da divergência). Segundo ela, o flaming “ocorre apenas no estágio 4, em



mensagens que mostram antagonismo, com um pequeno, mas substancial efeito de palavrões (estágio 5)” (AMOSSY, 2010).

Para este artigo, a melhor conceituação do termo flaming é aquela que demonstra a ofensa não em um diálogo privado, mas em um ambiente onde imperativamente deve haver dissenso. Desta forma, conforme cita Balocco, há não só um “contradiscorso”, mas uma tentativa de “desconstrução do outro” (2016, p.506).

Em um ambiente político extremamente polarizado e veloz, com certa desresponsabilização oriunda da possibilidade de anonimato das mídias digitais, tal prática parece ter crescido não somente pela ampliação do acesso a essas ferramentas, mas pelo espelhamento dos internautas nas lideranças políticas que praticam esses mesmos abusos, quer sendo de esquerda, quer de direita.

As tensões culturais, socioeconômicas e políticas que caracterizam uma dada sociedade são responsáveis pelas expressões apaixonadas de dissidência que podem ser encontradas no espaço virtual. Nessa perspectiva, os debates online têm muito a dizer sobre as divisões e antagonismos que constituem nossas sociedades democráticas (AMOSSY, 2010. Tradução nossa).

As ofensas proferidas nas mídias sociais (em comentários de portais de notícias, no Facebook, Twitter e, mais recentemente, no Instagram e Whatsapp) possuem estratégias intrínsecas, ainda que inconscientes, que perpassam a ofensa direta, o jogo de descredenciamento por meio da ridicularização da capacidade argumentativa de terceiros e o uso de falácias argumentativas que visam fortalecer pontos de vista, ao deixar o interlocutor “sem palavras”. A diferença entre um comportamento “desinibido” e um flaming proposital

está, segundo Amossy, onde acaba o puro comportamento sem filtros e começa a hostilidade por si só (2020).

Com relação ao uso dessas falácias, entende-se que o conceito de flaming pode ser enquadrado na perspectiva discursiva das teorias da argumentação, especialmente no que diz respeito ao discurso polêmico. Para Amossy, é “óbvio que as explosões de sentimentos como raiva ou indignação e a rejeição desdenhosa do ponto de vista do outro não deixam de distorcer os argumentos racionais”, o que leva à “quebra das regras pragma-dialéticas para a discussão crítica” (2020. Tradução nossa).

Mesmo algumas ofensas consideradas “gratuitas” – amparadas no anonimato total ou parcial da internet –, ou seja, que não redundam em um embate direto com outros comentaristas de notícias, fotos ou montagens, há um objetivo mordaz, que não necessariamente é convencer o ser antagonico, mas de fazer com que outros leitores se aparem nas suas argumentações, criando assim uma aura representativa para determinada posição política ou social, conforme descrito no quadro abaixo:

Quadro 1. Estratégias de impolidez em comentários eletrônicos

ESTRATÉGIA	DO QUE SE TRATA	COMO ACONTECE	EXEMPLO DE COMENTÁRIO
“Ofenda o seu interlocutor”	Utilização de termos derogatórios (insultos ou injúrias)	Com uso de linguagem tabu (use palavrões, seja abusivo, expresse opiniões fortes, opostas à de seu interlocutor).	“Olha só a cara de cachacei.. desse sujeito. Como pode um zé buc.. desses, ter tanta importância nesse país? Um país com 200 milhões de habitantes? Um povo que vota no Collor, no Renan, no Maluf ... Todo sofrimento para esses eleitores ainda é pouco”
Amedronte o seu interlocutor	Instituição da crença de que ações prejudiciais a ele irão acontecer	Com a mobilização dos medos de seus antagonistas	É nessa hora que eu gostaria que surgisse no Brasil um novo Hitler para colocar diante de um pelotão de fuzilamento toda essa turma do PT (Dies ist, wenn ich in Brasilien entstanden wünschen eine neue Hitler vor einem Erschießungskommando diese ganze Klasse von PT setzen)



ESTRATÉGIA	DO QUE SE TRATA	COMO ACONTECE	EXEMPLO DE COMENTÁRIO
Condescenda, ou ridicularize seu interlocutor	Enfatização do próprio poder	Com uso de diminutivos, demonstrando desprezo, diminuindo o outro, não o levando a sério.	Incrível, ele foi no encontro dos senadores com a presidenta? Não. Mas na passeata vai. Né? Olha trabalhar que é bom ninguém quer. Mas fica de prosa contra o país todo. Só um detalhe: O PT é uma droga, o Psdb idem, quem está ao lado ou atra da Dilma idem. O mais importante nisso que todos desastros delas e imperfeições administrativas. Ninguém pode meter o dedo na cara dela e dizer você é ladra. Agora isso eu não tenho certeza dos que querem o lugar dela e é muita gente. Acorda Brasil acorda.
Force a mudança de papel [de seu interlocutor]	Ameaça à face negativa do interlocutor	Com a invasão do espaço do outro e sua liberdade de ação.	Senador Aécio, desça do palanque, desde que terminou as eleições, você não faz outra coisa há não ser querer derrubar um governo eleito legitimamente pelo povo brasileiro, se foi estelionato eleitoral, quem vai cobrar é o povo brasileiro nas próximas eleições, não queira ser o salvador da pátria, apenas não seja um irresponsável, apoiando manifestações contra um governo que está passado pela uma crise econômica e política, TODA MANIFESTAÇÃO É JUSTA DESDE QUE SEJA PARA PROTESTAR E NÃO PRA DA GOLPE

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de Balocco (2016, p. 513-517).

O presidente Jair Bolsonaro trouxe a prática do flaming ao meio virtual e presencial, valendo-se daquelas estratégias virtuais para descredenciar a mídia brasileira ou fortalecer opiniões de seus apoiadores, muitas vezes fugindo à razão e às comprovações factuais, especialmente no trato com jornalistas considerados inimigos por seu governo, que costumeiramente criticam sua forma de governar, suas declarações e as ações de seus ministros.

Não é incomum que pessoas públicas, especialmente políticas, reajam negativamente – ou agressivamente – às matérias negativas ou investidas de veículos de imprensa. No entanto, a priori deste artigo está no eixo que liga as práticas de Bolsonaro às agressões de seus apoiadores e detratores na internet: o fator sistêmico, corriqueiro.

Uma frase como “a tendência de reagir de forma mais crítica e com maior hostilidade a este meio, levando a uma escalada do conflito”, tem a vantagem de enfatizar a hostilidade expressa em uma discussão agônica onde prevalece a dissidência. Permite distinguir entre o uso gratuito de palavrões, ou violência verbal per se, e o uso frequente de flaming em uma situação de troca agonística. (AMOSSY, 2020. Tradução e adaptação nossa).

Vale destacar que não há, para este artigo, objetivo de analisar se tais práticas editoriais (as matérias, em si) tem viés de interesse de cada empresa privada de comunicação ou se são apenas fruto de apurações costumeiras, com foco no interesse coletivo.

Um levantamento da BBC (estatal britânica de comunicação) destacou nove importantes ataques do presidente da República a jornalistas, como forma de demonstrar que Jair Bolsonaro esteve “perdendo a linha” ao ser questionado, inúmeras vezes:

**Quadro 2. Ofensas de Jair Bolsonaro a jornalistas**

DATA	CONTEXTO	FALA DO PRESIDENTE	ESTRATÉGIA UTILIZADA
MAI/2020	Troca na Polícia Federal. Bolsonaro se irritou ao ser questionado por jornalistas se ele havia pedido a troca do superintendente da Polícia Federal no Rio de Janeiro.	1) “Cala a boca, não perguntei nada”. Repórteres insistiram na pergunta, e ele repetiu: “Cala a boca, cala a boca”... 2) “Que imprensa canalha, a Folha de S.Paulo. Canalha é elogio para a Folha de S. Paulo”.	Ofensa / Forçar mudança de comportamento.



DATA	CONTEXTO	FALA DO PRESIDENTE	ESTRATÉGIA UTILIZADA
OUT/2019	<p>Segundo reportagem da TV GLOBO sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco, investigadores do caso ouviram um porteiro do condomínio onde Bolsonaro morava quando houve o ataque — o mesmo condomínio onde vivia Ronnie Lessa, acusado de disparar os tiros fatais contra a dupla. Segundo o depoimento do porteiro, Élcio de Queiroz, um dos suspeitos de participação no crime, esteve no condomínio no dia do ataque e disse que visitaria Bolsonaro, mas se dirigiu à casa de Lessa. O porteiro disse ter telefonado à casa de Bolsonaro para avisar que o visitante tinha ido para outra residência, quando teria ouvido do interlocutor que ele “sabia para onde ele [Élcio] tinha ido”. O porteiro disse acreditar que a voz no telefone era de Bolsonaro, segundo a reportagem.</p>	<p>“É uma canalhice o que vocês fazem, TV Globo. Uma canalhice, fazer uma matéria dessas em um horário nobre, colocando sob suspeição que eu poderia ter participado da execução da Marielle Franco.”</p>	<p>Ofensa / Forçar mudança de comportamento.</p>
FEV/2020	<p>Um ex-funcionário de uma agência de disparos de mensagens em massa por WhatsApp disse, sem apresentar provas, que a jornalista Patrícia Campos Mello (Folha de S. Paulo) teria tentado “se insinuar” sexualmente para o presidente em busca de informações. O ex-funcionário deu a declaração à CPMI (Comissão Parlamentar Mista de Inquérito) das Fake News no Congresso, e foi endossado na ocasião pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), filho do presidente. Em 18 de fevereiro, em frente ao Palácio da Alvorada, Bolsonaro fez um comentário de cunho sexual sobre a repórter.</p>	<p>“Ela queria dar o furo”, disse o presidente diante de um grupo de simpatizantes. Após uma pausa, Bolsonaro concluiu: “A qualquer preço contra mim”.</p>	<p>Ofensa / Ridicularização</p>

DATA	CONTEXTO	FALA DO PRESIDENTE	ESTRATÉGIA UTILIZADA
DEZ/2018 AGO/2020	<p>Reação a perguntas sobre a investigação envolvendo seu amigo Fabrício Queiroz, seu filho Flávio e sua mulher, Michelle.</p> <p>Para a Promotoria do Rio de Janeiro, Queiroz e Flávio eram responsáveis sobre um esquema de lavagem e desvio de dinheiro no gabinete do filho do presidente na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Ambos negam as acusações. Segundo reportagens da revista <i>Crusoé</i>, do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> e do portal G1, quebras de sigilo bancário apontaram que Michelle Bolsonaro recebeu R\$ 89 mil em 27 cheques depositados por Queiroz e a mulher em sua conta entre 2011 e 2016.</p> <p>Primeiro, ele se irritou com um repórter que lhe questionou o que deveria ocorrer com seu filho Flávio caso se comprovasse que ele cometeu crimes.</p> <p>Na mesma entrevista, Bolsonaro atacou outro repórter que lhe perguntou se ele tinha um comprovante de uma operação de empréstimo que o presidente disse ter feito a Queiroz, ex-assessor de Flávio sob investigação.</p>	<p>“Vontade de encher tua boca com porrada, tá? Seu safado”. “Você tem uma cara de homossexual terrível. Nem por isso eu te acuso de ser homossexual. Se bem que não é crime ser homossexual.” “Porra, rapaz, pergunta para sua mãe o comprovante que ela deu para o seu pai, tá certo? Pelo amor de Deus. Comprovante, querem comprovante de tudo”.</p>	<p>Ofensa / ridicularização / forçar a mudança de comportamento e/ou de papel.</p>
MAR/2020	<p>Bolsonaro transmitiu um vídeo no qual o humorista Márvio “Carioca” distribuía bananas a jornalistas em frente ao Palácio da Alvorada. Carioca estava vestido de presidente e havia acabado de se reunir com Bolsonaro. Durante a gravação, o presidente se recusou a responder perguntas dos jornalistas sobre a principal notícia do dia, o baixo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2019. Algumas semanas antes, em 15 de fevereiro, o próprio Bolsonaro havia feito um gesto de banana a jornalistas que o questionaram sobre uma reforma na biblioteca do Palácio do Planalto, feita para acomodar o gabinete de sua esposa, Michelle Bolsonaro.</p>	<p>“A primeira-dama faz um trabalho de graça para o Brasil. Então, em vez de vocês elogiarem, vocês criticam. Tenha paciência”.</p>	<p>Ofensa / ridicularização / forçar mudança de comportamento.</p>



DATA	CONTEXTO	FALA DO PRESIDENTE	ESTRATÉGIA UTILIZADA
MAR/2020	Jornalistas que acompanhavam uma fala de Bolsonaro em frente ao Palácio da Alvorada deixaram o local após o presidente estimular seus apoiadores a hostilizarem os profissionais. Os repórteres questionavam Bolsonaro sobre as posturas divergentes entre o presidente e seu então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta (DEM), quando um apoiador gritou que a imprensa “colocava o povo contra o presidente”. Bolsonaro incentivou o homem a continuar. Os apoiadores começaram então a ofender os jornalistas, que deixaram o local. Bolsonaro ironizou a decisão do grupo.	“É ele que vai falar, não é vocês (jornalistas), não”. “Vão abandonar o povo? Nunca vi isso, a imprensa que não gosta do povo”.	Ofensa / ridicularização / forçar a mudança de comportamento.
ABR/2020	Bolsonaro voltou a criticar a TV Globo e a afirmar que poderá não renovar a concessão da emissora. Em entrevista no Palácio da Alvorada, ele acusou a Globo de deturpar sua fala, quando, em entrevista no dia anterior, o presidente respondeu “E daí?” ao ser indagado sobre o número de mortes por covid-19 no Brasil. Bolsonaro afirmou que não quis relativizar o número de mortes e que só disse “E daí?” após repórteres “insistirem em fazer perguntas idiotas”.	“Essa imprensa lixo chamada Globo. Ou melhor, lixo dá para ser reciclado. Globo nem lixo é, porque não pode ser reciclada”.	Ofensa.

Fonte: Elaboração própria com base em apuração feita pela empresa estatal de comunicação BBC (BBC, 2020).

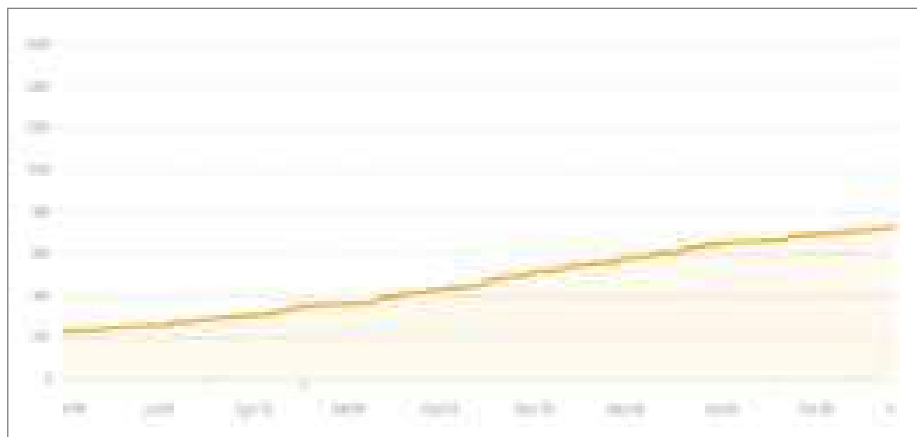
A campanha à presidência de Jair Bolsonaro, que foi vitoriosa, e seus discursos enquanto presidente empossado, demonstram que o presidente vislumbra não só nos ataques diretos a opositores e à imprensa, mas também na disseminação de quantidades massivas de mentiras e desinformações pelas mídias sociais, a estratégia ideal para ampliar essas diferenças, conquistando boa parte da opinião pública. Estratégia essa que, segundo Perini-Santos, foi idealizada e aplicada com sucesso pelo “mesmo grupo responsável pelas



campanhas de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos em 2016” (2020, p.1-2. Grifo do autor).

Perini-Santos aferiu que, em apenas um ano e meio de seu mandato, Bolsonaro fez 691 declarações falsas ou enganadoras (2020, p. 2) e, para que isso ocorresse sem que a própria opinião pública começasse a descredenciá-lo – já que instalou-se nessas mídias o dispositivo de checagem de fatos (fact check) por agências de notícia e organizações não-governamentais –, Bolsonaro recorreu ao que o autor chama de “pós-verdade”, que consiste em descredenciar, sistematicamente, quaisquer instituições que funcionam como mediadores de suas evidências: especialistas, imprensa e as próprias agências de checagem (2020, p.4).

Já o portal jornalístico independente de checagem Aos Fatos, criado em 2015, aferiu até o dia 17 de novembro de 2020 que o presidente Jair Bolsonaro proferiu 1.853 declarações falsas ou distorcidas em 680 dias como presidente. Esse comportamento, aparentemente, parece não só fazer parte de seu mandato, mas crescer conforme seu transcurso.



**Figura 1. Gráfico de declarações falsas ou distorcidas do presidente Jair Bolsonaro ao longo de seu mandato. (Fonte: AOS FATOS, setembro de 2020).**



Mas essa prática não foi idealizada por Bolsonaro, ou mesmo Trump. Seu “case de sucesso” é de 2008, ano em que começaram as incursões russas na Geórgia, e teve amplitude máxima em 2014, durante a anexação da península da Crimeia, em 2014. Portanto, tal época coincide com aquela do boom de polarização brasileiro, exposto anteriormente.

Segundo Paul e Matthews, à época criou-se uma forma de fazer propaganda que se desenvolvia junto ao fetichismo da informação<sup>2</sup>, as mídias sociais, e o “panorama em evolução do jornalismo profissional e amador e dos meios de comunicação”, diferindo-se da propaganda praticada, por exemplo, na época da Guerra Fria (2016, p.1).

A prática consiste em utilizar um “alto número de canais e mensagens e uma vontade descarada de disseminar verdades parciais ou ficções definitivas” o que, segundo Paul e Matthews, “entretém, confunde e oprime a audiência” (2016, p.1). O artigo indica que os meios mais comuns para tal prática são os jornais (noticiários de TV) e Web, com destacado uso de trolls<sup>3</sup> financiados por órgãos ou pessoas públicas, valendo-se de discursos falsos, como os proferidos pelo presidente Putin, conforme aferido pelos autores.

O domínio da tecnologia permite que um usuário detenha o poder de causar uma “primeira impressão”. Essa impressão original, segundo os autores, tem um poder maior de fazer com que um indivíduo aceite indubitavelmente

---

<sup>2</sup> Esse conceito tem como base a reinterpretação de Sylvia Moretzsohn ao “Fetichismo da Mercadoria” de Karl Marx. Ela discorre sobre o “atropelo nas apurações”, causado pela necessidade de maior velocidade da publicação de matérias jornalísticas, como forma de suprir um afã pelo furo de imprensa, o que prejudica sobremaneira a qualidade e a valoração do conteúdo publicado.

<sup>3</sup> Troll é um conceito criado no século XXI para denominar usuários de internet que tem intenção de provocar emocionalmente, por meio de ofensas, mensagens agressivas ou irrelevantes ao tema debatido, outros usuários de determinada plataforma ou comunidade virtual.



tal informação inicial, caso haja informações contraditórias em seguida (2016, p. 4). Segundo ambos, “a repetição leva a familiaridade” com o tema, e a “familiaridade leva à aceitação”:

Foi demonstrado que a exposição repetida a uma declaração aumenta sua aceitação como verdadeira. O “efeito de verdade ilusório” está bem documentado, por meio do qual as pessoas classificam as declarações como mais verdadeiras, válidas e verossímeis quando elas se deparam com essas declarações anteriormente do que quando são novas declarações. Quando as pessoas estão menos interessadas em um tópico, são mais propensas a aceitar a familiaridade provocada pela repetição como um indicador de que a informação (repetida até o ponto de familiaridade) está correta. No processamento de informações, os consumidores podem economizar tempo e energia usando uma heurística de frequência, ou seja, favorecendo as informações que ouviram com mais frequência. Mesmo com histórias absurdas e lendas urbanas, aqueles que as ouviram várias vezes têm maior probabilidade de acreditar que são verdadeiras. Se um indivíduo já está familiarizado com um argumento ou afirmação (já viu antes, por exemplo), ele o processa com menos cuidado, muitas vezes deixando de discriminar argumentos fracos de argumentos fortes. (2016, p. 4, tradução nossa).

#### 4. APLICAÇÃO AO DISCURSO POLÍTICO

O discurso político pode e deve ser entendido [...] como toda e qualquer tentativa de fixar sentidos em relação a certo processo político, sempre de forma precária e passível de contestação, em um cenário de disputa. Essa disputa se dá no contexto de um quadro conflitual, que repercute, direta ou indiretamente, sobre aquele processo político (uma campanha eleitoral, uma tentativa de legislar sobre determinado assunto, um protesto em relação a determinado status quo, dentre outras possibilidades) (BALOCCO, 2016, p.508).

Aristóteles caracterizou aquele que discursa e sua mensagem sob três qualidades persuasivas: o logos, que diz respeito à capacidade de



convencimento pela razão; e o ethos e o pathos, que personificam o ser discursivo à luz da emoções. Essas duas últimas são, segundo Charaudeau, “demonstrações psicológicas que não correspondem ao estado psicológico real do orador ou do auditório, mas ao que o público crê que os outros têm em mente” (2006, p.113).

O ethos seria a “vestimenta” que cobre aquele que enuncia e lhe confere uma aura a ser admirada, a identidade discursiva que o autor confere a si, tendo a ver com um dado “preexistente ao discurso”, como a virtude, a sinceridade e a amabilidade. Esse ethos, ou seja, esta aura, tem a ver – individual ou conjuntamente – com a credibilidade, a seriedade, a virtude, a competência, a potência, o caráter, a inteligência, a humanidade, a capacidade de chefiar e a solidariedade (2006, p. 119-166).

Já pathos se relaciona à emoção causada pelo interlocutor no público, tanto quanto pelo conteúdo de sua mensagem. A alegria, a tristeza, o medo, a angústia, o sentimento de resiliência e/ou resignação, dentre tantas outras sensações, são frutos dessa capacidade argumentativa (verbal ou não-verbal) durante determinado discurso. E, claro, do potencial envolvente do conteúdo da mensagem.

Os discursos políticos, sabe-se, carregam consigo argumentos. Sejam eles intrínsecos ou extrínsecos, objetivos ou subjetivos, ditos ou demonstrados, esses argumentos podem ser classificados de forma muito variada. Charaudeau os elenca, a título de definição:

**Pela força das crenças partilhadas;**

**Pelo peso das circunstâncias e de sua contrapartida;**

**Pela vontade de agir do sujeito que argumenta;**

Pelo risco;

Relativos à autoridade de si ou de um outro;

Pela desqualificação do adversário; e

Por analogia; (CHARAUDEAU, 2006, p. 102-103).

Tendo como base a aferição do portal Aos Fatos, pode-se inferir que o presidente Jair Bolsonaro tenta trabalhar um constante ethos de admiração pela desqualificação de seus adversários, valendo-se de informações equivocadas ou mesmo da mentira como estratégia de persuasão que, de tão intrínseca, chega a ser parte do seu *modus operandi* de governo. Que ele, ainda, cria crenças a serem partilhadas por seus seguidores e trabalha sobre elas, mobilizando estes a fazerem o mesmo (não acreditar nos veículos de imprensa e repassar informações imprecisas ou inverídicas, por exemplo).

Para Charaudeau, qualquer mentira, enquanto argumentação política, deve atender a três condições: “1) o sujeito falante diz, enquanto enunciador (identidade discursiva), o contrário daquilo que sabe ou julga como indivíduo pensante (identidade social); 2) ele deve saber que aquilo que diz é contrário ao que pensa (não havendo mentira involuntária); e 3) ele deve dar a seu interlocutor signos que o façam crer que aquilo que ele enuncia é idêntico ao que ele pensa” (2006, p. 105).

Logo, com base nessas premissas, talvez o presidente não possa ser considerado como um “mentiroso argumentativo”, na medida em que não se sabe se ele acredita ou não na inverdade que diz. Mas supõe-se, pela sistemática de suas declarações, que isso acontece, e trabalharemos nesse sentido.

É interessante notar que, em relação às desqualificações dos adversários, o presidente utiliza-se ainda de estratégias argumentativas humorísticas, que,



segundo Chareaudeau, redundam em “cumplicidade do auditório”, construindo “em favor de si um ethos de inteligência”, algo que pode “ser fatal para o oponente”.

A efetividade de tais discursos bolsonaristas pode ser visto em seu público. Há uma reprodução tão massiva do flaming nos comentários, e uma recorrente validação do que é falado (ainda que fuja à razoabilidade), que podemos entender que os bolsonaristas, apesar de conscientes ao fato de que políticos em geral ocultam o que são pelo que dizem (valendo-se de máscaras, como cita Chareaudeau), interpretam que o que ele diz é exatamente o que ele é, se apoiando nisso para proferir as próprias crenças de forma mais sistemática e desinibida.

O portal Aos Fatos destacou seis distorções ou mentiras realizadas com maior frequência pelo presidente Bolsonaro, elencadas a seguir com sua devida checagem:

### Quadro 3. Mentiras ou distorções mais recorrentes

DECLARAÇÃO	CHECAGEM	QUANTIDADE DE REPETIÇÕES
Tá na tela aqui na frente uma decisão de um ministro do STF (...) dizendo claramente que o responsável por ações como imposição de distanciamento e isolamento social, quarentena, suspensão de atividades, bem como aulas, restrições de comércio, atividades culturais e circulação de pessoas, quem decide isso é o respectivo governador ou prefeito.	A declaração é FALSA, porque o STF (Supremo Tribunal Federal) não delegou a responsabilidade de tomar medidas contra a COVID-19 a Estados e municípios, nem eximiu a Presidência da República de atuar contra a disseminação da doença. A corte decidiu, na verdade, que prefeitos e governadores têm legitimidade para tomar medidas locais de restrição de circulação, e que não cabe ao Poder Executivo Federal derrubar essas iniciativas. Ao analisar ação movida pela OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), o ministro Alexandre de Moraes decidiu que não cabe ao Poder Executivo Federal derrubar decisões de governos estaduais e municipais sobre isolamento social, quarentena e restrições ao funcionamento do comércio e de serviços. Isso não significa, no entanto, que quaisquer medidas de isolamento ligadas ao enfrentamento da COVID-19 sejam apenas de responsabilidade de governadores e prefeitos, como afirma o presidente. Na decisão, o ministro ressalta, inclusive, que o momento exige a união dos poderes e a cooperação entre as diversas esferas.	REPETIDO 58 VEZES

DECLARAÇÃO	CHECAGEM	QUANTIDADE DE REPETIÇÕES
Um país só estará imune ao vírus, já que não tem vacina, quando uma parte da sua população for infectada e adquirir anticorpos.	A declaração foi considerada INSUSTENTÁVEL, já que, além de não haver consenso sobre a parcela da população que deve ser infectada com a COVID-19, também não há ainda estudos conclusivos que afirmem que pessoas que já foram infectadas e curadas se tornam imunes à COVID-19. Em entrevista à rede americana de televisão CBS, o epidemiologista da Universidade de Harvard, Marc Lipsitch, afirmou que projeções indicam que entre 40% e 70% da população adulta dos Estados Unidos possa contrair a doença ao longo dos meses de surto, e que cerca de 1% desse grupo pode ter sintomas graves que levem à morte. O próprio pesquisador, no entanto, ressalta que se trata de uma projeção matemática. “Essa é uma projeção, então saberemos se está correta ou não na medida em que as coisas progredirem. Foi a melhor estimativa que consegui fazer me baseando em uma combinação de modelos matemáticos que usamos para acompanhar e prever epidemias”. Estimativas alemãs também indicam que cerca de 70% da população do país possa ser infectada. Não há, no entanto, como determinar se os números estão corretos ou se aplicam à realidade de todos os países.	REPETIDA 34 VEZES
Montamos nossa equipe de forma técnica, sem o tradicional viés político.	Na fase de transição de governo, quando sua equipe era montada, Bolsonaro não estabeleceu alianças do mesmo modo que administrações anteriores costumavam fazer. Suas negociações com o Congresso têm sido guiadas por interlocutores de bancadas, e não exclusivamente dos partidos (o Legislativo terá maior fragmentação partidária do que em gestões anteriores). Isso não significa, no entanto, que não haja interesses políticos em jogo. O presidente, que recebeu apoio das bancadas ruralista e evangélica durante a campanha, integrou membros das respectivas frentes parlamentares em sua equipe de governo. Essas bancadas têm interesses políticos bem claros: a bancada ruralista pressionou por dar aval ao indicado ao Ministério do Meio Ambiente, Ricardo Salles, que teve apoio de entidades ligadas ao setor, além do ramo da construção civil. Já a bancada evangélica interferiu na escolha do ministro da Educação. Inicialmente Bolsonaro cogitou o nome do educador Mozart Neves Ramos. A indicação foi criticada publicamente pelos evangélicos: “pelo que é sabido, ele tem um posicionamento ideológico totalmente diferente dos conceitos e princípios da bancada evangélica”, comentou à época o deputado Ronaldo Nogueira (PTB-RS), ligado à Assembleia de Deus. Com as críticas, Ricardo Vélez, mais simpático às bandeiras evangélicas, foi nomeado ministro da Educação.	REPETIDA 27 VEZES



DECLARAÇÃO	CHECAGEM	QUANTIDADE DE REPETIÇÕES
<p>A hidroxicloroquina tá dando certo.</p>	<p>Por mais que o presidente já tenha dito em diversas ocasiões que a hidroxicloroquina é eficaz no tratamento da COVID-19, essa afirmação não é amparada por evidências científicas conclusivas. A teoria de que a cloroquina e seus derivados, como a hidroxicloroquina, sejam eficazes no tratamento da doença causada pelo novo coronavírus é baseada principalmente em um estudo conduzido pelo pesquisador francês Didier Raoult. Em teste realizado em 20 pacientes, foi concluído que o remédio, combinado ao antibiótico azitromicina, ajudou a eliminar a carga viral e a diminuir o tempo de infecção. O estudo, no entanto, foi criticado por uma série de pesquisadores por não usar metodologias adequadas e apresentar conclusões a partir de um número muito pequeno de casos. Também é importante ressaltar que o próprio pesquisador é alvo de críticas da comunidade científica, por já ter questionado teorias consolidadas, como a da Evolução e a das mudanças climáticas. Além de o estudo francês, foram realizados outros três testes com medicamentos derivados da cloroquina (sulfato de cloroquina e hidroxicloroquina) in vitro, e também em pacientes com COVID-19 na China. Por mais que os resultados sejam positivos, eles são preliminares. No Brasil, a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) liberou a pesquisa com a hidroxicloroquina para o tratamento da COVID-19. No entanto, pela falta de evidências conclusivas sobre o medicamento, a declaração de Bolsonaro foi considerada INSUSTENTÁVEL.</p>	<p>REPETIDA 22 VEZES</p>



DECLARAÇÃO	CHECAGEM	QUANTIDADE DE REPETIÇÕES
11 meses sem corrupção no governo.	A declaração é FALSA, porque ao menos dois ministros e um dos filhos do presidente tiveram seus nomes envolvidos em denúncias de corrupção em 2019. Em outubro, o ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio (PSL), foi denunciado pelo Ministério Público de Minas Gerais por envolvimento em um suposto esquema de candidaturas laranjas do PSL em 2018. Segundo a denúncia, Álvaro Antônio teria criado candidaturas para enviar verbas públicas de campanhas a empresas ligadas ao seu gabinete. Além de presidir o diretório estadual do PSL no estado à época das eleições de 2018, o atual ministro foi o deputado federal mais votado de Minas Gerais. Ricardo Salles, ministro do Meio Ambiente, é investigado pelo Ministério Público de São Paulo por enriquecimento ilícito: entre 2012 e 2018, o seu patrimônio saltou de R\$ 1,4 milhão para R\$ 8,8 milhões. Durante esse período, o ministro ocupou cargos no governo de Geraldo Alckmin (PSDB), primeiro como secretário particular, depois como secretário de Meio Ambiente. Em novembro, a Justiça determinou a quebra dos sigilos fiscal e bancário de Salles. Já o senador Flávio Bolsonaro (sem partido-RJ), filho do presidente, é alvo de três investigações paralelas. A últimas delas, instaurada em novembro pelo Ministério Público do Rio de Janeiro, apura um possível caso de improbidade administrativa na contratação de assessores fantasmas em seu gabinete quando era deputado estadual. Em outra frente, os procuradores investigam suposto esquema de rachadinha no gabinete de Flávio na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Segundo o Ministério Público, parte dos salários de 13 funcionários era devolvida ao então deputado. O Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte também tem sido alvo de investigação. Em agosto, uma operação conjunta entre a CGU (Controladoria Geral da União) e a Polícia Federal delatou um esquema de fraude em licitações e contratos do órgão em Minas Gerais. O caso envolve suspeitas de superfaturamento, propinas, serviços de baixa qualidade e obras que não foram concluídas. As empresas investigadas firmaram contratos entre 2014 e 2019 com o Dnit-MG num montante de R\$ 457 milhões.	REPETIDO 20 VEZES
14% do território nacional são reservas indígenas.	A declaração é IMPRECISA. De acordo com dados da Funai (Fundação Nacional do Índio), há atualmente 440 terras indígenas regularizadas e outras seis interditadas (com restrição de uso e entrada de terceiros, para proteção de tribos isoladas), que ocupam uma área correspondente a 12,6% do território nacional. Chega-se ao valor de 13,7%, mais próximo ao apresentado pelo presidente, quando se soma às áreas já regularizadas as que ainda estão em estudo ou aguardam sanção presidencial.	REPETIDO 18 VEZES

Fonte: Elaboração própria com base em apuração feita pelo portal independente AOS FATOS (setembro de 2020).



O jornal El País noticiou, em 7 de outubro de 2018, dia do primeiro turno das eleições presidenciais – que se sagraram vitoriosas para Bolsonaro – que mensagens espalhadas por meio do Whatsapp, ferramenta de conversa instantânea pelo celular, “confundiam”, “distorciam” e “espalhavam notícias falsas” pela internet. Levantou ainda que, de 147 milhões de eleitores brasileiros, 120 milhões utilizavam o aplicativo diariamente, com 90% acessando-o ao menos 30 vezes por dia. Desses, 66% consumiam e compartilhavam notícias e vídeos sobre política. Os dados são do Instituto DataFolha (EL PAÍS, 2018).

Na mesma reportagem, o periódico afirmou que, como empresas de telefonia por muitas vezes concedem acesso gratuito ao Whatsapp a uma população que, em média, recebe R\$ 2.100 de salário médio no país, isso faz com que o acesso cresça a cada dia, com o usuário se prendendo ao aplicativo sem buscar alternativas noticiosas para coletar informações, de forma a colocar em prova a veracidade daquilo que leu ou assistiu originalmente.

Por fim, o jornal levantou dois pontos interessantes a esse artigo: o primeiro diz respeito à queda de audiência das propagandas políticas nas cadeias de televisão e o patamar de vitórias dos candidatos:

Diferentes análises realizadas desde o ano 2000 demonstram que 58% dos candidatos com 30% ou mais de tempo de propaganda foram eleitos e reeleitos. Quando o candidato também tinha 30% ou mais das intenções de voto antes do início do horário eleitoral obrigatório na televisão, a porcentagem de vitória subia a 79%. “Mas a média de audiência da propaganda política na televisão caiu de 22 pontos em 2008 a 6 em 2016”, diz Moura (EL PAÍS, 2018).

O segundo engloba a capacidade que o presidente Bolsonaro tinha – apesar de possuir apenas oito segundos de tempo de exposição na TV – de



mobilizar seus apoiadores e angariar outros novos especialmente naquele aplicativo de internet.

Entre o eleitorado do capitão da reserva do Exército, a utilização do WhatsApp é, de fato, maior: 81% de seus apoiadores utilizam o aplicativo, segundo o Instituto Datafolha, enquanto 55% dos eleitores de Fernando Haddad (PT), o segundo nas intenções de voto (22%) (EL PAÍS, 2018).

Para as eleições de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral brasileiro impôs regras de financiamento de conteúdo pago em ferramentas como Facebook e Instagram. No entanto, estas não se estendiam ao Whatsapp. Como dito anteriormente neste artigo, a “terra de ninguém” da internet foi, pouco a pouco, dominada por quem detinha mais qualidade técnica para lidar com as novas tecnologias. Segundo o El País, havia “pelo menos 100 grupos públicos do Whatsapp” que apoiavam Bolsonaro à época das eleições de 2018, e o candidato monopolizava os debates “na maior parte dos 272 grupos” que analisou-se, sendo, portanto, “protagonista da maior parte das notícias, vídeos e memes que circulam na rede” (2018).

Seu séquito e sua equipe tanto tinham capacidade de mobilização em massa quanto de automatização de mensagens em massa (com os chamados bots, ou robôs), o que garante respostas e produção instantânea de conteúdo, sem sequer haver a perda de tempo de escrita de um usuário comum.

E isso acontecia especialmente no que diz respeito às informações que possuíam poder de enviesar a opinião pública, criminalmente ou não – conforme inquérito da Polícia Federal brasileira, que cumpriu, em junho de 2020, 21 mandados de busca e apreensão por ordem do Supremo Tribunal



Federal, contra bolsonaristas investigados “por atos antidemocráticos” (METRÓPOLES, 2020).

A interferência das fake News nas eleições foi de tal relevância que uma Comissão Parlamentar de Inquérito foi instalada no Congresso Nacional em setembro de 2019 para apurar o uso pernicioso de ferramentas digitais para manipulação das eleições. Nesta CPI, conforme divulgado no portal Congresso em Foco, foi descoberto que um assessor do deputado federal Eduardo Bolsonaro, filho do presidente Jair Bolsonaro, criou em seu celular a página “Bolsofeios”, no Facebook, inclusive valendo-se da conta de e-mail oficial do gabinete, para defender o presidente eleito e seus ministros e atacar imprensa e opositores (CONGRESSO EM FOCO, 2020).

O portal UOL de notícias sistematizou algumas práticas que aproximam Bolsonaro de Trump e Putin no que diz respeito à utilização da internet como forma de se fazer presente, validar discursos e se tornar fonte fidedigna de informações, independente da qualidade ou veracidade delas.

“Além disso, há uma diferença crucial entre Trump e Bolsonaro, pontua Guilherme Casarões, cientista político e professor da FGV EAESP (Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas). O presidente americano usa o Twitter para abordar alguns temas com mais liberdade, como política externa, mas mantém uma comunicação formal para “jogar o jogo institucional”. Já o presidente brasileiro imprimiu um estilo às suas interações nas redes sociais que tornam esse jogo irrelevante” (GOMES e TRINDADE, 2019).





Figura 2. PrintScreen de postagens no Twitter do presidente Jair Bolsonaro, constando sua forma de dialogar com seus seguidores e estratégias de discurso que visam fornecer informação em primeira mão, ainda que enviesada e sem comprovações. (Fonte: UOL, março de 2019).

### CONCLUSÕES

Para além das fake News sistêmicas proferidas pelo presidente Jair Bolsonaro, ou mesmo da prática do flamingo como estratégia de descredenciamento da imprensa e construção de um ethos e pathos de autoridade, de relevância e de confiabilidade, é fato que o presidente Jair Bolsonaro se vale da velocidade e instantaneidade das redes sociais (em especial Twitter e Whatsapp) para dinamizar o diálogo com seus eleitores, de forma a sobrepujar os filtros – os gatekeepers – da imprensa ou de quaisquer cadeias de informação.



É uma soma interessante, mas pernicioso, de estratégias e ferramentas: há a desqualificação sistemática e agressiva da imprensa em seus discursos, ao mesmo tempo em que o presidente fornece informações alternativas que lhe interessam, em primeira mão (e o faz diretamente, valendo-se das mídias sociais), transformando qualquer conteúdo em algo fidedigno aos olhos de seus seguidores, e amplificando o alcance e a intensidade dessas informações com base no uso de outras ferramentas, como os robôs e trolls, de forma massiva e sistematizada (firehosing), para atingir seus objetivos.

Desta forma, Bolsonaro pode falar o que quiser, quando quiser e como quiser, tornando-se uma verdade (ou, pós-verdade) aos olhos de quem o consome. E, conforme exposto anteriormente, essa capacidade de “familiarizar” o ouvinte/leitor, tem o poder de convencê-lo e torná-lo contrário às informações contraditórias, mesmo que estas tenham muito mais embasamento.

O documentário Social Dilemma (O Dilema das Redes) ousou expor outra estrutura tecnológica que favorece o presidente na disseminação de suas inverdades: os algoritmos atuais de Facebook, Instagram, Google e Youtube tendem a classificar o usuário conforme o que ele consome e mostrar a ele somente conteúdos que lhe dizem respeito, diminuindo sobremaneira a relevância de conteúdos alternativos ou contraditórios.

Ou seja, um apoiador de Bolsonaro que se informa por estes canais, tende a enxergar aquelas informações como únicas e exclusivas verdades, chegando ao ponto de se indignar (e, convenhamos, com razão) quando outros usuários não enxergam a “sua realidade indubitável”.

O debate democrático e a competição política saudável, nesse ínterim, deixa de existir, já que a carga de certezas é imensa, os filtros quase nulos e

a capacidade técnica (agora ofertada pelo aparato público de comunicação) invalida a competição.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY-ADARR, Ruth. ISSA Proceedings 2010—Polemical Discourse On The Net: “Flames” In Argumentation. Rosenberg Quartely, 2010. Disponível em: <http://rozenbergquarterly.com/issa-proceedings-2010-polemical-discourse-on-the-net-flames-in-argumentation/>. Acesso em 3 mar. 2020.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. EID&A - **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov.2011.

AOS FATOS. Todas as declarações de Bolsonaro [S.I] [2020?]. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

ARANHA, Glaucio. Flaming e cyberbullying: o lado negro das novas mídias. C-Legenda - **Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, [S.l.], n. 31, p. 122-133, dec. 2014. ISSN 1519-0617. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36968>>. Acesso em: 11 set. 2020.

BALOCCO, A. E. O flaming (ou violência verbal em mídia digital) e suas funções na esfera pública. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 503-521, set./dez. 2016.

BBC. 9 ataques de Bolsonaro a jornalistas - e quais os temas que levaram presidente a perder a linha. 24 de agosto de 2020. Uol Notícias. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/08/24/9-ataques->



de-bolsonaro-a-jornalistas--e-quais-os-temas-que-levaram-presidente-a-perder-a-linha.htm>. Acesso em 12 set. 2020.

BRUGNAGO, F.; CHAIA, V. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora: revista de arte, mídia e política**. São Paulo, v.7, n.21, p. 99-129, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8 ed. São Paulo Paz e Terra, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHRISTOPHER, P., MATTHEWS, M. The Russian “Firehose of Falsehood” Propaganda Model: Why It Might Work and Options to Counter It. Santa Monica, CA: **RAND Corporation**, 2016. Disponível em: <<https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html>>. Acesso em 22 ago. 2020.

CONGRESSO EM FOCO. Veja quais são as páginas bolsonaristas na mira da CPI das Fake News. 4 de março de 2020. Brasil. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/veja-quais-sao-as-paginas-bolsonaristas-na-mira-da-cpi-das-fake-news/>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

EL PAÍS. Whatsapp, um fator de distorção que espalha mentiras e atordoa até o TSE. 7 de outubro de 2018. Brasil. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/07/politica/1538877922\\_089599.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/07/politica/1538877922_089599.html)>. Acesso em 02 nov. 2020.

GOMES, H. S.; TRINDADE, R. O presidente internauta. UOL, São Paulo, 15 de março de 2019. Reportagem especial. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/bolsonaro-o-presidente-internauta/#cover>>. Acesso em: 11 set. 2020.

METRÓPOLES. Bolsonaristas são alvo de operação da PF contra atos antidemocráticos. 16 de junho de 2020. Política. Disponível em: <<https://www.>



metropoles.com/brasil/politica-brasil/pf-faz-buscas-em-operacao-contratos-antidemocraticos-veja-os-alvos>. Acesso em: 20 nov. de 2020.

PERINI-SANTOS, Ernesto. What is post-truth? A tentative answer with Brazil as a case study. *Democracy and Brazil: Collapse and Regression*. **Routledge**, 2020. No prelo.

RONDINA, J. M.; MOURA, J.L; DE CARVALHO, M. D. Cyberbullying: o complexo bullying da era digital. **RE. SAÚD. DIGI. TEC. EDU.**, Fortaleza, CE, v. 1, n. 1, p. 20-41, jan./jul. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/resdite/article/download/4682/3485>>. Acesso em: 11 set. 2020.

SOCIAL dilemma. Direção Jeff Orlowski. EUA: Exposure Labs; Argent Pictures; The Space Program, 2020. Streaming (94 min.). Disponível em NETFLIX. Acesso em 3 nov. 2020.

THOMPSEN, Philip. A social influence model of flaming in computer-mediated communication. **Western States Communication Association**, Albuquerque, NM, p-19. fev. 1993. Disponível em: <<https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED355572.pdf>>. Acesso em 9 nov. 2013.



TEATRO DIGITAL: ANÁLISE DE UMA NOVA EXPERIÊNCIA  
DE CRIAÇÃO DE IMAGEM PELAS CONTRIBUIÇÕES  
DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL E NA  
INTERPRETAÇÃO DO ATOR/ATRIZ

DIGITAL THEATER: ANALYSIS OF A NEW IMAGE  
CREATION EXPERIENCE BY THE GRAMMAR  
CONTRIBUTIONS OF VISUAL DESIGN AND IN THE  
INTERPRETATION OF THE ACTOR / ACTRESS

Neise Teixeira NEVES<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro de Educação Federal de Estudos Tecnológicos de Minas Gerais. E-mail: <neiseneves@palcobh.com.br>.

## RESUMO

Este estudo propõe uma análise de imagens em movimento, produzidas a partir da criação de um espetáculo teatral digital realizado por dois atores no período da pandemia da covid-19 em 2020, no qual a exigência de isolamento social impediu que artistas pudessem atuar de forma presencial diante do público. Assim, surge uma nova possibilidade aos agentes teatrais que inauguram o teatro virtual ou digital. O espetáculo a ser analisado será o “Antigamente é Quando?”, da Cia Pierrot Lunar, que tem como integrante e atriz deste trabalho digital a autora deste estudo. A pesquisa terá como base os componentes da Metafunção Interpessoal/ Interacional, da Gramática do Design Visual, de Kress e Van Leuween.

## PALAVRAS-CHAVE

Teatro virtual. Teatro digital. Teatro online. Pandemia. Imagem. Gramática do Design Visual.

## ABSTRACT

This study proposes an analysis of moving images produced from the creation of a digital theatrical performance performed by two actors in the period of the covid-19 pandemic in 2020, in which the requirement of social isolation prevented artists from being able to perform in a face-to-face way in front of the public. Thus, a new possibility arises for the theatrical agents who inaugurate the virtual or digital theater. The play to be analyzed will be “Antigamente é Quando?”, by Cia Pierrot Lunar, whose member and actress in this digital work is the author of this study. The research will be based



on the components of the Interpersonal/Interactional Metafunction, from Kress and Van Leeuwen's Grammar of Visual Design.

## KEYWORDS

Virtual theater. Digital theater. Online theater. Pandemic. Image. Grammar of Visual Design.

## INTRODUÇÃO

O ano de 2020 está definitivamente marcado como um tempo que mudou perspectivas, destruiu planejamentos, alterou objetivos, levou futuros para incertezas, paralisou presentes e deixou o passado como algo não muito distante. E toda essa transformação foi causada por um vírus que contaminou o mundo: o coronavírus. A pandemia exigiu que medidas de segurança sanitárias, como o isolamento social, modificassem o cotidiano de trabalho, de lazer, de estudo e dos encontros, deslocando toda forma de comunicação para a internet, inclusive no universo da arte, configurada como presencial. Podemos citar, nesse sentido, o teatro, a dança, o circo e a performance, por exemplo.

Mas é no teatro que este estudo se concentra, a partir das alternativas surgidas em função do impedimento de realização de apresentações culturais que formassem aglomerações. Sem poder ocupar os espaços culturais e sem promover encontros, inerentes às artes presenciais, o teatro teve que se reinventar para continuar existindo.

É sabido que o teatral filmado é apenas um registro daquela apresentação, pois não produz os mesmos efeitos no espectador quando assistido ao vivo,

presencialmente, com atores e públicos juntos no mesmo espaço físico. Já o cinema e a tv possuem características específicas do audiovisual que causam no espectador os efeitos advindos daquela narrativa, por meios dos recursos de captação de imagem, edição e interpretação dos atores, mas também não deixam de serem afetados, distintamente, quando assistidos em uma sala de cinema ou em casa.

Em tempos de pandemia, a arte se revelou como um alento, para amenizar a angústia ocasionada pelo período de confinamento. O cinema e outras manifestações artísticas vem se utilizando de ferramentas possíveis para diminuir as distâncias e possibilitar a expressão artística, sem aglomerações. Foi a partir daí que as artes dramáticas, mais precisamente as teatrais, começaram a encontrar saídas para não parar. Lives, conferências, debates, aulas e palestras tornaram-se possibilidades muito viáveis, pela interação que proporcionam e pela facilidade de acesso, por meio do celular ou computador pessoal. Puristas do teatro não veem com bons olhos. Mas, outra grande parte dos agentes culturais dessa área já entendeu que é um caminho sem volta, mesmo em uma possível normalidade no futuro.

Espetáculos foram criados a partir do período de isolamento, em formatos variados, com atores em suas casas, contracenando pela tela, para a tela e chegando em quem precisavam: o espectador. Foram aperfeiçoadas plataformas de venda de ingressos, bem como de transmissão ao vivo. Espetáculos já existentes originalmente concebidos para o palco foram readaptados para essa nova linguagem híbrida que une teatro, audiovisual e internet. E é nesse ponto que se concentra esse estudo, pois cada linguagem exige uma forma de leitura, uma variação da interpretação dramática e os efeitos da veiculação, pelo discurso que produz e a imagem que transmite.



Nesse novo desafio que o meio teatral enfrenta será preciso levantar questões pertinentes a algo que começa a sair do desconhecido: quais análises podem ser feitas das imagens captadas? Qual a construção de significados produzida na encenação pelos atores, por meio das personagens? Quais os efeitos alcançados na relação com esse espectador? Como esse hibridismo interfere na atuação dos atores? Como o enquadramento de uma câmera de celular pode alterar uma interpretação teatral? O que deve ser modificado em relação à linguagem audiovisual e/ou em relação ao jogo teatral? Qual o tempo de duração? Qual o grau de atenção o espectador dedica àquela obra, estando ele em casa? Quais as ferramentas teóricas poderão nos dar pistas dessa construção e análise?

É nessa inquietação que se propõe aqui um estudo sobre as imagens produzidas em encenações do teatro digital, seus efeitos e construções de sentido, bem como o trabalho do ator nessa construção e diante dessa linguagem híbrida que se revela e inova-se. Sob esse aspecto, pretende-se contribuir para uma possível ampliação de teorias e práticas específicas da área de interpretação dramática, ao relacioná-las, complementarmente, a conceitos de análise da imagem, por meio da Gramática do Design Visual, de Kress e Van Leeuwen (2006). Para isso, pretende-se buscar como principais referências teóricas autores clássicos da arte dramática como Constantin Stanislavski (1989), assim como autores mais contemporâneos, como Peter Brook (1999).

A partir daí, com base em uma introdução da análise de imagem, por Martine Joly (2007), além de estudos sobre a imagem técnica, por Solange Jobim e Souza (2003) e pela aplicação dos conceitos formadores da Metafunção Interpessoal da Gramática do Design Visual, de Kress e Van Leeuwen (2006), por Regina Célia Lopes Brito e Sônia Maria Pimenta (2009), acredita-se que seja possível obter elementos da construção da imagem



em movimento, tendo por foco as imagens produzidas para um espetáculo digital, em uma mistura entre teatro, audiovisual e internet, que possam gerar em seu conjunto de ações, uma ferramenta para o processo criador do trabalho do ator nessa nova dinâmica.

Dessa forma, ousou levantar a hipótese de que o estudo poderá criar condições para fornecer recursos outros que possam fundamentar e complementar conceitos e métodos já praticados em ambas as áreas: a interpretação cênica e o campo do estudo das imagens e sua multimodalidade. Assim, pretende-se extrapolar o universo da interpretação dramática, ao fornecer outras formas de instrumentalização nas artes da interpretação, neste caso, ampliada pelo teatro virtual, como também, de outro lado, abordar a abrangência dos estudos de linguagem para além das imagens estáticas, na análise do universo das imagens em movimento, trazidas pelo híbrido teatro digital, seja ao vivo ou gravado.

## **METODOLOGIA**

O corpus desse estudo refere-se a uma produção do chamado Teatro Digital ou Teatro Virtual ou Espetáculo Online. Como já relatado acima, devido a proibições de convívio social para evitar aglomerações e transmissão do coronavírus, artistas de teatro, cinema, tv, shows e eventos tiveram que se reinventar para sobreviver. Foi nesse contexto que o corpus desse estudo surgiu. É o espetáculo virtual “Antigamente, é quando?”, da Cia Pierrot Lunar de teatro, convidada pelo Sesc Paladium a desenvolver um trabalho inédito que fosse transmitido pelo Instagram da Instituição Cultural.

Esse trabalho teve estréia no mês de outubro de 2020, inaugurando uma forma híbrida de encenação entre atriz e ator, em que mistura a relação



teatral do palco ao enquadramento audiovisual, além da interação das redes sociais, em uma transmissão ao vivo, sem que o trabalho final seja gravado e disponibilizado ao público pela internet. Essa experiência interfere diretamente no trabalho dos atores que, ao mesmo tempo, exploram o jogo teatral e a relação com a câmera, nesse caso específico, ao utilizar apenas o formato vertical de uma live do Instagram.

Para a análise do objeto, foi disponibilizada, e devidamente autorizada pela Cia teatral cópia de uma das apresentações realizadas e que foram gravadas apenas para uso da produção e seus estudos, já que a atriz autora desse artigo é integrante e fundadora da Cia. Serão também utilizadas fotos de tela da apresentação ao vivo, contendo momentos de interação dos atores com o público. Para facilitar a forma como as imagens em movimento serão analisadas, 5 sequências resumidas do espetáculo serão compostas por fragmentos (frames) de cenas, que melhor ilustrem a análise, de acordo com a abordagem dos conceitos. A partir daí, pontos específicos relativos à interpretação dos atores e sua relação com a câmera serão pontuados, bem como os efeitos visados em sua fruição e emoção junto ao público, a partir dos conceitos da GDV.

## IMAGEM

A definição de imagem é muito diversa e não basta apenas dizer ser aquilo que vemos à frente de nossos olhos. É sim aquilo que visualizamos, mas também aquilo que imaginamos, escrevemos, escutamos, desenhamos, como a interpretamos e como se deu o processo de produção e distribuição dessa imagem. Segundo JOLY (2007), *“imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou a reconhece”*.



Temos a tendência de pensar imagem, principalmente na atualidade, sempre por alguma ligação com as mídias, ou seja, o que nos bombardeia todos os dias: a televisão, o computador e o celular. Instrumentos do nosso cotidiano, que levam para dentro de nossas casas as várias formas de representação da imagem. Como lembrado pela autora, ao citar o “Mito da Caverna”, de Platão, construímos, por meio desses veículos, um mundo projetado, de dentro de nossas casas, de nossos corpos, e acreditamos assistir ao mundo real.

Com efeito, considerar que a imagem contemporânea é a imagem mediática e que a imagem mediática por excelência é a televisão ou o vídeo, é esquecer que, ainda hoje e nos próprios média, a fotografia, a pintura, o desenho, a gravura, a litografia, etc.- toda a espécie de meios de expressão visual e que consideramos como imagem – coexistem. (JOLY, 2007, p.15)

E os vários usos da imagem também podem ser identificados no nosso cotidiano de trabalho, na publicidade, na arte, na política, na ciência, na religião, como também nas relações familiares e interpessoais, na memória, no sonho, na imaginação. A imagem pode se diferenciar na forma como se veicula ou como é criada para surtir efeitos nas pessoas, sobre um assunto ou tema. Joly aborda a imagem nesses diversos aspectos da comunicação e da arte, mas não deixa de fundamentar a imagem e o discurso pela contribuição e base da Semiótica, para o entendimento da construção de significados.

Em uma abordagem técnica, cada vez mais estamos vivendo em meio a uma avalanche de captação e veiculação de imagens, através das quais somos invadidos em nosso cotidiano, que parece ser filmado em cada lugar que transitamos e ação que desempenhamos, sejam pelas câmeras de trânsito,



de segurança de prédios e casas, elevadores e, agora, aparelhos celulares nossos e dos outros. De acordo com JOBIM E SOUZA (2003), “*em vez de nos servirmos das imagens em função do mundo, passamos a viver o mundo em função das imagens*”.

Segundo Jobim e Souza, existe uma abundância de imagens técnicas que podem interferir na forma como lidamos com o jogo entre o virtual e o real. A percepção dos espaços de experimentação da realidade que o meio virtual traz para a criação de subjetividades vem sendo, pelo excesso, um aspecto que pode esvaziar a capacidade de entendermos a imagem como cultura e não como hábito.

A abundância de imagens técnicas pode dificultar o funcionamento pleno de nossa capacidade de decifrar as cenas que se apresentam na forma de imagens como significados construídos. É o que acontece quando deixamos de compreender as imagens técnicas como produções culturais e subjetivas, assumindo-as como revelações objetivas do próprio mundo. (JOBIM E SOUZA, p. 79)

E nesse sentido, o corpus deste estudo será um trabalho artístico, ou seja, uma imagem técnica virtual, ficcional, que se cria a partir de um contexto real, para construir visões de mundo e subjetividades, através da cultura, integrando ou até recriando os excessos citados acima. Por isso, talvez, a arte tenha se destacado em tempos pandêmicos.

## **GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL**

A partir dos estudos da Linguística Sistêmico-Funcional, investigados por Michael Halliday (1978), que considera a linguagem como parte do comportamento social, por meio das interações humanas, em que a análise



semiótica concentrou-se nos processos nos quais os significados são estruturados, Kress e Van Leeuwen ampliam os conceitos de Halliday para além da linguagem verbal, levando em conta a representação e comunicação envolvidos no que chamam de semiose humana, desenvolvendo a agenda da multimodalidade, que inclui o estudo das imagens, sons, cores, texturas, formatos etc.

Segundo Cláudia Natividade e Sônia Pimenta (2009), *“a multimodalidade é o campo de estudos interessado em explorar as formas de significação modernas incluindo todos os modos semióticos envolvidos no processo de representação e comunicação.”* (p.25)

Nesse sentido, a teoria sistêmico-funcional de Halliday começa então a ampliar os conceitos componentes do sistema linguístico, como as metafunções textual, interpessoal e ideacional, para a linguagem não verbal. Para Kress (1996), *“as metafunções das teorias sistêmico- funcionais de Halliday podem ser aplicadas em outros modos semióticos, da linguagem não verbal para a comunicação : visual, estudo da imagem.*

E para o presente estudo deste artigo, a metafunção interpessoal, que na GDV podemos chamar de Interacional, será a ferramenta de análise do espetáculo virtual “Antigamente é quanto?”. Mas, para um maior entendimento da dimensão e da abordagem da GDV, será relacionada abaixo ilustração que demonstre as metafunções e suas ramificações nos processos de análise. Apesar de a Metafunção Ideacional/Representacional, Metafunção Interpessoal/Interacional e Metafunção Textual/Composicional terem o mesmo peso e relevância para a análise de imagens, daremos na ilustração abaixo um destaque, uma espécie de lente de aumento, para a Metafunção Interacional, foco desta investigação.

A ilustração abaixo propõe uma abordagem mais prática e sistemática das três metafunções de Kress e Van Leeuwen, com suas especificidades e

derivações, para uma maior compreensão do todo da Gramática do Design Visual. Mas, é na Metafunção Interacional/Interpessoal que a ilustração abaixo propõe um detalhamento que poderá facilitar a análise do corpus deste estudo.

Figura 1 – Gramática do design visual



Fonte: PIMENTA, LIMA e AZEVEDO (2009).

## METAFUNÇÕES

metafunções ideacional/representacional e a textual/composicional relacionadas na ilustração acima não serão abordadas na análise deste estudo, apesar de possuírem afinidades com elementos presentes nas imagens que serão analisadas. Um exemplo disso é que na metafunção representacional, a relação dos processos narrativos estabelecidos entre o chamado Ator e a Meta são bem semelhantes a técnicas de interpretação sistematizada por Constantin Stanislavsky. Para ele, (1989, p. 63), “pela ação simplesmente, atuem sempre com um objetivo”.

Está na base do aprendizado de todo ator, na construção e estudo de seu trabalho interno, ao transformar texto escrito em fala, em algo audível, visível, em evento e encenação, que para cada ação, seja textual ou física, ela deve ter um objetivo, que a levará a uma meta. E para que isso aconteça, o ator deve buscar uma motivação, seja ela interna ou externa, para atingir esse objetivo da ação, ou seja, sua meta. Tanto no teatro, para uma platéia, como no audiovisual, para o espectador através da câmera, as ações podem ser não transacionais, quando o ator se dirige diretamente ao espectador ou transacionais, quando está indiretamente estabelecendo essa relação, assim como a bidirecional. Também pode apresentar uma relação reacional, verbal e mental e de conversão.

A metafunção composicional também está presente nas imagens a serem analisadas, pois apresentam elementos textuais que dialogam com a produção dos significados buscados pelos atores e pela construção da cena nas imagens, como na apresentação da equipe, nos “recados” ao espectador, dispostos como elemento cenográfico, além dos comentários que caracterizam a interatividade própria da internet, publicados pelos espectadores ao vivo.



São pontos das metafunções representacional e composicional que possuem elementos contidos nas imagens que serão apresentadas neste estudo e semelhanças com o trabalho do ator de uma forma geral, mas que poderão ser aprofundadas em outro estudo. É na Metafunção Interacional que pretendemos assimilar seus componentes à análise das imagens capturadas do espetáculo digital em questão.

## **A ARTE DE INTERPRETAR**

Peter Brook (1999) diz que “O teatro talvez seja uma das artes mais difíceis porque requer três conexões que devem coexistir em perfeita harmonia: os vínculos do ator com sua vida interior, com seus colegas e com o público.” Neste aspecto, podemos considerar que havendo essa conexão harmônica, haverá teatro em qualquer espaço?

Se o hábito nos leva a crer que o teatro tem por base um palco, cenário, luz, música, poltronas... partimos do princípio errado. Para fazer filmes não podemos prescindir de uma câmera, do celulóide e dos meios para revelá-lo, mas para fazer teatro somente uma coisa é necessária: o elemento humano. Isto não significa que o resto não tenha importância, mas não é o principal. (BROOK, 1999, p.12)

Na ocasião em que Brook destacou a importância do essencial ao acontecimento teatral, ele talvez nem imaginasse que hoje o cinema não pode prescindir-se da câmera sim, mas a forma de acesso e operação dessa câmera se popularizou tanto que pode ser realizada pelo cidadão comum, através de aparelhos celulares pessoais. Mesmo assim, com todos os avanços tecnológicos do audiovisual e seu amplo alcance de público, o teatro resiste



em sua forma artesanal e essencial, como pontuado por Peter Brook, mas também dialoga com a tecnologia.

O cinema materializa e eterniza aquela cena, aquela interpretação, mantém o mesmo ritmo e se reproduz sem alterações por quantas forem as sessões. No teatro, a energia do público e dos artistas muda a cada apresentação. Mas, no cinema assim como no teatro existe a interpretação, que se modifica pela relação com a câmera. Gerbase (2007) faz um paralelo da atuação dramática nesses duas áreas:

O teatro, arte muito mais antiga que o cinema e a TV, veio construindo, ao longo dos séculos, uma importante tradição de interpretação dramática. Esta tradição foi incorporada ao cinema quando este surgiu, no final do século 19, e, mesmo considerando que são duas linguagens diferentes, é inegável que este hibridismo é um dos elementos constitutivos da linguagem audiovisual contemporânea (no cinema, na TV e no vídeo narrativo). Métodos desenvolvidos para atores de teatro foram adaptados para o cinema, com maior ou menor sucesso, e fazem parte do repertório de muitos realizadores. (GERBASE, 2007, p. 10)

É nesse sentido que quando a câmera entra no jogo cênico, outros fatores devem ser considerados, como por exemplo, as limitações do enquadramento, planos, profundidade e perspectivas. O ator/atriz já não possui a amplitude do espaço do palco, nem mesmo a distância do público, o que interfere diretamente na intensidade da interpretação e da voz, que nesse caso, será captada por um microfone. Mas, outro ambiente se soma à criação artística, possibilitando avanços tecnológicos cada vez mais velozes e com infinitas possibilidades de interação, ao reunir teatro, audiovisual e internet. É aí que se apresenta o que vem sendo chamado de teatro digital ou teatro virtual.



## **ANÁLISE DO ESPETÁCULO DE TEATRO DIGITAL “ANTIGAMENTE É QUANDO?”**

“Antigamente é Quando?” é um espetáculo veiculado ao vivo pelo Instagram e trata de um dia na vida de um casal que passa por uma experiência inédita: meses em quarentena, ocasionada pela pandemia do Covid 19. Em isolamento há 8 meses, Lara e Gui arrumam a casa e desarrumam a vida. A rotina do dia-a-dia se mostra frágil diante da intensa convivência no confinamento. Escolhas feitas em mais de 20 anos de relacionamento revelam-se agora um incômodo. Mas antigamente não. Antigamente, quando? Quando namoravam? Antes do último carnaval?

A proposta era de que os atores, que convivem no mesmo ambiente, utilizassem os recursos que possuíam em casa: celular, internet e eles próprios, como uma live no Instagram, com a disposição de enquadramento na verticalidade. Então, os atores pesquisaram as várias possibilidades de relação com a câmera, entre eles e com o ambiente, a partir daquele enquadramento. É a partir daí, que a análise deste estudo utiliza-se da GDV como uma ferramenta complementar ao trabalho dos atores em sua interpretação e seus efeitos sobre o espectador, dentro da perspectiva do teatro digital, pelo hibridismo que o compõe.

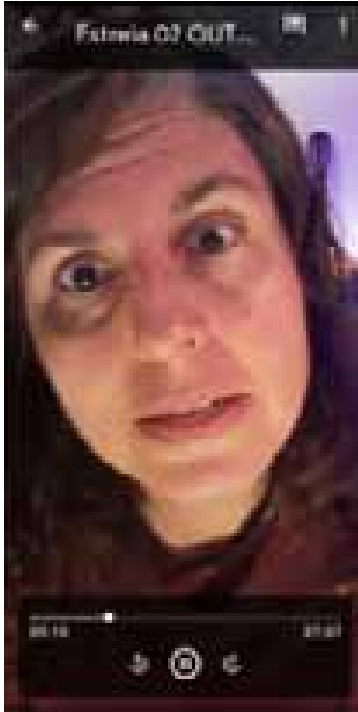
Abaixo, apresenta-se a primeira das cinco seqüências a serem analisadas neste estudo. Cada seqüência é composta de fragmentos de cenas, chamados no meio audiovisual de frames, que irão traduzir de forma resumida a linha dramática que conduz aquela seqüência. Desta forma, será possível fazer a leitura de cada frame, de acordo com cada componente da GDV.



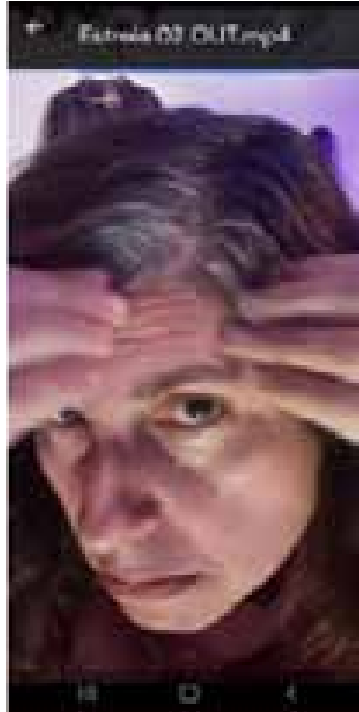


Figura 2 – Sequência 1

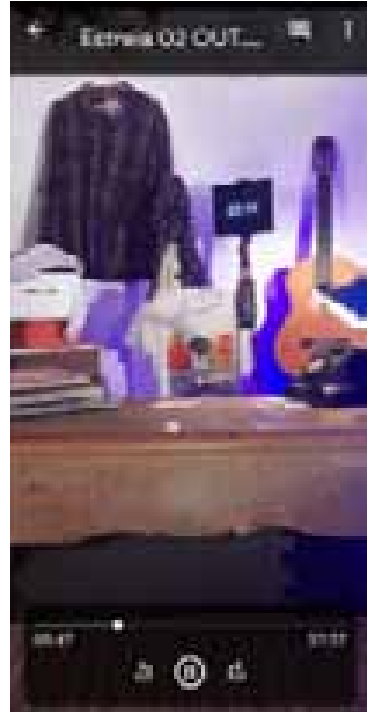
Frame 1



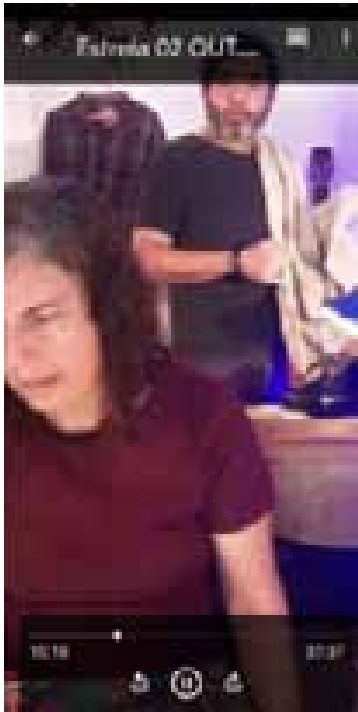
Frame 2



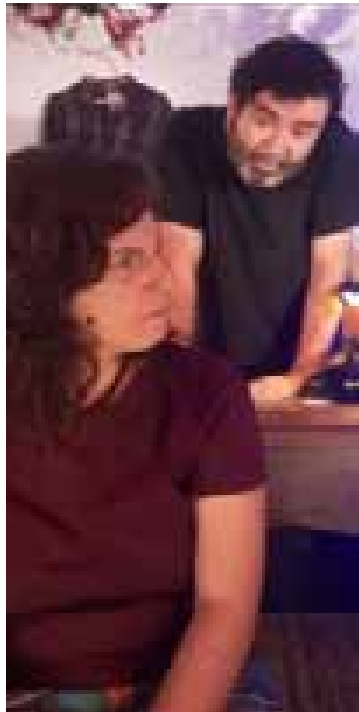
Frame 3



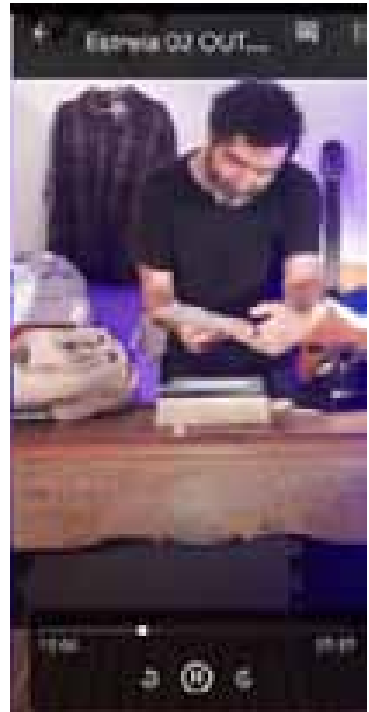
Frame 4



Frame 5



Frame 6



Fonte: Elaborada pela autora (2021).



## O OLHAR

Um dos primeiros componentes da Metafunção Interacional é, segundo fundamentos da Gramática do Design Visual, o olhar, que pode produzir uma imagem de oferta ou de demanda, tendo por referência o participante representado (PR), que aqui nessa análise podemos também chamar de personagem. Na seqüência 1 acima, podemos ver que no primeiro e segundo frames a personagem dirige seu olhar diretamente para a câmera, estabelecendo uma relação de intimidade com o espectador. No enredo da peça, esse espectador é a mãe da personagem, ou seja, todos os momentos em que a atriz está olhando para a câmera, ela está conversando e reagindo às indagações de sua mãe, trazendo uma sensação de afetividade e identificação do espectador com situações vividas na pandemia, pela falta de contato com familiares queridos. Essa é uma *relação de demanda do olhar*, pela Gramática do Design Visual, em que o espectador se vê em uma relação imaginária com o PR, criando logo um vínculo direto com ele, por meio de sua presença e olhar.

No frame 3, a personagem é chamada pelo marido a levar a toalha de banho para ele no banheiro. A mãe/espectador fica nesse momento aguardando. A ausência de PR revela o cenário, o ambiente que acolhe aquela intimidade, de uma casa sendo arrumada. Mas as vozes das personagens podem ser ouvidas discutindo sobre a toalha. A partir daí, o espectador torna-se um observador invisível, o que nos leva para o restante da seqüência, em que o casal entra em cena dando continuidade à discussão, mas mudando a relação do olhar, que agora se expressa como *uma imagem de oferta*. Os atores agora se dirigem indiretamente ao espectador, porque não mais olham diretamente para

a câmera, mas desempenham suas ações, ao mesmo tempo que oferecem informações ao espectador. Atores agora colocam-se em uma posição de objeto de contemplação. Fechando a seqüência, uma personagem sai de cena e deixa o personagem viver um momento pessoal, com suas lembranças, ao encontrar uma caixa de fotos, que representam as imagens da história daquele casal. Também uma imagem de demanda, com apenas um ator na imagem.

## **O ENQUADRAMENTO**

Para essa mesma seqüência, podemos analisar outro componente da Metafunção Interacional da GDV, que diz respeito ao enquadramento. A relação com o espectador sob esse aspecto se dará pela menor ou maior distância estabelecida na imagem. Quanto menor a distância, segundo Kress e Van Leeuwen, maior será a relação social imaginária por parte do espectador. E é o que busca a todo momento a encenação de “Antigamente é quando?”, em função de suas variáveis, como a verticalidade do enquadramento que estreita o espaço de movimentação entre atores, como também a proposital utilização de um ambiente de intimidade, representado por um cômodo da casa, em uma distância muito próxima do espectador. Nos primeiros frames, já mencionado pela relação direta do olhar em sua intimidade, o enquadramento também estabelece um alto grau de intimidade com o espectador pela estreita distância da cena com a câmera. Nos frames seguintes, quando da ação dos dois atores em cena, a proximidade passa de menor para média, mas ainda de forma a criar uma relação inclusive de cumplicidade com o espectador.



## A PERSPECTIVA

A perspectiva é um componente importante da Metafunção Interacional e que, para a construção das cenas nessa relação dos atores com a câmera, com o enquadramento e com o espectador, foi essencial como solução para a encenação. Nos 2 primeiros frames da seqüência 1, é possível perceber a ausência de perspectiva, pois a atriz está de frente para a câmera, em uma angulação frontal com o espectador, em uma *relação objetiva*. Mas, quando ela sai de cena, abre-se o cenário, percebe-se o ambiente íntimo da casa, complementando-se com a entrada dos atores naquele ambiente que se revela. A perspectiva muda, então, para uma *relação subjetiva*, captando novos posicionamentos dos atores no cenário, diante da câmera.

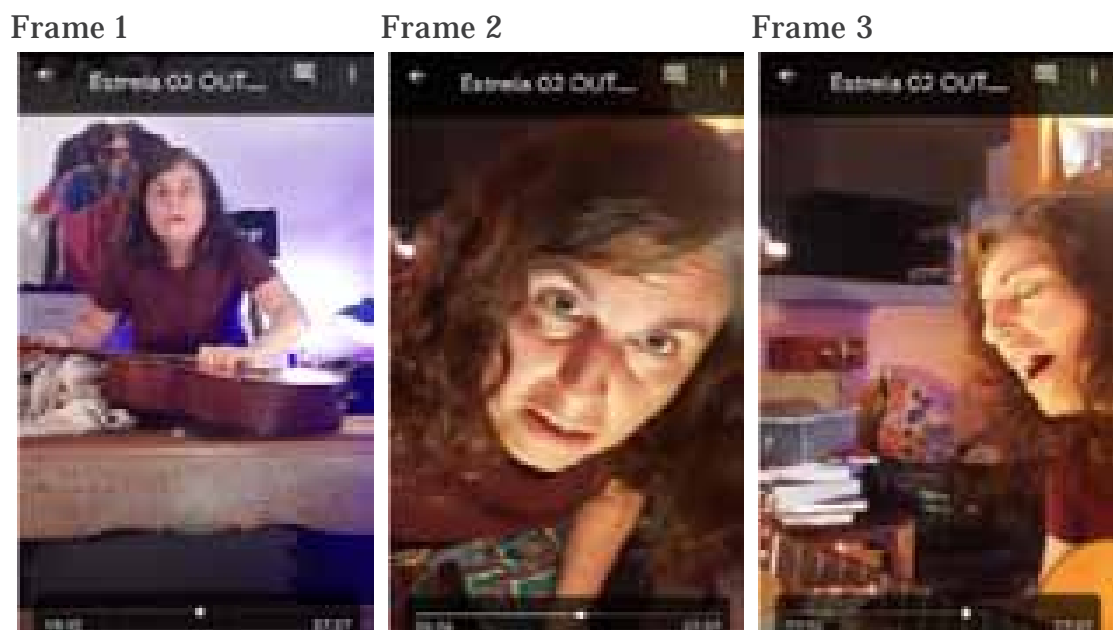
## MARCADORES DE MODALIDADE

A Modalidade é outro aspecto que compõe a Metafunção aqui analisada e possui marcadores que expressam uma “categoria de comportamento” e medem um maior ou menor grau de articulação das imagens, que podem transmitir maior ou menor credibilidade nas situações apresentadas. Nos estudos das imagens, os *Graus de Articulação* podem ser impressos pela representação, contextualização, saturação de cor, modulação e diferenciação de cores, profundidade, iluminação e brilho.

Sob esses aspectos, podemos perceber na seqüência 1 a presença de alguns desses marcadores, que ajudam a compor e fornecer elementos que aproximam as imagens de situações verdadeiras, semelhantes ao real. A *representação* está marcada em toda a encenação, aliada à *contextualização*, detalhando ações, às vezes com foco ao fundo e revela, pelo enredo, a tentativa daquelas personagens de organizar aquilo que se tornou uma bagunça no

convívio diário de uma quarentena. Mas tudo toma forma ao combinarmos outros marcadores, como os elementos de modulação de cor, uso de diferentes cores no ambiente e na iluminação, intercalando momentos de ausência e presença de profundidade e brilho. Tudo faz parte da encenação. A luz, cenário e caracterização somam-se a todas essas possibilidades de leitura das imagens, além do fato inusitado, nesse corpus, de que os atores estão transmitindo a cena de casa, ou seja, um elemento real, com os barulhos e imprevistos próprios daquele momento e do local que estão. Os atores permanecem sempre em alerta, para improvisar diante de qualquer surpresa que lhes aconteça. E aí podemos apontar mais um marcador que diz respeito às *contextualizações*, pela *modalidade naturalística*. Quanto a esses marcadores, todos estão presentes no decorrer do espetáculo, pois pertencem ao mesmo enquadramento e ambientação por quase toda a encenação. Portanto, em outras seqüências a seguir, não será apontada repetitivamente esses marcadores de modalidade.

Figura 3 – Sequência 2



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Na sequência 2, caracterizada por 3 fragmentos de cena que resumem outro momento do espetáculo, podemos perceber que a personagem Lara se lembra, repentinamente, de que sua mãe está a sua espera no celular, que ficou ali ligado e fez com que, implicitamente, a mãe/espectador presenciasse todo o momento vivido entre ela e o marido até ali. O frame 1 traz o olhar direto para a câmera novamente e é possível perceber na atriz sua expressão de surpresa ao lembrar-se da mãe. A partir dali, restabelece-se a intimidade e cumplicidade do começo do espetáculo com a mãe/espectador, com a qual ela confia suas angústias e dúvidas e acaba por tocar e cantar uma música diretamente para ela. É retomada, portanto, a relação do olhar por imagens de demanda, ao longo de toda esta cena.

O enquadramento, sempre trazendo uma proximidade pela menor ou média distância, além de uma variação da perspectiva em cada frame, sendo no frame 1 de forma objetiva e nos dois frames restantes de forma subjetiva, pelo posicionamento da atriz em relação à câmera. No frame 1 de cima para baixo e no frame 2 em lateral, com a cozinha ao fundo, tocando o violão.

Figura 4 – Sequência 3



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Na seqüência 3, também com três fragmentos, além da retomada para a relação do olhar pela imagem de demanda, com uma média distância no enquadramento e novas perspectivas na captação da imagem, destaca-se aqui a Modalidade Sensorial, inserida nas Contextualizações dos Estudos das Imagens, como marcadores de modalidade. É que neste momento o personagem Gui traz lembranças, fazendo um chá para Lara, na tentativa de mostrar à esposa tudo que fazem um pelo outro, suas memórias e histórias, mas também uma reflexão sobre a finitude do amor. Para isso, a cena é ambientada por recursos e efeitos de luz, que aparecem ao fundo da cozinha em um azul intenso, com o vapor da água, o tom de laranja ressaltado pela luz branca na parede e, como elemento sonoro, a voz em off do próprio personagem, com a música tocada ao vivo pelo violão também em off. Esse momento foi produzido para tirar um pouco o espectador do cotidiano a que ele estava sendo levado até então, para um momento mágico e sensorial. E, para cortar bruscamente e voltar à realidade, Lara chama Gui de longe a ajudá-lo a carregar caixas. Nesse momento, as sombras e a luz voltam à sua temperatura e o casal retoma sua “arrumação”, até encontrar um objeto simbólico para ambos.

Figura 5 – Sequência 4

Frame 1



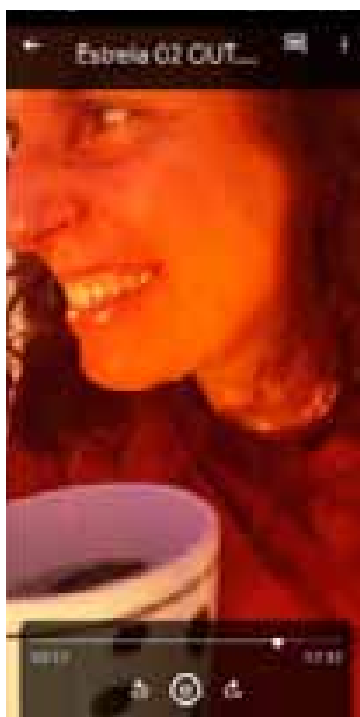
Frame 2



Frame 3



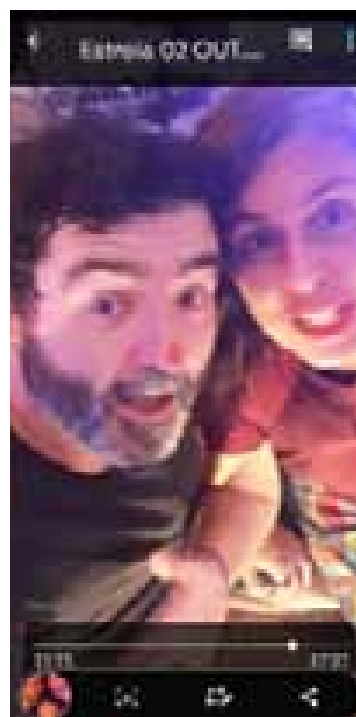
Frame 4



Frame 5



Frame 6



Fonte: Elaborada pela autora (2021).



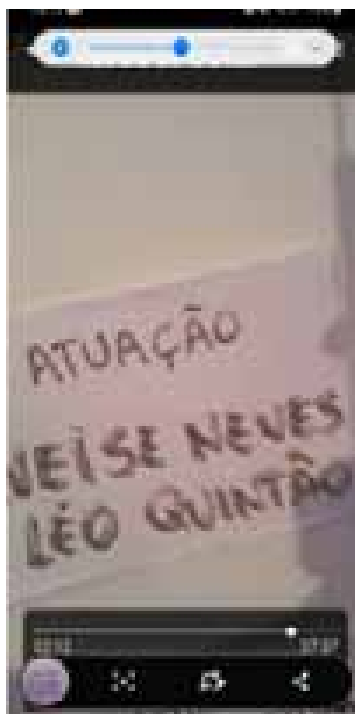
Com a seqüência 4, acompanharemos o momento em que os conflitos vão sendo melhor discutidos e um entendimento começa a acontecer entre o casal e, ao mesmo tempo, com o jogo teatral interpretativo junto ao espectador. Nos 3 primeiros frames, há um elemento que é o gatilho da memória afetiva das personagens, que faz com que reflitam sobre a história deles e o futuro que os espera, brincando com o passado recente e o antigo. E é nessa relação de oferta que as informações são fornecidas ao espectador, dando-lhe o entendimento sobre os caminhos possíveis naquela relação: o baton, o chá, o abraço. Enquadramento próximo, revelando agora os personagens em outra perspectiva, exibindo praticamente todo o corpo dos atores que, neste momento, se posicionam em cima da mesa. Nos frames 4, 5 e 6 a câmera vai ao encontro dos atores e muda o enquadramento, para uma distância ainda menor do que a anterior e o olhar volta a ser de demanda, agora sob uma perspectiva subjetiva, com angulação de cima para baixo, em uma relação com o espectador/mãe de intimidade novamente, mas de humildade diante dele/a e por tudo que personagens e espectador estão vivendo nessa pandemia, ao despedirem-se daquele dia, que já era antigamente, para eles.

Figura 6 – Sequência 5

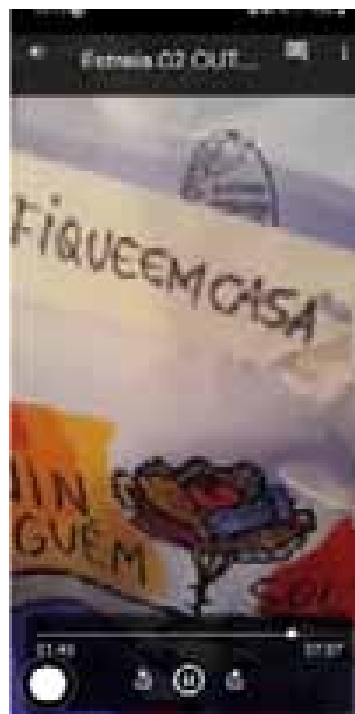
Frame 1



Frame 2



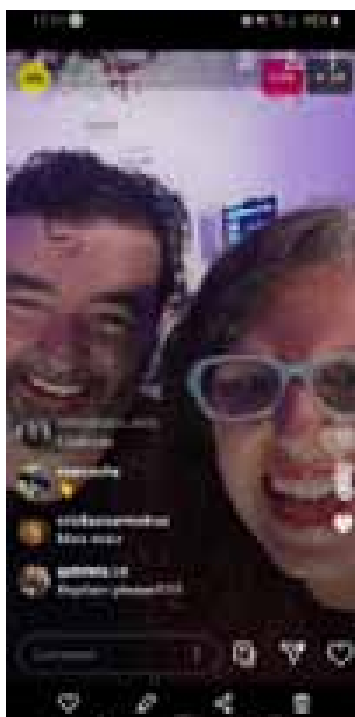
Frame 3



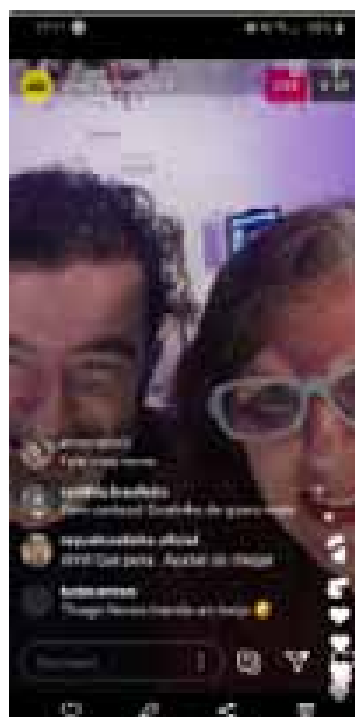
Frame 4



Frame 5



Frame 6



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

A seqüência 5 retrata os momentos finais sintetizados pelos 5 frames acima. Nos dois primeiros frames, a cena com os atores dá lugar a uma movimentação de câmera que revela escritos e objetos que mandam, indiretamente, recados ao espectador, além de informações da ficha técnica do espetáculo, ao som do violão executado ao vivo em off. Para encerrar, assim como é feito no teatro, atores fazem o gesto de agradecimento e abrem os comentários para que o público participe e expresse como recebeu o espetáculo. É um momento agora não mais de cena, mas de relação direta entre atores e público. Atriz e ator encontram-se agora em uma relação de demanda, bem próximos e entregues ao espectador, interagindo ao vivo com cada um, ao reagirem e responderem a cada comentário postado ali. Ao final, se despedem e encerram a live do teatro digital.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao sistematizar por meio de seleção de seqüências resumidas em fragmentos de cenas do espetáculo teatral digital “Antigamente é quando?”, este estudo pôde analisar as imagens ali retratadas, tendo por base a Metafunção Interacional da Gramática do Design Visual, sistematizada por Kress e Van Leeuwen. Como reflexos dessa análise, foi possível entender que a imagem em movimento pode ser detalhadamente entendida em função das escolhas conjuntas entre a ação dos atores, por meio da relação que estabelecem com a câmera e para a imagem que constroem, e os efeitos que isso causa no receptor, nesse caso, o espectador.

As ações interferem na interpretação dos atores, que buscam em cada cena estabelecer vínculos seja por meio do olhar, do enquadramento, da perspectiva e das modalidades e seus marcadores, além, é claro, das técnicas



interpretativas que darão o tom de cada fala, emoção e movimentação cênica das personagens ali representadas. Por meio dos componentes da Metafunção Interacional foi possível entender de uma outra forma, como produzir, para que

produzir e para quem as imagens são captadas, e neste caso específico, sem edição, ao vivo, ao mesmo tempo mantendo o jogo teatral e somando-se a interação com o público, proporcionada pelas redes sociais.

Como atriz do espetáculo e autora deste artigo, peço licença para incluir aqui um depoimento pessoal de como a investigação realizada para esse estudo, alterou minha percepção sobre a realidade do teatro digital surgido no atual contexto e, em específico, na realização do espetáculo “Antigamente é Quando?”, como pesquisadora/atriz e pesquisadora acadêmica. Essa complementariedade auxilia-me como atuante e, ao mesmo tempo, como olhar de fora da investigação.

É um outro jeito de entender o ofício do ator, do diretor e do produtor das imagens e nesse formato de distribuição, ao analisar como pela contramão da criação. Pelos resultados podemos entender o processo, o que contribui para complementar o aprendizado da criação artística e da interpretação dramática. O hibridismo inerente a essa linguagem que surge também está presente no processo de análise pela GDV, pois obriga-nos a detectar infinitos significados em seu processo de construção, pela imagem em movimento, mesmo que seja por meio de frames, para representar e resumir seqüências dramáticas. As condições de produção que o teatro digital, tendo este corpus em específico, trouxe após a análise um entendimento sobre a dinâmica da relação com o espectador, que se torna diferente daquela presencial do teatro convencional e da sala de cinema. O espectador desse

formato virtual está em sua casa identificando-se com o cotidiano daquelas personagens. Por isso, inclusive, a duração da peça virtual deve ter o tempo dessa comunicação, pois a qualquer momento, em uma mudança de relação do olhar, enquadramento, perspectiva e outros elementos adicionais, o espectador pode encontrar algo mais interessante para fazer em casa e desistir ou cansar daquela transmissão.

Concluo, tendo uma percepção ampliada desse processo de criação, ao fazer o caminho inverso, do resultado ao processo, para o entendimento das construções de sentido e da comunicação que se estabelece por meio da imagem e do poder que ela pode exercer nas pessoas, por meio da arte, principalmente, e como a Gramática do Design Visual pode auxiliar como uma ferramenta complementar na construção das cenas, intenções e seus efeitos.

## REFERÊNCIAS

GERBASE, C. **Direção de Atores**: como dirigir atores no cinema e TV. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

JOLY, M. **Introdução à Análise de imagem**. Lisboa: 70, 2007.

JOBIM e SOUZA, S. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. IN.: FREITAS, M. T; JOBIM e SOUZA, S; KRAMER, S. Ciências humanas e pesquisa – leituras de Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images – the grammar of visual design**.

London; New York: Routledge, 1996.



PIMENTA, S; LIMA, C. H. P; AZEVEDO, A. M. T. **Incursões semióticas: teoria e prática de Gramática Sistêmico-Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise crítica do Discurso.** Rio de Janeiro: Livre, 2009.

Brook, Peter. **A Porta Aberta: reflexões sobre a interpretação e o teatro.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1999.

STANISLAVSKY, C. **A Preparação do ator.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1989.



LABEDIS

Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som

Museu Nacional • Universidade Federal do Rio de Janeiro • Rio de Janeiro  
[www.labedis.mn.ufrj.br](http://www.labedis.mn.ufrj.br)